

Leda Guimarães

DESEJOS
de RABISCAR
ENSINAGENS

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Cegraf UFG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitora

Sandramara Matias Chaves

Vice-Reitora

Camila Cardoso Caixeta

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons

COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO CEA

Dra. Alice Fátima Martins (presidente) - PPGACV/FAV/UFG

Dra. Anna Mae Tavares Barbosa - Professora Emérita da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Anhembi Morumbi.

Dra. Lúcia Gouvêa Pimentel - EBA-UFMG

Dr. Arão Nogueira Paranaguá de Santana - Mestrado Interdisciplinar Cultura e Sociedade e Mestrado Profissional em Artes- UFMA

Dra. Moema Martins Rebouças - Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo.

Dr. José César Teatini Clímaco - PPGACV-UFG

DESEJOS de RABISCAR ENSINAGENS

LEDA GUIMARÃES

Memorial apresentado à Comissão
Especial de Avaliação CEA, como parte das
exigências para a promoção ao cargo de Pro-
fessor Titular Livre do Magistério Superior da
Universidade Federal de Goiás UFG.

Goiânia/GO, 2026

Cegraf UFG

© 2026 Leda Guimarães

© 2026 Cegraf UFG

Edição:

CAMILA ALVES

GUILHERME BRUNO

LEDA GUIMARÃES

Revisão final:

CAMILA ALVES

GUILHERME BRUNO

Rabiscos e desenhos:

LEDA GUIMARÃES

Projeto gráfico e diagramação:

LANNDER CUNHA

<https://doi.org/10.63756/CegrafUFG.RAB.ebook.978-85-495-1327-4/2026>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, Leda

Desejos de rabiscar ensinagens [livro eletrônico] / Leda Guimarães. -- Goiânia, GO : Cegraf UFG, 2026.

PDF

"Memorial apresentado à Comissão Especial de Avaliação CEA, como parte das exigências para a promoção ao cargo de professor titular livre do magistério superior da Universidade Federal de Goiás UFG".

ISBN 978-85-495-1327-4

1. Memorial acadêmico 2. Professores universitários - Autobiografia 3. Professores universitários - Formação profissional 4. Professores universitários - Prática de ensino 5. Universidade Federal de Goiás (UFG) I. Título.

26-354352.0

CDD-378

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias : Professores universitários : Formação : Vivência Acadêmica : Educação superior 378

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Dedico essa escrita a Manuela, minha neta,
a energia que me renova a cada dia,
aos meus filhos Agatha e Pedro
e a todas e todos que antecederam os meus passos...
peço licença para falar/contar alguns acontecidos
dessa caminhada arteeducativa...
tentando pisar devagarinho...

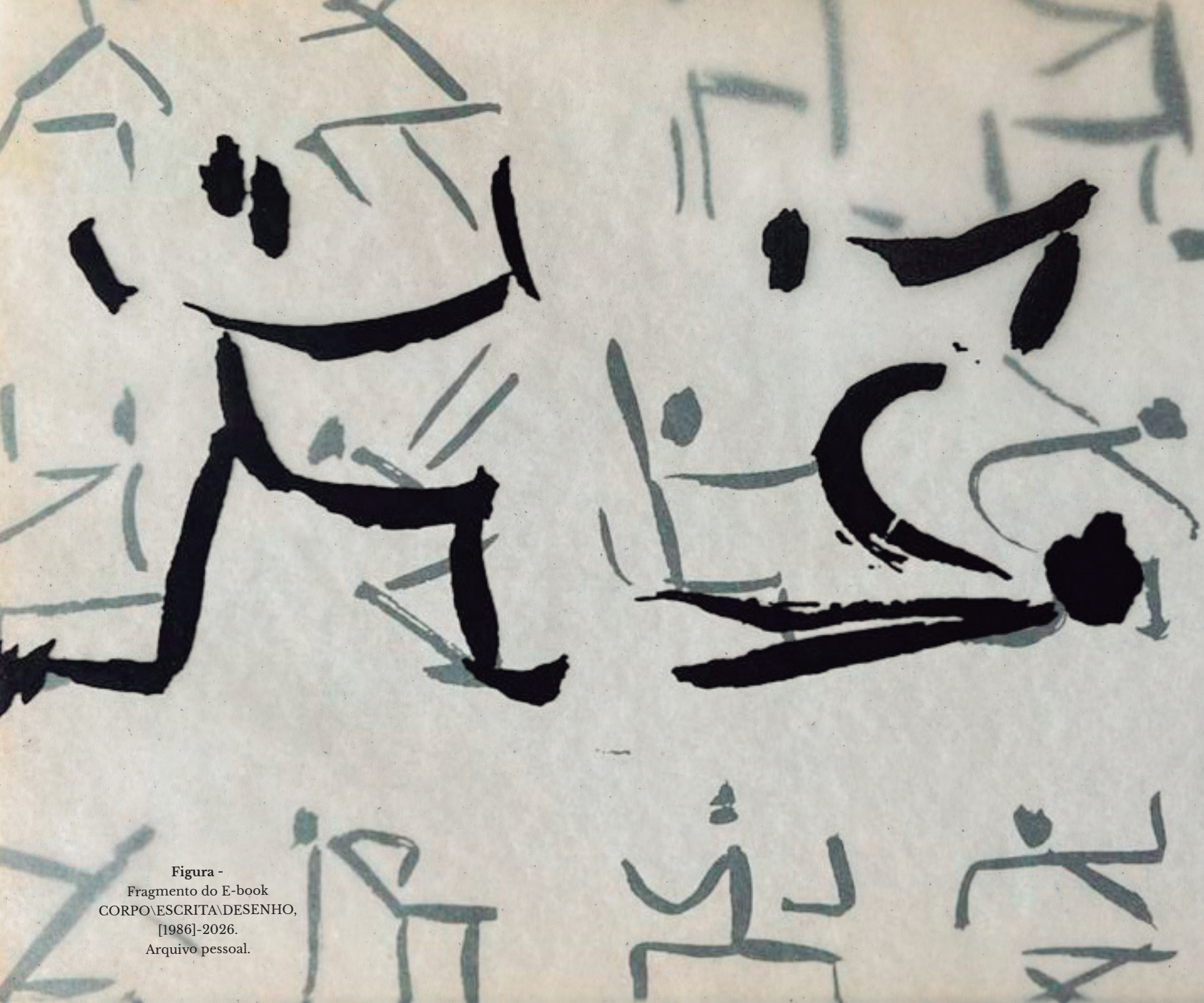


Figura -
Fragmento do E-book
CORPO\ESCRITA\DESENHO,
[1986]-2026.
Arquivo pessoal.

Agradecimentos

Isso não é uma tese, não é uma dissertação ou um cachimbo. É um apanhado de retalhos possíveis por outras pessoas existirem e termos caminhando juntos e juntas, em trechos curtos ou longos, mas por terem caminhado: família, amigos e amigas, estudantes, professores e professoras, colegas de trabalho, técnicos e técnicas administrativas, tutores e tutoras dos projetos EAD, profissionais de outras áreas e competências. Categorias essas que na minha caminhada costumam se entrelaçar gerando enganchamentos os mais variados possíveis. Na impossibilidade de listar nome por nome, agradeço de forma ampla, geral e irrestrita a todas as pessoas que deixaram suas pegadas na minha estrada.

Nesse momento da escrita, agradeço e nomeio algumas pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para que esta tomasse vida: de perto, minha filha Agatha, primeira leitora e interlocutora desse texto e escutadora dos meus devaneios, agradeço ao meu filho Pedro pelos caminhos do axé, a Maria Almeida pelo suporte com a casa e o compartilhamento do cuidado com as plantas.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs, por sermos um conjunto que nem o inominável conseguiu rachar durante os duros anos do seu governo, quando eu conto isso, tem gente que não acredita. Agradeço aos amigos e amigas dessa convivência goiana: Eliane Chaud, Maria Elízia, Virgínia Guimarães, Cristiano Lemes, Alexandre Guimarães, Hudson Ayres e peço perdão pelo sumiço temporário, foi necessário. À Lilian Ucker, mãe de Antônia, por entender a ausência nas tantas tarefas das quais temos co-responsabilidade.

A Ana Mae Barbosa, Afonso Medeiros, Lúcia Pimentel, Rejane Coutinho, Vitória Amaral e Sidney Peterson, nossa gang viajeira que acabou se transformando em grupo de pesquisa.

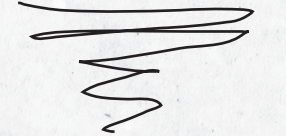
Agradeço aos profissionais que têm cuidado de mim: Marcela Almeida, Angela Neto, Danilo Bezerra, Francisco Tozoni, Dra. Renata Bittar e Dr. João Paulo Bittar. Com o tempo, vamos aprendendo além de cuidar, também a ser cuidada.

Agradeço ao Paulo Rezende, pois além de dar um jeito na minha maçaroca cabelística de vez em quando, organizou a incrível viagem à Serra da Capivara nesse final da escrita.

Quero agradecer a Antonia Camila, que além de revisora, passou a ser minha orientadora na reta final da escrita. Acho que assim como ela nos tempos de orientanda de doutorado, eu também não obedeci fielmente as suas orientações. Mas foi lindo! Ao Lannder, pelo carinho e entusiasmo com o projeto gráfico. A Bruno Will, pela organização dos documentos e comprovantes em um arquivo legível.

A Universidade Pública Brasileira, em especial a UFG. Em nome do prof. Braúlio Vinicius Ferreira e de Márcia Bretones, agradeço a toda a equipe da Faculdade de Artes Visuais, morada mais do que acadêmica das minhas rabiscagens. Ao presidente Lula por ter vencido as eleições em 2022 e propiciado para que este memorial seja defendido, mesmo com todas as intempéries, em um estado democrático.

Agradecer é necessário, imprescindível, queria colocar aqui todos os nomes, daria um belo livro com nomes, sobrenomes, lugares e afetos, então, para quem me lê, mesmo que não tenha sido citado/a só posso dizer o seguinte:

UBUNTU


Goiânia, 2024

Sumário

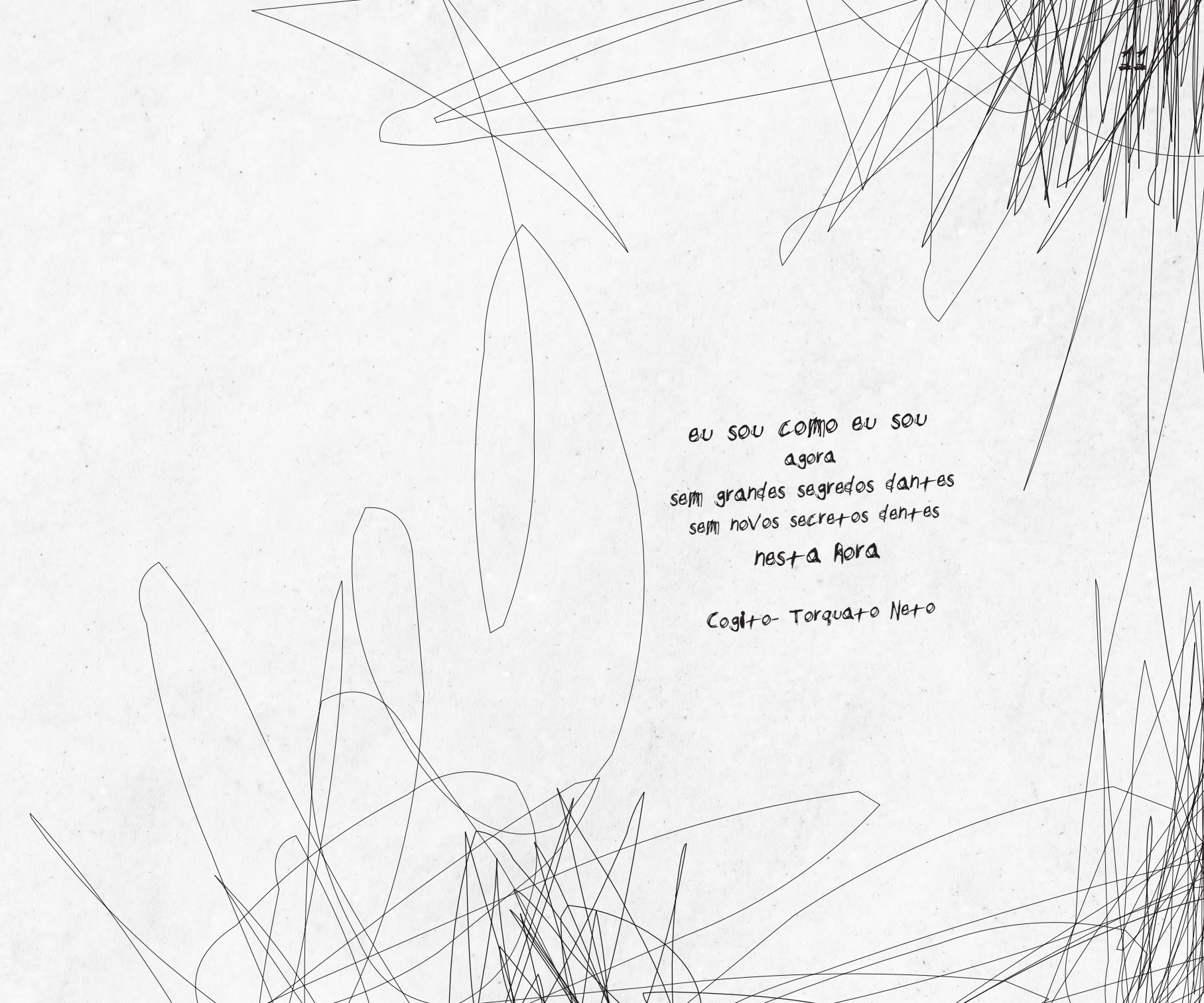
Não rabisco mais meus cadernos... _____	12
Sertão....esse lugar topoautogeobiográfico _____	24

Criando calo no meu pé caminhador:

do Nordeste ao Centro-Oeste _____	40
A disciplina História das Artes Visuais no Brasil: redesenhos _____	62
Estágio Curricular Obrigatório: diálogos entre a universidade, a comunidade e a escola _____	68
Desdobramentos das propostas: da intervenção para a colaboração pedagógica _____	80
O Estágio na EAD: água mole em pedra porosa _____	90
Fissuras nas duras paredes institucionais _____	105
Construção coletiva como desobediência e resistência afetiva _____	123
Especialização: formação continuada em processo _____	128
No meio da EAD aconteceu uma pandemia _____	134

Atravessamento de muros em ações extensionistas _____	152
Projeto: Olhares Transversais _____	154
Comunidades artesãs _____	157
Projeto: Objetos Populares da Cidade de Goiás _____	158

Projeto: A natureza feminina do Cerrado (Arte e Atos Goianos)	160
Projeto: Poéticas Compartilhadas -mulheres e afetos no Bairro Itatiaia	166
Projeto: Poéticas Compartilhadas - Jardim das Artes	170
A Inteligência das Flores - a casa projeto de extensão-exposição-imersão	174
Projeto: I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea	186
Desejos investigativos: docência, orientações e correlações com o construir-se pesquisadora	190
Docência na pós-graduação - o que o tempo revela?	191
Emergência de caminhos investigativos	206
Pesquisa e produção de conhecimento em Arte e Cultura Visual durante a pandemia	211
Confluência de espaços e tempos	219
Projetos de pesquisa e orientações	222
Exercícios aracnídeos - (re)orientar-se	226
Alinhavando pontas, pontos e fiapos soltos	254
Movimentos associativos: uma formação continuada	258
A permanência é uma ilusão	264
Referências	279



eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dantes
sem novos segredos dantes
nesta hora

Cogito- Torquato Neto



NÃO RABISCO
MAIS OS
MEUS CADERNOS...

Escrever este memorial tem sido um exercício de linhas escorridas. Traço esquemas que se desvanecem, refaço, crio arquivos que se duplicam, triplicam e somem. As possibilidades de construção da escrita são abertas. Procurei um modelo, mas não encontrei, ou, talvez pudéssemos dividir de forma muito grosseira em dois caminhos: O primeiro é aquele no qual vai se consubstanciando o currículo, selecionando fatos devidamente comprovados que possam subsidiar a avaliação da banca em relação aos seguintes aspectos:

I - relevância da vida acadêmica do candidato e sua dedicação a essa atividade; II - coerência da trajetória acadêmica e profissional; III - o domínio, a contemporaneidade, a abrangência e a profundidade dos conhecimentos na área de conhecimento; IV - contribuição do professor para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa, da inovação, da extensão e da Gestão (Resolução CONSUNI-202/UFG, Capítulo V. art. 54, p. 15).

Outro caminho é construir uma narrativa dessa trajetória com alinhavos, com *rememorações*. Com certeza, existem ainda muitas outras possibilidades. Andei consultando alguns memoriais e, a partir deles, rascunhei esse, ainda não sabendo que rumo iria tomar, embora, minha tendência seja sempre a dos alinhavos.

Me assombrou a questão do tempo. Fiz perguntas, tais como: quanto tempo tem o tempo de um memorial? Perguntas bobas, mas que foram respondidas com muita gentileza. Respostas em aberto: “Você pode fazer escolhas”; “Considere o tempo que você está na instituição na qual irá defender esse posto de professora titular”. São 26 anos de “chegança” na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e mais de 40 anos de docências anteriores, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), na antiga Escola Técnica Federal do Piauí (antiga ETFPI, hoje Insti-

tuto Federal do Piauí/IFPI), quando trabalhei com ensino médio e demais experiências na educação básica, especialmente com adolescentes.

É uma vida inteira para recortar em um momento singular, pois, além do pleito à titularidade, esse memorial é também uma espécie de inventário da carreira, do percurso profissional do qual, pelo menos institucionalmente, estou me despedindo, uma vez que tenho como objetivo pedir a aposentadoria. Assim, não é somente uma promoção de um nível para outro, é um ritual de despedida.

Considerando esse momento, resolvi construir um memorial mais amplo que, embora tenha como foco a atuação na Universidade Federal de Goiás, essa escrita é atravessada aqui e acolá por vestígios de outras docências e de outros processos de aprendizagem.

Como cheguei até aqui? Que coisas, fatos, pessoas, acontecimentos me levaram a ser professora de artes visuais, trabalhando com ensino superior a maior parte da vida profissional? Tentar responder pede um inventário coletivo que não se encerra na minha pessoa ou na minha subjetividade. Pede atravessamentos.

A escrita não é inerte, não é algo que sai de forma neutra. A escrita não te obedece, ela é voluntariosa, tem suas próprias vontades e traça seus caminhos não previstos.

Há um tempo venho com desejos de “inventariações”, e esse memorial, de certa forma, tem esse caráter. O terreno da poesia, o terreno da docên-

cia e o terreno da investigação, resistências e acomodações, ora vão se amalgamando ora se distanciando em diferentes tempos e ritmos da vida. Como a minha trajetória docente começa nas duas últimas décadas da segunda metade do século XX, irei apontando aspectos constitutivos dessa formação, alinhavados com agulhas narrativas do presente. Que estes alinhavos possam oferecer pistas para pensar em como, quando, de quantas maneiras fui construindo uma poética de professora/pesquisadora em arte/educação. Sim, estou assumindo a caminhada como construção poética. (Martins, 2002)

Assumo então uma escrita narrativa que vai além da descrição e comprovação dos feitos. Ora ensaio *avuagens*, ora as penas me pesam e o texto fica um punhado de relatos aborridos. Mas não desprezo os relatos, não quero ser ingrata. Produzi-los me trouxe percepções sobre a minha caminhada que só vieram à tona quando vi as letrinhas reunidas formando um texto. Trago também as afecções tamanhas que a caminhada vai produzindo em nossos corpos, corações e mentes, em nossas relações feitas de encontros, aproximações e parcerias, bem como, muitas vezes, dos afastamentos e rupturas dessas relações.

Chamo essa escrita de “**desejos de rabiscar ensinagens**”, pois é algo que está em mim desde muito cedo,

que nunca passou. Para Josso, a situação de construção de narrativa “[...] *pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida*” (2004, p. 39).

Nessas tentativas de organização menos esquizofrênica, fui percebendo que também não tenho uma grande questão ou argumento forte a título de linha mestra. Tentei, mas não consegui. Tudo parecia escorrer, mas, como alerta Josso, a construção de narrativas no plano da interioridade “[...] *implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa, em torno da formação*” (Josso, 2004, p. 39).

Se chegam em uma organização coerente, eu não sei. Mas posso antecipar que por aqui irão passar questões de exercícios docentes em artes visuais numa perspectiva de uma arte educação menor (Gallo, 2002), dentro da barriga da baleia.

A **educação maior** é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos. Uma **educação menor** é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro a quem ou

para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (Gallo, 2002, p. 173, *grifos meus*).

Mas, como posso pleitear transitar em uma educação menor? Assim como nos versos de Alceu, andei passando pelas ruas do passado, o meu pé caminhador passou por situações de gestão e de articulação de políticas públicas¹. Ajudei a traçar planos, desenhei diretrizes, frequentei reuniões, ocupei cargos de gestão e sonhei quimeras. Mas também posso dizer que, na minha caminhada, consigo encontrar atos de revolta e resistência contra os fluxos instituídos e que a sala de aula sempre foi a minha trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão mencionados pelo autor. Gallo aponta três características de uma literatura menor, deslocadas para uma educação menor buscando um devir-deleuziano na educação (p. 172).

A primeira característica é a da desterritorialização dos processos educativos. Sustar a produção das operações macro, escapar e escorregar pelas brechas. Gallo, na pegada deleuziana, explica que a aprendizagem é algo que escapa, que foge do controle. Que não se pode prever como as pessoas vão aprender. Essa imprevisibilidade sempre me fascinou no dia a dia de uma sala de aula. Por conta desse fascínio, lembro de discutir com um professor do mestrado do campo da psicologia, que me sugeriu enveredar minha pesquisa por essa área.

1. Coordenações de Cursos de graduação e de pós-graduação, avaliadora do Programa Nacional de Livro Didático – PNLD - MEC (2017/2019), Conselheira da Funape Fundação de Amparo à Pesquisa. UFG, Membro do Conselho da Fundação Rádio e TV Educativa da UFG (atual), Parecerista dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1996); Parte da equipe formuladora do documento Novas Orientações Curriculares para o Ensino Médio - NOC (2006), - Vice Coordenação da Especialização em Artes Visuais – Abordagens Metodológicas e Processos de Criação (2023-atual) dentre outras situações internas e externas à UFG.

A segunda característica é a ramificação política. Este é um ponto primordial da trajetória que pretendo descrever neste memorial. Compromisso com a educação pública por meio da arte, em especial, com as visualidades populares, o que redobra a luta e a resistência às macro estruturas pedagógicas, artísticas e culturais. Para Gallo, uma educação menor “[...] evidencia a dupla face do agenciamento: agenciamento maquínico de desejo do educador militante e agenciamento coletivo de enunciação, na relação com os estudantes e com o contexto social” (2002, p. 175).

Outra ideia que me fascina é a de que a educação menor “[...] cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano... cavando seus buracos, minando os espaços, oferecendo resistências” (p. 175). Esse é um exercício muito difícil, uma vez que a vida acadêmica nos proporciona ocasiões nas quais corremos riscos de achar que temos soluções, ou somos tentados a criar modelos, regras, normas, especialmente nos cargos de gestão. Nisso, o cotidiano da sala de aula sempre foi um desmanche de qualquer arroubo projetivo. As relações vão sendo costuradas na instabilidade, os arranjos são provisórios e rizomáticos.

Por fim, a terceira característica de uma educação menor é o valor coletivo. Para Gallo, a atuação de um educador-militante nunca estará encerrada em si mesmo. O autor afirma que

“[...] toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva. A educação menor é um exercício de produção de multiplicidades” (2002, p. 176). Nesse ponto, penso nos meus encantamentos pelas aprendizagens presentes nas instâncias da arte e cultura popular. Ana Mae Barbosa afirma que reclamamos muito que, no Brasil, as Artes são dominadas pelas elites, mas as Artes não são naturalmente das elites. “As elites dominam porque nós permitimos” (2020, p. 14).

Não posso afirmar que as três características de uma educação menor estejam presentes de forma coerente na minha trajetória. Talvez a finalização deste documento possa me dar algumas pistas. De antemão, posso dizer que esta trajetória é barbosiana, pois mesmo antes de ter sido orientada e, depois, de ter o privilégio da sua amizade, Ana Mae Barbosa já desenhava meus caminhos. Em vez de oferecer régua e compasso, ela nos colocou numa dança de multiplicidades nos vértices e vórtices de intrincados processos de triangularização. De acordo com Cabrera Salort (2018), essa abordagem tem episteme decolonial e rompe paradigmas de criatividade incontaminada e de espontaneidade românticas. Cabrera Salort argumenta que as três ações requerem “un aprestamiento, del dominio de instrumentos culturales, proceso de “alfabetización” que supone siempre un hacer entrelazado con un leer y con un contextualizar” (p.26). Um trabalho com as imagens que é uma ação cultural, intelectual, tanto teórico quanto prático.

Em 2023, escrevi um texto (Guimarães, 2023) no qual reflito sobre a força de Ana Mae na arte educação brasileira, estabelecendo uma analogia entre a sua abordagem triangular e as cúpulas do arquiteto Buckminster Fuller. As cúpulas, estruturas geodésicas, foram projetadas para serem flexíveis, versáteis em relação às técnicas e materiais de suas construções. Quanto maiores, mais seguras. As geodésicas são feitas a partir da reunião de múltiplos triângulos. Uso essa analogia para falar do meu acolhimento nessa estrutura, nesse corpo abrigo-morada que compartilho com tantas e tantas professoras de arte nesse Brasil de norte a sul.

Na condição de busca meio à esmo, um tanto quanto naif, fui aprendendo e desaprendendo conceitos e concepções, práticas e abordagens e assim me construindo no assombro de professorar, depois professora pesquisadora, gestora, mas sempre ligada aos desafios de ensinar/aprender/artistar.

Escrevo em meio a um turbilhão de afazeres: Aulas no curso presencial com a disciplina de Desenho, na pós-graduação com a disciplina pedagogias culturais e na especialização com a disciplina Laboratório de Criação Docente: processos poéticos, todas com seus planejamentos, processos, alegrias e impasses. Defesa de 3 mestrandas e 1 doutorando, participações em bancas, reuniões diversas, orientações de mestrado e doutorado, dentre muitos outros compromissos. Entre eles, um muito prazeroso, ficar com minha neta Manuela, agora com seis anos de idade, uma vez por semana.

Por aqui, passarão pedaços de estórias dessas aprendizagens da infância, da formação acadêmica (graduação, pós-graduação), das docências na graduação e pós-graduação, incluindo as orientações, alguns informes sobre a aprendizagem nos períodos de gestão (coordenações de cursos), dos projetos de extensão e pesquisa, dos movimentos de associações profissionais, da aventura chamada Educação a Distância - EAD - e as paixões sobre determinados temas, como, por exemplo, as questões da arte e culturas populares. Aqui farei algumas reflexões e defesas da importância desses estudos em nossa área, pontuando possibilidades e dificuldades tanto epistemológicas como curriculares. A menção à produção teórica será distribuída de acordo com esses diversos momentos, quando for o caso. Recorrerei a arquivos, textos já escritos, certificados físicos e/ou natos digitais como ativadores da escrita, mais uma vez, fazendo alinhavos a partir do momento em que me encontro.

Começo trazendo os percursos de formação, que passam por instâncias familiares, escolares, influências artísticas e culturais que incluem lembranças da minha infância, da escola e, depois, etapas de graduação e pós-graduação. No entanto, memórias são águas que se misturam ao serem remexidas, assim, ao falar de uma coisa, não pude evitar misturar com outra. Peço

o olhar de alinhavo de quem me lê. Os processos de formação de pós-graduação misturam-se, por exemplo, com a experiência profissional, uma vez que fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado já sendo docente no chamado ensino superior. Privilégio imenso da rede de afetos que teci e por ela fui sendo tecida. Creio que esse seja o maior saldo da minha caminhada.

Um memorial é feito de percursos de vida, levantando aquelas perguntas que nunca se descolam de nós: Por que, como, de quantas maneiras fui-me construindo professora/pesquisadora nos trânsitos com ensino-aprendizagens em artes visuais? Os fios reflexivos me levam à uma infância com poesia, contos, músicas, filmes aos domingos no único cinema da cidade, procissões, casos de almas penadas e de assombração, o burburinho das feiras e seu universo polifônico e multidimensional: Cantadores, barracas etc. Tentei falar um pouco sobre isso em um artigo (Guimarães, 2015).

Uma infância com estórias contadas por pessoas fabulosas e fabulatórias, reinos encantados, desafios de heróis (heroínas eram poucas ou não conhecíamos), situações de mistérios que mesclavam contos de outros lugares com o imaginário sertanejo.

Já que tu vai lá pra feira

Traga de lá para mim
Água da fulô que cheira

Um novelo e um carrim

Traz um pacote de miss

Meu amigo, ah, se tu visse

Aquele cego cantador

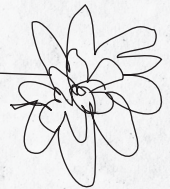
Um dia ele me disse

Jogando um mote de amor

Que eu havera de viver

Por este mundo e morrer *ainda em flor*

O pedido – Elomar Figuera de Melo





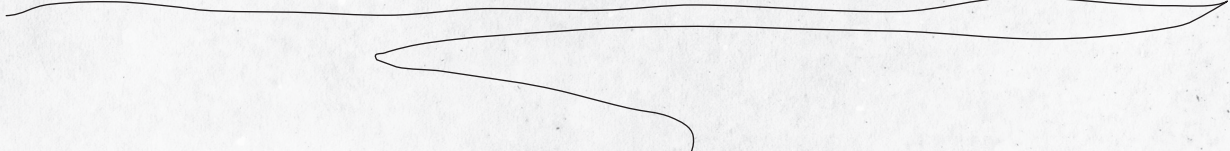
SERTÃO..... esse lugar Topo autogeobiográfico.

Autobiogeografia é um termo cunhado pela professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues para designar a metodologia autobiográfica situada que articula práticas decoloniais. Rodrigues toma como referencial o pensamento de bell hooks (1990, 1995 e 2009) e Glória Anzaldúa (Anzaldúa, 2012; Anzaldúa, Keating, 2002; Anzaldúa, Moraga, 1983; Keating, 2009) que tomam “[...] como chaves ativadoras de reflexões liberadoras sobre as experiências vividas no espaço e os exercícios de enunciação do lugar” (Rodrigues, 2017, p. 3152-3153). Em seus processos docentes investigativos a professora propõe

a utilização da autobiogeografia como metodologia de criação de lugares de enunciação por meio de práticas individuais e/ou coletivas que abram caminhos para o “vir a ser” decolonial, ou seja, que despertem nas sujeitas e sujeitos desejos de re-aprender a ser (p. 3155).

Pegando esse gancho de Rodrigues (2017), percebo na infância vivida no sertão do Piauí as sementes dos caminhos que me levaram às artes e à educação. Na base familiar, a cultura escrita chegava pelos Correios. Minha mãe, funcionária deste órgão, cuidou de povoar a casa de fazenda onde morávamos de coleções tais como “Ler e Conhecer”, “Barsa”, contos fantásticos de vários continentes (não lembro o nome desta coleção), “Reinações de Narizinho” e outros livros. Poucas casas tinham esse luxo! Tão moderna era a minha mãe, suprimindo a ausência de livrarias daquela pequena cidade com o reembolso postal.

Nasci em Teresina, capital do Piauí, e cresci em Picos, que segundo minha filha Agatha, não é uma cidade, mas, sim, um portal. Cresci em uma fazenda, cercada de mato, plantações, livros, imaginação, estórias de reinos encantados e, à noite, estórias de terror. De tardezinha, sentada nos peitoris da varanda, ouvia Seu Tuá, o vaqueiro, aboiando, trazendo o gado de volta para o curral. Geralmente eu chorava. Aos 10 anos de idade, aproveitando uma festa cultural na escola onde um grupo de estudantes se vestiu a caráter com trajes que representavam os estados brasileiros, eu quis representar o Piauí para poder usar uma roupa de vaqueiro.



Tanto fiz que meu pai teve que arranjar toda a indumentária, perneiras, gibão, chapéu de couro, além de me treinar com muito afincio como segurar e rodar o laço para que eu pudesse me apresentar. Hoje, reconheço aquela menina nos aboios que Pedro, meu filho, entoa com sua voz sertaneja.



Figura - Leda na infância,
vestida de vaqueiro.
Arquivo pessoal.

Minha mãe Amália, moça da capital, trouxe para aquele mundo tantas maravilhas que alimentaram a fantasia e a imaginação de uma menina com forte tendência a ser, como dizem os portugueses, totalmente “despassarada”. Lembro dos seus vestidos com boleros bordados na ilha da Madeira, que eu nem desconfiava onde ficava, o que não me impedia de vesti-los escondida da minha mãe e desfilarmos pelo meio do mato. Minha mãe era uma pessoa progressista no quesito educação. Além de frequentarmos a escola, ela tinha preocupação com nossa formação cultural. Íamos ver filmes ao menos uma vez ao mês no único cinema da cidade, hoje transformado em templo evangélico. Além disso, ler poesia e aprender a declamar fazia parte do que ela modernamente chamava educação para os nervos. Ela trabalhava nos Correios e Telégrafos, fato que, além do exemplo de uma mulher funcionária pública, me marcou pelo acesso via reembolso postal de coleções como todos os livros do “Sítio do Picapau Amarelo”, de Monteiro Lobato, coleções “Ler e Conhecer”, “Barsa” e contos fantásticos universais.

Durante muito tempo, a coleção da enciclopédia Barsa era exibida nas estantes das casas de muitas pessoas. Era um claro sinal de cultura, de apreço à leitura e ao conhecimento. Os “vendedores de Barsa” rodavam o Brasil inteiro, levando a coleção aos mais distantes lugares. Comprar a coleção completa de 18 volumes e 10 mil páginas, era sinal claro de boa condição financeira e preocupação com os estudos dos filhos. Comprar a Barsa se constituía em um investimento que passava de pais para filhos e filhas. Fonte de pesquisa para alunos e professores. Era a expressão máxima do acesso ao conhecimento (A teoria, 2019, online).

A transição da minha infância para a adolescência se dá na passagem das décadas de 1960 para a década de 1970, em plena ditadura civil-militar, que promoveu o chamado “milagre brasileiro”, regado de obscurantismos. Especialmente na década de 1970, acontece o impulsionamento da indústria de publicações das editoras Abril, dentre outras, fornecendo material para que as famílias que tinham poder aquisitivo pudessem pavimentar a educação dos filhos. Estas coleções eram compreendidas como um investimento, um patrimônio a ser passado para outras gerações. Minha família de classe média baixa não tinha poder aquisitivo, mas minha mãe tinha este *feeling* do papel das hoje chamadas pedagogias culturais.

Acredito que a Barsa e outras coleções foram compradas de senhores de ternos gastos, vendedores que passavam de casa em casa oferecendo esses produtos. Já adulta, também comprei uma Barsa para chamar de minha.

Figura - Foto Leda, provavelmente 9 anos no antigo ensino primário, Instituto Monsenhor Hipólito, Picos-Piauí (Acervo da autora).
Foto digital Manuela, 2022. Escola CIEM-Goiânia-Go. (Acervo da Família). Arquivo pessoal.



Agatha, minha filha, recorda que, entre as suas colegas de escola no ensino fundamental, ela era considerada rica por ter em sua casa essa coleção, na qual as amigas iam consultar para realizarem os trabalhos em grupo. Ela também me recordou que tínhamos em casa a coleção completa de poesia Cassiano de Abreu. Essa recordação é muito importante, pois não consigo lembrar se o fato de ter a Barsa na minha infância me fazia uma menina rica aos olhos das minhas colegas, que também iam à minha casa fazer trabalhos. Provavelmente não, pois as posições sociais eram mais demarcadas naquele tempo na pequena cidade onde morava. Talvez uma menina exótica.

A Barsa, bem como outras coleções (de conhecimentos gerais ou específicos, de contos, de ciências etc) são fruto da expansão do enciclopedismo de alguns homens (apoiado por mulheres) que intentaram nessas publicações reunir um “[...] quadro geral dos esforços do espírito humano em todos os gêneros e em todos os séculos.” (Altman, 2016, p. 1).

Entre êxitos, conflitos e fracassos, o projeto editorial de fato cumpre uma missão de popularizar um conhecimento pretensamente universal que atinge Europa, França e Bahia, no meu caso, o sertão piauiense, na segunda metade do século XX. O projeto colonial se espraiou na relação tempo e espaço. Ou seja, mesmo nos “cafundós dos judas”, eu sou fruto desse projeto, tanto na sua potência revolucionária quanto no seu sentido opressor. Mas nesses cafundós tinha becos, trilhas e feiras, que convidavam a outros saberes.

De vez em quando, minha mãe resgatava itens que as pessoas pediam por reembolso postal e não iam buscar. Foi assim que o long-play Tropicália, de Caetano Veloso e o dos Rolling Stones, com Jagger cantando Angie, chegou naquele fim de mundo. Sons que se misturavam ao aboio de Seu Tuá. No mais, o rádio era a fonte musical mais constante. De lá aprendi boleros maravilhosos, alguns até hoje eu consigo cantar.

A cultura visual já estava presente em minha vida, desde criança. Literatura (fotonovelas e romances de bolso), revistas de quadrinhos, fotonovelas e livros de espionagem chegavam às minhas mãos por meio da minha irmã mais velha, Isabel, que devia ter uma gangue de empréstimo dessas revistas e livros, considerados imorais e não adequados para moças de família. A circulação era intensa, Isabel lia escondido da minha mãe e eu lia escondido das duas.



Figura - Imagens de Fotonovelas e Capas de Livros de bolso de espionagem: Gisele-a espia nua que abalou Paris e Brigitte Montfort - a filha de Gisele. (Fonte internet)



Os livrinhos de Giselle, a espiã nua que abalou Paris e sua filha, Brigitte Monfort, nos ensinavam sobre guerra, espionagem, nazismo e, claro, acendiam o erotismo ainda latente por meio das cenas quentes do enredo. Depois de Luluzinha, vieram estas heroínas ícones da cultura pop dos anos 70. Também circulavam revistas de novelas, com romances água com açúcar montados geralmente com fotografias de filmes do cinema italiano.

Das histórias em quadrinhos (HQs), posso enumerar meus heróis favoritos: Homem Aranha, o Fantasma que anda, Zorro, Mandrake e Tarzan. Essas revistas minha mãe não comprava, mas eu tinha um pacto com uma das poucas bancas de revista na minha cidade. Depois da escola eu ficava por lá e, enquanto esperava meu pai ir nos buscar, pois morávamos longe, lia vorazmente várias revistas. Posso imaginar o prejuízo do dono da banca. Acredito que o primeiro personagem feminista tenha sido Luluzinha.

Figura - Capas das revistas em quadrinhos



Isabel também me proporcionou o gosto pela literatura “séria” de autores já famosos. Leitora voraz, ela era muito bem relacionada com uma juventude “cabeça”, amigos que estudavam em Fortaleza ou Recife e forneciam para ela livros proibidos, como Jorge Amado e Érico Veríssimo. Muito me beneficiei das suas amizades, pois no mesmo esquema das revistas, eu lia escondido dela o que ela lia escondido da minha mãe. Isabel Maria sempre foi *avantgarde*.

Todo esse universo era fonte para desenhar, copiando ou de memória. Desenhos que não eram bem vistos na escola, mas despertavam o interesse de colegas que, de vez em quando, me pediam para fazer um desenho de alguma coisa de seus interesses. A compulsão pelo desenho gerou um castigo, escrever 100 vezes a frase “não rabisco mais meus cadernos”, repetições exaustivas que não foram o suficiente para calar esse desejo de rabiscar. Fiz um mestrado sobre esse tema e continuo rabiscando até hoje.

Perdi minha mãe biológica, Marieta, antes dos dois anos de idade. Também era professora, e as memórias em torno da sua docência também se fazem presentes na construção do meu caminho. Maria de Barros Nunes Guimarães foi professora normalista que, segundo me dizem, atuou não só na cidade

de Picos, mas nas circunvizinhanças da região, onde ia dar aula a cavalo ou de bicicleta. Era comum chegar na minha cidade e ouvir a pergunta: “Você é filha da finada Dona Marieta?” E sem esperar a resposta, pois perguntavam já sabendo, diziam: “Ela foi minha professora!”.

O Nordeste tem seus tempos e modos, é preciso saber transitar neles. Essas pessoas que se dirigiam a mim e à minha irmã Isabel estavam nos dizendo de processos de educação naquele lugar, o qual nós não tínhamos a dimensão do espaço que nossa mãe ocupou em um determinado tempo histórico.

Outra professora na minha vida foi Dona Dalva Mariano. Paraibana, alta, forte e voluntariosa, era quem cuidava de tudo e de todos. Como é bonito recordar seus gestos, seus olhares, sua sinceridade pragmática. Falava sem rodeios o que tinha que ser dito.

Apesar de termos energia elétrica fornecida por um gerador que era desligado às 21 horas, Dona Dalva preferia passar roupa com um ferro de brasa, depois do motor desligado, quando ela ficava pitando seu cachimbo em paz. Uma paz compartilhada comigo, que saía do meu quarto escondida para ficar com ela, que me contava histórias de reinos fantásticos, de heróis e suas missões, de pássaros e outros animais encantados. Aquela mulher era uma biblioteca. Aprendi com ela o que mais tarde iria estudar em Joseph Campbell (1904 – 1987) que foi uma das maiores autoridades no campo da mitologia do século 20.

Minha avó paterna Dina Nobre Guimarães veio do Rio Grande do Norte, onde foi professora na pequena cidade de Florânia. Em Picos, ela continuou sua docência como professora particular, “desarnando” as crianças que não sabiam ler/escrever e tinham ali as primeiras noções da tabuada e do alfabeto antes de irem para o grupo escolar, iniciando o processo de escolarização. Sua casa ficava na cidade e nós a frequentamos bastante. Acompanhava com interesse suas aulas, com voz suave, mas dura, nos ritos de iniciação do bê-a-bá. Mas meus momentos favoritos eram quando ela, com essa mesma voz suave, pegava o violão e cantava, fazendo a alegria de todos.

Meu primeiro salário como professora, aos 16 anos de idade, foi para lhe comprar de presente, um violão pequeno que se moldasse ao seu corpo miúdo. Seus olhinhos azuis brilharam com o presente e eu sempre pedia a minha música favorita: “Sertaneja se eu pudesse, se papai do céu me desse, umas asas pra eu voar”, composição de René Bittencourt que eu escutava sempre no rádio na voz da dupla sertaneja Cascatinha & Inhana (Sertaneja, youtube). Talvez, eu pedisse essas asas para transpor os picos dos morros que contornam a minha cidade. Voava por sobre eles na minha imaginação.

Tia Nívea, irmã do meu pai, filha de Dona Dina, era professora de corte e costura, mas sua verdadeira natureza era a engenharia. Costuma frequentar sua casa (que ficava em frente a casa da minha avó) e acompanhar as aulas que eram dadas numa sala da sua casa, cheia de mulheres, tecidos, tesouras, moldes, fitas métricas, revistas e umas régua enormes, que só mais tarde fui saber que serviam para riscar os papéis dos moldes dos diversos tipos de roupa. Nunca aprendi a costurar, mas desconfio que aquelas aulas conversadas, em torno de uma grande mesa, deixaram uma marca que reconheço na minha maneira de estar em sala de aula.

Até agora falei de mulheres, mas meu pai, Francisco Almeida Guimarães, tem lugar especial nesse processo de formação de uma futura arte educadora ou uma professora que vai buscar nas suas bases alimento para sua atuação docente. Começando pelo meu nome, dado por ele, que resulta de uma charada - é alegre a mulher! A charada é um jogo, um desafio de adivinhação, que propõe dar as chaves. Essa tem duas: alegre e mulher. O resultado tem uma chave = Leda.

Na sociedade medieval, plena na transmissão oral das tradições, a memória aparece como atributo indispensável aos contadores de estórias, declinaram ditos populares, gírias e

adivinhas. As charadas pertencem à tradição oral de origem medieval ligadas às adivinhas, fonte do entretenimento popular. Eu sempre achei que dentro dos diversos populares, a charada era também um sofisticado jogo matemático. Para resolver, era necessário ter uma base de operações desse campo. Já indicava um “letramento” popular, mesmo que muitos jogadores não tivessem frequentado a escola.

Existiam pessoas que se destacavam por serem excelentes charadistas, aqueles e aquelas que não se contentavam em reproduzir o que já estava circulando, mas que se regozijavam com as suas próprias criações, afinal, como encontramos em Jolles (1976, p. 114): “não poder resolver uma adivinha é morrer; apresentar uma adivinha que ninguém resolve é viver”. Tudo indica que meu pai, que estudou até a 4ª série do então ensino primário, teve este regozijo como propositor ou como decifrador, uma vez que resolveu batizar uma filha com o nome resultante.

Nome que se destaca entre irmãos e irmãs por ser o único que não tem relações de parentesco na família. Inauguro assim as ‘Ledices’ da família. Além de charadista, meu pai era mateiro, pessoa que tinha seu elemento do meio do mato. Era ali onde seu olho brilhava. Daí também vieram algumas aprendizagens desses tempos e espaços. Tempo seco, tempo de chuva, era a primeira pergunta que ele me fazia quando eu morava em São Paulo: – Aí está chovendo? Para em seguida informar o que estava acontecendo de

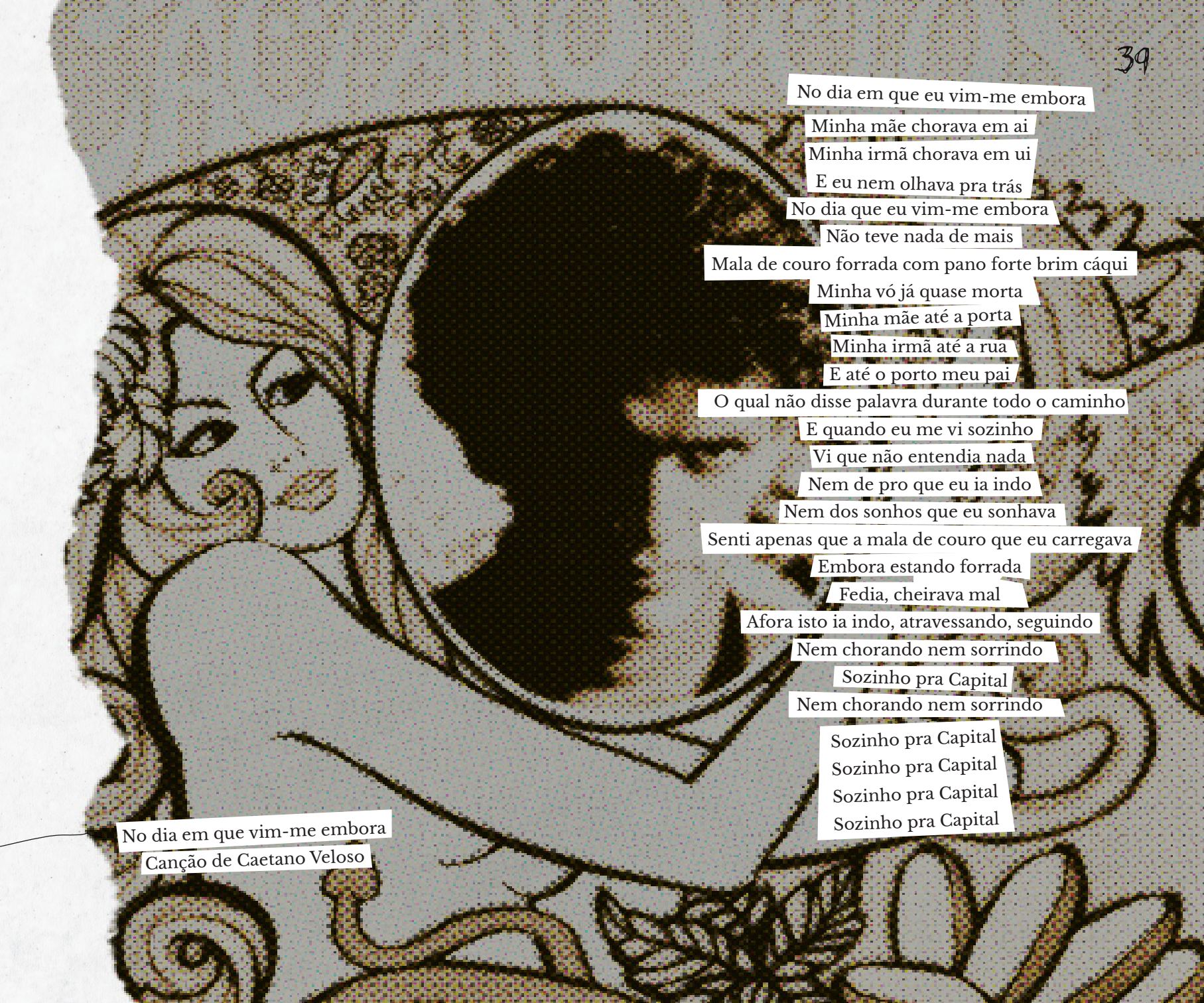
onde falava: – Aqui ficou bonito, mas acho que não chove agora, só mesmo a chuva do caju.

Ou seja, nessa primeira caminhada na meninice, tive o privilégio, a sorte e a ventura de ter cultura erudita na estante da minha casa e via empréstimos furtivos dos amigos de Isabel, cultura pop chegando pelos correios, cultura popular na feira com cantadores, com as estórias e fábulas de Dona Dalva, minha La Fontaine, educação musical com as valsas da minha mãe, as modinhas da minha vó, os aboios do vaqueiro, o rádio e, para não esquecer, o circo. Arte e cultura visual já estavam na minha vida, lá onde o vento faz a curva e não entra, de tão quente que é a minha cidade.

Daí pra frente são migrações. Ensino médio em Teresina, finalizado em Brasília. Graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística iniciado em Brasília, finalizada em São Paulo. Docência no ensino superior iniciada em Teresina com transição para Goiânia, de onde falo e escrevo no presente momento nesse processo de inventariação.

Essa música do primeiro disco de Caetano Veloso foi uma das presenças que chegaram pelos resgates de encomendas encalhadas que minha mãe fez nos Correios e Telégrafos. Começava ali uma paixão.





No dia em que eu vim-me embora

Minha mãe chorava em ai

Minha irmã chorava em ui

E eu nem olhava pra trás

No dia que eu vim-me embora

Não teve nada de mais

Mala de couro forrada com pano forte brim cáqui

Minha vó já quase morta

Minha mãe até a porta

Minha irmã até a rua

E até o porto meu pai

O qual não disse palavra durante todo o caminho

E quando eu me vi sozinho

Vi que não entendia nada

Nem de pro que eu ia indo

Nem dos sonhos que eu sonhava

Senti apenas que a mala de couro que eu carregava

Embora estando forrada

Fedia, cheirava mal

Afora isto ia indo, atravessando, seguindo

Nem chorando nem sorrindo

Sozinho pra Capital

Nem chorando nem sorrindo

Sozinho pra Capital


Sozinho pra Capital

Sozinho pra Capital

Sozinho pra Capital

No dia em que vim-me embora

Canção de Caetano Veloso



Criando calo no meu pé caminhador: do Nordeste ao Centro-Oeste

Certo que a mala que eu carreguei não fedia e que havia uma pequena rede familiar de apoio, mas o verso “sozinho pra capital” fura a alma da gente e traduz todo um sentimento de solidão e desamparo nessa nova vida. A minha graduação se deu na transição da década de 1970 para a de 1980, em dois momentos. Em 1977, fui aprovada para o curso de Educação Artística - Licenciatura Plena com Habilitação em Artes Plásticas na Universidade de Brasília (UnB), cujos estudos interrompo e só retomo em 1983, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP/SP), finalizando em 1985.

A Licenciatura em Educação Artística tinha sido criada em 1971, fruto das políticas educacionais (Lei 5. 692). Eu

não tinha a menor ideia do que era aquele curso, sabia apenas que iria me formar em algo que fosse relativo ao universo da arte. Não lembro das minhas aulas de didática para ensino de artes plásticas. Encontro nos papéis amarelados do meu histórico escolar a referência *Estrutura e Funcionamento de Ensino de 1º e 2º Grau e Didática*, disciplinas listadas no Histórico Escolar com a nomenclatura *Ensino de 1º. e 2º. Grau I e II e Metodologia para o Ensino de 1º e 2º Grau I, II e III*, mas, não tenho recordações sobre o desenvolvimento das mesmas.

Valho-me das memórias da professora Teresinha Rosa Cruz. No texto Memórias e algumas luzes sobre a licenciatura em educação artística na universidade de Brasília (2009), ela descreve o antigo Instituto Central de Artes - ICA da UnB - como um “canteiro” efervescente “[...] com atividades inteiramente novas no contexto do ensino superior de Artes e Arquitetura” no Brasil.

Os governos militares, em especial o do general Médici (1969-1974), silenciaram essa efervescência. Professores foram expulsos ou demitiram-se, ocorreu a prisão de intelectuais, artistas e sindicalistas. Cheguei ao Departamento de Desenho (DES) da UnB em 1978, com soldados armados nos corredores dos minhocões. Nós estudantes aprendemos a cantar Violeta Parra, Mercedes Sosa e Geraldo Vandré no cine clube. Víamos Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha e o Encouraçado Potemkin. Passei a fazer parte de algum grupo de teatro que nos incentivava a fazer intervenções

2 Augusto Pinto Boal (1931-2009) foi diretor de teatro, dramaturgo e criador do Teatro do Oprimido, que o tornou mundialmente conhecido. Participou do teatro de Arena (anos 50/70), que revolucionou a forma de pensar teatro no Brasil. Seu trabalho tem grande dimensão política e social. Foi um dos dramaturgos que mais colaborou para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Publicou cerca de 20 livros, dentre crítica teatral, peças de teatro, romances e uma compilação de seus pronunciamentos como Vereador do Rio de Janeiro. Seus livros foram traduzidos em diversas línguas, em especial o Teatro do Oprimido. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, em 2008, e em 2009, foi nomeado pela UNESCO embaixador mundial do teatro (Augusto Boal, online).

3 Compositor francês, Alfred Erik Leslie-Satie (1866-1925) compôs para o piano as chamadas Gymnopédies, que seriam as precursoras do que se entende hoje por música ambiente. Era bastante criticado pela academia e embora excêntrico, era admirado por personalidades como Maurice Ravel, Claude Debussy e Pablo Picasso. Suas criações anti-românticas diante da música clássica influenciaram consideravelmente gerações de compositores que vieram a seguir, como o Grupo dos Seis, por exemplo.

públicas inspiradas em Augusto Boal². Também não posso esquecer as aulas das oficinas básicas de música - OBM - com Emílio Terraza, com seu piano preparado *a la* Erik Satie³.

Como a vida é um emaranhado aracnídeo, apesar de não ter concluído a graduação na UnB, sendo denominado IdA, retorno como professora na especialização de Arte e Tecnologia Arteduca, em 2006, e na construção do projeto da Licenciatura em Artes Visuais a ser ofertada na modalidade a distância numa parceria UnB, UFG, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Ou seja, onde comecei minha trajetória de formação docente em 1977 é onde, em 2005, junto com outros professores (José Mauro, Suzete Ventureli, Sheila Campelo, Teresinha Losada, dentre outros/as) inauguro minha experiência de propor a formação docente em artes visuais por meio da EAD.

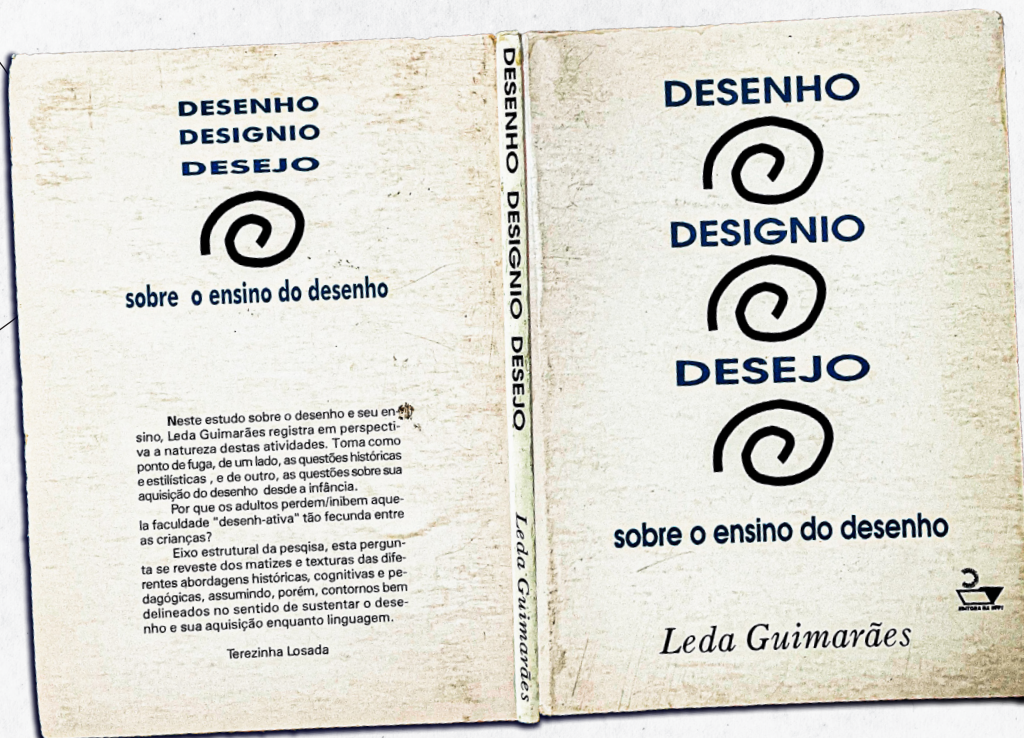
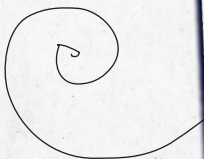
Minha trajetória docente se dá majoritariamente no contexto do ensino superior, tendo iniciado no Curso de Licenciatura em Educação Artística na Universidade Federal do Piauí, em 1991. Antes, atuava na Escola Técnica Federal do Piauí - ETFPI com ensino médio. No início da década de 1990, quando fiz concurso para a Universidade Federal do Piauí (UFPI), não se exigiu mestrado nem doutorado no edital, sendo possível concorrer ao cargo.

Trabalhando na então ETFPI, envolvida com muitos projetos (clube de quadrinhos, feira de artes em lona de circo, etc), aquele concurso não chamou minha atenção. Afinal, eu estava “a mil” como docente em uma Instituição Federal. Não havia da minha parte uma premeditação para a carreira de nível superior. No entanto, instigada por amigos, prestei o concurso e fiquei em segundo lugar. Como já trabalhava na Escola Técnica, com meus projetos e minhas invenções, não me preocupei com o fato de não ter passado em primeiro lugar.

Para minha surpresa, fui convocada pouco tempo depois e essa convocação veio quase simultaneamente com a aprovação para o Mestrado em Educação, naquela mesma instituição.

O mestrado foi realizado em um curso interdisciplinar em Educação, uma proposta pioneira naquela universidade. Foi uma oportunidade de conviver com professores/as de diversas áreas de conhecimento. Éramos três pessoas do campo da arte, duas de artes visuais (eu e Teresinha Losada) e um professor de música (o já professor da UFPI, Reginaldo Medeiros). Tivemos colegas das Ciências da Computação, da Física, das Ciências Sociais e da História. As discussões sobre caminhos metodológicos eram sempre muito plurais. Minha pesquisa de mestrado teve como foco a provocação recebida lá na infância de “[...] não desenhar mais nos cadernos”. Minha pesquisa levantava a questão sobre o que era mesmo desenhar, buscando uma diversidade de situações ‘desenhativas’.

Figura - Capa e contracapa do livro DESENHO, DESIGNIO, DESEJO que foi publicado a partir da dissertação O que é mesmo desenhar. Arquivo Pessoal.



Meu mestrado durou quatro anos, de 1991 a 1994 (com defesa em 1995). Meus filhos cresceram na vibe dos estudos e do trabalho na universidade conjugados. Quando terminei, Agatha tinha 14 e Pedro 8 anos. Desde pequena, Agatha foi uma atenta interlocutora para as minhas elucubrações sobre desenho. Além de tiradas fantásticas que me instigavam e me faziam refletir, seus desenhos, bem como os desenhos do meu filho Pedro (com apenas 5 anos de idade) também foram objeto de reflexão dos processos de construção do desenho numa perspectiva contextualista das influências na produção de desenho de colegas, família e outros meios.

Figura - Na primeira imagem Pedro redesenha um desenho meu com tema de capoeira, nas seguintes, se apropria do esquema para outras situações, como o jacaré mordendo o pé da figura. Páginas do livro 118/119. Livro DESENHO, DESIGNIO, DESEJO. Guimarães, 2005.



Desenho de adulto em positivo.



Fig. 41 - Recorrência ao decalque (silhueta) no verso do desenho acima. Pedro, 8 anos.

Pedro Mallet



Fig. 42 - Reelaboração dos elementos anteriores em novo desenho. Pedro Mallet, 8 anos.

Assim, minha entrada como docente na universidade foi nessa concomitância de cursar o mestrado e trabalhar naquele novo universo. Descubro que, na condição de docente e mestranda, eu poderia cadastrar projeto de pesquisa e concorrer para ter estudantes bolsistas e, em 1993, desenvolvi o projeto “Influências da Cultura Visual no desenho de crianças em Teresina” - que teve como objetivo levantar diversas formas de influência da cultura visual na construção formal e temática do desenho de crianças e adolescentes em Teresina - PI.

Lembro que foram trabalhadas influências da TV, do vídeo, de revistas em quadrinhos, de ilustrações etc. Foram coletados desenhos em situações escolares e não escolares. Tive como bolsista a estudante Carolina Oliveira. Lembro também que era uma bolsa financiada pela própria Universidade. O curioso é que ainda não tinha aproximações com os estudos da cultura visual, nem sonhava que, décadas mais tarde, viria a fazer parte de um projeto de pós-graduação (PPG) com este nome.

Foram anos muito ricos, éramos uma trupe de amigos/as querendo mudar o mundo. Zé Mauro (José Mauro) já estava como professor do Centro de Ciências da Educação, que abrigava o Departamento de Educação Artística. Depois da minha entrada, Teresinha Losada (Naná) também chega para formarmos um bom time: Zé Mauro o político, articulador; Teresinha com uma competência técnica, capacidade de organização administrativa; e eu, fazia o meio de campo, trazendo o saldo das minhas ar-

ticulações com o meio artístico da cidade, já iniciado quando professora da ETFPI.

Na atuação como professora da Escola Técnica, relembro a minha fase de “catadora de imagens”. Meu acervo docente ia se fazendo com números dispersos de coleções tais como: “Gênios da Pintura”, “Mundo dos Museus”, bem como páginas arrancadas de revistas “Veja”, “Istoé” e outras que traziam reportagens sobre o mundo da arte, da cultura, de arqueologia e o que mais me interessasse.

À guisa desse exercício, revisito a velha pasta, ou o que restou dela, e encontro reportagens tais como “O Berço da Beleza”, sobre uma exposição nos EUA que reuniu o maior conjunto de escultura clássicas já mostrado fora da Europa (ISTO É - 9/12/92); Dores Populares, sobre a obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos com ilustrações de Egin Schielle (Revista Veja - 28/12/94); Circo Mágico: sobre o estilista Thierry Mugler – relação entre a moda e a arte (Revista Veja - 5/2/1997), dentre muitas outras reportagens que iam de festas populares e expedições científicas a espetáculos de dança. Muitas viravam transparências, alimentando o meu e, conseqüentemente, o repertório imagético dos meus estudantes. Hoje, essa busca

se faz na *world wide web* (www), que pode ser traduzida como rede mundial de computadores.

Cheguei à UFPI com essa experiência de trabalhar com adolescentes e jovens adultos. O que me foi muito útil, uma vez que a moçada da universidade não era muito diferente daquela com a qual eu havia atuado no ensino técnico. Zé Mauro se tornou diretor do Centro de Ciências da Educação - CCE, eu chefe do Departamento e Teresinha (à sua revelia), coordenadora da licenciatura. Em pouco tempo, equipamos as salas de aula com retroprojetores, as salas de disciplinas práticas com mesas, pias e armários e conseguimos no prazo de pouco mais de um ano reformular o currículo, mudando o curso de Educação Artística para Licenciatura em Artes Visuais, saindo parcialmente da proposta antiga de uma formação polivalente.

Terminando o mestrado sobre as questões do desenho e do desenhar, era quase certa a minha retomada das disciplinas de desenho (Oficinas de Desenho e Plástica) as quais eu já vinha me dedicando na UFPI. Mas o vento soprou e diversas razões me levaram a fazer concurso para outra universidade. Meu alvo era Brasília, cidade de muitos afetos, mas acabei vindo para Goiânia, onde também já residia minha mana Isabel, aquela mesma que havia fomentado o gosto pela leitura por meio de revidistas e livros escondidos. Também considerei a dificuldade de locomoção para Rio/São Paulo para frequentar a cena artística cultural. Passagem de avião era um luxo que o salário não cobria e viagem de ônibus Teresina-São Paulo também

não era viável nem desejável para curtos períodos. Também não havia na UFPI, naquela época, a sistemática da instituição apoiar a participação em eventos acadêmicos com passagem e/ou diárias.

Depois de uma frustrada viagem que não consegui fazer para São Paulo a fim de assistir a companhia de *ballet* de Maurice Béjart, a ideia de mudar ficou mais forte. Isso seria possível por meio de concurso público. Já havia terminado o mestrado, publicado a dissertação, e tinha feito alguns contatos para um futuro doutorado no exterior, mas, quando surgiu a possibilidade de fazer o concurso na UFG, não pensei duas vezes, mesmo que Goiânia não estivesse inicialmente no meu radar.

Mas, raciocinando em termos de localização geográfica, vi que as viagens terrestres seriam possíveis. Além disso, Goiânia fica vizinha de Brasília, cidade que considero minha devido ao período em que lá morei, e as experiências de vida no planalto central. Além do mais, nossa trupe tinha sido dissolvida com a saída de Zé Mauro e Teresinha para a UnB. Assim, realizei a minha marcha para o Centro-Oeste.

Fiz o concurso e também fiquei em segundo lugar. Mais uma vez, estava em condição confortável, pois tinha meu emprego na UFPI. Amigos e amigas piauienses acharam bom eu não ter passado, pois assim não teria que ir embora da Chapada do Corisco⁴. Era uma época de muita festa e muita agitação cultural em uma Teresina efervescente na cena musical, teatral e nas artes plásticas. Mas, menos de 4 meses depois do resultado,

⁴ Alcinha popular da capital do Estado, pelo mito de ter sido construída sobre uma região com alta incidência de raios.

recebo um telefonema do professor José César, então diretor da Faculdade de Artes Visuais - FAV, me comunicando que a primeira colocada havia desistido do concurso e perguntando se eu estaria interessada em assumir a vaga. Foi a primeira vez que vacilei, não respondi de imediato, mas acabei me mudando para Goiânia, em julho de 1997.

Ironicamente, meu concurso não foi para o então curso de Licenciatura em Educação Artística, e sim para as disciplinas de História da Arte, para atender ao bacharelado em Artes Visuais. Não é possível seguir em linha reta. Tentarei situar a chegada na FAV da UFG, pois percebo que posso puxar fios das experiências vividas nas disciplinas no início da minha docência nesta instituição para os floreios que foram sendo feitos até o momento atual. Por um longo tempo, despedi-me do ensino de desenho e das questões do desenhar, uma vez que na Faculdade de Artes Visuais, as disciplinas de Desenho já tinham seus professores fixos, todos artistas. Caberia a mim, uma professora recém chegada, não artista, disputar esse quinhão?

Contraditoriamente, eu também não tinha **expertise** para a área que eu passei, não era e nunca fui uma historiadora da arte. Mas, de acordo com o concurso, estas foram as minhas primeiras disciplinas na FAV. Fiquei responsável pelo período da Antiguidade até o Renascimento e, depois, do Renascimento até os Modernismos do início do século XX. E, para minha surpresa, também me foi passada uma disciplina que, aparentemente, ninguém tinha se disposto a ministrar: **Cultura Popular Brasileira**. Lembro

que na prova didática do concurso misturei o antigo Egito com arte popular (talvez a razão do meu segundo lugar), podendo ser esta a razão para que me designassem as duas disciplinas.

Dentre muitas formas de lidar com os conteúdos da história da arte oficial prescrita nas ementas, quero citar duas propostas didáticas que recorro com carinho, especialmente pelo potencial dos resultados em impulsionar minhas inquietações rumo a um doutorado.

Em 1998 e 1999, elaborei um projeto chamado “Afinidades Eletivas” para a disciplina História da Arte II. A proposta era que os/as estudantes fizessem escolhas logo nas primeiras aulas por um/a artista com o/a qual se identificassem, tivessem empatia. No decorrer da disciplina, deveriam ir fundamentando as razões para a sua escolha e, ao mesmo tempo, procurando na história quem tinha sido a afinidade eletiva daquele artista. Assim, com o passar do tempo, cada discente ia compartilhando a **triangularização** proposta (estudante <> artista escolhido <> artista 2 = leitura reflexiva), e construindo seu conhecimento daquela história da arte proposta a partir dos afetos. No final, produziam um objeto, uma espécie de livro de artista. As turmas eram compostas por estudantes da Licenciatura, do Bacharelado em Artes Visuais e também do *Design*, na época, ainda atrelado ao Bacharelado. Os livros-objetos foram

apresentados em uma pequena exposição no encontro regional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP - de 1999/2000.

Outra experiência que gostaria de mencionar foi desenvolvida na disciplina de Arte e Cultura Popular, vista como uma remanescência da ditadura militar que implantou a disciplina folclore com o estímulo do estudo de “temas nacionais” de folclore e cultura popular. Quando cheguei na UFG, recentemente tinha ocorrido a mudança da nomenclatura de Instituto de Artes Visuais, passando a existir a Faculdade de Artes Visuais, e essa disciplina permanecia na nova estrutura curricular, sem que ninguém tivesse assumido. Estava pendente, à espera de um/a professora. Não consigo lembrar se me voluntariei (grande possibilidade) ou se impuseram à professora “novata” um fardo que ninguém queria, afinal, estavam naquele momento fazendo um esforço rumo à modernidade. Mal sabiam que os estudos do folclore e da arte popular também faziam parte da modernidade brasileira, como iria discutir anos mais tarde na minha pesquisa de doutorado.

Foram várias as abordagens que tentei com as turmas que convivi. Pinte e bordei, como se diz, misturei chiclete com banana, popular com história da arte, *design* e artesanato, idade média com lojas de 1,99, e o negócio ia ficando bom, pelo menos essa era a minha sensação. Uma preocupação minha era fazer com que percebessem que o popular não era algo exógeno às nossas vidas e que estava ali no currículo como penduricalho, que não despertava interesse em ninguém. As turmas eram mistas,

quer dizer, tínhamos estudantes tanto do bacharelado, que na época se dividia em artes visuais e *design*, quanto estudantes de licenciatura. Lembro de um projeto que propus que pareceu transversalizar os diferentes interesses daquela turma.

Objeto de MEMÓRIA

O exercício proposto foi que escolhessem um objeto antigo que lhes fosse significativo e, a partir de um processo de rememoração, construíssem uma rede relacional no tempo e no espaço. Esse seria o **objeto de memória**. Em torno da memória concreta, instaura-se sempre uma memória afetiva. Desenvolvemos, então, um rastreamento em torno desse objeto, levantando as seguintes considerações:

- a) Pessoas que usaram esse objeto;
- b) Eventos, casos acontecidos em torno desse objeto;
- c) Que nexos tem esse objeto com sua história de vida;
- d) Que nexos tem esse objeto com o local;
- e) Que transformações podem ser apontadas quanto à forma e à função?

A investigação desse objeto-memória levou, por continuidade, ao conhecimento e à reflexão dos contextos sociais, econômicos e culturais da região Centro-Oeste, subdividindo-a em particularidades do tipo: “A fa-

zenda do meu avô” ou a “A cidade ou bairro em que cresci”, percebendo mobilidades pessoais e familiares por meio do mapeamento desse objeto. As descobertas e conexões iam sendo mapeadas, formando mais ou menos o tipo de desenho no esquema abaixo (os espaços em branco representam o trabalho em processo):

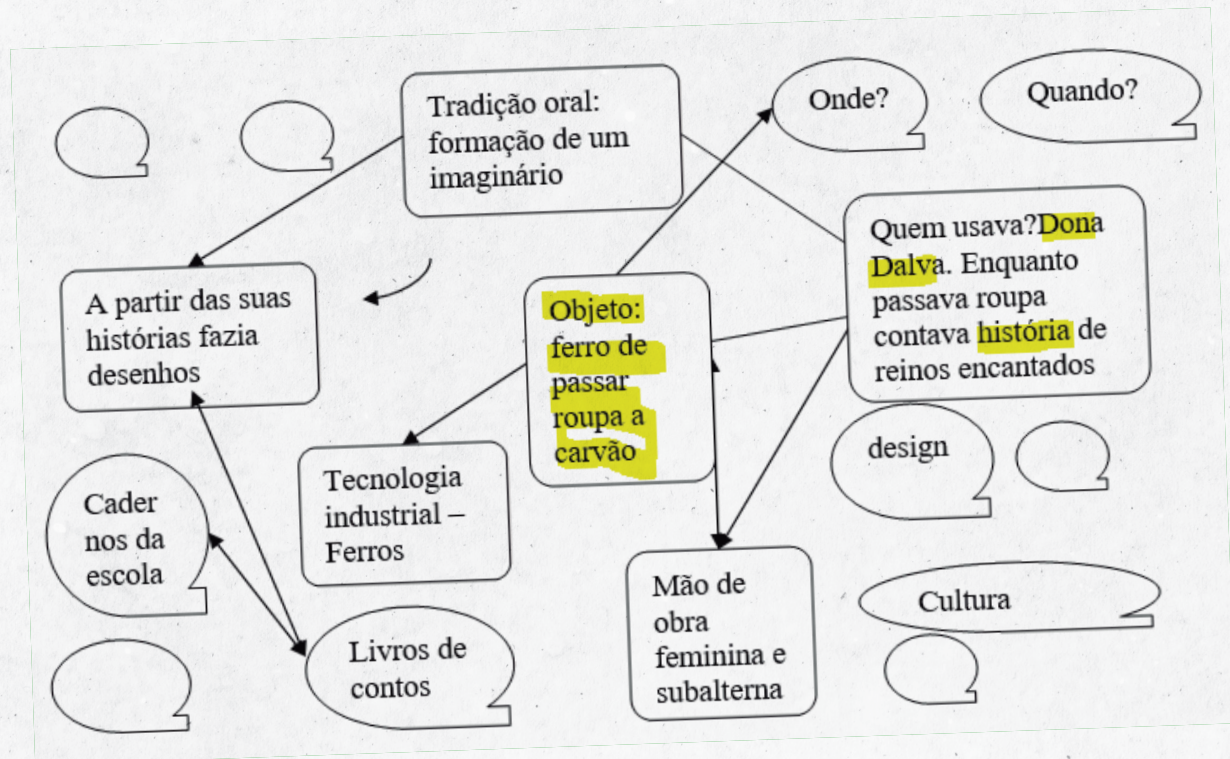


Figura - Mapa relacional a partir do objeto Ferro de Passar. Página 49 da tese Entre a universidade e a diversidade: a linha vermelha do ensino da arte (Guimarães, 2005).

Objeto de memória - O ferro de passar
Quando pequena, as luzes da cidade apagavam pontualmente às 21:00 horas. Dona Dalva, uma senhora que trabalhava na minha casa, só passava roupa depois desse horário. Acendia um candeeiro, arrumava seu pito e, no sossego, ficava trabalhando com um ferro de brasas. O apagar das luzes sinalizava a hora de dormir, para no outro dia bem cedo ir para a escola. Eu, no entanto, tinha outros planos. Levantava na ponta do pé e, sorrateiramente, ia para junto de Dona Dalva, que, cúmplice, já sabia o que eu estava querendo. Ela começava então a contar as mais belas histórias, de reinos encantados, de intrigas, de heróis com suas missões. Só ia dormir quando ela terminava sua tarefa, ou quando, não tão cúmplice, me expulsava mais cedo do seu reino. No outro dia, meus cadernos enchiam-se de desenhos, fadas, príncipes, princesas, lenda encantadas... Uma pena que as freiras não entendessem... Das fábulas escritas, copiava imagens e depois as recopiava e acrescentava alguns detalhes. Mas nada substituía minhas "fugas" para ficar a ouvir aquelas histórias contadas e repetidas por D. Dalva, que nunca tinha escutado falar dos irmãos Grimm. Nem precisava.

Figura - Texto que contextualiza o mapa relacional a partir do objeto Ferro de Passar. Página 49 da tese *Entre a universidade e a diversidade: a linha vermelha do ensino da arte*. Guimarães, 2005.

Este mapa foi usado como exemplo de possibilidade de construção de outros mapas, mas o meu acabou não tendo muitos detalhes. Muito do que eu escrevi na primeira parte deste memorial poderia vir para esta imagem, sendo a pessoa de Dona Dalva o ponto deflagrador. Eu também poderia ter começado por uma imagem do livro da Barsa, de uma revista em quadrinho, de uma roupa de vaqueiro, pelo violão da minha avó, pelas charadas do meu pai, dentre outras possibilidades.

No gráfico, pode-se perceber que uma rede interativa foi se formando. Eu mesma só me dei conta de certas relações no processo, por exemplo, minha escolha pela arte, minha mania de desenhar, de ouvir e contar histórias. Evidenciava-se também a assimetria das relações sociais, da condição feminina e do trabalho doméstico. O trabalho duro de Dona Dalva, o calor do ferro de brasa e aquela quantidade de roupa impecavelmente passada, que revelava muitas histórias, minhas, dela e da minha família, do meu lugar, de outros objetos, etc. (Guimarães, 2005, p. 49).

Mais tarde, iria usar esses esquemas nas conversas de orientação de mestrado e doutorado. Depois, o esquema relacional se torna caminho metodológico, como na pesquisa de doutorado de Wolney Fernandes Oliveira (2016), que desenvolve um percurso aprofundando conceitos e possibilidades investigativas.

Figura - Registro de esquema relacional de Wolney Fernandes. Arquivo Pessoal do autor.



Figura - Registro de esquema relacional de Wolney Fernandes. Arquivo Pessoal do autor.

Minha pretensão era de que esse mapeamento pudesse me ajudar no recolhimento e valorização de resíduos difusos e na evidência de questões que pudessem, a princípio parecer desconectadas. Aos poucos, fotografias, desenhos, excertos de falas, recortes, hiatos, imagens inacabadas e fluidos pulsantes e dissolventes foram materializando algumas marcas dessa trajetória e me ajudaram a conectar pessoas a lugares, lugares a histórias, histórias a imagens, imagens a ideias, dúvidas e toda sorte de vislumbres. Um espaço que pudesse reunir os mapas dessa cartografia (Fernandes de Oliveira, 2016, p. 65).

As experiências em sala de aula com as questões dos populares, buscando sair do “singular para o plural” (Bosi, 1992) transpassados pelas discussões do multiculturalismo e seus desdobramentos, e ainda, pelas che-gantes discussões da cultura visual, pavimentaram a construção de um projeto para concorrer ao doutorado.

Desta vez, já tendo São Paulo como lugar possível, consegui ser aprovada no Programa de Pós Graduação em Arte da Escola de Comunicação e Artes da USP para ser orientada pela Dra. Ana Mae Barbosa, um sonho antes não imaginado. Colaboraram para este passo a profa. Dra. Irene Tourinho e a profa. Dra. Maria Elízia Borges, ambas atuantes na Faculdade de Artes Visuais, que já vinham me provocando para fazer este movimento para um doutoramento. Irene foi uma interlocutora preciosa na sistematização de uma proposta de investigação em torno de ensino de arte e multiculturali-

dade, ajudando com a fundamentação conceitual, sempre me provocando com observações de corte preciso.

Maria Elízia, por sua vez, instigava a minha “postura como doutora” na academia, a necessidade de estar presente em eventos, participar de redes e ter uma produção em torno de determinados interesses investigativos que iriam, ao longo de uma trajetória, criar um “lugar de fala”. Creio que a questão do popular já se mostrava como essa “marca” e, com isso, projetos de iniciação e outros projetos em sala de aula eram desenvolvidos. A produção reflexiva resultava dessas ações, como se pode notar nesses textos escritos entre 1998 e 1999:

- Guimarães, L. M. B. **Artesanato**: um tabu na Academia In: X Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, São Paulo. 1999.
- Guimarães, L. M. B. **FOLK, Pop e Multi- mudança de concepções culturais de arte na UFG**. In: XIII Congresso da Federação dos Arte Educadores do Brasil. Campinas-SP: 1999
- Guimarães, L. M. B. Conexões entre arte e cultura In: **Anais da X CONFAEB**. Brasília-DF. 1998. v. 1.

Esse conjunto de ações docentes ia também provocando a construção da professora pesquisadora, iniciada no mestrado com as questões do desenho e que, agora, apontavam para outros rumos das questões sobre os populares. No segundo semestre de 2000, reúno a coragem e as experiências

docentes para iniciar o doutorado na USP, com a supervisão da Dr^a. Ana Mae Barbosa.

Quando terminei o doutorado, não pude assumir a disciplina de Arte e Cultura Popular. Um fato curioso, é que a minha volta para a “ativa” depois da conclusão do doutorado foi também a minha inserção docente no curso de Licenciatura. Até então, não havia trabalhado com disciplinas nem teóricas nem práticas do campo específico do ensino de artes, isso só foi acontecer depois do meu batismo com o Estágio Curricular Obrigatório.

Mas aqui vem uma outra pergunta: Será que o fato de não ter re-assumido a disciplina de arte e cultura popular me fez entender que as questões que construí no doutoramento não precisavam se restringir a uma disciplina, poderiam se espalhar no currículo, ir além da graduação? Método ou teimosia?

O fato é o reencontro com a Licenciatura depois do doutorado. Por que nunca antes havia me dado conta disso? Ser docente de uma licenciatura em artes diz muito do nosso lugar de sujeito, das agendas que vamos construindo, das interações nas quais vamos nos reinventando, ou seja, um lugar político de uma luta pela arte educação no Brasil.

É curioso recuperar a memória por meio de um documento fornecido pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas - SIGAA, a listagem de todas as disciplinas que cada docente já ministrou na UFG. Baixei, salvei e imprimi essa lista. Li, reli, rabisquei. Me reconheci e desconheci,

tem presenças mas também tem ausências, em outro momento seria preciso revirar essa lista e procurar o avesso dessa história docente. Por exemplo, não lembro de ter trabalhado com a disciplina **Ensino de Arte e Mídias Contemporâneas** no primeiro semestre de 2005 e nem da disciplina **Oficina de Desenho: Processos de Invenção e Criação** no mesmo semestre, que foi quando defendi a tese. Mas o que são as lembranças?

Já a disciplina **Cultura, Currículo e Avaliação em Arte I**, no segundo semestre do mesmo ano, é mais viva em minha memória. Consegui achar o plano e a ementa: “Cultura, planejamento, currículo e avaliação: concepções e práticas; avaliação e currículo no Brasil: políticas e implicações para a organização escolar; sistema de avaliação da educação básica; cultura, planejamento e relações de poder na escola”.

A ementa vinha pronta, mas os objetivos eram desenhados por quem assumia a disciplina, e os meus eram: Discutir as inter-relações entre currículo, cultura e formas de avaliação; compreender o currículo como construção histórica e sócio cultural; repensar formas de avaliação de acordo com uma educação contemporânea.

A base conceitual da disciplina estava nas Pedagogias Culturais, especialmente no grupo dos Estudos Culturais do Rio Grande Sul: Tomaz Tadeu; Ireno Berticelli; Antonio Flávio Barbosa Moreira, além de Jurjo Torres Santomé. Inseri na bibliografia dois textos, o de Michael Parsons e o de Enid Zimmermann. O primeiro, traduzido por mim e o segundo pela mi-

nha amiga Maria das Vitórias Amaral, durante nossa estadia para o doutorado sanduíche na *The Ohio State University* (2003/2004). Os textos foram encomendados por Ana Mae Barbosa para o livro *Consonâncias Internacionais do Ensino de Arte*, que só foi publicado em 2006 pela Editora Cortez. Ou seja, já começava a utilizar os ativos do processo de formação do doutorado, que vai muito além da produção da tese.

Essa disciplina ficava a cargo de professores(as) da Faculdade de Educação e em algum momento depois dos anos 2000, fizemos a disputa narrativa de que docentes da própria Faculdade de Artes Visuais assumissem as mesmas. Ganhamos a batalha junto à pró-reitoria de Graduação e, antes de mim, a professora Irene Tourinho foi responsável por esse conteúdo com a retomada.

Em 2006, passaram-me uma disciplina de estágio e vou me deter um pouco mais sobre isso. Mas, antes, retomo a linha do tempo de outras disciplinas que demonstram minha inserção definitiva no curso de Licenciatura. São elas: *História do Ensino das Artes Visuais no Brasil* (2010, 2011, 2012, 2014) e *Fundamentos da Arte na Educação* (2008, 2013, 2016, 2017). Anos mais tarde (2015, 2020), volto para a disciplina *Arte e Cultura Popular*, para a qual eu achava que tinha me preparado no processo do doutoramento.

No período pós-pandemia (depois falo da pandemia), quando retomamos as aulas presenciais, fui agraciada pela coordenadora do curso com uma disciplina de *Desenho*, permitindo-me voltar às minhas questões do

mestrado realizado há 20 anos. Sempre senti falta de uma sala de aula tipo atelier, seja para disciplinas teóricas ou práticas. Exemplo disso é que tanto em Fundamentos da Arte na Educação quanto em História das Artes Visuais no Brasil foram realizadas experiências de produção de processos poéticos na interlocução com concepções trazidas pelos textos de autores e autoras que deram base à construção do conhecimento nessas disciplinas. Mais uma vez, reviro arquivos antigos em busca de pistas dessas experiências.

A disciplina História das Artes Visuais no Brasil: redesenhos

- Percursos históricos das concepções e práticas de ensino de arte. As organizações de ensino e as academias de Belas Artes. Ênfases conceituais e práticas no ensino de arte. A Escola Nova e o movimento “Escolinhas de Arte do Brasil”.

O conteúdo programático desenhado para aquele semestre deliberadamente não obedecia a ementa, como pode ser visto:

1. Uma história: muitas histórias: aspectos de trajetórias pessoais em relação a história do ensino de artes
2. Desconstrução da delimitação do início da nossa história: quando começa, quem faz e quem escreve a nossa história?
3. Catequização e educação estética: os Jesuítas

4. O papel do Estado: o desenho como elemento da modernidade
5. A educação da arte para as mulheres
6. A educação artística e estética do povo

Com esses pontos, procurava de certa forma desfragmentar a ementa embalada e praticamente imutável de temporalidades canônicas para esta disciplina, não só na minha instituição, como em muitas outras. Assim, começava questionando o início dessa história de ensino com os jesuítas no Brasil colonial. Dediquei um espaço para a educação para as mulheres, o que incluía uma revisão do lugar menor para os trabalhos manuais e avançava na educação para os ofícios como, por exemplo, os cursos de corte e costura propostos por movimentos negros como espaços de qualificação e emancipação para mulheres.

Não poderia deixar de fora as questões sobre arte e cultura popular discutidas no doutorado e a questão das aprendizagens não formais, onde as artesanias tem um importante lugar na educação artística e estética de muitas pessoas, em especial, no estado de Goiás. Nele, muitas jovens que chegavam aos cursos de artes visuais tinham passado em um determinado momento de suas vidas por aprendizagens de bordado, tecelagem, crochê, tapetes, corte e costura, o que acontecia no ambiente familiar por meio de tias, avós, madrinhas ou mães. A presença destes saberes como assunto da

disciplina pegava muita gente de surpresa, gerava estranhamentos e reconhecimentos. Consegui abrir um arquivo com alguns depoimentos da turma de 2012 sobre a trajetória escolar como exercício de criar ganchos com os conteúdos dos textos que iam sendo estudados:

Depoimentos ALUNOS TURMA 2012.

- Minha tia que foi mandada por minha avó para estudar em um colégio desses religiosos onde **só havia meninas**, teve em sua formação exercícios artísticos iguais aos citados no texto “Escola de Mulheres”. Segundo minha avó, **minha tia aprendeu a desenhar, pintar, bordar, tricô e cantar** (J. A. de S).
- Lembrando do período primário no qual as **artes sempre se limitavam em momentos de recreação**, ficando apenas no plano das datas comemorativas como festas juninas, dia das mães, Páscoa, etc. Não tinha importância enquanto disciplina, e quando as artes eram inseridas na grade curricular, trazia como **metodologia princípios clássicos de perfeição**, fazendo-se perder a liberdade expressiva. Outro momento que me lembro que as aulas se faziam de forma descompromissada em que a professora **nos entregava os materiais e deixava os alunos à vontade**, ou seja, o famoso “laissez faire” citado por Ana Mae (L.A.T).
- Um fator que me fez compreender e fazer associações foi a maneira do ensino de arte utilizado como “fixador” para as outras disciplinas, que foi durante o ensino fundamental, onde eu cursei educação artística e os primeiros contatos com desenhos, vieram acompanhados com as relações históricas, principalmente nacionais, como descobrimento do Brasil, fatores que implicavam trazer a nacionalização a todo momento, como pude associar com o texto da autora Cyntia

Greive em Educação Estética para o Povo, o processo civilizatório. Estas reflexões permeiam até o dia de hoje (N. da S. T)

- Acredito que um desses aspectos históricos da minha vivência seria o **desenho infantil de crianças com necessidades especiais** de aprendizado, justamente por ter uma criança portadora dessas necessidades em minha família. Em alguns textos, senti a ausência desse tema, por isso ao longo desse estudo procurei outras fontes, além das programadas na disciplina, para poder me inteirar desse assunto pelo qual me interessa, pelo fato de poder compreender como funciona o processo de desenho dessas crianças, que **em alguns casos não passam das garatujas** (P. N. dos S.).
- Como foi discutido em vários momentos das aulas, lembro-me de aulas que tive que na sua maioria foram de maior liberdade de expressão, digo que poucas foram as aulas que tive com modelos mais rígidos de cópia de outras imagens, por exemplo, minha formação foi mais livre porém **lembro de parentes contarem de escolas de tempo integral** que ensinavam de maneira rígida com fundamentos da “boa sociedade” onde **homens tinham aulas voltadas para o trabalho físico e mulheres para a lida doméstica** como fala no texto dos jesuítas (Y.P).
- Bom, na minha infância, tive uma **professora que era super rígida** e chegava na sala de aula com **desenhos prontos de patinho, de cenoura, de casinha e colocava os alunos para colorir. O desenho que ficasse mais bonito era exposto na parede, eu achava aquilo constrangedor.** Agora quando estudo os textos dessa disciplina História do Ensino de Artes no Brasil, **percebo que esse modelo vem de muito tempo atrás, ela seguia um padrão totalmente europeu,** eu não digo só pelos desenhos, mas pelo jeito que tínhamos que nos sentar em sala de aula (F.C.G).
- **Do pouco que me lembro das minhas aulas de arte durante meus primeiros estudos, praticava muito a ampliação de desenhos com a utilização de redes estimográficas achando que aquilo era algo inovador e moderno....** (E.S.M).

Além desses depoimentos, encontro outras reflexões sobre a situação familiar, quando a mãe contava histórias ou como alguém tinha como professora a avó, que ensinava a bordar, costurar, fazer cestas, cozinhar e a se comportar. Esse relato faz conexões desses fatos com o texto “O ensino de Artes em uma Escola de Mulheres”, de Roberta Maíra de Mello (2008), onde jovens eram instruídas em conventos ou pequenas escolas para ter um padrão social de conduta para a formação de uma boa dona de casa.

Nos depoimentos, outra pessoa estabelece semelhanças entre a atitude do pai e Mário de Andrade, em se tratando da visão sobre os desenhos infantis, quando a criança tinha total liberdade para desenhar, rabiscar e sujar. O aluno explica que o pai procurava não interferir nos seus desenhos infantis para incentivá-lo a desenvolver melhor aspectos como a plasticidade, enquanto Mário via o caráter psicológico da criança.

Devo ter atormentado a cabeça dos estudantes, pois era muito assunto para tão pouca carga horária de apenas 32 horas, a metade de uma manhã uma vez por semana. Mas tenho boas recordações dos efeitos das provocações que fazia, especialmente no processo em que cada estudante percebia que a história do ensino das artes visuais não era alheia às suas vidas. Cada pessoa conseguia identificar aspectos que poderiam “ilustrar” fatos, teorias e concepções com as quais estávamos trabalhando.

Um pai que tinha feito o ensino técnico de desenho com o Instituto Universal Brasileiro, uma mãe artesã, um curso de pintura a óleo com um/

uma artista de sua cidade, exercícios escolares de cópia e muitos outros exemplos que poderiam ser mencionados são exemplos das conexões que iam surgindo.

Trabalhei com textos resultantes de pesquisas de colegas no período de doutorado. Pode parecer confuso, portanto vou tentar explicar. Ana Mae Barbosa costumava fazer reuniões de orientação coletivas com todo seu grupo de orientandos/as, o que incluía mestrandos/as e doutorandos/as. Eram reuniões muito potentes em todos os sentidos: a formação **co-elabor-ativa** (termo de Lilian Amaral) quando ouvíamos, escutávamos, palpitávamos sem hierarquias entre os níveis mestrado/doutorado. Lilian, que é artista-artivista dentre tantas outras coisas, divide propositalmente a palavra para enfatizar construções coletivas de “[...] ambientes momentâneos de vida -museus efêmeros-e sua transformação em uma qualidade afetiva ampliada, em narrativas coautorais realizadas em processos de partilha geopoética” (Tojo e Amaral, 2018, p. 5). Tudo a ver com aquela trupe de nordestinas/os (de lugares diferentes) transitando em São Paulo, criando momento de vida acadêmica entre situações institucionais e não institucionais.

As experiências com as turmas com as quais trabalhei essa disciplina foram apresentadas e discutidas no texto “Entrelinhando a História e o Ensino de História das Artes Visuais no Brasil” (2012), no qual procurei dar ênfase às conexões entre as experiências dos/das estudantes com fatos e atores/atrizes listados na nossa história do ensino das artes visuais no Brasil.

Ainda me reportando à experiência da docência na graduação, selecionei o trabalho com Práticas Pedagógicas e/ou Estágios Curriculares por acreditar que tenha sido uma experiência que provocou diversos atravessamentos e deslocamentos, dentre eles: recriação da proposta da licenciatura presencial para a licenciatura EAD; espraiamento da proposta em diversas cidades dentro e fora do estado de Goiás; formação de parcerias interinstitucionais com o desenvolvimento da proposta de acordo com cada Instituição de Educação Superior (IES) que ofertava o curso na modalidade EAD (Universidade de Brasília/UnB, Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Universidade Federal de Montes Claros/Unimontes, dentre outras).

Estágio Curricular Obrigatório:

diálogos entre a universidade, a comunidade e a escola

Como dito, o estágio chega à minha docência depois do doutorado. Em 2005, defendo a tese intitulada “Entre a Universidade e a Diversidade: a linha vermelha do ensino da arte”⁵. Nesta tese, desenvolvo reflexões sobre o espaço do popular no currículo da formação tanto das licenciaturas quanto dos bacharelados em artes visuais.

Com a minha volta à FAV, algumas questões pairavam no ar: 1) Como não perder o fio da meada desses anos imersivos de estudo neste momento

⁵ Entre a Universidade e a Diversidade: A Linha Vermelha do Ensino de Arte. Tese defendida em maio de 2005, na ECA-USP, sob a orientação da prof.^a Dr.^a Ana Mae T. Barbosa.

de volta à prática? 2) Como retomar a disciplina de Arte e Cultura Popular aprofundando as discussões de multiculturalismo, ensino de arte em contexto de comunidade, cultura visual, identidade e diversidade cultural, estética do cotidiano, dentre outros caminhos que eu havia trilhado para a construção da minha narrativa pedagógica durante o doutorado?

Indagações que prepararam novas propostas para o trabalho com os populares na FAV. Ledo engano! Um ano depois da minha volta, designaram-me os estágios curriculares obrigatórios com os quais nunca havia trabalhado.

Quem sabe por ser adepta do ditado popular de fazer do limão uma limonada (muitas vezes amarga), de 2005 a 2009, mergulhei fundo nessa outra dimensão da formação de professores. Para cada ano foi desenhada uma proposta, desenho este, voluntária ou involuntariamente, feito por muitas mãos e por muitas cabeças, desejos e contra-desejos. Passo então a detalhar cada proposta⁶, contextualizando a turma para, no final, estabelecer um contraste entre as três e ver se, como anunciei no resumo, consigo delinear princípios norteadores que sirvam para reflexão de uma maneira diferenciada de se fazer a prática pedagógica.

A característica da turma de 2005 é que esta era a última que havia passado por uma reforma curricular. Até aquele ano, o sistema da UFG ainda era anual e os estágios na Faculdade eram divididos em quatro etapas. Assim, aquele ano era o último e a disciplina Práticas Pedagógicas IV, a úl-

⁶ Parte dessa proposta já foi apresentada nos encontros da Anpap em co-autoria com as professoras Ana Rita Vidica e Maria Elizia Borges (2005) e com Maria Elizia Borges, em 2006.

tima etapa da atividade de estágio na qual os alunos deveriam desenvolver uma ação pedagógica. Tendo passado quatro anos fora da FAV em doutoramento, não tinha noção de como os estágios haviam sido realizados até então. Para me situar, no início do ano pedi aos alunos que relatassem as experiências relativas aos estágios anteriores, tentando detectar o que foi considerado problema e o que foi avaliado como positivo. As reclamações podem ser organizadas em dois grandes grupos:

- Problemas relativos à escola: Má vontade da coordenação para receber estagiários/as; falta de preparo do(a) professor(a) regular; a percepção de que a presença de estagiários(as) era vista como ameaça.
- Problemas relativos ao curso: Acúmulo de disciplinas no último ano; falta de conexão entre os conteúdos estudados e professores; superposição do relatório de estágio com o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (exigência implementada em 2000 como condição para a formação do licenciando em artes visuais).

Após refletir em conjunto sobre esses problemas, tentei fazer uma proposta que procurasse não necessariamente solucionar estas questões, mas, certamente, pôr em xeque uma parte dessas dificuldades. Por outro lado, a ementa da disciplina indicava a inter-relação da pesquisa com o estágio, o que me deu a ideia de somar esforços, saberes e conteúdo de mais duas disciplinas: Atelier IV - Fotografia e novos meios e História da Arte na América Latina. Estas estavam sendo ofertadas naquele semestre para aquela turma em torno de um projeto comum: Bairro, Escola, Uni-

versidade. Essas três instâncias foram entendidas enquanto comunidades que podiam ser colocadas em diálogo no desenvolvimento da prática pedagógica daquela turma.

Partimos da investigação das características visuais, culturais e históricas de alguns bairros de Goiânia nos quais foram mapeadas escolas formais ou espaços não formais onde cada grupo de alunos desenvolveu a prática pedagógica. Uma vez investigado o bairro e escolhida a escola/espço, outro processo de investigação foi iniciado: o contexto da própria escola (características físicas e espaciais da escola, atores envolvidos e suas narrativas, formas de trabalhar o ensino de arte, projetos desenvolvidos etc.). Toda essa etapa de levantamento ocupou um semestre e os dados do trabalho de campo serviram como elementos norteadores para construir a prática a ser aplicada no próximo semestre.

No Encontro Nacional da Anpap de 2005, apresentamos uma reflexão relativa aos aspectos pedagógicos de como essa experiência interdisciplinar procurou estimular o interesse investigativo na correlação ensino de arte, cultura visual e comunidades. Assim, fomentando a discussão sobre arte pública, popular, identidade e memória, patrimônio e acervo cultural, dentre outros conceitos, enfrentando o desafio de desenvolver um projeto interdisciplinar partindo das competências e especificidades de cada disciplina na realidade do ensino superior.

Colocamos alguns exemplos da ação de desvelamento dos bairros e a construção processual da proposta de intervenção pedagógica com base na pesquisa e na construção de parcerias entre atores das três comunidades a qual nos referimos: Escola, Bairros, Universidade.

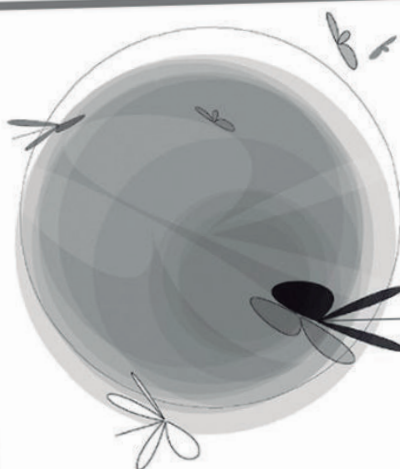
Percebi que atuar mais explicitamente com formação poderia favorecer meus enfrentamentos teóricos reflexivos para o ensino de artes visuais, expandindo minha ação da universidade para a escola e a comunidade.

Na experiência do doutorado sanduíche na *Ohio State University*, tive a oportunidade de acompanhar a Prof^a. Dr^a. Vesta Daniel em disciplinas de “Prática pedagógica em comunidade” nas quais, semanalmente, ela ia com seus estudantes desenvolver projetos em centros comunitários. Também acompanhei a Prof^a. Dra. Flávia Bastos na Universidade de *Cincinnati*, em projetos que integravam universidade e bairros, sendo estes projetos parte do currículo. Inspirada e provocada por essas professoras, aliada à minha vontade de botar o pé no mundo com as questões dos populares, trouxe para o Estágio essas inquietações como molas propulsoras’ para vivências outras que pudessem atravessar tanto os muros da universidade, quanto os muros das escolas formais.

A pesquisa da diversidade de contextos culturais foi a base para a elaboração de propostas de intervenções pedagógicas tanto em espaços de educação formal quanto em espaços de educação não formal, de acordo com a estrutura dos estágios da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Alguns

pontos foram se tornando norteadores na construção de propostas alternativas com base na arte e cultura.

1. Compreender a prática pedagógica como prática cultural amparada pela noção de multiculturalismo e de cultura visual;
2. Entender a experiência do estágio como momento de construção de identidade docente (hoje, eu faria uma revisão nesse item, chamando atenção para o fato de que identidades não são fixas);
3. Investir na formação docente com base na investigação;
4. Considerar a escola ou espaço de estágio como uma comunidade a ser vivenciada, explorada, levantando suas demandas e possibilidades;
5. Construir parcerias na elaboração, no desenvolvimento e na avaliação da proposta de intervenção pedagógica;
6. Dar visibilidade ao resultado das parcerias através da entrega de certificado de participação para todos os atores envolvidos no processo (estudantes, professores, coordenadores, funcionários, pessoas da comunidade etc.).



certificado

Fav
FACULDADE DE ARTES VISUAIS | UFG

Certificamos que _____
participou do _____
na condição de _____ Parceiro, no período de
_____ a _____ de 2007.



Profa. Leda Guimarães
Coordenadora do Estágio Pedagógico
Licenciatura em Artes Visuais - FAV/UFG

Equipe-Estagiários(as):

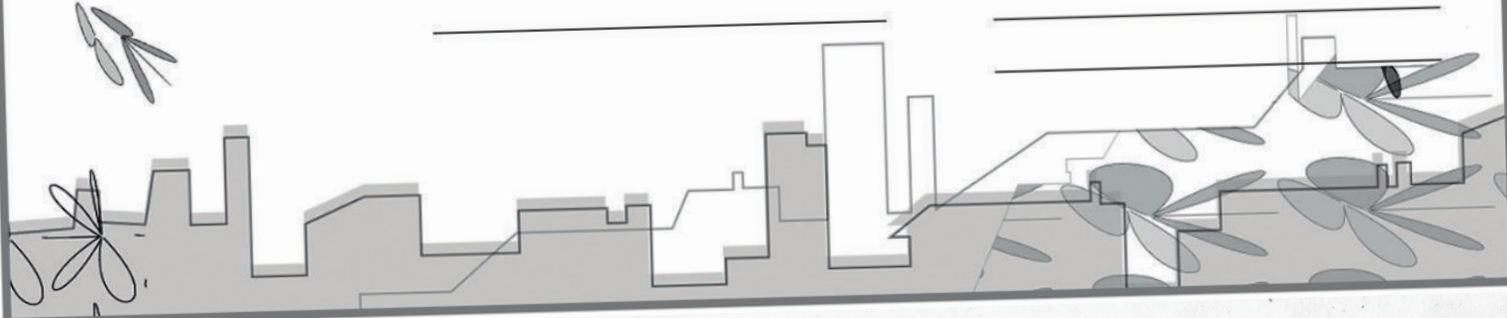


Figura - Certificado desenvolvido pela aluna Carla Osório para a turma de Estágio IV e V do ano de 2007. Arquivo pessoal.

Esses pontos não estavam previstos dentro de um ideário da disciplina. Nasceram de concepções de ensino de arte em contexto de comunidade e das minhas experiências trabalhando com cultura visual do povo. Procurei trazer minhas discussões sobre multiculturalismo e cultura visual para o contexto da prática pedagógica e propor projetos que pudessem romper tanto em forma quanto em conteúdo o que se vinha fazendo como estágio.

Foram (e continuam sendo) muitas as questões que nortearam aquele *start point*. Primeiro: como conectar as questões de uma educação multicultural e de cultura visual à prática pedagógica? Haveria espaço para trabalhar a desfronteirização pedagógica entre arte e não arte?

Segundo: os alunos da licenciatura já estariam familiarizados com outras estéticas tais como arte pública, arte popular e outras vertentes que fora do tradicional ponto de vista da história da arte? Ademais, pareceu-me importante questionar a própria estrutura da prática pedagógica com a seguinte reflexão: que alternativas temos para irmos além da observação, semi-regência e regência, trilogia que na maioria dos casos, não comporta as experiências de estágio em artes, uma vez que em muitas escolas não temos a oferta da disciplina ou temos a disciplina com regentes com formação não específica, além de outras dificuldades comumente apontadas pelos estudantes em fase de estágio.

Assim, elaborei em 2005, para a disciplina Estágio o projeto “Bairro, Escola, Universidade” – uma proposta interdisciplinar que envolvia ou-

tras disciplinas, pensar em conjunto com outros campos de conhecimento dentro do próprio currículo como a professora Dra. Maria Elízia Borges, professora de História da Arte no Brasil e História da Arte na América Latina e a então professora de fotografia Ana Rita Vidica (hoje, professora da Faculdade de Informação e Comunicação-FIC-UFG).

A proposta procurou estimular o interesse investigativo na correlação ensino de arte, cultura visual e comunidades, fomentando a discussão sobre arte pública, popular, identidade e memória, patrimônio e acervo cultural, dentre outros conceitos. Foi proposto aos estudantes do 4º ano de Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina Estágio IV, que desenvolvessem sua prática pedagógica em três etapas: 1) pesquisar a visualidade e a história de um determinado bairro da cidade de Goiânia; 2) escolher uma escola deste bairro onde a prática pedagógica pudesse ser desenvolvida e 3) a partir do material levantado, iniciar o processo de planejamento pedagógico a ser realizado em parceria com professores/as e coordenações da escola e, se possível, envolvendo pessoas da comunidade do bairro pesquisado.

No primeiro momento, os alunos divididos em grupos escolheram os bairros a serem pesquisados para iniciarem os trabalhos de campo. Cada grupo realizou o mapeamento das ruas a serem levantadas e fez-se o registro fotográfico com a orientação da professora Ana Rita Vidica.

A orientação foi de fotografar tudo ao redor, atentando para os elementos visuais mais característicos dos respectivos bairros/ruas. Foram regis-

tradas imagens em interior de lojas, propagandas, muros pichados, monumentos em praças públicas, terminais de ônibus, visualidade de barracas de feiras, arquiteturas representativas e escolas de cada bairro. A pesquisa de campo colocou os alunos em contato com formas visuais convencionais e não convencionais. Revelou também uma visualidade mais “oficial” como, por exemplo, bustos e estátuas de notáveis, monumentos, painéis de artistas locais etc. Mas também, registravam propagandas de muros, letreiros, painéis publicitários, paredes pintadas, grafites etc. Os estudantes faziam perguntas, entrevistavam transeuntes, moradores e comerciantes que informassem sua relação com o lugar e/ou com as visualidades registradas. Também fizeram consultas a documentos bibliográficos sobre o bairro investigado.

As visualidades fotografadas iam, aos poucos, revelando pontos de contato com a história da arte que se estuda na universidade nos cursos de arte. Abriu-se um leque de referências para o ensino da arte, da cultura local à cultura erudita, um leque de possibilidades de contextualização, reflexão e prática pedagógica. A etnografia também ia revelando práticas e saberes que geralmente ignoramos, por exemplo, profissionais que organizam vitrines nos comércios, que pintam murais (letras e imagens), que cuidam de jardins, que consertam e reparam objetos como painéis e sapatos.

Anos mais tarde, essa experiência iria se transformar em material pedagógico com essa proposta de estágio, a qual, segundo meus pares, não era estágio. Vejo como essa ação dialogava com a minha entrada no Programa

de Pós-Graduação em Cultura Visual (este era o nome do PPG que, na época, só oferecia mestrado). O levantamento das visualidades gerava discussões sobre arte pública, arte popular e cultura visual. Começamos a discutir o conceito da cultura visual na arte educação em várias direções.

Os dilemas entre arte e cultura visual provocavam mais que uma ampliação dos conteúdos curriculares, saindo do repertório das imagens do campo da arte (especialmente circunscrito ao que se estudava nas disciplinas de história da arte). Instigava também a se pensar em mudanças nas estratégias pedagógicas frente à agressiva e massiva distribuição da imagem na contemporaneidade. Minha defesa era a de que ensinar artes com foco na cultura visual pressupunha um novo nível de teorização sobre arte educação, conectado com a emergência da filosofia pós-moderna baseada neste ambiente de visualizações inter, pluri e transculturais.

Essas foram questões estudadas no percurso do doutorado, mas que ali, naquele projeto de um outro estágio, tínhamos condições de vivenciar na prática a pertinência e as possibilidades de pensarmos em pedagogias culturais, uma vez que, como afirma Sandra Corazza: “[...] para além da instituição escolar, existe e ocorre “pedagogia” em todo o espaço social em que saberes são construídos, relações de poder são vividas, experiências são interpretadas, verdades são disputadas” (Corazza, 2001, p. 28).

Como projeto pedagógico, a cultura visual só pode ser entendida de uma forma transdisciplinar que procura interpretar, analisar e responder ao

conjunto de experiências visuais dentro e através da cultura contemporânea. O reconhecimento do uso das artes para a compreensão da cultura visual é também enfatizado por Eisner (2002), que fala desse campo como um esforço para ajudar os estudantes a aprenderem como decodificar valores e ideias que estão entranhadas tanto na chamada cultura popular quanto na arte erudita. Cultura Visual abriga um amplo leque de manifestações visuais: formas eruditas, populares, tradicionais, massificadas, midiáticas, industriais, artesanais etc. Aqui foi dada uma ênfase nas manifestações que estão à margem dos códigos hegemônicos sem deixar de terem conexões com a mesma.

Para o aprendizado de fotografia e o desenvolvimento do olhar fotográfico, foi realizado um trabalho de análise de imagens no qual os/as estudantes observaram com cuidado figuras que permeiam o cotidiano (revistas, *outdoors* e outras), para que se desse o “estranhamento do familiar” como detalhado na página 99 deste material. Buscou-se instigar os estudantes a pensar visualmente, mentalizando enquadramentos, formas, através da percepção das relações de luz e sombra etc.

Este pensar fotográfico certamente foi proporcionado pelo conhecimento dos recursos estéticos e técnicos de composição. Uma vez levantadas e catalogadas as visualidades dos bairros, a professora de História da Arte, Maria Elízia Borges, discutia essas imagens por meio de leituras iconográficas no viés da historiografia da arte e também estabelecia paralelos com visualidades de arte pública no Brasil e na América Latina.

Desdobramentos das propostas:

da intervenção para a colaboração pedagógica

A escola passou a ser pensada em conexão com o bairro buscando atravessamentos que deflagrassem propostas para o ensino de artes visuais. Alguns motivos me levaram a selecionar o exemplo que vou mencionar de forma sintética. Primeiro porque uma das estudantes se tornou professora da nossa Licenciatura, depois porque a etnografia das visualidades do bairro nos trouxe Inácio, artista vindo do Mato Grosso, pintor de muros e anúncios comerciais no bairro Pedro Ludovico, que acabou participando da Bienal *Naif*, Entre Culturas, curada por Ana Mae Barbosa (2006). Terceiro, pela ação pedagógica e a conexão que o grupo de estudantes conseguiu estabelecer com a escola onde estagiaram.

O grupo que pesquisou o Setor Pedro Ludovico encontrou neste bairro uma riqueza de imagens, painéis publicitários, artísticos, pichações, letreiros etc. Descobriram também que a imagem de uma noiva no muro de uma loja de vestidos de casamento era de Inácio.

Figura - Maria Rosa (Maria Ferreira dos Santos/ Itarema - CE, 1994 - Itarema - CE, 2005) Etnia Povo Tremembé de Almofala - CE/. Flores 2, Acrílica sobre tela 30x50cm. Acesso FIEC - Federação das Indústrias do Ceará. Bienal [...], 2006, 236 p.

Disponível em: https://issuu.com/secesp/docs/bienal_naifs_do_brasil_2006_250?e=1488811/63895724

Naiifs

[entre culturas]

Bienal Naifs do Brasil 2006

SESCSP
SÃO PAULO • BRASIL

Naiifs

[entre culturas]

Figura - Pedro Inácio da Silva, Nova Londrina, PR, 1965. Um dia da caça e outro do caçador. Madeira e Látex, 110x180 cm. Coleção do Artista. Bienal [...], 2006, 236 p. Disponível em: https://issuu.com/ses-csp/docs/bienal_naifs_do_brasil_2006_250?e=1483811/63895724



Pedro Inácio da Silva
NOVA LONDRINA | PR, 1965
Um Dia da Caça e o Outro do Caçador
Madeira e látex
110 x 180 cm
Coleção do artista

Descobriram mais: A família dona desta loja foi uma das fundadoras do bairro. A família nasceu de um casamento entre um nordestino e uma polonesa. Esta família promove anualmente o maior casamento coletivo do Brasil, transmitido inclusive pela rede Globo. Dentre as muitas possibilidades, o grupo escolheu a “noiva” como ponto de partida para a proposição de uma intervenção pedagógica. Foram à escola explicar a ideia inicial e buscar parcerias. Para surpresa delas, depois de algumas reuniões entre direção e coordenação, receberam um pedido de que a prática pedagógica fosse desenvolvida com um grupo de professoras, não só com a professora de artes ou só com alunos. Diante dessa solicitação, as alunas construíram uma proposta na qual, a partir de fotografias de casamentos, seriam realizadas oficinas de desenho e colagem recontando as histórias “escondidas” nas fotografias. Ou, como na hipótese de Didi-Huberman (2012, p. 208): “a imagem arde em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez”. Assim, é necessário soprar as brasas para acender as imagens.

Depois disso, a oficina se desdobrava na produção de novas imagens, culminando na construção de um painel nos muros da escola feito por todas, com a orientação de Inácio. No relatório do grupo, encontramos que os exercícios poéticos com as imagens geraram discussões sobre o papel das mulheres no ideário do casamento, permanências e transformações comportamentais, dentre outras questões. A turma chegou à conclusão de que a prática pedagógica pode tornar-se mais significativa quando se con-

sidera a relação arte, cultura e comunidade como base para o ensino de arte.

Todo esse processo tinha como um dos objetivos trabalhar com a prática pedagógica numa perspectiva investigativa, procurando levantar questões e não chegar nas escolas com planos e respostas prontas. Com a expansão do campo de estágio ampliado (escola+bairro+comunidade), esperava-se ativar uma visão mais holística das aprendizagens ao longo da formação, compreendendo por meio da experiência que a prática pedagógica não é um repasse de informações teóricas ou práticas “adquiridas” na universidade. A noção de construção processual continuava sendo uma tentativa de romper com a relação hierarquizada dos estagiários como o “universitário” que está naquele espaço para “passar” ou “transmitir” o conhecimento.

Lembro bem como nos depoimentos sobre as dificuldades do estágio, estudantes apontaram a maneira desconfiada como os professores/as e coordenadores/as costumavam receber os/as estagiários/as. Essa foi uma dificuldade que procuramos trabalhar reforçando a importância da construção de parcerias, com direção, coordenação, funcionários, professores, estudantes das escolas.

Os estranhamentos que iam surgindo eram discutidos em sala de aula na Faculdade de Artes Visuais, como por exemplo, questionamentos sobre a validade das visualidades mapeadas no bairro para o ensino de arte. Eram arte ou não arte? Um dos pontos em debate trazidos pela turma foi o seguinte: a aprendizagem da arte não ficaria esvaziada ou supérflua no envolvimento com a cultura visual? A aproximação com outras imagens não deixaria de fora o repertório da história da arte “erudita”?

O curioso dessas inquietações é que a dificuldade de acesso ao repertório da arte erudita era apontado como um grande empecilho para a prática docente. Também foi criticada a complexidade da proposta que envolvia várias etapas: Pesquisa das visualidades; entrevistas; leituras iconográficas; planejamento e a intervenção pedagógica. Segundo algumas pessoas, isto traria abalos nas “certezas” dos resultados finais. As questões iam sendo debatidas à luz da experiência vivida e, geralmente, os medos se transformavam em descobertas no final do processo.

Ao retomar os escritos sobre essa experiência e colocá-los nesse memorial, percebo que, apesar de ter sido uma ação desenvolvida com mais duas professoras, não foi pensada em um coletivo (colegiado) do próprio curso que, na sua maioria, não aprovava o que eu estava realizando. Duvidavam se, com aqueles procedimentos, eu estaria fazendo extensão ou me afastando do verdadeiro objetivo do estágio, que é o de fazer com que nossos e nossas estudantes vivenciassem o chamado chão da escola.

Essas experiências se transformaram em escritas colaborativas em textos produzidos pelos grupos que vivenciaram as experiências. A maioria dos textos foi apresentada em eventos da Federação de Arte / Educadores do Brasil (FAEB) e da Anpap, importantes instâncias da minha formação política associativista:

- Guimarães, L. M. B., Borges, Maria Elizia, Vidica, Ana Rita. **Bairro, Escola, Universidade: uma experiência interdisciplinar na Licenciatura de Artes Visuais na UFG.** In: XIV Encontro Nacional da Anpap, 2005, Goiânia: Editora da UFG, 2005. v.v.2. p.420 – 429
- Guimarães, L. M. B., Borges, Maria Elizia, Vidica, Ana Rita.(2005) **Bairro, Escola, Universidade** In: Cultura Visual e desafios da pesquisa em artes.1. Goiânia : CEGRAF/UFG, v.2, p. 420-429.
- Borges, Maria Elizia e Guimarães, Leda. **O Universo artístico popular dos bairros de Goiânia.** In: Arte: limites e contaminações. Anais do XV Encontro da Anpap. Salvador. 2006
- Guimarães, L. M. B., Batista, Noeli, Oliveira, M. F. **Do mundo virtual ao mundo real: desafios e possibilidades na licenciatura em artes visuais modalidade Ead-Fav/UFG.** In: 18º. Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil: Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes., 2008, Crato.

- 87
- Rosa, M. F. F., Marinho, E. B., Martins, P. C., Guimarães, L. M. B. **Metrópoles Gravadas**. In: 18o. Congresso dos Arte Educadores do Brasil, 2008, Crato.
 - Guimarães, L. M. B., RAMOS, F. A. **A prática docente como experiência estética**. In: 1o. Seminário de Pesquisa em Cultura Visual., 2008, Goiânia. 1o. Seminário de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: CEGRAF-UFG, 2008. v.1.
 - Lima, A. M. S., Lima, C. H. S., Guimarães, L. M. B. **Arte, Educação e Meio Ambiente: Conexões necessárias para a contemporaneidade**. In: 18o. Congresso dos Arte Educadores do Brasil, 2008, Crato.
 - Guimarães, L. M. B. **Desafios de práticas alternativas para a formação de professores na inter-relação arte, educação e cultura**. In: Congreso de Formación Artística y Cultural para la Región de América Latina e el Caribe, 2007, Medellin. Retors de la educación artística intercultural de calidad en América Latina. Medellin: Universidad de Antioquia, 2007. v. v-1.
 - Guimarães, L. M. B. **Prática Pedagógica como Prática Cultural**. In: XVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008, Florianópolis. Panorama de Pesquisa em Artes Visuais: XVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Florianópolis: UDESC, 2008. v. 1.
 - Guimarães, L. M. B. **Prática pedagógica na inter-relação arte cultura comunidade**. In: 18o. Congresso dos Arte Educadores do Brasil, 2008, Crato. Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes". Crato: URCA, 2008. v. 1. p. 1-15.
 - Guimarães, Leda. **Temas e Tramas do Dossiê**. In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual / Faculdade de Artes Visuais / UFG. – Vol. 3 n.1 (2005). – Goiânia-GO: UFG, FAV, 2005. V. :il. Editora Convidada.

É importante colocar que a resistência aos meus projetos vinha de tradições mais profundas no próprio campo da formação docente, mas na medida em que os resultados foram aparecendo, os grupos começaram a compreender a necessidade do reconhecimento da diversidade cultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. No entanto, não basta entendermos a condição de pluralidade, mas, também, a derrocada de totalidades na compreensão da arte contextualizada na cultura nas ações pedagógicas.

Nas experiências de estágio, a pesquisa de campo começando pelo bairro colocou os alunos em contato com formas de representação que não estavam nos livros de história da arte estudados na Faculdade. Painéis publicitários, muros pintados, grafites, bustos, estátuas e monumentos, painéis de artistas locais geravam narrativas que formavam o dossiê dos diferentes grupos.

Nossos/as estudantes iam sendo provocados/as a refletirem sobre: Quem produz essas visualidades? Como e porque são produzidas? Que histórias contam? A quem servem e para que servem estas imagens? Como interagimos (ou não) com as diferentes visualidades? E, finalmente, o grande desafio: Como podemos trazê-las para o contexto do ensino de artes visuais?

No ano de 2005 tivemos um total de 10 bairros investigados e um acervo de muitas imagens e narrativas que continuam até hoje nos instigando a refletir sobre a importância de um trabalho desta natureza.

A cada ano, a proposta ia se redesenhando a partir da configuração das novas turmas. Se em 2005 o estágio partia da etnografia nos bairros, em 2006, estes temas foram construídos em sala de aula, ficando pré-definidos. O ponto forte foi poder perceber os interesses dos/das estudantes relativos a determinados assuntos. Uma das dificuldades foi lidar com o desejo dos/as estudantes em já fixarem temas para chegarem na escola com um planejamento fechado. Assim como na turma anterior, na cabeça deles e delas, um bom planejamento garantia uma boa atuação como estagiários/as, pois, se as ideias já estavam prontas, era só “aplicar” na escola.

O desafio foi:

- levar os alunos a perceber que fazer perguntas é mais importante do que ter respostas prontas;
- fazê-los entender a importância de se vivenciar um processo, de se propor a investigação como base para a prática pedagógica;
- Ativar a percepção de uma visão mais holística das aprendizagens ao longo da formação;
- propiciar a compreensão de que a prática pedagógica não é um repasse de informações teóricas ou práticas “adquiridas”;
- vivenciar a experiência de que o conhecimento está sempre em processo e que nunca se completa.

De qualquer forma, foram 4 anos, de 2005 a 2009, com vivências muitos potentes de estudantes que aproveitaram a experiência para desenvolver os seus Trabalhos de Conclusão de Curso. Com isso, não se separava a instância da docência com a da pesquisa, com possibilidade de construção de percursos de aprendizagem mais integrados no decorrer da formação.

Estágio na EAD:

água mole em pedra porosa

A inquietação que hoje me assalta pelo fato de ter realizado a contrapelo as diversas propostas das disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório no curso de Licenciatura em Artes Visuais presencial também esteve presente cinco anos depois, em 2010, ao desenhar proposta dos estágios para o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD, mas com uma particularidade: naquele momento, faziam parte da equipe docente da EAD professoras e tutoras egressas da Licenciatura presencial que haviam vivenciado os estágios propostos por mim, aqueles sobre os quais eu tinha dúvida se tinha agido certo em executá-los a contrapelo. Noeli Batista, agora professora, deu o seguinte depoimento que inserimos no texto didático elaborado para as turmas do curso EAD:



Em 2005, ainda aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da UFG, vivenciei o processo de pesquisa reflexiva em que sair do espaço acadêmico foi fundamental para a busca por um processo de construção de aprendizagem pautado na pesquisa e reflexão em espaço de atuação pedagógica. Neste contexto, eu e meu grupo de Estágio Curricular obrigatório e TCC vivenciamos a experiência de investigar o espaço de um setor de Goiânia denominado Setor Pedro Ludovico. Neste processo, levantamos por via de diferentes registros, aspectos relativos à história do setor e das visualidades presentes neste espaço, a fim de promover uma ação pedagógica num dos espaços de ensino formal presentes no setor. Nesta ação, tivemos o apoio não apenas da equipe escolar do Colégio Estadual Visconde de Mauá, mas também de um dos artistas, Pedro Inácio da Silva, produtor de pinturas murais recorrentes nos muros do Setor. (BATISTA, Noeli, 2008)

Figura - Depoimento presente no material didático Estágio Supervisionado 1. p. 06. Guimarães; Oliveira, CIAR/UFG, 2019.

Disponível em:
<https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/5/001.html>.

Os tempos eram outros e a natureza e condições do curso EAD pediam ousadia da nossa parte. Desta vez, as decisões foram tomadas na coletividade da nossa pequena equipe da Faculdade de Artes Visuais e novas parcerias se apresentaram no processo.

Assim, as experiências do estágio no curso da Licenciatura presencial foram repensadas, reconfiguradas para os cursos de Licenciatura em Artes Visuais a distância que tiveram início em 2007/2008, o que trouxe a ampliação de parcerias e de locais nos quais os estágios seriam vivenciados. A partir de conversas, tempestade de ideias, escuta de experiências prévias, fomos desenhando propostas para esta nova realidade que parecia ser muito mais propícia para as experimentações do que o curso presencial. Na equipe estavam Noeli Batista, Rogéria Eler, Lilian Ucker, Valéria Fabiane, Gisele Dias

e mais outras tantas pessoas que faziam parte dessa comunidade docente: tais como **Maria de Fátima França, Ângela Lima e Kim Lima, Edina Nagoshi.** Tutores e tutoras, egressos e egressas da Licenciatura presencial da FAV, muitos dos quais, segundo recorda Maria de Fátima, foram recrutados por mim no dia da formatura, na entrega do diploma.

A história da oferta dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD é formada pela construção co-elaborativa com professoras e professoras de outras instituições também envolvidos no processo. Na escrita do material pedagógico da disciplina, convidei o professor Ronaldo Alexandre Oliveira, da Universidade Estadual de Londrina, para fortalecer essas parcerias.

Figura - Apresentação disciplina Estágio Supervisionado 2. Guimarães e Oliveira, 2010, p. 50.



APRESENTAÇÃO



Prof. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães



Prof. Dr. Ronaldo Alexandre de Oliveira

Caros(as) Estu

No primeiro que fizemos u tando-a com o tivo da sua tra iniciamos o e perceber sua rais. Depois, a sala de au estava send nossas con campo esc Nessa continuid vez, busca pação da educativ www e para a

*Currículo: Leda Guimarães é professora coordenadora de Estágio da Licenciatura em da Universidade Aberta do Brasil. É doutora Piauí. Tem livros publicados: "Desenho, Cidade de Goiás" (Sebrae-Go/UFG, 2001) membro da diretoria da Federação dos sinoamericano de Educação para a Arte

*Currículo: Ronaldo Alexandre de Oliveira é formado em Arte Educação pela ECA

DADOS DA DISCIPLINA

EMANITA

Formação, estágio e o ensino de arte. A cidade enquanto espaço de possibilidades educativas. Aprofundamento do exercício etnográfico para contextos de situação não formal. Revisão e aprofundamento do processo da etnografia do campo escolar. Metáforas de conexão da experiência etnográfica. A sala de aula como reflexo da imersão nos conteúdos e nas rotinas e conflitos pedagógicos no espaço da sala de aula. Discussão de abordagens pedagógicas para o ensino de artes visuais correlacionadas ao contexto do estágio. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de proposta de intervenção em artes visuais.

OBJETIVOS

- Aprofundar competências etnográficas para a investigação e imersão em outros campos de estágio.
- Analisar os contextos educativos não formais de ensino como meios sociais em que se produz e se compartilha conhecimento socialmente legitimado.
- Observar os modos como o ensino de arte é inserto nesses contextos, do ponto de vista do projeto pedagógico das instituições onde se desenvolve educação.
- Caracterizar projetos de ensino de artes visuais e analisar a sua operacionalização;
- Mapear possibilidade de conexão entre instâncias de educação formal e não formal.

UNIDADES

UNIDADE 1 – A CULTURA DA CIDADE COMO ESPAÇO DE IMERSÃO: EXEMPLOS E PROPOSIÇÕES

- 1.1 A cidade educativa: seus lugares, seus habitantes, seus ofícios, sua cultura
- 1.2 Imagens: (des)construções - Proposta para um passeio etnográfico

UNIDADE 2 – A CIDADE E SUAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS

- 2.1 A Cultura da Cidade como Espaço de Imersão: Exemplos e Proposições

UNIDADE 3 – IMERSÕES NA CIDADE EDUCATIVA

- 3.1 Metodologia para o desenvolvimento da proposta
- 3.2 Como pode ser nosso projeto com a cidade educativa?

ÇÃO

...dantes
estágio, discutindo a escola como parte da cidade, pedimos um mapeamento da localização da escola no bairro, conectando áreas mais abrangentes. Fizemos o exercício retrospectivo da trajetória educativa, como "apreendente" e como profissional, e o exercício do olhar etnográfico no contexto escolar, procurando a complexidade de dinâmicas, relações e configurações culturais. no Estágio 2, foi proposto um foco do olhar etnográfico para a sala, um recorte dentro do contexto educacional específico que foi investigado. O Estágio 2 possibilitou um aprofundamento de competências investigativas etnográficas, com nossas imersões no campo escolar.

terceira disciplina de Estágio Curricular Obrigatório, vamos dar continuidade ao exercício de imersão em contextos educativos, mas dessa vez, buscando diálogos com espaços de educação não formal. Essa preocupação de expansão desse olhar segue a tendência movimento das cidades e dos desafios de uma tecnologia que abre mundos, onde a cidade, como um todo, apresentam-se como espaços formativos e de produção de artes visuais.

da Universidade Federal de Goiás. Professora do Mestrado em Cultura Visual e do curso de Artes Visuais e do curso de Licenciatura em Artes Visuais em EaD pelo programa de Artes pela ECA-USP e mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 1996): "Objetos Populares do designio, desejo: sobre o ensino de desenho" (2006, UFG). É membro da ANPAP e do INCEA e "A natureza feminina do Cerrado" (2006, UFG). É representante do Brasil no CLEA - Conselho Latino-americano de Arte Educadores do Brasil - FAEB. É representante do Brasil no CLEA - Conselho Latino-americano de Arte Educadores do Brasil - FAEB.

veira, Graduação em Educação Artística pela Santa Marcelina / S.P. - 1987; Especialização em Artes Visuais e do curso de Licenciatura em Artes Visuais em EaD pelo programa de Artes pela ECA-USP e mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 1996): "Objetos Populares do designio, desejo: sobre o ensino de desenho" (2006, UFG). É membro da ANPAP e do INCEA e "A natureza feminina do Cerrado" (2006, UFG). É representante do Brasil no CLEA - Conselho Latino-americano de Arte Educadores do Brasil - FAEB.

⁷ Disponível em:
<https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/index.html>.



Aqui na UFG (bem como na UFES e na UnB) nos preocupamos em ter publicações físicas do material didático dos cursos da Licenciatura. Essa produção circulava por meio de uma rede de parcerias institucionais/afetivas. O material de estágio módulo 6, produzido por mim e Ronaldo, é também publicado no módulo 17 da série GTArtes da UnB (coordenada por mim e Sheila Campello). Depois, é publicado pelo NEAD (núcleo de educação a distância) da UFES, desta vez com as professoras autoras parceiras Moema Martins Rebouças e Letícia Nassar Matos Mesquita (Estágio 1 e 2, 2011, UFES).

O módulo 26 é de autoria da professora Rogéria Eler, que vivenciou as experiências de estágio descritas aqui quando estudante da Licenciatura em Artes Visuais na modalidade presencial, tendo feito parte da equipe da implementação dos cursos EAD Prolicen e UAB, na Faculdade de Artes Visuais.

O material publicado pela UFG está hoje na versão digital e pode ser acessado na página do Centro Integrado de Educação em Rede (CIAR)⁷.

Listo aqui os materiais produzidos para que se tenha noção da efervescência da produção desse período:

- Guimarães, Leda e Oliveira, Ronaldo. **Estágio Supervisionado 1**. Licenciatura em Artes Visuais: módulo 5 – UFG/FAV/CIAR. Goiânia: FUNAPE, 2009.
- Guimarães, Leda e Oliveira, Ronaldo. **Estágio Supervisionado 2**. Licenciatura em Artes Visuais: módulo 6 – UFG/FAV/CIAR. Goiânia: FUNAPE, 2010.
- Guimarães, Leda e Oliveira, Ronaldo. **Estágio Supervisionado 3**. Licenciatura em Artes Visuais: módulo 7 – UFG/FAV/CIAR. Goiânia: FUNAPE, 2010.
- Guimarães, Leda e Oliveira, Ronaldo. **Estágio Supervisionado 1**. Licenciatura em Artes Visuais: módulo 17. Série GTArtes. Brasília: LGE editora, 2010.
- **Estágio 1 e 2 / Moema Martins Rebouças ... [et al.]**. - Vitória : UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011. 166 p.: il
- Guimarães,, Leda e Oliveira, Ronaldo. **Formação docente e estágio curricular em Artes Visuais na modalidade de ensino a distância: Entre a realidade e a possibilidade de se criar uma escola em expansão**. 33ª. ANPED – Caxambu –MG. 2010.
- Guimarães, L. M. B. **The City as a Culturally Quilted Pedagogical Territory**. In: Karen Hutzler; Flavia M.C; Bastos and Kimberly J.. (Org.). Transforming City Schools Through Art: Approaches to Meaningful K-12 Learning. 1ed. New York: Teachers College, Columbia University, 2012, v. 1, p. 60-69.
- Guimarães, L. M. B. . **La ciudad como escenario de aprendizajes artísticos, estéticos y culturales: una propuesta de desbordamientos pedagógicos en las artes visuales..** In: Paredes, J.; Hernández, F., y Correa, J. M.. (Org.). LA RELACIÓN PEDAGÓGICA EN LA UNIVERSIDAD, LO TRANSDISCIPLINAR Y LOS ESTUDIANTES Desdibujando fronteras, buscando puntos de encuentro. 1ª ed. Madrid: UAM, 2013, v. 1, p. 120-133.

O material didático circulou entre outras instituições parceiras, além de ser re-editado na UFG para novas turmas. Com estudantes espalhados em diversas cidades do estado de Goiás (e até de outros estados), mais uma vez, começamos o estágio pela cartografia dos bairros nos quais as escolas estavam situadas realizando mapeamentos do entorno, desenho de mapas e identificação da existência de comércios, praças, igrejas, dentre outras coisas que chamassem nossa atenção. A pergunta motivadora era: seria possível pensar em propostas que colocassem em contato ou ampliassem o diálogo entre a escola e o bairro, tirando proveito de potências educativas ali existentes?

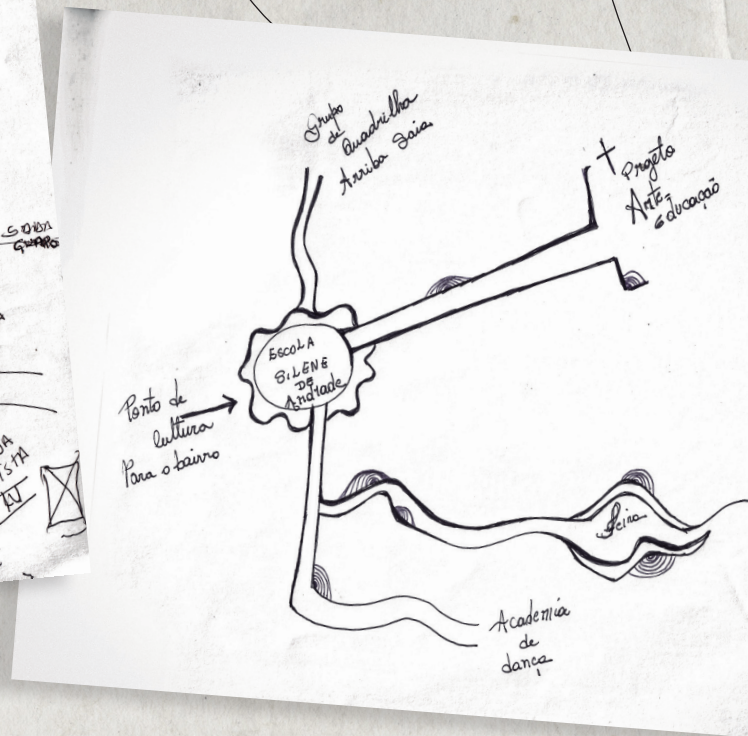
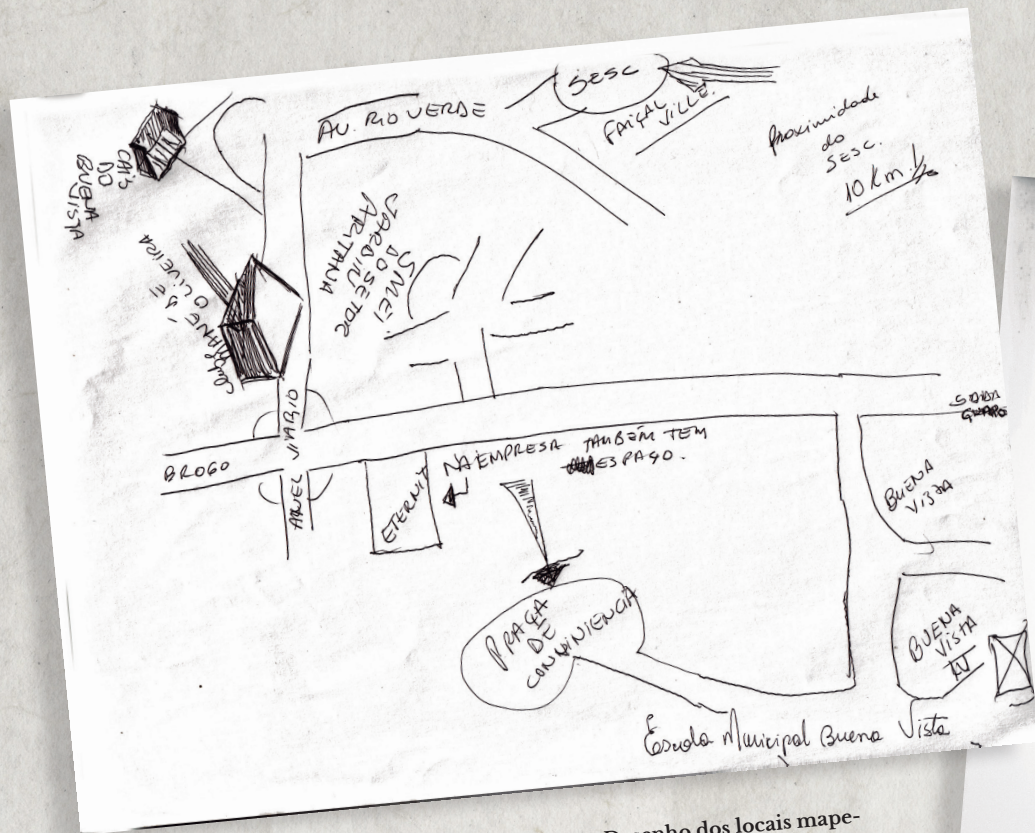
Resumindo, os princípios norteadores que orientam a experiência do estágio curricular obrigatório na fav-ufg são:

Para o aluno-estagiário: entender-se como investigador-aprendiz na construção de saberes em processo e na interdependência das trocas sócio-culturais-educativas; considerar a trajetória individual e coletiva de sua formação em Artes Visuais dentro e fora da universidade; colocar-se disponível.

Quanto à elaboração da proposta e construção de planos de aula: buscar parcerias; considerar o diálogo da proposta ao contexto do espaço; checar a existência (ou a não existência), disponibilidade e funcionamento de espaços específicos e de equipamentos, providenciar antecipadamente ferramentas; desenvolver materiais e recursos, insistência na busca de colaboradores etc.

Quanto ao trabalho de campo: ampliar o olhar para a diversidade de espaços onde uma aprendizagem em arte possa ser desenvolvida, fazer o levantamento do espaço nos seus diferentes aspectos; tentar ver não só as "necessidades", mas também as "potencialidades" do espaço e considerá-las na elaboração do projeto; pensar na escola (ou outros espaços) na sua inserção: comunidade/bairro/cidade/mundo. Ler o Projeto Político Pedagógico da Escola ou documento similar e ver qual o espaço para o ensino de arte e ações de cultura no mesmo..

Quanto à elaboração de intervenção proposta pedagógica: entender esta elaboração como processo a ser criado e recriado em várias etapas, de acordo com as condições do contexto pesquisado e aberto à participação de atores do espaço, da comunidade. Flexibilidade na elaboração e no desenvolvimento da proposta.



Figuras - Desenho dos locais mapeados durante o exercício: nos mapas aparecem locais como Serviço Social do Comércio (Sesc); Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS); empresa Eternit; anel viário; Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI; Praça de convivência; Ponto de cultura; Academia de dança; Projeto Arte Educação; Grupo de Quadrilha; Escola. Arquivo Pessoal.

TORNAR O FAMILIAR ESTRANHO!!!

Freqüentemente, a arte que existe em nossa vida cotidiana é invisível. No entanto, quando a arte local é interpretada a partir do seu contexto, essa interpretação aciona não só uma maior compreensão da arte em si, mas também uma análise crítica do sistema de produção e dos valores nela refletidos (...). O "perturbamento" do familiar descreve esse processo de tornar visível a arte e a cultura locais (...). (BASTOS, 2006)

Em outras palavras:

A noção de "perturbamento" no familiar

- descreve, metaforicamente, o processo pelo qual membros da comunidade adquirem um maior discernimento sobre a própria cultura.
- descreve interpretações feitas não por forasteiros, mas por pessoas da comunidade, e consiste em um passo essencial para compreender a identidade cultural que possuímos.
- esse processo convida a um envolvimento histórico e político e a uma reflexão sobre as possibilidades de mudança.
- essa noção também possibilita identificar formas de autoria em diferentes grupos culturais e os sistemas de valores que as sustentam (Hamblen, 1990).
- busca enriquecer o discurso atual em arte/educação pela articulação das questões de gênero, classe social e etnia que afetam as comunidades (BASTOS, p. 234 e 235);

Figura - Trecho da disciplina Estágio Supervisionado 2. Guimarães e Oliveira, 2010, p. 57. Arquivo Pessoal.

Com base no "passeio etnográfico", escolha uma "porta de entrada" para realizar a proposta de intervenção pedagógica. Por "porta de entrada" queremos dizer ponto de partida, que pode ser um ambiente, um espaço na cidade, pessoas, organizações, etc. Todas serão entendidas como "ambiências pedagógicas" no tecido da cidade educativa.

Figura - Trecho da disciplina Estágio Supervisionado 2. Guimarães e Oliveira, 2010, p. 55. Arquivo pessoal.

Tenho consciência de que é impossível colocar todas as experiências nessa escrita e sei que tenho uma satisfação especial em revirar estas memórias, vontade de pesquisar mais a fundo as diversas experiências que aconteceram nos mais diversos lugares, cidades, escolas, comunidades. Experiências de Estágio Curricular Obrigatório **que procuraram conectar os espaços de educação formal aos espaços de educação não formal e pensar a escola no bairro em que ela se insere, tendo a caminhada como procedimento de apreender tanto escola como cidade.** Ou como diz nossa grande parceira Lilian Amaral:

Ser errante poderia ser um instrumento dessa experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana seria uma apologia da experiência da cidade, um tipo de ação que poderia ser praticada por qualquer um: um dispositivo para ampliação da percepção (Tojo e Amaral, 2020, p. 13-17).

Mas a escrita de si também rasga nossa carne e produz alguns arranhões. Um deles foi perceber que mesmo que o desenvolvimento do estágio nos cursos EAD, com propostas tão diferentes, tenha se dado em um curso que naquele momento, era menos supervisionado institucionalmente permitindo arranjos singulares, também provocou reações, estranhamentos e insatisfações no início da caminhada.

Existem sincronicidades em meio a crise de ter agido de forma autoritária e impositiva no desenvolvimento destes estágios. Fui convidada para fazer parte de uma banca de mestrado de Lucivânia Pereira dos Santos, ex-estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais do projeto UAB na modalidade a distância. Na sua dissertação, Lucivânia relata a experiência no estágio supervisionado como central no seu processo de construir-se arte educadora na sua segunda graduação em nossa licenciatura. Diz ela:

Durante o estágio supervisionado, obrigatório para conclusão do curso citado, experimentei outras realidades: O estágio no Colégio Estadual Raimundo Rocha Ribeiro e minha estadia na comunidade quilombola denominada Extrema. Essas experiências, fizeram-me mudar mais ainda a ótica por trás do fazer, do ler e do contextualizar o ensino da arte. O meu olhar, que até então era restrito ao ato de ver a partir de minha própria perspectiva, passara a considerar a maneira como o outro se estabelecia diante do que via. Percebi que é preciso romper os modelos culturais impostos pelo colonizador. Devemos pois realizar uma reVIRAvolta cultural e construir novas narrATIVAS. Não é possível que ainda aceitemos ser conduzidos pelos espectros do passado (dos Santos, 2024, p. 44).

Lucivânia parte dessa experiência de formação para desenvolver no mestrado um projeto que envolveu uma cidade inteira, atuando com estudantes em Taguá, distrito pertencente à cidade de Cotegipe - BA. Esse local fica a mais de 90 quilômetros de Barreiras, cidade em que ela mora e atua como professora de arte no Centro Juvenil de Ciência e Cultura. Segundo a

autora, o projeto começou durante uma ação de fotografar a cidade, quando uma estudante que morava na periferia não quis fotografar seu local por achá-lo feio e sem importância. Isso motivou a professora Lucivânia a migrar o projeto para aquela comunidade, envolvendo a escola local. No entanto, como ela esclarece, nem sempre dava certo utilizar o espaço da escola e, por isso, começou a reunir os estudantes nos jardins, calçadas e/ou à beira do rio. Esse deslocamento fez com que toda a comunidade se envolvesse e acompanhasse com interesse as atividades do projeto.

Em março começamos a produzir imagens que dialogassem com as características daquele lugar: uma comunidade que teve sua origem em meados do século XVII, que fora primitivamente habitada pelos índios acroás. Atualmente formada por pescadores e produtores rurais, percebemos em sua cultura traços que remetem tanto aos povos indígenas, quanto afrodescendentes; Suas terras são ricas em histórias e memórias (dos Santos, 2024, p. 51).

A professora trabalhou com referências dos fotógrafos Sebastião Salgado e Rui Rezende, esse último muito conhecido na região. Para a produção artística das oficinas, trabalhou com o artista goiano Zé César, utilizando o papelão como material. Lucivânia afirma que: “a rua ficou colorida com tantos estudantes a desenhar, recortar, colar e pintar. Não havia uma pessoa que passasse que não viesse ver o que estávamos fazendo” (2024, p. 51).

Pouco tempo depois da banca de Lucivânia, já com o coração um pouco mais apaziguado, recebi o convite para ser membro de outra banca de mestrado. Desta vez, uma estudante do Profartes da UFG, que foi minha aluna na graduação em Artes Visuais (modalidade presencial) e participou em 2005 das experiências de Estágio relatadas neste memorial. Essa ex-aluna, Gisele, é professora do Instituto Federal de Goiás, na cidade de Águas Lindas.

Na dissertação “Bordanças: Poéticas Investigativas na Docência em Artes Visuais” (2024) Gisele contextualiza seu processo de formação no capítulo intitulado arqueologia docente. Neste capítulo encontro a reflexão de que a experiência do estágio realizado no Projeto: Bairro, Escola, Universidade – uma proposta interdisciplinar – “[...] representou uma experiência significativa e transformadora na construção da minha identidade docente” (p. 43).

O estágio apresentado neste formato configurou-se como local de construção de uma identidade docente “atravessada” pela ética, política, estética, pela prática integradora, pela sensibilidade e responsabilidade na curadoria educativa e estética, que veio da graduação e se manifesta até hoje (Dias, 2024, p. 43-44).

Os dois exemplos que cito vem de tempos diferentes e de cursos em modalidades distintas, mas parecem ter o mesmo grau de afetamento, o que me leva a crer que, de alguma forma, não foi apenas um delírio, mas uma calculada transgressão às normas vigentes que prescreviam o estágio como “observação, planejamento e regência”.

Curioso que, em 2021, é aprovada na UFG a inclusão das ACEX - Atividades Curriculares de Extensão nos Projetos Políticos dos Cursos de Graduação, que muito se aproximam das propostas de estágio desenvolvidas tanto no presencial quanto nos cursos de modalidade a distância na FAV UFG, entre 2005 e 2012. Na resolução que trata do objeto, encontramos que entre os objetivos das ACEx:

[...] destacam-se o fortalecimento da integração entre ensino, pesquisa e extensão para que a dimensão acadêmica da extensão faça parte da formação dos estudantes; e a possibilidade de construir conhecimentos contextualizados com a realidade e voltados para o desenvolvimento da sociedade (CEPEC/UFG, Resolução nº 1.699, 2021).

Ou seja, as ACEx precisam ter a comunidade externa à UFG como público principal, e as ações dos/as estudantes e professores/as precisam estar enquadradas como programa, projeto, curso, evento ou prestação de serviços. Professores e professoras que desejem trabalhar com as ACEX, devem prever o mínimo de 10% da carga horária total prevista nos PPC para essas atividades. Ainda não experimentei essa possibilidade, mas acredito que teria grande chance de transgredir essa porcentagem. Fico feliz por essa abertura das ACEx, embora na minha percepção ainda fica muito institucionalizada o intento dos atravessamentos e diálogos entre universidade e comunidade.

Fissuras nas duras paredes institucionais

Sinto necessidade de explicar como a Faculdade de Artes Visuais passa a oferecer a formação por meio da chamada EAD. Por muito tempo, usei a imagem de um prego perfurando uma parede e abrindo brechas, estrias, para me referir ao efeito da oferta de cursos na modalidade a distância em instituições de ensino superior públicas no Brasil.

Caros Professores

Amanhã, terça-feira, teremos a reunião do Conselho Diretor da FAV no qual apresentarei os projetos de EAD do Curso Artes Visuais-Licenciatura. Encaminho em anexo os projetos PRO-LICENCIATURA e UAB (Universidade Aberta do Brasil) ambos aprovados pelo MEC-FNDE e em início de operacionalização.

Ressalto que os nomes colocados na tabela “corpo docente” não implica na obrigatoriedade de que o docente citado participe do projeto. Na época de envio do projeto para concorrência com várias universidades públicas no Brasil, foi importante colocar os nomes como possibilidade. Acredito que eu tenha conversado com a maioria dos docentes, e alguns coloquei o nome na confiança, sabendo que não implicaria nessa obrigatoriedade. As equipes estão sendo formadas agora (outubro), e vou entrar em contato com cada um para saber do interesse em participar do projeto, como professor –autor e/ou professor tutor.

De qualquer forma, colocando o projeto para o conhecimento de todos, gostaria de saber deste interesse, podem ver o fluxograma das disciplinas, as ementas, tendo a flexibilidade de propor modificações nas mesmas. Na reunião, procurarei expor detalhes da operacionalização do projeto, as demandas, dificuldades e possibilidades no contexto UFG.

Nas reuniões que a PROGRAD têm realizado sobre este processo, pude ver que muitos outros professores estão na mesma situação que a minha, em busca de respostas, e que elas serão construídas coletivamente e em processo. Portanto, dentro do possível, estou disponível para esclarecimentos sobre o assunto.

Atenciosamente,
Profa. Leda Guimarães

Goiânia, 09/10/2006

Comecei a tratar da oferta dos cursos na modalidade EAD (como ficou conhecido) trazendo as experiências de estágio curricular obrigatório. Agora, dou uma laçada no tempo e tento voltar ao início dessa aventura.

Ano 2005. Fase pós defesa doutorado. Tudo começa com uma viagem a Brasília para participar de uma banca de defesa do doutorado de Sheila Campello, orientada pela professora Suzete Venturelli. Depois da banca, Suzete perguntou se eu teria que voltar para Goiânia naquele dia, ou se poderia adiar a volta para o dia seguinte pois queria conversar um assunto.

O assunto era saber se eu teria interesse que a FAV/UFG participasse de um projeto que estava sendo desenhado de forma interinstitucional num consórcio entre universidades públicas tendo a UnB como gestora para atender a Chamada pública CD/FNDE/nº 34/2005, seleção pública de propostas para o programa de formação, inicial para professores em exercício no ensino fundamental e no ensino médio PRO-LICENCIATURA. Até aquele momento, além da Universidade de Brasília - UnB, já estavam envolvidas a Universidade Federal do Maranhão - UFMA, a Universidade Federal de Rondônia - UNIR, a Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. A Universidade Federal de Goiás - UFG torna-se então a última instituição a integrar esse consórcio. O convite/proposta feito por Suzete, me encantou, primeiro porque já havia participado como professora do Arteduca e tinha visto um potencial na formação a distância.

O curso Arteduca, criado e coordenado pela professora Sheila Campello, proporcionou com êxito uma formação continuada para pessoas de diversos locais do Brasil demonstrando sua viabilidade e interesse social. A avaliação deste curso de especialização realizado no *Instituto de Artes*⁸ da UnB comprovou que essa modalidade de ensino pode trazer enormes benefícios para a qualidade da educação no Brasil sendo de interesse de uma boa parte da população que procura uma formação de qualidade nas universidades públicas do país. Dessa forma, a experiência do Arteduca trouxe importantes subsídios, no que se refere à arquitetura dos próprios cursos e ao planejamento e gestão de todo o processo.

A possibilidade de formar mais professores para nosso campo, reconhecidamente como um dos mais deficitários, em termos de qualificação específica na área de artes, acendeu uma chama de embarcar nessa aventura.

E era justamente esse o ponto a ser trabalhado, uma vez que o público alvo do Pró-licenciatura foi constituído por professores em exercício nas redes públicas de ensino nos anos/séries finais do Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio. Professores e professoras atuando, mas sem licenciatura na área, fosse a antiga Educação Artística ou as mais recentes Licenciaturas em Artes Visuais. Para o ingresso era necessário comprovar o exercício da sala de aula de pelo menos um ano na função docente em rede pública.

⁸ O Arteduca ofereceu cursos a distância, por meio do ambiente digital colaborativo e-ProInfo, com o objetivo de promover a implantação da educação a distância no âmbito do IdA. Na primeira edição, realizada em 2004, foram formados 33 tutores, por meio do curso de *Formação de Tutores para o Arteduca: Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas*. Informações adicionais sobre o curso poderão ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: www.arteduca.unb.br e, também, no próprio site do e-proinfo – www.eproinfo.mec.br.

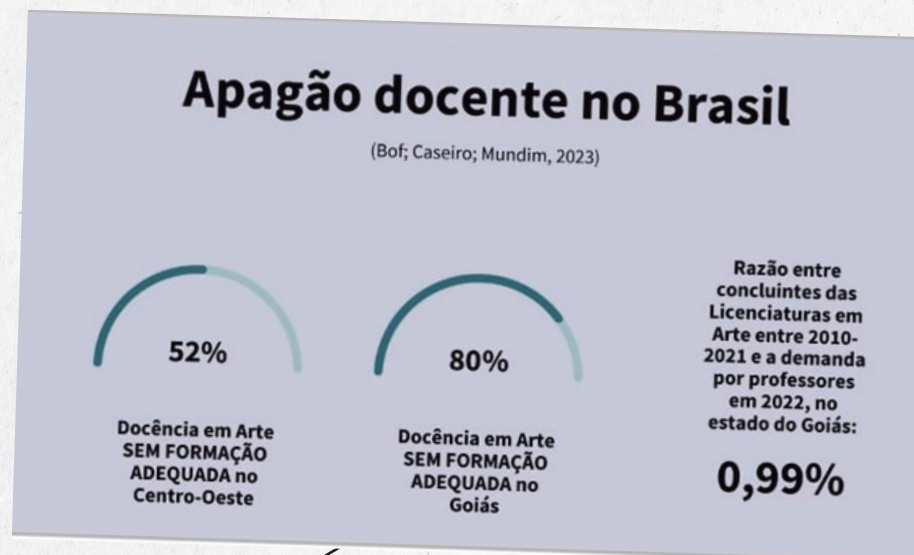
De volta a Goiânia, levei a proposta para o então diretor da Faculdade de Artes Visuais, Raimundo Martins, que me alertou para o fato de que este assunto já havia sido discutido em conselho diretor, e que não houve aderência do corpo docente para embarcar no consórcio para a oferta de uma graduação a distância. No entanto, ele entendeu que eu estava ali como defensora da ideia, e sugeriu que eu apresentasse novamente a proposta. Foi o que fiz, levei para uma reunião número da defasagem de profissionais com formação específica em nossa área. Levantei números de professores de artes em exercício junto a Secretaria de Educação Estadual, e argumentei que a nossa Faculdade tinha capacidade instalada para ofertar tais cursos. Consegui uma aprovação apertada, mas começava ali, uma caminhada de constantes explicações e justificativas sobre a “seriedade” da oferta de um curso EAD, mesmo que fosse semipresencial.

Enquanto eu fazia esses movimentos na FAV, em Brasília, o projeto era desenhado colaborativamente, a muitas mãos. Lembro das reuniões com o grupo que estava elaborando um currículo comum, lá estavam Itamar Alves Leal dos Santos – UFMA, José Mauro Barbosa Ribeiro – UnB, Lygia Maria Maurity Sabóia – UnB, Raquel Helena de Mendonça e Paula – UNIMONTES, Sheila Maria Conde Rocha Campello – UnB, Suzete Venturelli – UnB, Terezinha Maria Losada Moreira - UnB e eu, Leda Maria de Barros Guimarães – UFG.

Esse processo de construção de um currículo comum, foi um desafio, pois ao mesmo tempo em que tentávamos manter um diálogo com nossas instituições de origem, era preciso construir uma proposta que fosse exequível em todos os lugares das IES parceiras. Outro importante detalhe foi a decisão de que a certificação dos alunos atendidos pelo projeto seria feita por cada IES, fato que também se mostrou conflituoso diante da dificuldade das universidades reconhecerem o curso como pertencente a sua estrutura curricular.

Um traço importante, era que as pessoas ali reunidas vinham de cursos presenciais já instalados e, eram ligadas a FAEB (Federação de Arte e Educadores do Brasil) acostumados portanto, na luta pelo ensino de arte no Brasil. Creio que sabíamos que ali, tínhamos uma oportunidade de ampliar o raio de formação de professoras e professoras no Brasil, quadro ainda hoje deficitário.

Figura - Números do Apagão Docente no Brasil.
Bof; Caseiro; Mundim, 2023.



Idas e vindas a Brasília, longas sessões de trabalho que se estendiam gramado afora e terminavam, geralmente, num barzinho ali mesmo na Asa Norte. O consórcio precisava do acordo firmado entre as instituições (IFMA, UFG, UFRR, Unimontes) com a UnB.

Cada IES definia os municípios polos nos quais o curso seria oferecido. Nós começamos com seis pólos a serem atendidos por meio de uma parceria entre as duas universidades. Assim, os municípios de Catalão, Jataí, Firminópolis, Rialma, Cidade de Goiás e Goiânia. Diante da dificuldade de fechar parcerias com os poderes locais, os municípios de Rialma e Cidade de Goiás foram substituídos por Ceres e Inhumas.

Um ano depois, já com a proposta curricular pronta para ser iniciada nos trâmites de cada IES, a UnB entra também com um novo projeto, o da Universidade Aberta do Brasil-UAB, com a mesma proposta desenhada para o Prolicenciatura. No entanto, chega a notícia de que, cada IES, poderia decidir por um currículo diferenciado elaborado para o consórcio. Aqui na UFG foi a hora de um divórcio curricular, incentivado pela prof^a. Cleide Aparecida Rodrigues, então coordenadora da EaD na UFG, o que viria a ser o CIAR (Centro Integrado de Aprendizagem em Rede).

A premissa do projeto da UAB, era que a proposta curricular dialogasse estreitamente com o currículo já existente atestando assim, a competência adquirida pela experiência de formação de professores naquela área. Ora, a FAV, antes Instituto de Artes, é pioneira nessa formação, desde os antigos cur-

sos de formação de professores de Desenho e Plástica, passando pela Licenciatura Plena em Educação Artística, até os cursos atuais com a denominação de Artes Visuais. Assim, a base histórica não nos faltava. Dessa maneira, foi criado um Projeto Pedagógico autônomo para a oferta de turmas pela UAB.

O Projeto Universidade Aberta do Brasil – UAB foi criado pelo Ministério da Educação, em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior a distância, em caráter experimental, visando sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes às políticas públicas voltadas para a ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil.

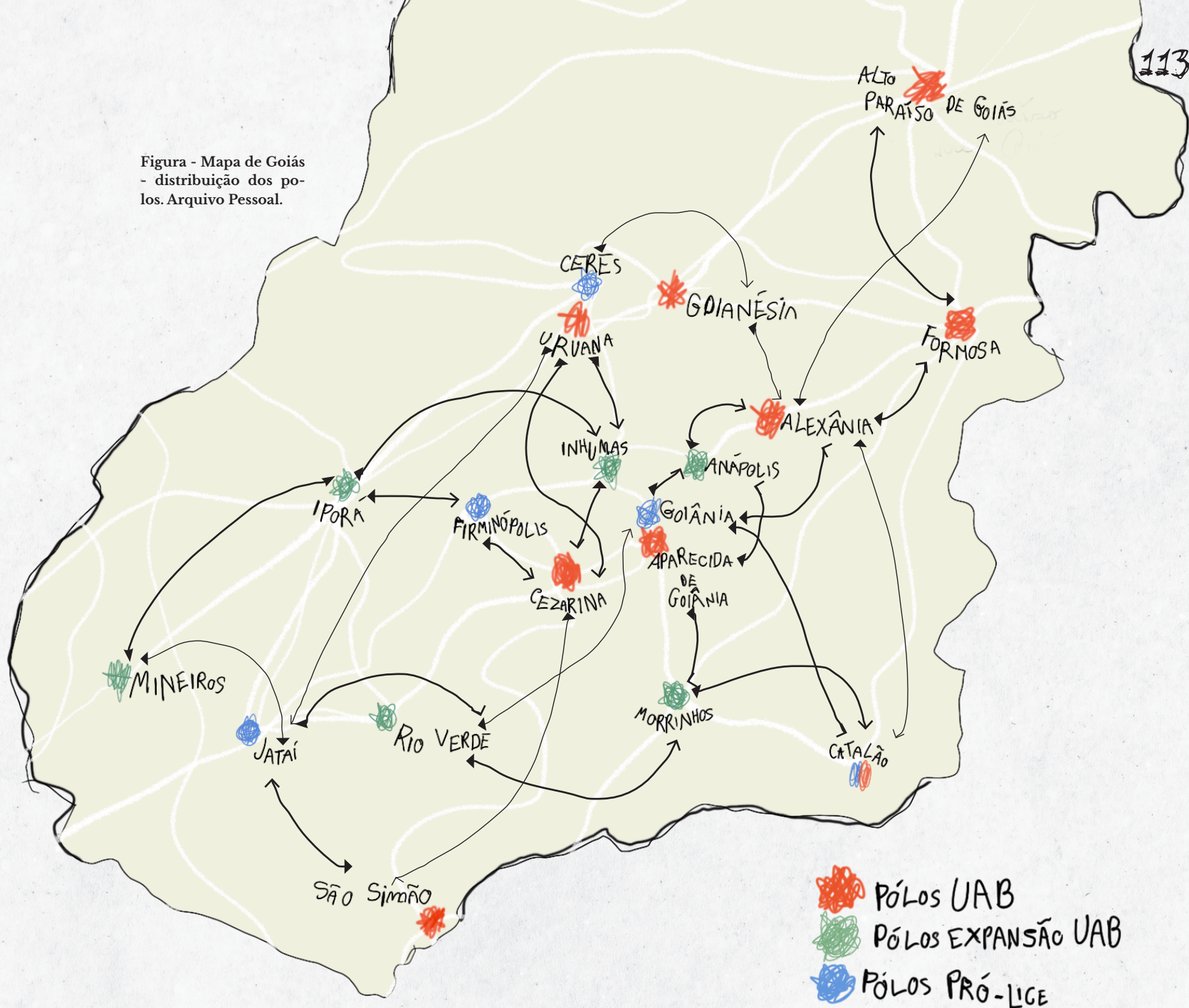
Começamos então a Licenciatura em Artes Visuais - do programa UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, em outubro de 2007, ofertado em nove municípios polos: Aparecida de Goiânia, Alexânia, Alto Paraíso, Catalão, Cezarina, Formosa, Goianésia, Uruana e São Simão. Começamos com 450 alunos nesse curso e uma equipe de professores formadores e orientadores formando uma ampla rede de apoio aos processos pedagógicos para aquela oferta. Em 2009, tivemos outro processo seletivo que contemplou outros seis polos: Anápolis, Inhumas, Iporá, Mineiros, Morrinhos e Rio Verde. As aulas tiveram início em fevereiro de 2010.

Reunindo UAB e Prolicenciatura passamos a gerir dezoito (18) polos com dois currículos diferentes, mas buscamos pontos em comum e projetamos ações conjuntas promovendo eventos e momentos presenciais na Faculdade de Artes Visuais. Esse número pode parecer muito alto, mas a UFES tinha 22 polos no estado do Espírito Santo ofertando a Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância no projeto UAB.

Tanto em um projeto, quanto em outro, a estrutura da oferta se ampara na construção de parcerias entre o Governo Federal, as IES e os municípios. Na fase de consolidação dessas parcerias muitas viagens foram feitas para, digamos assim, “levarmos” aos poderes locais as vantagens da implementação do polo de apoio naquele município, que passaria a ser, uma extensão da UFG. Nós, das artes visuais, ficávamos numa situação delicada, pois prefeitos e secretarias municipais de educação, não entendiam porque a UFG não tinha colocado no cardápio um curso de pedagogia, para formação de professores.

Em muitos momentos me senti como os vendedores de Balsa da minha infância, convencendo os interlocutores da incrível aquisição que eles iriam fazer ao aceitar, ao lado de outros, o curso de Licenciatura em Artes Visuais, que iria formar professores na relação arte e cultura. Em alguns municípios fomos preteridos, uma vez que já haviam firmado acordo com a UnB, mesmo que o município fosse de Goiás, esse foi o caso de Posse, e quase foi a mesma situação em Formosa. Ou seja, havia também o jogo político de dis-

Figura - Mapa de Goiás
- distribuição dos po-
los. Arquivo Pessoal.



puta territorial entre as instituições públicas que se tornaram “aptas” para a oferta dos cursos na modalidade a distância.

Internamente, essa equipe composta por futuros coordenadores/as dos cursos que seriam ofertados, viviam um período onde era possível vislumbrar outras práticas, outras docências, inter, transdisciplinares numa outra universidade possível. Muitos planos foram feitos dentro das vans que nos conduziam em longas viagens para visita aos futuros polos. Planejamos vídeos com o professor Osnir Silva que viria a coordenar o curso de Licenciatura em Física na modalidade EAD, cozinhando peixes, explicando componentes físico-químicos do processo de cozimento, enquanto alguém das artes visuais, traria processos poéticos com peixes e culinária, e tantas outras coisas que sonhamos juntos. Esse grupo criou a sigla CIAR - Centro Integrado de Aprendizagem em Rede, uma vez que a ideia de só ensinar, também era incompleta, era preciso incluir o estado de aprendizagem, dos quais, nós professores e professoras sonhadores(as), nos sentíamos em processo.

Tanto na Faculdade de Artes Visuais na UFG, quanto em outros lugares, nas ocasiões em que apresentava a proposta da oferta do curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância, duas perguntas eram feitas a título de apontar a impossibilidade dessa oferta:

- Como a prática seria trabalhada, como ensinar a desenhar, pintar, esculpir, fotografar e gravar na modalidade a distância?

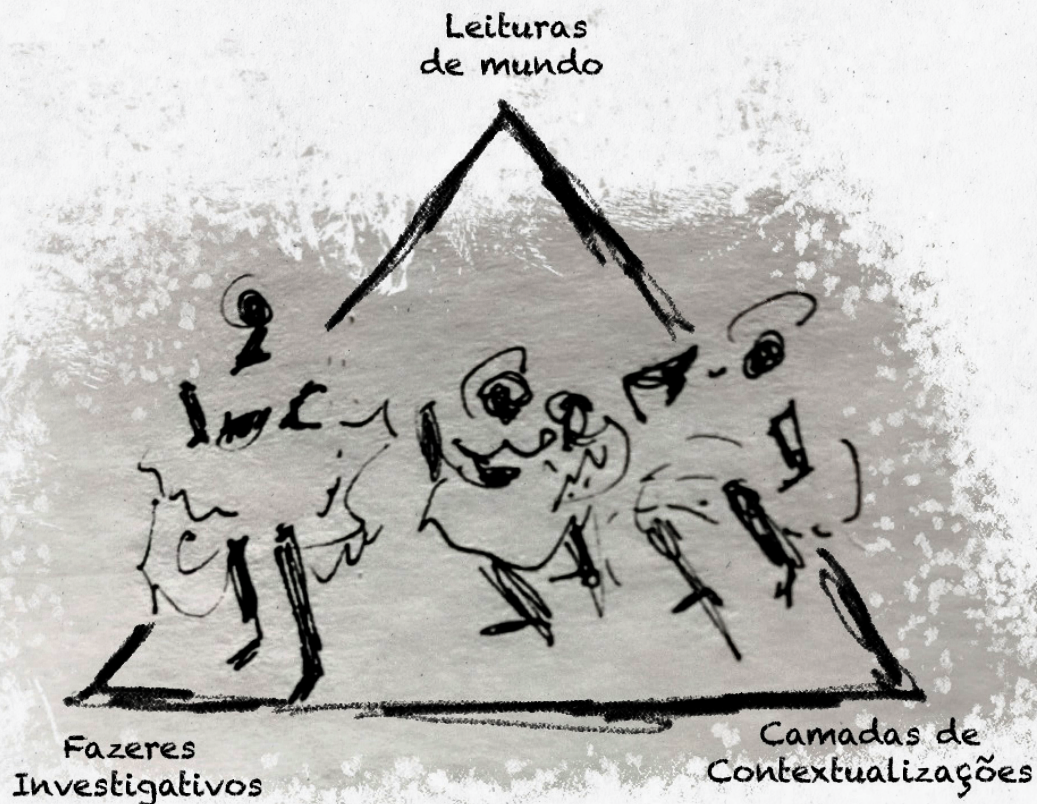
- Como as disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório poderiam ser colocadas em prática, uma vez que é imprescindível a presença de professores?

Como já citado, no estágio Curricular, trabalhamos a partir da base das experiências vivenciadas na Licenciatura em Artes Visuais presencial entre 2005 a 2009, mas avançando em muitos aspectos tais como: a ampliação da fundamentação teórica; a expansão geográfica das ações para outras cidades além da capital Goiânia e circunvizinhanças; e mais importante, a construção de uma rede de ensino-aprendizagem de arte visuais jamais imaginada por nós no curso regular. Dito isso, vale a pena relembrar os princípios articuladores do Projeto Político Pedagógico desenhado para a Licenciatura em Artes Visuais EAD:

- A articulação do processo de formação de docentes em artes visuais ao **contexto educacional** local: Pensar a formação estreitamente conectada com a realidade educacional da região entendendo a realidade existente e propondo transformações que enriqueçam e reforcem a educação em artes no local.
- A articulação do processo de formação de docentes em artes visuais com o **contexto cultural** local. Pensar a formação em artes visuais articulada ao contexto cultural local apoiando-se numa concepção multicultural de educação, na qual a arte não pode ser entendida como uma esfera sagrada para poucos iniciados, mas como um bem cultural acessível a todos.
- A articulação do processo de formação de docentes em artes visuais à utilização das **novas tecnologias**. Pensar a formação em artes visuais articulada aos saberes tecnológicos contemporâneos na direção de uma educação na qual se busca a au-

tonomia dos sujeitos, a descentralização e deshierarquização dos saberes pedagógicos, artísticos e culturais.

A base desses três pontos ou princípios é ancorada na **Abordagem triangular de Ana Mae Barbosa**, tem no vértice da contextualização uma porta de entrada. No entanto, todas as ações metodológicas das diversas disciplinas foram desenhadas com base na articulação dos três vértices:



Ou seja, estes vértices se entrecruzavam em todos os ateliês (desenho, pintura, tridimensional, fotografia e imagem em movimento, oficina de portfólio, quadrinhos, gravura, dentre outras), com acompanhamento da realização dos exercícios que iam sendo digitalizados, postados no *moodle* e comentados, não só pelos professores/as e tutores(as), mas também, pelos próprios colegas, descentralizando a figura da tradicional autoridade docente. Nos encontros presenciais, exercícios produzidos em casa ou produzidos nas oficinas dos encontros, eram trabalhados na coletividade e geravam ótimas discussões.

Um dos marcos nessa trajetória foi a oferta do Atelier de Gravura. No prédio da FAV temos um excelente atelier de gravura, que eventualmente, era utilizado por ocasião dos encontros presenciais da FAV. Mas era necessário pensar nos polos, como possibilitar essa prática da gravura em locais que eram destinados a isso. Diante desse desafio, a professora Manoela Afonso projetou prensas móveis que pudessem ser deslocadas para os diferentes locais. Procuramos quem pudesse executar o protótipo e em seguida foram feitas 12 prensas que foram distribuídas mediante empréstimo para diferentes localidades.





Figura - Professoras formadoras e tutoras durante os encontros presenciais em momento de análise coletiva dos exercícios das turmas do curso de Licenciatura em Artes Visuais- EAD. Arquivo pessoal.



Por solicitação, compartilhamos essa ideia com outras instituições, como por exemplo, a Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

Outros compartilhamentos foram feitos na produção de material didático como apontei ao mencionar o estágio curricular obrigatório.

A pequena equipe na FAV, tinha que cuidar tanto das questões do Pró Licenciatura como das questões da UAB. O fato é que só depois da aula de abertura das turmas da UAB, é que começamos as turmas do Prolicenciatura. Aprovada em concurso em 2010, a prof^a. Lilian Ucker assume a coordenação desse curso, mas trabalhando de forma conjunta também com as turmas UAB.

Voltemos às estradas do anos 2006/2007.

Tínhamos a sensação de estarmos revivendo processos colonizadores das **Entradas e Bandeiras**. Vivíamos os conflitos dos limites entre o desejo de ampliar as instâncias de formação, e aquela sensação de que éramos os representantes de uma instituição que reproduzia e re-editava processos hegemônicos. Processos esses que procurávamos dissolver com as ações docentes de nossos cursos pautadas em outra concepção de arte, em contravisualidades, no diálogo com os saberes locais, etc.

As viagens iam costurando acordos, dando concretude às alianças estabelecidas entre governo federal, municípios e universidade. Da oferta à escolha de locais para instalação dos polos. Da minha parte, era necessário reforçar os argumentos com os gestores de que não era qualquer lugar que



Figura - Registro com a profa. Manoela Afonso (atual coordenadora adjunta de área de arte da CAPES) capacitando tutores/as para o uso da prensa. Arquivo pessoal.



serviria para o curso de artes visuais, como também tinha que responder para que servia, porque o reitor não “mandou” um curso de pedagogia?

Da UFG de cal e pedra – para uma UFG desmaterializada, pulverizada em polos, com diferentes caras, atores e atrizes que antes estavam fora dos palcos do jogo acadêmico, tutores e tutoras, coordenadores/as de polo, professores/as formadores/as que não eram da UFG.

Essa ideia parte da noção de patrimônio material, geralmente atribuído a fisicalidade dos artefatos, em especial a noção de edifícios, daí a menção à pedra e cal, para outras concepções mais flexíveis de patrimônio. É fato que com a EAD, a Universidade deixou de ser entendida apenas como os prédios instalados na sede e nos *campi*. Passa a ser uma sala de aula, um refeitório, uma quadra de uma escola pública ou em um outro lugar possível, onde nos instalamos para as aulas presenciais nos diversos polos por onde a UFG se espalhou.

Construção coletiva como desobediência e resistência afetiva

De todo esse percurso relatado aqui de forma fragmentada, um aspecto deve ser ressaltado como alicerce: a construção processual e coletiva de todos os fatores do curso e, para tal, um segmento docente foi de fundamental importância: os/as valorosos/as tutores e tutoras que se somaram a essa utopia e, na sua grande maioria, trabalhou muito mais do que devia e recebeu muito menos do que merecia.

Nessa ideia de universidade expandida, desmaterializada, para além das fronteiras institucionais, tutores e tutoras foram aquelas pessoas presentes no cotidiano discente, no moodle, nos encontros presenciais, em grupos de whatsapp, etc. Em nossa experiência de oferta dos cursos EAD na Faculdade de Artes Visuais, a tutoria nunca obedeceu ao papel definido pelos autores da área, a de um facilitador. Pode parecer um viés romântico da minha parte afirmar que na tutoria se sobressaiu a dimensão afetiva, e devemos a ela, o alto índice de formandos/as que diante de tantas dificuldades, não desistiram e conseguiram chegar até a formatura.

A UFG, assim como toda Instituição Pública de Ensino Superior - IPES, tem o ritual de avaliação docente pelos discentes. Muitas e muitas vezes, as turmas ficavam confusas ao receberem os formulários de avaliação, pois os nomes de tutores/as não constavam na lista de docentes a serem avaliados/as. Mas, a moçada soube se valer de táticas *certeaunianas* quebrando protocolos em cerimônias de formatura, quando escolheram tutoras como “professoras homenageadas”. Foi assim com Joanna Penna e Maria de Fátima França Rosa, em nome das quais presto minha homenagem e o meu mais profundo agradecimento por terem navegado conosco em águas nem sempre tranquilas dessas ofertas.

Maria de Fátima, talvez seja a tutora que mais tempo tenha atuado junto a nossas ações. Depois dos cursos de graduação, ela permaneceu conosco na oferta do curso de especialização, sobre o qual me reportarei mais adiante. Produzimos juntas alguns textos sobre nossas experiências. Em 2023, defendeu uma dissertação de mestrado, sobre sua experiência como tutora, sob a orientação da professora Lilian Ucker Perotto.

No início da oferta dos cursos (UAB e Pro-Licenciatura) eram poucos os/as docentes da Faculdade de Artes Visuais que aceitavam “dar aulas na EAD”, tudo parecia muito estranho. Fazia sentido o estranhamento, era outra

perspectiva, a mediação do *moodle*, o planejamento antecipado, a “supervisão” da equipe de tutores/as (que muitas vezes, entendiam mais do processo que os próprios professores), a necessidade de manter os fóruns acesos com discussões e provocações e ainda, a participação nos encontros presenciais formava um conjunto de práticas não ausentes do curso presencial.

De fato, a docência nesses cursos provoca alguns abalos, creio que o maior deles, ou um dos mais importantes, é a descentralização da figura do professor/a no processo de ensino aprendizagem. Quer queiramos ou não, a presença dos tutores/as na interlocução já abala essa centralidade, e, além disso, os/as estudantes começam também a participar de forma ativa, por exemplo, uma pergunta colocada no fórum por um/a cursista, era muitas vezes respondida por um/a colega, que trazia sugestões de leituras, links, relatos de experiência ou ponderações sobre as reflexões que iam sendo colocadas nos fóruns.

Aos poucos fomos conseguindo a adesão de colegas e a participação como professores(as)/formadores(as) foi se ampliando. Algumas pessoas depois de uma primeira experiência se engajaram definitivamente no processo. De qualquer forma, esporádica ou de forma mais consistente,

todo esse conjunto foi o que permitiu que conseguíssemos ao longo de 12 anos realizar diferentes ofertas e formar um bom número de professores/as em artes visuais, modificando a vida de muita gente dentro e fora do estado de Goiás.

Esses e essas professoras/es que acreditaram na potência da formação de professoras/es em artes visuais por meio dos cursos EAD (lembrando que sempre foram semipresenciais) que ofertamos, contribuindo sem medo da pecha de estarem embarcando na onda neoliberal da educação como mercadoria. Mais uma vez, na barriga do sistema, usamos as vísceras para vivenciar contra narrativas.

Meu reconhecimento e agradecimento às professoras Eliane Chaud, Manoela Afonso, Alice Martins, Irene Tourinho, Raimundo Martins, Mirian Costa Manso, José César Teatini, que produziram textos para os livros didáticos e alguns atuaram também como formadores. Um agradecimento especial a professora Maria Elizia Borges que disponibilizou sua pesquisa sobre História da Arte no Brasil gerando um material valioso para nossa coleção. Também tivemos a colaboração de um time de peso:

Especialização: formação continuada em processo

Quando tudo parecia muito, excessivo, mas já rumando para a finalização dos últimos remanescentes dos cursos de “Licenciatura EAD”, o corpo docente foi consultado para saber se a FAV ofertaria uma nova turma de graduação em 2022 pela Universidade Aberta do Brasil. Eu e Lilian Ucker, quase Terezas Batistas cansadas de guerra, ainda pensamos em concordar, mas a maioria, com mais juízo do que nós duas, disse não. Como juízo é um bichinho que a gente não sabe o que come ou como se cria, ressuscitamos o antigo projeto desenhado em 2016/2017, do curso de **Especialização em Ensino de Artes Visuais: Abordagens Metodológicas e Processos de Criação** e trabalhamos para iniciar o curso em 2023, com Lilian assumindo a coordenação e eu, a vice coordenação (Especialização, CIAR/UFG, *online*)⁹.

Quando criamos a proposta do curso, a ideia era a de oferecer formação continuada para egressos e egressas das nossas Licenciaturas (presencial e EAD) bem como para outras pessoas com formação e atuação na área do ensino de artes visuais, visando contribuir para o aprofundamento e ressignificação de conhecimentos necessários ao exercício docente na contemporaneidade. Mas a demora na oferta nos trouxe outra realidade, as inscrições que chegaram foram feitas por pessoas com formação nas mais diferentes áreas, não necessariamente egressos e/ou docentes em artes visuais. Novos tempos, novos dilemas: como manter o eixo de uma formação

⁹ Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/projetos/ensino-artes-visuais/index.html>.

(agora já não tão continuada) na área de artes visuais, buscando um aprofundamento (agora com sabor de iniciação) em abordagens metodológicas e propondo a imersão em processos de criação que fundamentassem a proposição do/da artista/professor/a/pesquisador/a?

Como se diz, é no andar da carroça que as abóboras se ajeitam e lá fomos nós, com uma boa trupe para novas/outras acrobacias: o professor **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri** da FAV/UFG, a professora **Rita Morais de Andrade** também da FAV/UFG, **Thiago Fernando Sant'anna** professor da UFG no curso de Arquitetura e Urbanismo, da Regional Cidade de Goiás e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais/UFG; **Ana Rita Silva**, professora de Artes Visuais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG e **Sidiney Peterson Ferreira de Lima**, professor do Profartes da UNESP-SP e do Instituto Ieda Picon, em São Paulo. Para completar nossa trupe, tutores e tutoras que têm trabalhado conosco: **Maria de Fátima França Rosa**, **Iliada Damasceno**, **Lucas Costa**, **Paulino Antonio**, **Maisa Pacheco**. Todos egressos e egressas das nossas Licenciaturas, agora mestres, doutores e mestrandos/as.

Diante dos nossos desafios chamamos Lucimar Bello para fazer a fala de abertura do curso, que já provocou maravilhamento ao trazer os processos de criação para as pequenezas e amiudamentos cotidianos tirando o fazer artístico de um lugar inatingível.

Minha tendência é querer descrever ponto a ponto como o curso foi realizado, as dificuldades, os refazimentos de percursos, as aulas dos/as convidados/as online abertas a toda a comunidade, os três encontros presenciais acontecidos até agora, mas fica para outra empreitada.

Só gostaria de falar de como as duas disciplinas que ofertei têm conexão com as questões já colocadas no meu percurso docente. Na primeira - **Questões Históricas e Contemporâneas do Ensino de Arte** trabalhei com o livro *Redesenhando o Desenho* (2015) de Ana Mae Barbosa, onde ela propõe uma periodicização da história do ensino de artes no Brasil da seguinte forma:

Com essa linha de tempo, fomos caminhando pelas diferentes viradas propostas por Ana Mae: Virada Industrial, Virada Modernista-fase 1 e 2, Virada Pós Moderna, Virada Educacional dos Artistas e nestas últimas, enfatizamos questões que permeiam o ensino de arte na contemporaneidade, tais como as questões de gênero, étnico-raciais, discussões sobre decolonialidade dos saberes e outras que a turma ia apresentando como importantes nos seus contextos de atuação. Mesmo quem não tinha a formação inicial nas artes

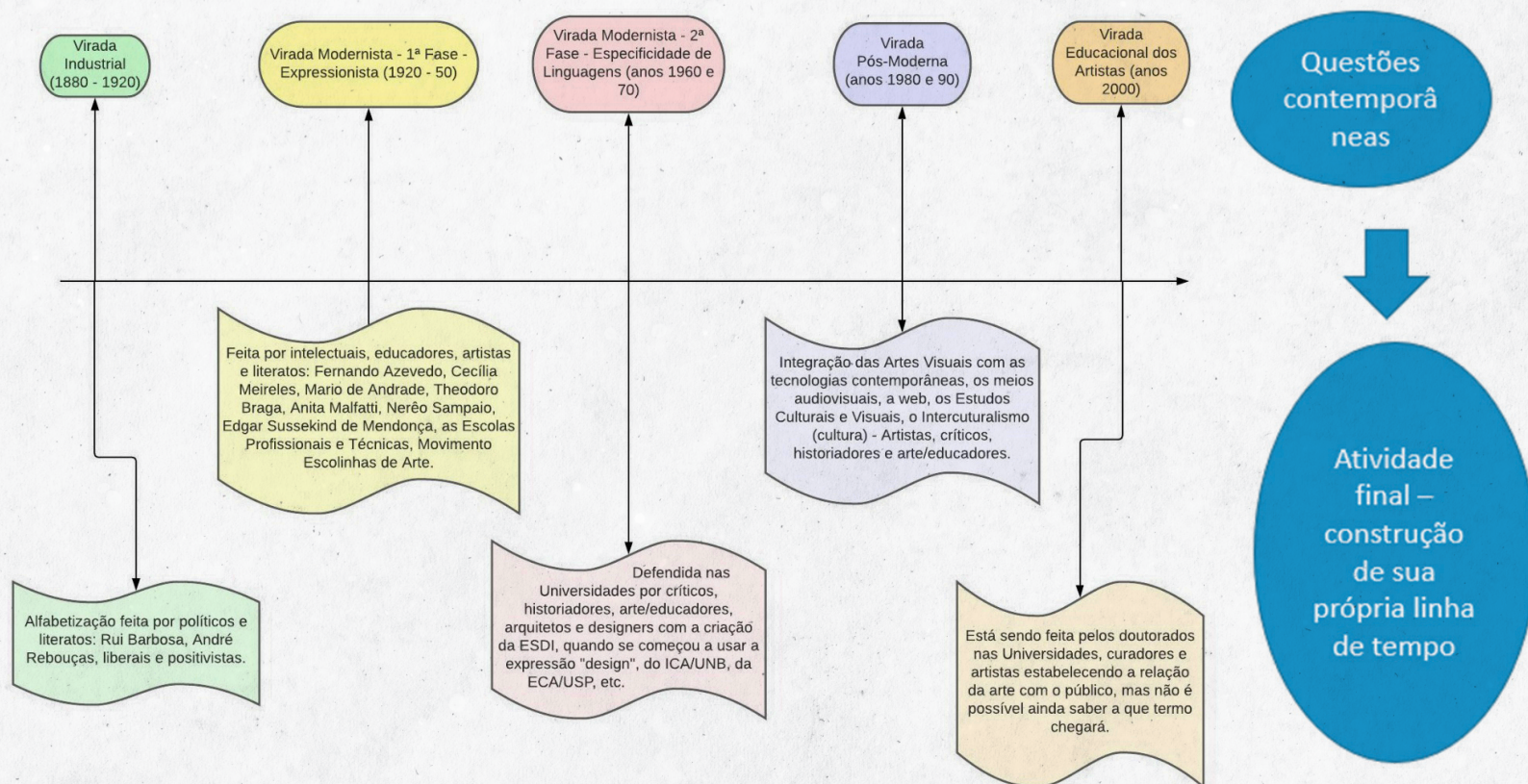


Figura - Linha do tempo construída por Iliada Damasceno a partir do texto de Ana Mae Barbosa (2023). Acervo pessoal.

visuais ou em outra área do nosso campo, conseguia se conectar com as características das viradas, ao revirar suas histórias e mapear traços de uma formação artística e cultural na sua trajetória de vida, seja em contexto da educação formal ou não formal. Tivemos uma produção de mapas redesenhados numa multiplicidade de experiências nas quais encontramos semelhanças e peculiaridades da presença da arte e seu ensino na vida de cada pessoa.

A segunda disciplina **Laboratório de criação docente: experimentações poéticas** aconteceu depois da turma ter avançado no curso e ter passado por um desafio com o prof. Luiz Olivieri, de terem criado um Caderno de Artista no qual exploraram ou descobriram potencialidades do fazer vindas dos mais diferentes lugares: colagem, desenho, pintura, diferentes processos artesanais, bordados, entre outros. Como o caderno era digital, uns dominavam mais os programas para este fim, enquanto outras pessoas faziam o processo físico, depois digitalizando. Aconteceu muita troca e ajuda entre os/as estudantes. Chegaram na minha disciplina orgulhosos/as com a experiência e, qual não foi a surpresa, ao receberem um novo desafio, de formarem pequenos grupos e a partir dos cadernos individuais, produzirem um caderno coletivo na relação artográfica de uma proposta artístico/pedagógica.

Apesar dos espantos e resistências iniciais, surgiram cadernos resultantes de um pensar juntos/as, descobrindo a potência do coletivo. Foi possível (e complexo) olhar para outras produções, extrair pontos de conexão,

escolher um fio condutor na narrativa poética pedagógica a ser criada. A produção artístico/pedagógica coletiva incentiva o olhar para diferentes possibilidades partindo de pontos em comum. O processo criativo em coletivo é mais desafiador e nos obriga a refletir mais atentamente sobre a relação obra-indivíduo-observador, lidando com diferenças, questionamentos, escolhas etc. Uma estudante que já é professora de artes visuais relatou que seu maior ganho foi o de ter descoberto que é possível trabalhar de forma coletiva, uma vez que ela se sente muito isolada por ser a única docente na área. Por outro lado, aquelas pessoas que não se identificam com processos pedagógicos, puderam pensar junto com aquelas que já têm experiência dentro ou fora do contexto formal de educação. Eu e o professor Luiz Olivieri estamos nos organizando, em parceria com estudantes, para a publicação de alguns destes materiais. A expectativa é grande.

Antes de trazer algumas experiências vividas no curso de Licenciatura em Artes Visuais -EAD durante a pandemia, quero trazer uma reflexão sobre o sentimento que me assolou ao produzir esse tópico: a perplexidade de, ao mesmo tempo em que conto uma estória, me dou conta da violência desse tempo pandêmico, que subtraiu de todos/as nós tempo, sociabilidade, afetos e na maioria dos casos, pessoas queridas. Minha filha, a cada morte de mãe de suas amigas, entrava em surto e redobrava a vigilância do meu enclausuramento. Eu, a cada morte anunciada em redes sociais

No meio da EAD aconteceu uma pandemia

de professores/professoras conhecidos/as ou não, entrava em depressão diante da fragilidade das nossas existências. Com isso, me redobrava nas aulas, nas orientações, em tudo que proporcionasse contatos humanos afetivos, os quais mesmo mediados pelas tecnologias, foram o suporte para a sobrevivência emocional e espiritual na travessia desses tempos distópicos. Usando um chiste muito utilizado na época, além da pandemia, o pandemônio do desgoverno federal da época. Mas, é sobre a busca de saídas e brechas afetivas que vou falar neste tópico.

No início de 2020, começamos a disciplina **Estéticas Urbanas** com a última turma da UAB III. O texto base foi escrito pela professora paulistana Lilian Amaral, artista e arte educadora reconhecida por seus projetos com arte pública, arte urbana e projetos em comunidades. Todo um planejamento havia sido feito para novas etnografias nas muitas cidades onde os/as estudantes moravam, que iam muito além dos municípios polos. A ideia seria levantar as visualidades urbanas, identificar criadores de imagens no espaço público e buscar parcerias para a construção de trabalhos coletivos naquele lugar. Vemos como nosso curso, mesmo sendo identificado com a tag “EAD”, procurou de muitas maneiras a presencialidade das ações, a in-

teração, a movimentação dos corpos aprendentes. Nesse caso, os objetivos propunham pensar a cidade:

1. como palco para uma arte educação contemporânea;
2. como espaço para aprendizagens artísticas-estéticas-culturais;
3. como espaço de operações híbridas, multifacetadas, polifônicas;
4. como exercício político para arte educadores: ocupar a cidade

Lembrando que os/as estudantes das turmas do curso EAD já haviam passado pela experiência de cartografar espaços da cidade para propor experiências pedagógicas nos espaços escolares. Dessa vez, o propósito de etnografar visualidades existentes na cidade tinha como objetivo pensar no espaço urbano como produtor de sentidos e também identificar criadores/as dessas imagens.

WILLIAM TEODORO MATOS
quarta, 11 mar 2020, 21:18

Na minha cidade tem um artista que se chama NONATO um artista “autodidata”, diz que cada fase de sua vida, possuía inspirações diferentes e nesta fase ele estava focando em rostos de pessoas que lhe marcaram de alguma forma; as imagens de animais e híbridos ao fundo são uma das características surrealista-impressionista das obras deste autor, que desde os tempos de grafiteiro, faz o uso destes padrões de figuras, buscando expressar seu vínculo com a natureza em transformação não deixando de lado o primitivo de seus pensamentos, com tudo também foi abduzido pelas pompas das galerias deixando para trás as pichações e pinturas nos muros.



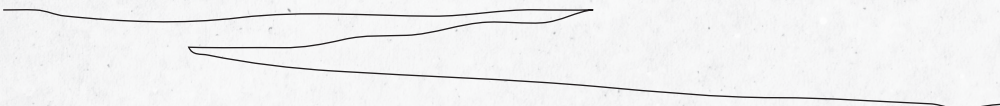
**JOZILENE DE SOUZA
COSTA SANTANA**

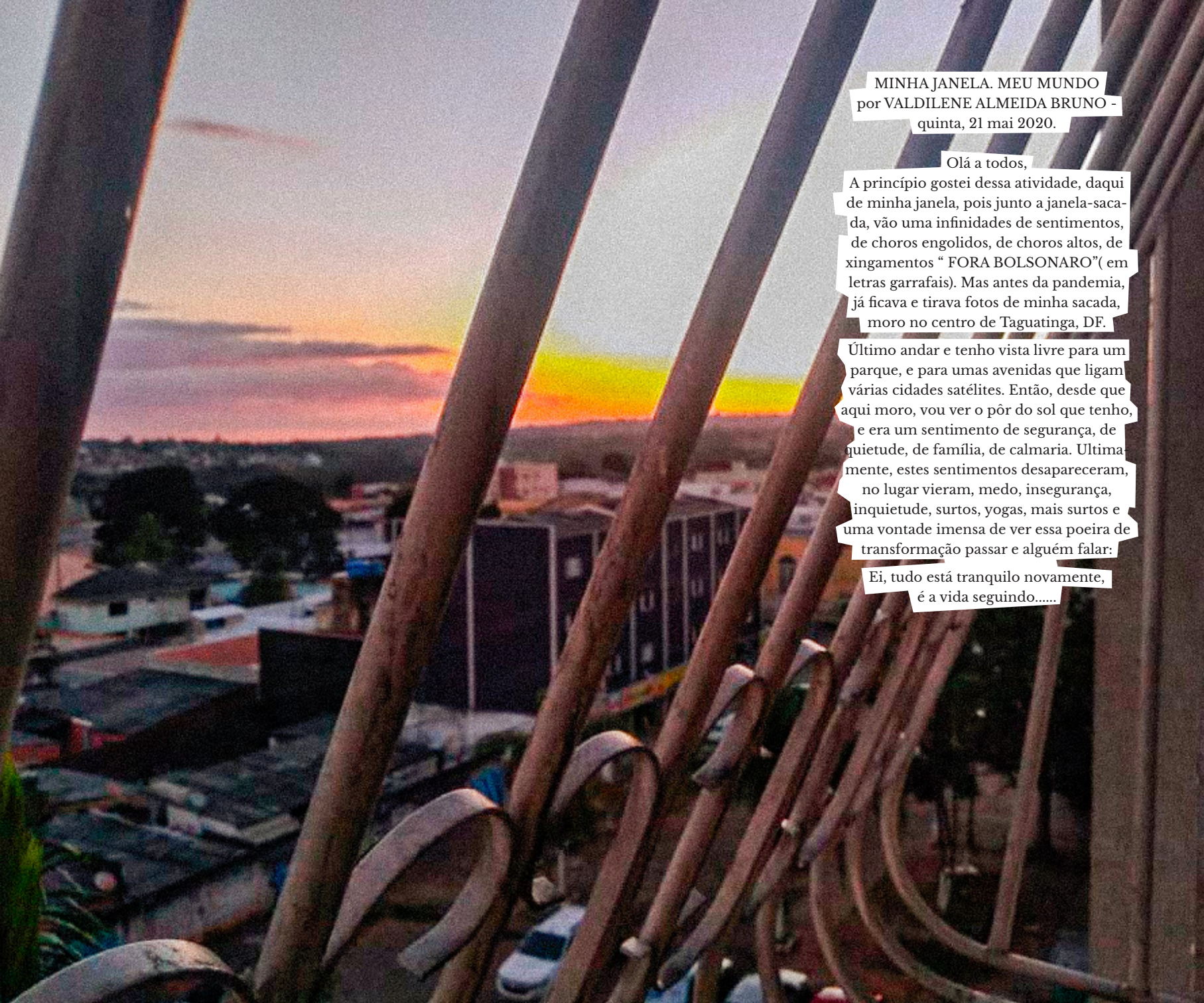
quinta, 26 mar 2020, 11:12

Eu já tinha visto algumas artes nas ruas lá no Parque Atheneu e me chamou bastante atenção, pois estava em um muro, o artista aproveitou a árvore e fez o rosto de uma mulher e o cabelo era a árvore, não tenho a foto desse muro, mas fui pesquisar sobre o artista ele se chama Decy, ele retrata a natureza e forma geométricas e suas maiores inspirações são crianças, mulheres e homens negros. Essa Arte foi feita na Rua C12 c a C 55 no Setor Sudoeste. Quem quiser saber mais sobre o Artista ele tem Instagram [decy_grafite](#).



Havíamos começado essa primeira parte quando, de repente, fomos colhidos no meio da tempestade da COVID-19. As aulas já aconteciam no espaço digital do moodle IPE e não foram interrompidas, ao contrário das aulas nos cursos presenciais. Então, o que poderia ser diferente? Fizemos um encontro síncrono com as turmas perguntando como cada pessoa estava naquele momento. Era essencial ir além do aspecto técnico operacional de poder ter aulas online e no moodle. Foi um momento de profunda solidão, perdas e incertezas. Do mapeamento das nossas condições nasceu o projeto “Da minha janela vejo...”. Um exercício de ativar o olhar de corpos que se encontravam impedidos de circular pelas ruas, corpos presos aos espaços internos de casas e apartamentos, cotidianos encarcerados. O olhar foi convocado a andarilhar a partir das janelas/portas/frestas/brechas/grades. As fotografias se tornaram uma espécie de diário da pandemia, eram postadas nos fóruns da disciplina acompanhadas de reflexões muito subjetivas da condição de cada pessoa naquele momento.





MINHA JANELA. MEU MUNDO
por VALDILENE ALMEIDA BRUNO -
quinta, 21 mai 2020.

Olá a todos,

A princípio gostei dessa atividade, daqui de minha janela, pois junto a janela-sacada, vão uma infinidades de sentimentos, de choros engolidos, de choros altos, de xingamentos “FORA BOLSONARO”(em letras garrafais). Mas antes da pandemia, já ficava e tirava fotos de minha sacada, moro no centro de Taguatinga, DF.

Último andar e tenho vista livre para um parque, e para umas avenidas que ligam várias cidades satélites. Então, desde que aqui moro, vou ver o pôr do sol que tenho, e era um sentimento de segurança, de quietude, de família, de calma. Ultimamente, estes sentimentos desapareceram, no lugar vieram, medo, insegurança, inquietude, surtos, yogas, mais surtos e uma vontade imensa de ver essa poeira de transformação passar e alguém falar:

Ei, tudo está tranquilo novamente,
é a vida seguindo.....



DA MINHA JANELA VEJO...

recriação artística de fotografia
por ROSA PIRES FERNANDES
segunda, 28 set 2020, 18:06

E como evolução do entendimento
de todo esse processo, percebi que
essas imagens captadas após todo um
estudo para sua composição, interação
de linguagens e realização, também
poderia fazer parte de outra transfor-
mação e manipulação de imagens por
meio da manipulação digital.

Foi o que ocorreu com a foto criativa
da proposta “Da minha Janela: o que
vejo em tempos de pandemia” e que
me trouxe realização após a frustração
de perceber que minha aptidão não
era saber desenhar.

Figura - Da minha janela
vejo. Recriação artística de
fotografia. Arquivo pessoal.

Na segunda etapa da disciplina, passamos para a produção poética a partir das imagens capturadas e compartilhadas nos fóruns. Surgiram várias **interferências poéticas** nessas imagens, em diálogo com as sensações descritas, lançando mão de frases, poesias, músicas, etc.

Estas experiências impactaram a todos/as e muita gente afirmou que foi uma válvula de escape em meio a loucura e ao adoecimento nesse primeiro ano. Mesmo quando o semestre acabou, continuamos a receber imagens e depoimentos. A parceria com a professora Lilian Amaral foi fundamental como apoio em conversas e reflexões sobre esse “novo urbano” da pandemia. Lilian, nos colocou em contato com a professora Liliana Fracasso que estava desenvolvendo uma experiência muito próxima da nossa na Universidad Antonio Nariño, da Colômbia. Assim, nos envolvemos no projeto LUGANDO ativando conexões, também entre a profa. Mirian Celeste Martins e a profa. Rosana Schwartz, da Universidade Mackenzie, em São Paulo. Essa experiência também gerou reflexões sobre o processo com as seguintes publicações:

- Guimarães, Leda. **Entre/ver/a/cidade: quando olhos levam corpos para passear**. In: Nunes, Lilian do Amaral e Schwartz, Rosana Maria Pires Barbato (orgs.). *Entre Territórios: arte, memória, cidades*. Mackenzie. São Paulo: e-manuscrito. Pp. 160 -183.
- Guimarães, Leda. **CAMINOS – CAMINHOS ¡La ciudad por la ventana: en la mitad del camino había una pandemia!** In: Revista CLEA. Número 13. Primer semestre año 2022. Pp.28 a 46. <https://redclea.org/el-consejo-latinoamericano-de-educacion-por-el-arte-presenta-su-revista-clea-n-13-correspondiente-al-primer-semester-2022/>

Além da produção da disciplina de **Estéticas Urbanas**, vale a pena mencionar a minha participação como docente nas disciplinas de **Laboratório de Criação Artística**, o último ateliê do curso, no qual se objetiva uma síntese do percurso das aprendizagens das linguagens artísticas ao longo da formação: desenho, pintura, colagem, fotografia, tridimensional, gravuras, entre outros. A partir do desenvolvimento de um processo de criação desde as primeiras ideias, rascunhos, etapas de execução sendo compartilhadas de forma processual.

¹⁰ Os três volumes estão disponíveis para baixar e compartilhar nos links:

https://issuu.com/licenciaturaartesvisuaisead/docs/e-book-arte-ou-invencao-volume_1

https://issuu.com/licenciaturaartesvisuaisead/docs/e-book-arte-ou-invencao-volume_2

https://issuu.com/licenciaturaartesvisuaisead/docs/e-book-arte-ou-invencao-volume_3

O resultado foi a produção de três volumes do *E-book* que chamamos “Arte ou Invenção: processos artísticos e invente[ações] poéticas”¹⁰. Desta vez, o professor Sidiney Peterson Ferreira Lima foi o nosso parceiro, que atuou como professor convidado interagindo com os/as estudantes e depois, no processo de conceber e fazer uma curadoria em conjunto para esses três volumes. Coloco aqui pequenos recortes e os *links* de acesso aos mesmos.

Figura - Registros da publicação Arte ou Invenção, 2021. Arquivo Pessoal.

Curso de Licenciatura em Artes Visuais EAD - FAV/UFG

Arte ou Invenção?

Processos artísticos e invent[ações] poéticas Volume 2 - Ano 2021

invenções!
FAV/UFG
Invenção
Poéticas EAD
Artes visuais
Artísticos
Licenciatura
EAD Arte invenções!
POCCESSOS FAV/UFG Curso
Processos Licenciatura Artes visuais FAV/UFG Invenção Poéticas

Livia Livia Livia Livia Livia Livia Livia Livia Livia Livia

“fotografar
itens do
cotidiano e
repensá-los
visualmente”
“novos olhares,
novas poéticas.”

Figura - Registros da publicação Arte ou Invenção, 2021. Arquivo Pessoal.



Já pensando em formação continuada, em 2018, desenhamos um projeto de especialização a ser ofertado para egressos/as, tanto da Licenciatura presencial quanto a distância. Muitos entraves aconteceram, dentre eles a pandemia e o corte de verbas. Mas este não vingou naquele momento, só em 2023.

Em 2024, as professoras Valéria Fabiane e Noeli Batista, colegas que começaram a sua docência na equipe dos chamados cursos a distância, juntamente com a professora Carla Abreu (egressa do curso de Licenciatura presencial) junto com outros(as) colegas, enfrentaram o desafio criando a primeira Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância institucional, ou seja, dentro do sistema de oferta da própria UFG. Mais uma vez, uma ação pioneira que demonstra o compromisso dessa equipe com a formação de professores do país.

Para finalizar esta parte de lembranças da EAD, coloco aqui o gráfico que demonstra o crescimento da oferta de números de vagas em cursos de graduação de forma comparativa entre modalidade presencial e a distância:

Número de vagas oferecidas em cursos de graduação, por modalidade de ensino Brasil 2014-2019

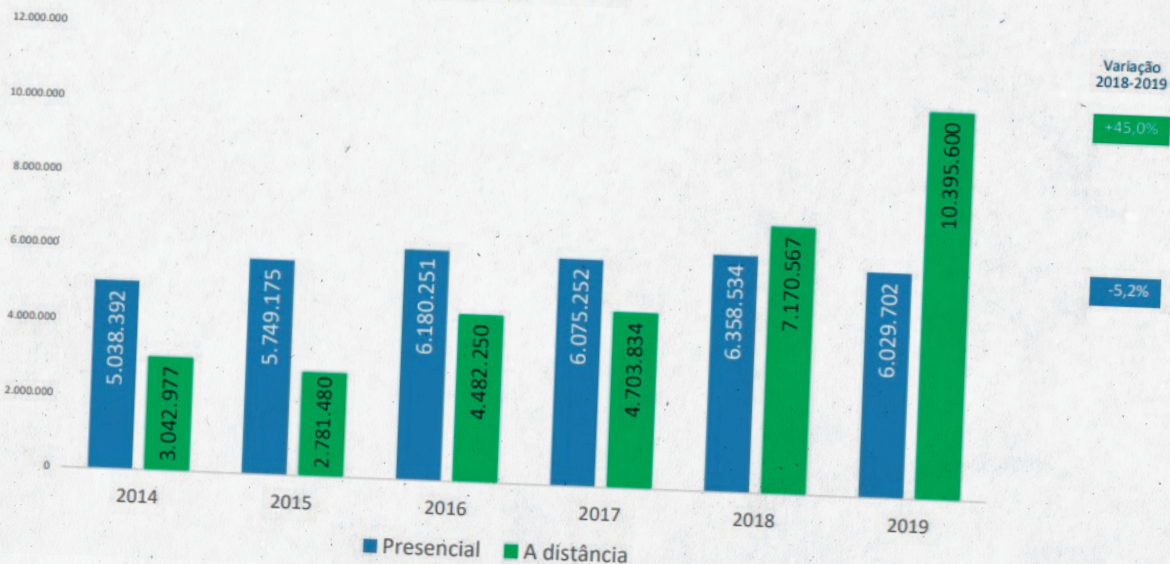


Figura - Gráfico crescimento da oferta de números de vagas. Fonte: (Formação, 2023, online).

Percebo que fiz parte (faço parte???) dessa “corrida” entre as duas modalidades na qual a EAD suplanta a modalidade presencial, a partir de 2018. Infelizmente, não consegui um gráfico só para os cursos de artes visuais, e outro que especifique a atuação das Instituições Públicas de Ensino Superior. Porém, de maneira geral, minha trajetória está costurada formando tanta gente e ajuda a configurar esse gráfico. Mas, nem tudo são flores. Sim, eu sei, o clichê é velho.

Em 2022, ao organizar uma fala para o Enrefaeb Centro-Oeste (Encontro Regional da Federação de Arte/educadores do Brasil), como ex presidente da federação, deveria incentivar a participação das pessoas nos movimentos associativistas, revisito dados sobre formação docente.

Nota bruta geral média do Enade de cursos voltados à formação docente, na modalidade a distância:		
Curso de Licenciatura (EaD)	Nota média em 2014	Nota média em 2021
Educação física	43,43	31,28
Química	38,24	34,59
Pedagogia	45,42	34,88
Física	36,31	35,77
Ciências biológicas	39,4	38,98
Música	45,65	39,01
Letras: português e inglês	42,3	39,1
Letras: português	39,55	39,39
Artes visuais	40,27	40,05

Fonte: Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade)/ Inep/ MEC. Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura - Números ENADE. Fonte: Todos pela Educação (Formação, 2023, online).

O levantamento mostra ainda que a qualidade dos cursos de Licenciatura na modalidade EaD vem caindo ao longo dos últimos anos no país. Dos 15 cursos considerados, nove tiveram redução na nota bruta geral média do Enade, além de aumentar a distância entre as médias de quem se formou a distância e de quem fez seu curso presencialmente. São eles: Artes Visuais, Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Letras-português, Letras (português e inglês), Música, Pedagogia e Química, (veja ranking abaixo). Também, em 2021, em todos os cursos de formação docente analisados, as notas médias EaD eram menores do que na modalidade presencial (Formação, 2023, online).

Nota-se que no gráfico a situação dos cursos de Artes Visuais é uma das melhores, a redução é de 40,27 para 20,05, perdendo 22 décimos na qualidade aferida. O que não está posto é que, em especial para as instituições públicas, a redução de investimentos para a oferta na modalidade EAD/semipresencial foi drástica. No caso das artes visuais da UFG podemos citar o corte do número de tutores, corte do número de bolsas para professores formadores, corte de verbas para viagens, além do desmonte da própria instituição que não tinha mais veículos nem motoristas para os deslocamentos das equipes aos polos, nem subsídios para apoiar a vinda de estudantes e coordenadores de polos aos encontros presenciais na UFG. Trabalha-se na precariedade. E ainda assim, ao contrário do que o texto informa sobre os outros cursos, o curso de artes visuais manteve a nota 5, enquanto o curso presencial tinha nota 4.

Artes Visuais EaD recebe nota máxima em avaliação do MEC

Em 27/05/15 10:51.

Curso de licenciatura a distância da UFG está entre os melhores do país

Texto: Raniê Solarevsky

Fotos: Alana Borges

O curso de licenciatura em Artes Visuais, oferecido na modalidade a distância pela UFG, foi avaliado com nota máxima pelo Ministério da Educação (MEC). O conceito 5, maior nota no sistema de avaliação do MEC, posiciona o curso da Faculdade de Artes Visuais (FAV) entre os melhores do país.

A formação foi avaliada com relação à sua organização didático-pedagógica, infraestrutura e corpo docente e tutorial. De acordo com o relatório de avaliação, "os objetivos do curso atendem plenamente ao propósito do PPC", as rotinas de atendimento ao discente funcionam muito bem e "as salas de aula são instaladas de maneira excelente assim como os laboratórios específicos do curso".

Para Valéria Fabiane, coordenadora do curso, o resultado da avaliação "representa o esforço e trabalho árduo de gestores da UFG, da FAV e dos polos de apoio presencial, de toda uma equipe formada por docentes, tutores, técnico-administrativos, suporte técnico, autores dos materiais didáticos e ainda, de diferentes instâncias institucionais da UFG como PROGRAD, PRODHIR, CIAR, CAVI e CGA em uma parceria construída durante anos". Para a professora, a equipe apostou que a modalidade a distância seria capaz de gerar um trabalho de qualidade na formação de professores.

Figura - Print da página de notícias site UFG. Fonte: Artes Visuais, 2015, UFG.

Tivemos um período de devassa, todos os investimentos públicos são passíveis de sofrer escrutínio do TCU, mas, depois dos processos inquisitórios da triste operação LAVA JATO o clima ficou tenso, foram deflagradas ações perversas como a que provocou a morte do reitor prof. Cancelier justamente por acusações infundadas de desvios de verbas públicas dos cursos EAD na UFSC. Havia um medo pairando no ar. Nada podia ser feito. Os

articuladores do golpe conseguiram o que queriam, o desmonte das universidades públicas em um nicho que interessa ao mercado da educação a distância. A qualidade dessa oferta é colocada em xeque de forma indiscriminada como vemos na declaração de Priscila Cruz, presidente - executiva do Todos pela Educação:

É claro que a Educação a Distância não é o único problema na formação inicial de professores, mas é inadmissível que o Brasil tenha na EaD a principal estratégia de formação inicial docente. E isso se torna ainda mais grave na medida em que esse crescimento está atrelado à baixa qualidade. Ao seguir permitindo a proliferação de cursos que não preparam os estudantes para o início do exercício da docência, o País está, na prática, promovendo uma tremenda desvalorização da profissão docente. É papel do Ministério da Educação reformular profundamente os processos regulatórios desses cursos a distância. Os futuros professores e a sociedade como um todo não podem ser vítimas desse descaso que se intensifica ano após ano sem que o governo federal tome uma medida eficaz para frear essa expansão (Formação, 2023, online).


Não quero avançar neste memorial numa problematização sobre a colocação acima. Mas, creio que os fragmentos de relatos das vivências com a formação de professores de artes visuais, que falam não só do meu lugar, como de alguns outros, permitem pelo menos levantar algumas questões tais como: seria a EAD o problema, o X da questão da inadmissibilidade da aposta neste formato para formar mais professores? Ademais, como foi explicitado, nossos cursos sempre foram semipresenciais.

Onde estão as pesquisas sobre as universidades públicas que ofertaram cursos chamados de EAD e seguraram a peteca da qualidade? Que fatores fizeram chegar à nota máxima? Em um país continental, a oferta de cursos a distância é sim uma estratégia de guerra no combate ao apagão docente, no quesito formação específica nas áreas. Quanto ao apagão docente, também passa pela questão de investimento, qual a realidade das condições de trabalho da classe docente da educação básica no Brasil? E se as políticas educacionais voltassem a investir pesado no know how das IES públicas? E se fizéssemos novas entradas e bandeiras? Bem sei que a sombra do colonizador costura nossos passos como nos ensinou Fanon (2008), mas, seria possível, usar a EAD para uma contra colonização?

A produção sobre nossos processos foi intensa, coloco alguns exemplos de artigos, relação que ainda poderia conter trabalhos de TCC, monografias de especialização, teses e dissertações produzidas por aqueles e aquelas que vivenciaram e refletiram sobre diversas questões da oferta dos cursos em artes visuais na modalidade EAD em nossas instituições públicas de ensino superior.

- GUIMARÃES, L. M. B. **Metáforas para o Ensino de Artes Visuais a Distância** In: 6º. Encontro Internacional de Arte e Tecnologia: intersecções entre arte e pesquisas tecnológicas, Brasília.2007.
- GUIMARÃES, L. M. B., LOSADA, Teresinha. **Velhos e Novos Tremores: sobre o ensino de artes visuais a distância** In: I Colóquio Internacional Visualidade e Educação, 2007, Brasília. Visualidade e Educação. Goiânia-Go: UFG, 2007. v.v-1.

- GUIMARÃES, Leda. e REBOUÇAS, Moema. **Interfaces da pesquisa na construção da identidade docente em artes visuais**. III Encontro Internacional sobre Educação Artística (EI_EA3). Cariri/Brasil-CE. URCA, 2014.<http://eiea.fba.up.pt/>.
- GUIMARÃES, L. M. B. e UCKER, Lilian. **A formação de arte educadores a distância: uma carta que projeta o que está por vir**. XXVII congresso nacional da federação de arte/educadores do Brasil , v. 1, p. Confaeb.art.br, 2017.
- GUIMARÃES, L. M. B. GUIMARÃES, A. J. . **Cartographic Representations of Teachers on the Web**. International Journal of Humanities and Social Science , v. 1, p. 1-15, 2014.
- GUIMARÃES, L. M. B. ; ROSA, M. F. F. . **Processo de criação na gravura digital**. CIBERTEXTUALIDADES (PORTO) , v. 6, p. 93-107, 2014.
- GUIMARÃES, L. M. B. ; PEROTTO, L. U. **(Des)colonizações: de que contextos falamos quando falamos de educação à distância?** Revista Digital do LAV , v. 11, p. 73-89, 2013.
- SILVA, D. C. S. E. ; GUIMARÃES, L. M. B. **Uma experiência de autoria, mediação pedagógica e pesquisa em EaD**. Cibertextualidades (Porto) , v. 4, p. 115-128, 2011.
- GUIMARÃES, L. M. B., BATISTA, Noeli, OLIVEIRA, M. F. **Do mundo virtual ao mundo real: desafios e possibilidades na licenciatura em artes visuais modalidade Ead-Fav/UFG**. In: 18º Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil: Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes., 2008, Crato.
- ROSA, M. F. F., MARINHO, E. B., MARTINS, P. C., GUIMARÃES, L. M. B. **Metrópoles Gravadas**. In: 18o. Congresso dos Arte Educadores do Brasil, 2008, Crato.
- GUIMARÃES, L. M. B. ; ROSA, M. F. F. ; BARBOSA, H. **Processos Criativos de Ensino de Desenho em Espaços Virtuais**. In: Willian Douglas Guilherme. (Org.). **Contradições e Desafios na Educação Brasileira** [Ebook]. 1ed.Ponta Grossa: Atena, 2019, v. 1, p. 238-248.



Atravessamento de muros em ações extensionistas

Ao tratar das experiências de Estágio Curricular (Estágio Supervisionado, Prática Pedagógica) realizadas nos cursos presencial e EAD de Licenciatura em Artes Visuais, coloquei os desejos de atravessamentos entre escola e comunidade, entendendo a universidade tanto como a primeira quanto como a segunda. Citei alguns exemplos de projetos realizados nesses atravessamentos e terminei citando a criação em 2021, das ACEx, que passaram a incorporar a extensão como uma porcentagem das disciplinas regulares do currículo.

Não deixa de ser curioso que o mantra para o exercício docente no ensino superior esteja baseado no tripé “ensino, pesquisa e extensão”, que ainda hoje sustenta a missão da universidade pública

no Brasil. Penso que tentei viver estas três situações de forma simultânea, como relatado no estágio. Revendo minha trajetória, percebo que embora não tenha cadastrado muitos projetos, minhas ações da docência e da pesquisa, em especial os projetos de iniciação científica, eram permeados de desejos extensionistas, desejos de atravessar os muros da universidade.

Separei essa parte para falar de alguns projetos de extensão, que me são caros, que me trouxeram parcerias e amizades importantes que perduram até os dias de hoje, em outros formatos.

Por ordem cronológica: “Olhares Transversais”, realizado nos anos de 1998/1999, logo após a minha chegada na FAV/UFG; depois, os projetos decorridos da parceria com a professora Eliane Chaud em torno dos saberes artesanais de mulheres, realizados em diferentes etapas entre os anos de 2005 e 2019; o projeto desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco em torno da exposição/imersão/ocupação da artista Lucimar Bello intitulado: “A Inteligência das Flores”, em 2015; e o projeto do I Colóquio Percursos de Formação da Arte/Educação Contemporânea de 2020.

Projeto:

OLHARES TRANSVERSAIS

Havia chegado na Faculdade de Artes Visuais no ano de 1997, estrangeira e desconhecedora de tudo, tanto em termos da Universidade Federal de Goiás como também do contexto artístico/cultural da cidade. Comecei a andar pela cidade, conhecendo seus museus e as pessoas que ali trabalhavam. Conversa ali, dali e dacolá, fui me apresentando e fiz amizades preciosas: Maura Penna, que dirigia o Museu de Arte Goiânia, situado no incrível Bosque dos Buritis do coração da cidade.

O museu tem uma escola e nela conheci Ivone Lyra, professora de desenho e de outras sabedorias. No Museu de Arte Contemporânea conheci a professora Virgínia Guimarães, que coordenava aquele espaço. Conheci outras pessoas importantes para entender o contexto da cidade e esses conhecimentos me deram vontade de não ficar isolada no distante campus Samambaia. Já mencionei que as primeiras disciplinas sob a minha responsabilidade foram as de História da Arte, era o que tinha em mãos na época, o bichinho de expandir os muros da universidade estava ali comichando.

Desejo é 'bichin' que acha jeito de acontecer, foi desse jeito que conheci Débora Santos, uma professora que dava aula de literatura na Faculdade de Letras, que tinha defendido seu mestrado trabalhando com surrealismo na poesia e na pintura. Juntamos as vontades e as disciplinas e dali nasceu

o Projeto de Extensão Olhares Transversais, onde fizemos peripécias ao juntar as turmas de duas unidades diferentes e mais, em espaços fora da universidade. Certamente teriam dito, isto não é extensão, mas, como diria Magritte, “isso não é um cachimbo”! Peripécias pedem cúmplices nas feitu- ras e montamos uma programação de falas convidando professores/as da FAV e também de outras instituições.

- História do Mobiliário do Egito a Arte Deco. profa. Rosana Badan. Curso Design de Interiores.
- História do Vestuário através da História da Arte. Profa. Mirian da Costa Manso. Curso Design de Moda.
- Visita a Bienal de São Paulo
- A Metáfora do Espelho no Maneirismo Bandeiriano. Profa. Débora Silva. Dep. de Letras da UFG.
- Transições e rupturas na música- ideias do modernismo e pós-modernismo nos finais de ciclos. Dr. Raimundo Martins - Escola de Música da UFG.
- Imagens Comparativas da Arte e os percursos das culturas pré-colombianas. Roldolfo Castillo Gonzales. Faculdade de Artes Visuais - FAV UFG.
- A arquitetura renascentista. prof. Gustavo Coelho. Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás.
- Uma releitura do impressionismo- profa. Leda Guimarães. Faculdade de Artes Visuais - FAV UFG.
- Os sistemas de representação em Velasquez. prof. Santiago Veras. Professor visi- tante da FAV UFG.
- Evolução das técnicas de gravura no Renascimento. profa. Edna Goya. Faculdade de Artes Visuais - FAV UFG.
- Mesa redonda com todos os palestrantes.

Misturamos os cursos da própria FAV tais como *Design* de Moda, de Mobiliário, Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, trouxemos um professor da Universidade Católica - PUC, uma vez que a FAV ainda não tinha esse curso, chamamos um professor da Escola de Música, que depois migraria para a Faculdade de Artes Visuais, sendo um professor que mudaria rumos da FAV em direção à pesquisa e à pós-graduação. Nosso modesto *folder* mostra como nossos recursos gráficos eram tímidos, mas ainda bem que ele existiu e deixou rastros da nossa atuação colaborativa.

Figura - Registro de material sobre o projeto. Arquivo pessoal.

FACULDADE DE ARTES VISUAIS
FACULDADE DE LETRAS
ATIVIDADE DE EXTENSÃO

OLHARES TRANSVERSAIS



1920

GOIÂNIA

DE 10 DE OUTUBRO/98 A 30 DE JANEIRO/99

ALUNOS BOLSISTAS:

- Raquel Barcelos
- Cristina Batista de Araújo
- Maria Aparecida Gomes Mendanha
- Flávio Carvalho

COORDENADORES:

- Professora Mestre Lêda Guimarães
- Professora Mestre Débora C. S. Silva

EQUIPE DE APOIO:

- Divulgação: Flávio Grilo
Flávia Goya
- Filmagem e edição de imagens:
Saulo Simão
- Edição de texto para publicação:
Karla Farinelli
- Apoio técnico:
Shirley Macedo
Maria Aparecida

"Fanto o que sei, não o que vejo."

Picasso

CRONOGRAMA DE EVENTOS

Palestra: História do Mobiliário do Egito à Arte Deco
Professora: Rosane Badan- Curso Design - FAV-EFG
Local: Auditório da Faculdade de Educação - Praça Universitária
Data: 10 de outubro
Horário: das 9.00 às 11.00

Palestra: História do Vestuário através da História da Arte
Professora: Mestre Miriam da Costa Manso - Curso Design de Moda FAV-UFG
Local: Auditório da Faculdade de Educação - Praça Universitária
Data: 17 de outubro de 1998
Horário: 9.00 às 11.00

Feriado: Aniversário de Goiânia
Data: 24 de outubro (sem atividades)

Visita à Bienal - São Paulo
Data: 31 de Outubro
Alunos de Artes e Letras e Coordenadores

Palestra: A metáfora do Espelho no Maneirismo Bandeiriano
Professora: Mestre Débora Silva - Dep. De Letras - UFG
Local: Salão de Exposição do Museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Data: 07 de novembro
Horário: 9.00 às 11.00

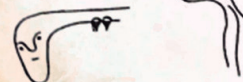


Palestra: Transições e rupturas na música - idéias de modernismo e pós-modernismo nos finais de ciclos.
Professor: Dr. Raimundo Martins - Escola de Música - UFG
Local: Salão museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Horário: 9:00 às 11:00

Palestra: Imagens Comparativas da Arte e os percursos das culturas pré-colombianas
Professor: Mestre Rodolfo Castillo Gonzales
Local: Salão Museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Data: 14 de novembro
Horário: 16:00 às 18:00

Palestra: A Arquitetura Renascentista
Professor: Mestre Gustavo Coelho - Fac. De Arquitetura - UCG
Local: Auditório - Faculdade de Odontologia - Praça Univers.
Data: 28 de novembro
Horário: 9:00 às 11:00

Palestra: Uma releitura do Impressionismo
Professor: Mestre Lêda Guimarães
Local: Salão Museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Data: 05 de dezembro
Horário: 16:00 às 18:00



Palestra: O sistemas de representação em Velásquez
Professor: Dr. Santiago Veras
Local: Salão Museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Data: 16 de janeiro de 1999
Horário: 16.00 às 18.00

Palestras: Evolução das técnicas de gravura no Renascimento
Professora: Mestre Edna Goya - FAV-UFG
Local: Salão Museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Data: 23 de janeiro de 1999
Horário: 9:00 às 11:00

Mesa Redonda com professores e alunos sobre os projeto
Local: Salão Museu de Arte de Goiânia - Bosque dos Buritis
Data: 30 de janeiro de 1999
Horário: das 9:00 às 11:00



Comunidades artesanãs

Cresci ouvindo a música “olhê mulher rendêra, olhê mulher rendá... tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar” (Mulher Rendeira, interpretada por Luiz Gonzaga). Nunca aprendi a fazer renda, mas passei a namorar com todas as formas de artesanias e aprendi a cantar os versos refeitos na música do Gil “[...] abacateiro serás meu parceiro solitário, nesse itinerário da leveza pelo ar, abacateiro saibas que na refazenda, tu me ensinas a fazer renda que eu te ensino a namorar” (Refazenda, Gilberto Gil). E o que tudo isso tem a ver com extensão?

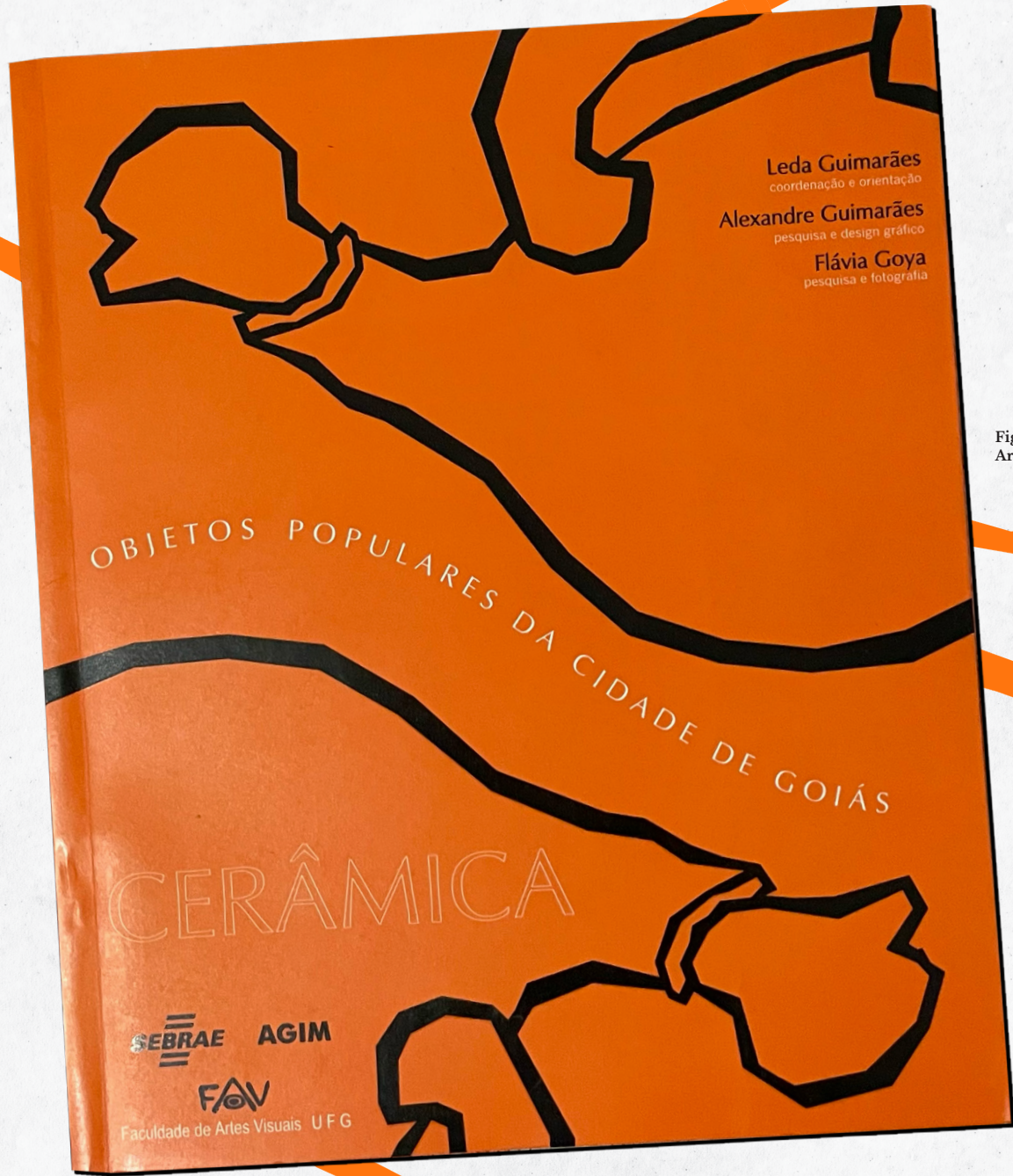
Com a dos outros eu não sei, mas tem a ver com a minha experiência com a maioria dos projetos desenvolvidos que tiveram como foco o trabalho de mulheres artesanãs que produzem em contexto doméstico ou em contexto de associações e coletivos.

Reuni neste subtópico os projetos de extensão nos quais mergulhamos nos fazeres artesanais produzidos por mulheres. O primeiro nasceu de um antigo projeto de iniciação científica, quando procurei mapear formas artesanais no estado de Goiás, mais especificamente com as paneleiras da antiga capital popularmente conhecida como Goiás Velho, a Cidade de Goiás.

Projetos:

OBJETOS POPULARES DA CIDADE DE GOIÁS

Em 2000, tivemos o primeiro projeto de iniciação científica com o intuito de mapear comunidades artesãs no estado de Goiás identificando formas de produção, ensino e aprendizagem dos seus saberes-fazeres. Esta pesquisa se debruçou, com mais profundidade, na produção de panelas das mulheres da Cidade de Goiás. Naquele tempo, a aprovação desse projeto causou muita estranheza por parte de professores que acreditavam que o assunto de certa maneira profanava o caráter vanguardista de uma Faculdade de Artes Visuais, que buscava na virada do século e do milênio, uma identidade de uma escola de arte mais contemporânea. Flávia Goya e Alexandre Guimarães, então estudantes do curso de *Design Gráfico*, ganharam uma bolsa de iniciação científica e a pesquisa resultou no catálogo *Objetos Populares de Goiás* (Guimarães et al., 2002) com foco na produção de cerâmica das paneleiras com as quais convivemos ao longo de dois anos. Foram idas e idas a Goiás Velho, mapeando troncos familiares de famílias de paneleiras, conversas ao pé do torno, cafezinhos, acompanhamento de processo de produção, de queima, armazenagem, escoamento e percepção das produtoras sobre o trabalho realizado.



Leda Guimarães
coordenação e orientação
Alexandre Guimarães
pesquisa e design gráfico
Flávia Goya
pesquisa e fotografia

OBJETOS POPULARES DA CIDADE DE GOIÁS

CERÂMICA

SEBRAE AGIM
FAV
Faculdade de Artes Visuais UFG

Figura - Capa do Catálogo.
Arquivo Pessoal.

Percebo que parte desse trabalho foi realizado no período em que eu estava afastada para doutoramento na USP. Mesmo sendo bolsista CAPES, não tive condições de fixar residência em São Paulo e fiquei em deslocamento semanal entre Goiânia e São Paulo. Faço aqui um agradecimento à linha de ônibus Asa Branca, empresa que transportava sacoleiras para fazer compras em *sumpaulo* e revender na capital goianiense. Lembro que em uma das viagens, uma moça perguntou qual era o meu produto, com que produto eu trabalhava. Respondi que o meu produto dava muito trabalho, e que era difícil de vender, ou seja, a educação.

Contei muitas e muitas vezes esse fato como pitoresco, mas aos poucos fui me dando conta da pertinência da pergunta que me foi feita, eu também, de um modo ou de outro, era sacoleira.

Como já relatado, finalizei o doutorado em 2005 e logo recebi o convite da profa. Eliane Chaud, artista visual e professora do curso de Bacharelado em Artes Visuais, para integrar o projeto de extensão “Artes e Atos Goianos”, aprovado no Programa de Extensão do MEC – Proext da UFG em 2004. O convite de Eliane era para revisarmos o contexto da produção artesanal de Goiás Velho e expandirmos o contato com as artesãs, para além das paneleiras.

Acabamos por criar um subtítulo para esse projeto: “A natureza feminina do cerrado”. Dessa forma, convivemos com nove mulheres com diferentes produções que incluíam cerâmica, bonecas de pano (e de outros

materiais), colchas de retalhos, farricocos e uma singular produção de flores com sementes e galhos do cerrado. A pesquisa teve como foco a produção artesanal e a cultura popular, os saberes tradicionais ressaltando sua importância na construção da identidade histórica e cultural da Cidade de Goiás. Durante um ano, identificamos artistas artesãs, documentando sua produção e registrando suas formas de conceber e realizar seus trabalhos. Também registramos as formas de aprendizagem, como e com quem cada uma daquelas mulheres tinha aprendido e se tinham preocupações com a continuidade do processo. Outro aspecto que chamou a atenção das pesquisadoras na época, foi a “estética do cotidiano” visível nas suas residências.

O espaço doméstico foi percebido como componente fundamental na criação das diferentes produções mapeadas. Uma estética particular que possibilita a organização de memórias, gestos, gostos, valores (Chaud; Guimarães, 2005). Esses detalhes podem ser vistos no catálogo “A natureza feminina do cerrado” com fotos e reflexões do processo. Também produzimos postais e vídeos, no intuito de divulgar o trabalho das artesãs.

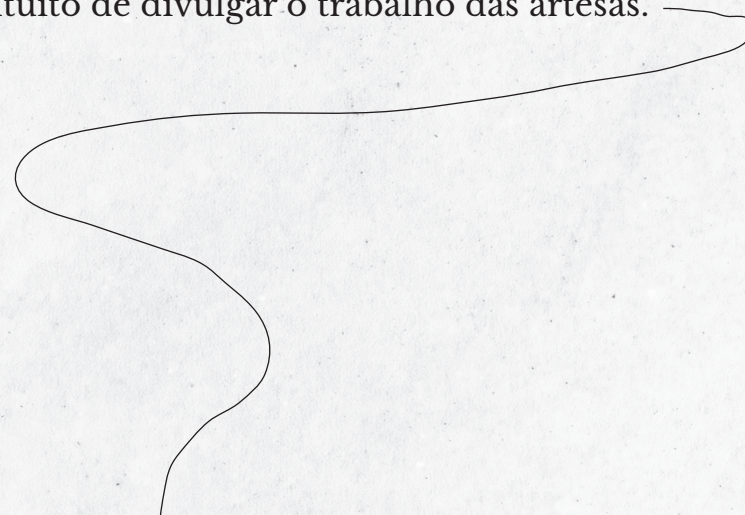


Figura - Capa do Catálogo A natureza Feminina do Cerrado (Chaud e Guimarães, 2005). Na contracapa, uma flor produzida por Dona Maria da Gruta.

anaturezaafemininadocerrado

Eliane Chaud
Leda Guimarães

no Santos
GO - 1952

Quando
vi a fiar,
se nesta
prender a
arde conse-
gueira à cida-
de e costura.
entivou a



Eleuza

"O que eu mais gosto de fazer... as boneca, eu adoro fazer, porque é um trabalho que eu to fazendo e praticamente brincando"

Odete (6/04/2005)



Eleuza Inácia Batista
Anicuns- GO - 1954



Faz colchas de retalhos, tapetes e almofadas.
Trabalhava como costureira em confecção mas, depois de um acidente, deixou de fazer roupas e passou a "construir" colchas de retalhos, técnica que foi ensinada por sua mãe. Na sua fala, enfatiza sempre as dificuldades da vida porém, quando o assunto é o seu trabalho, ressalta a importância deste como terapia e como força organizadora da sua vida, depois do acidente que sofreu.



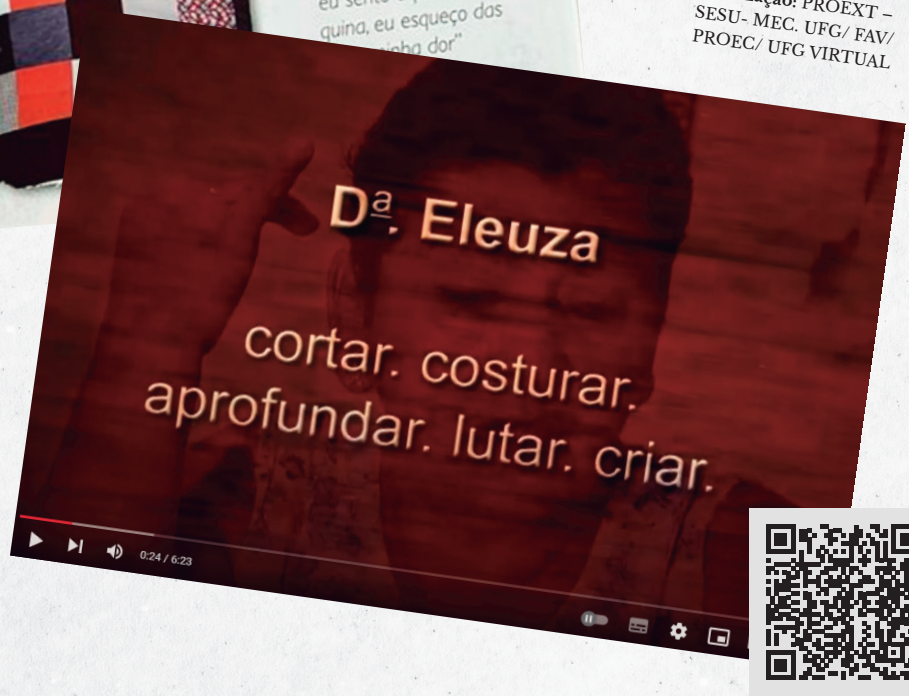
"... tem hora que eu to com dor de cabeça eu sento aqui na máquina, eu esqueço das minha dor"

Figura - Frame do Video:
A NATUREZA FEMININA DO CERRADO.

Disponível em:
<https://youtu.be/QP-v6eUmXaIU?si=nHJbd4Umy-2tgImJ>

Realização: PROEXT - SESU- MEC. UFG/ FAV/ PROEC/ UFG VIRTUAL

Além do catálogo e postais, produzimos um vídeo com as falas das artesãs do projeto:



O Documentário é parte do Projeto “Artes e atos Goianos”, da Faculdade de Artes Visuais/UFG, Cidade de Goiás/GO, 2005. Coordenação do Projeto: Profa. Eliane Chaud e a Profa. Leda Guimarães. A equipe de alunos bolsistas – **Adriana Leão Santiago Gomide, Anderson Leandro Santos, Dalveninza M. Santos Silva, Elias Batista Marinho** / Técnico audiovisual - **Sérgio Alencastro Veiga Filho**/ *Designer* Gráfico – **Marco Túlio Braga e Moraes**.

Artesãs participantes: **Eleuza Inácia Batista, Geralda de Lurdes P. B. Godoy (Gel), Maria Conceição R. Santos (Maria da Gruta), Odete Camargo Secondino Santos**. Cada uma com suas histórias, dores, amores, afetos, *expertises* e suas relações com a matéria-prima e processos de criação, temáticas, entre outros.

A parceria entre as duas professoras, uma da Licenciatura (Leda) e a outra do bacharelado (Eliane), provocou recíprocas contaminações de desejos. O meu de aprofundar nos fazeres artísticos e Eliane, começa a sair da perspectiva da criação solitária para o desejo de vivenciar poéticas colaborativas. Segundo ela, a vivência com mãe costureira afetou diretamente o modo do seu fazer artístico e resgatou na sua linguagem a presença marcante do ato de costurar, dos gestos do riscar, do cortar e do construir/costurar nos processos dos seus trabalhos. Eliane também relata que a vivência nesse projeto de extensão com as artesãs em Goiás Velho foi germe para a realização da sua pesquisa de doutorado intitulada “A poética e o cotidiano: a costura em Cruz

das Almas - BA”, realizada no PPG em Cultura e Sociedade, pela Universidade Federal da Bahia.

Foi curioso o processo da costura com Dona Carminha: iniciou tirando as medidas do meu corpo, mas não a vi utilizando, pelo modo como estava acostumada a ver uma roupa sendo feita; depois desenhou, recortou, colocou em meu busto e em seguida foi recortando o papel, como se estivesse modelando. Observei que fez a forma à mão livre e que não utilizou as medidas do meu corpo que anotara enquanto construía o molde. Fiquei intrigada e perguntei como chegara naquele molde, e ela me respondeu assim: “pelo molde do manequinho, tem a cartilha, a gente tira e aí passa para o molde, mas eu já tenho na cabeça” (Carminha Apud Chaud, 2012, p.100). Demorei para compreender que a construção da forma fazia parte de seu arquivo, estava em sua memória, em seu pensamento (Chaud, 2024, p. 03).

Quando voltou do doutorado em 2012, Eliane me convidou para retornarmos nossas ações extensionistas em torno das artesanias e comunidades, só que dessa vez, em busca de experiências mais próximas desses fazeres. Nasceu então o projeto Poéticas Compartilhadas, realizado em dois momentos, com diferentes caminhadas metodológicas. Duas ações foram desenvolvidas, entre 2015 e 2019, quando trabalhamos com comunidades artesãs na cidade de Goiânia, focando no bairro vizinho onde se instala o campus I da UFG.

Projeto Poéticas Compartilhadas:

mulheres e afetos no Bairro Itatiaia

O projeto de extensão de 2015, intitulado “Poéticas Compartilhadas: Mulheres e afetos no Bairro Itatiaia”, em parceria com a professora Eliane Chaud, procurou formas de aproximação entre a comunidade adjacente e a UFG. Desenvolvido com 20 mulheres da terceira idade ou como elas se denominam “melhor idade”, um grupo que já estava formado e que se reunia na Paróquia Nossa Senhora Assunção todas as sextas-feiras. Buscamos gerar proximidades entre arte e comunidade, com atividades artísticas que partiam de reflexões sobre o bairro onde moravam, suas histórias de vidas, hábitos e práticas culturais. Fizemos encontros que além das atividades artísticas e visitas a exposições de arte, também contavam suas histórias de vida.

Figura - Página do livro Poéticas Compartilhadas: Mulheres e Afetos no bairro Itatiaia (Chaud, 2015), onde se vê professoras e mulheres da comunidade Itatiaia em visita a exposições de arte e em momentos de conversa e produção. Acervo das pesquisadoras.



Foram cinco meses de convivência de encontros semanais. Os encontros geraram muitas conversas sobre trabalhos manuais acompanhados de narrativas sobre suas vidas, em especial, de onde vinham, quando e como tinham chegado naquele bairro. Essas conversas trouxeram reflexões sobre experiências vividas naquele espaço. Também iam deflagrando possibilidades de pensarmos e propormos atividades de desenho, frotagem e visitas a espaços culturais.

Aquelas mulheres receberam o projeto com simpatia e interesse, gostavam de participar e de conversar contando suas histórias. O desenvolvimento ia seguindo, mas ainda não tínhamos conseguido um ponto de conexão e foi preciso uma menor atenção aos objetivos traçados e mais atenção da nossa parte ao que e o como aquelas mulheres falavam quando não respondiam diretamente às nossas perguntas.

Durante as oficinas, falavam de seus universos, suas casas, suas ruas, sempre aparecia o cuidado com as plantas, era visível os cuidados com vasos dentro e fora de casa, jardins ou com árvores na calçada. Percebemos assim uma carga de afetividades no cuidar das plantas e fomos correlacionando com outra prática, sempre presente em seus cotidianos, o fazer crochê e de forma coletiva. Nascia ali nossa proposta para desenvolver uma poética compartilhada, com a produção de peças de crochê em diálogo com as plantas gerando outros sentidos do fazer artístico colaborativo. As ideias de ações artísticas e docentes eram dialogadas em encontros semanais e houve adesão ao que estávamos propondo.

Disponível em:



Figura - Capa e contracapa do livro Poéticas Compartilhadas: Mulheres e Afetos no bairro Itatiaia (Chaud, 2015), projeto gráfico inspirado nas peças de crochê com motivos florais. Acervo das pesquisadoras.

Poéticas Compartilhadas
mulheres e afetos no bairro Itatiaia





Além do processo de criação colaborativo de uma grande teia reunindo as diversas peças de crochê produzidas pelas mulheres, também foram escolhidos motivos para a produção de lambes a serem afixados nos locais escolhidos por elas, e com a participação das mesmas no processo da colagem.



Projetos:

POÉTICAS COMPARTILHADAS - JARDIM DAS ARTES

No ano seguinte, em 2016, continuamos no mesmo bairro tão próximo e ao mesmo tempo tão distante do nosso **campus** da UFG. O projeto foi selecionado pelo Edital de número 13/2016 - Formação em Artes Visuais no FAC - Fundo de Arte e Cultura do governo do estado de Goiás. Esse apoio permitiu termos bolsistas trabalhando no projeto.

Movimentos que já haviam sido realizados anos anteriores nos estágios curriculares dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais. Começamos percorrendo o bairro, fotografando muros, perguntando a autoria das imagens, entrando em contato com os artistas identificados e visitando seus ateliês.

Simultaneamente, também localizamos a Escola Municipal Brice Francisco de Cordeiro - de educação fundamental, com o objetivo de propor pontes entre nós da Faculdade de Artes Visuais da UFG, os artistas e suas artes e professores/as e estudantes daquela escola. Todos e todas habitantes do mesmo bairro.

Crianças e professoras foram a exposições em museus e conversaram com artistas. Mas a arte não está só em museus e galerias, ali pertinho da escola tinha os muros pintados e o atelier de Pirandello. Foram tardes de conversas no atelier, e depois, tardes de trabalho e conversa com Ismael e Pirandello, com as crianças na escola, produzindo um mural coletivo a

partir dos desenhos das crianças. A professora Eliane Chaud, levou os artistas para ocuparem um espaço da UFG, produzindo um painel em um espaço cultural. Tudo junto e misturado.

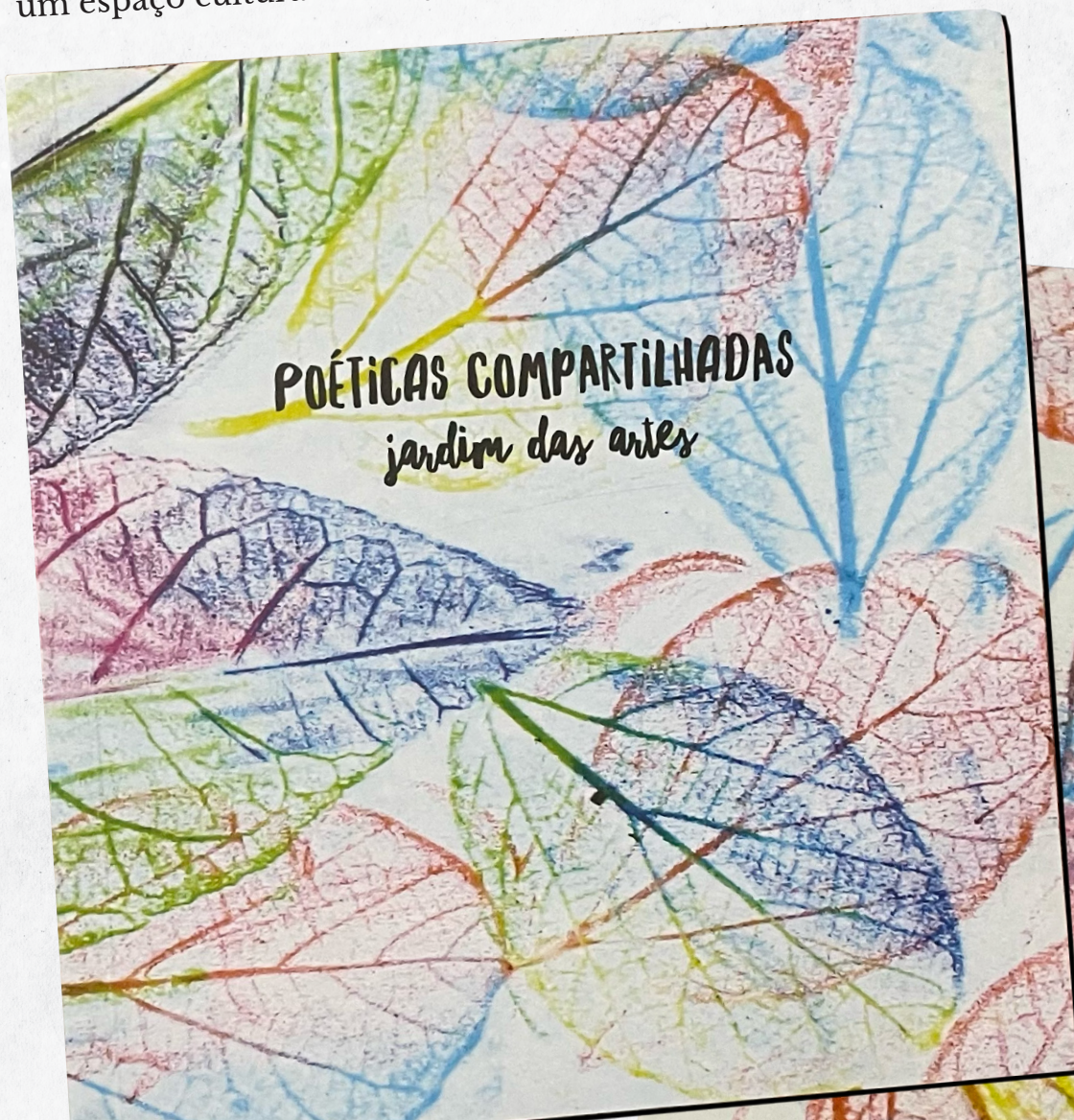
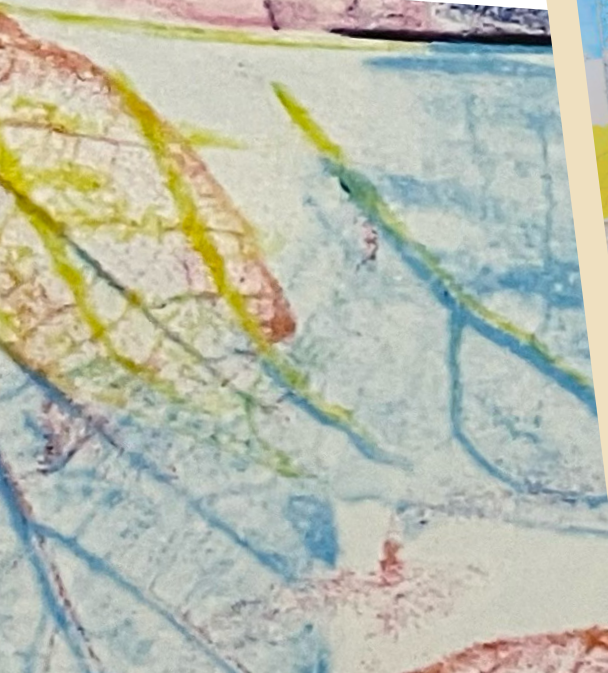


Figura - Capa do livro Poéticas Compartilhadas: Jardim das artes (Chaud, 2019). Disponível em:





Em junho de 2024 fui à abertura da exposição “Enraizamentos” do grupo Âmbar¹¹, do qual Eliane Chaud faz parte. Ao abraçar e cumprimentar Eliane ela me pergunta de chofre: “[...] nossos projetos estão no seu memorial? Você está enfatizando a importância deles?” Respondendo para ela e para mim mesma, “sim, estou contando, por nós, pelas artesãs, pelas mulheres crocheteiras e cuidadoras de plantas, pelos artistas do bairro, pelos estudantes e egressos” e por acreditarmos que como diz meu querido amigo José de Carlos Paiva, professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – Portugal, **não vamos a comunidade para ensinar, e sim para aprender:**

Entender que as comunidades quilombolas, de beira-rio, indígenas, dos Sem-Terra não são matéria para meus estudos, e minha extensão, mas são campos de aprendizagem para nós, modos de viver que nos podem ajudar na descolonização de cada um de nós (Paiva, 2019, p. 184).

Voltando à *vernissage*, eis que me deparo com Pirandello, que me abordou de forma entusiasmada, falando da importância que o projeto teve para ele, e que estava pensando em fazer o curso de artes visuais, o que eu achava? Achei fantástico, embora na minha concepção, Pirandello poderia estar nos dando aulas.

¹¹ Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas formado pelos seguintes professores da Faculdade de Artes da UFG: Adriana Mendonça, Eliane Chaud, Glayson Arcanjo, Maria Tereza Gomes, Odinaldo Costa, Rubens Pileggi, Paulo Duarte-Feitoza e Flávia Leme.

A Inteligência das Flores:

A CASA PROJETO DE EXTENSÃO-EXPOSIÇÃO-IMERSÃO

“Topa entrar em um projeto de extensão aqui em Recife?”

Para convites como esse, só poderia responder cantando: “voltei Recife, foi a saudade que me trouxe pelo braço, Quero ver novamente Vassoura na rua abafando, Tomar umas e outras e cair no passo” (Alceu Valença)*.

Vitória me convidou e eu aceitei cair no passo com ela e nossa querida Lucimar Bello. Nesse triângulo, cabia a mim fazer a curadoria da exposição-imersão que Lucimar estava propondo para ocupar por uma semana a Galeria do Instituto de Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Nunca fui curadora na minha vida, mas confiei no que estava por vir na reunião de três mulheres, professoras e ex-orientandas de Ana Mae Barbosa.

Foram feitas reuniões em Goiânia, Lucimar detalhou cada etapa, mapas, materiais a serem utilizados, traçamos e retraçamos planos, cada encontro um mundo de aprendizagens rabiscadas sobre processos de criação, sobre arte e potência de vida na voz mansa e reflexiva de Lucimar.

*Voltei Recife.: Música Alceu Valença. Composição: Luís Bandeira.

Figura - Lucimar explicando a proposta da exposição para Leda. Arquivo pessoal, 2015.



A Inteligência das Flores foi uma Exposição/Imersão proposta por Lucimar Bello que começou com a leitura e o mapeamento verbal e visual do livro “Biblioteca Pessoal de Jorge Luis Borges”, no qual condensa prólogos de 64 autores. Trata-se de uma proposta em Artes Visuais da Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, com a coordenação da professora Vitória Amaral/UFPE e curadoria da professora Leda Guimarães/UFG que aconteceu na Galeria Capibaribe e no Instituto de Arte Contemporânea (UFPE). O Projeto relaciona arte contemporânea, literatura, poiesis, educação, culturas.

Figura - Cartaz da exposição A Inteligência das Flores. Arquivo Pessoal, 2015.



A INTELIGÊNCIA DAS FLORES
LUCIMAR BELLO
15 A 28 DE MARÇO DE 2015

EXPOSIÇÃO / IMERSÃO

O PROJETO RELACIONA ARTE CONTEMPORÂNEA, LITERATURA, POIÉSIS, EDUCAÇÃO, CULTURAS. AS CRIAÇÕES PESSOAIS, COLABORATIVAS E COMPARTILHADAS, SERÃO CONSTRUÍDAS POR AÇÕES, SITUAÇÕES E ACONTECIMENTOS COLETIVOS.

AS AÇÕES SERÃO REALIZADAS NO **INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA** E NA **GALERIA CAPIBARIBE**

REALIZAÇÃO

UFPE
PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UFPE & POLÍTICAS CULTURAIS
Instituto de Arte Contemporânea

DAC | UFPE
Instituto de Arte Contemporânea

PARA PARTICIPAR É NECESSÁRIO INSCREVER-SE PELO E-MAIL
AINTELENCIADASFLORES@GMAIL.COM

Chegamos ao Instituto de Arte Contemporânea, casa de Vitória, com o intuito de montar uma casa em baixo relevo na Galeria Capibaribe cujas paredes ainda guardavam as marcas da desmontagem da exposição anterior. Pediram-nos paciência, pois ainda iam pintar as paredes, mas o olho de Lucimar disse não. Viramos caçadoras coletoras de materiais que pudessem servir para a demarcação dos cômodos da casa, da sua entrada, do seu quintal. Para nossa sorte, o IAC estava em obras, e ora negociando, ora pegando emprestado, conseguimos as ripas de madeira e fomos dialogando: a entrada vai ser aqui, depois a biblioteca, a sala e a cozinha, o banheiro e o quarto. Era preciso conversar.

As pessoas passavam e viam aquele movimento, indagavam: - vai ser exposição de que? Íamos explicando e convidando para a abertura da casa, que estava quase pronta. Trago para o texto as anotações coladas na parede da entrada que orientavam o percurso na casa. Essas anotações eram escritas por nós, dia a dia, produzidas na vibe poética Luciamarbelliana.

14 DE MARÇO ÀS 15:58 · SÃO PAULO

Conversa de vésperas:

- A proposição é uma Exposição/Imersão, que ficará “pronta” na tarde em que acabar. Vamos conversar durante os dias se tem sentido uma “abertura”.

- Prefiro Instantes Contínuos.
- Adorei a pergunta da Adriana Aquino, estava esperando. Estarei nos 2 espaços, das 9h00 às 12h00 e das 14h00 às 17h00, em estado de imersão à espera de imersivos desejantes !
- Proposta para o dia 16 de março de 2015
- Chegar na Galeria Capibaribe e conversar com o espaço.
- Ativar estados de escuta e de acolhida.
- Abrir os pacotes e as caixas.
- Carimbar os livros da BibliotecaLiberada.
- Arrumar a casa.
- Receber os Imersivos.
- Experimentar colaborativamente.
- Praticar imagens, palavras, desmanches, montagens, assemblages, silêncios.
- Habitar a casa-coletiva.
- Conversar, passear, trabalhar, comer, desejar, imagizar.





DIA 17 DE MARÇO

- Continuar a arrumação da casa, na Exposição/Imersão: a inteligência das flores, na Galeria Capibaribe, em Recife
- Comprar, junto com a curadora - Leda Guimarães, tapetes, forros de mesa e delicadezas no Mercado São José
- Colocar os trabalhos (que chamam de “obras”), nos cômodos da casa-criada-em construção, casa em instantes contínuos
- Olhar Habitar Imagizar uma casa de muitos de muitas pessoas
- Com-Par-Trilhar a casa ass casass ass casass
- Conversar escutar trocar trocantilhar

DIA 18 DE MARÇO

- Entrar na casa
- Lavar as mãos
- Tirar os sapatos
- Depositar os pertences
- Colar em vidros, nas duas entradas - Rua da Saudade 7 e Rua Velha, 13
- Colar o nome da Exposição/Imersão a inteligência das flores
- Fazer no paredão, o Roteiro 2011-2015.
- Olhar os rastros de palavras, sobras de outroras, na parede.
Incorporar os restos.
- Colar as cartas capibarenses
- Desenhar nas paredes, flores de grafite nss manchas brancas
de paredes não-pintadas
- Receber os Imersivos em instantes contínuos
- Habitar Conversar Passear Comer Trabalhar
- Florescer o Jardim Externo. Dialogar com o Jardim Interno
- Ativar as casas / poiésis / compar-trilhas
- Transpirar a Extensão de si singular/plural/coletivo
em mundos in.com.possíveis

DIA 20 DE MARÇO, AS 8.17

- Abrir a Galeria Capibaribe
- Entrar na casa dos cheiros e das flores - todos compartilhados com os imersivos
- Tirar os sapatos, colocar no palete
- Depositar noutro palete, os pertences
- Lavar as mãos
- Enxugar as mãos
- Limpar a casa
- •Respirar os cheiros imantados nos trabalhos: Convívios, Biblioteca Liberada, Limpamentos, Biblioteca dos 64 Prologados ou Biblioteca de Autores, Galeria de Retratos, Galeria da Flores, Borges - onde tucá começou 2011-2015, Jardim de Pedras.
- Cheirar a capela - Borges, e o livro “Biblioteca Pessoal” de Jorge Luis Borges.
- Cheirar a capela - Borges, e o livro “A inteligência das Flores”, de Maurice Maeterlinck.
- Preparar a Sala de Comer, para os Desenhos de Comer
- Comer, habitar, conversar, passear, trocar trocar trocas, experimentação a casa e a boca-focinho para si(s) e para os mundos colaborativos
- Corpar e co-corpar a casa, na arte, na educação, na vida com-pares-trilhantes.

Esse projeto foi uma experiência artográfica em todos os sentidos na qual as porções professora e pesquisadora foram potencializadas pelos processos da vivência artística proporcionados pelo projeto de Lucimar Bello. Durante uma semana, a casa que nós construímos foi sala de aula, foi palco de investigações e reflexões, oficina, espaço aberto, atravessando o tempo regular/disciplinar do currículo. Passantes espiavam, indagavam e entravam para compartilhar um banquete com gestos amiudados, cheirar pequenos frascos, ler miniaturas, recordar as aprendizagens outras, de tempos outros, das avós, dos terreiros, das festas, dos ritos.

A experiência foi depois diagramada e editorada em E-book, que conta por fragmentos de textos, pensamentos poéticos, anotações e imagens, um pouco do que é incontável.



Agradecemos à UFPE, a oportunidade
Proposição A Inteligência das Flores
de fundamental importância, tanto
quanto o erro
proposta só por
"meus muros",
criadas com pe
K, como uma
extensões no



EXPOSIÇÃO / IMERSÃO

A INTELIGÊNCIA
DAS FLORES

A CASA



er "a casa" e a todas as
e se empenharam para
possa migrar para campos

...ada(s) a cada um, cada uma!
Vitória Amaral, Lêda Guimarães, Lucimar Bello, 2015

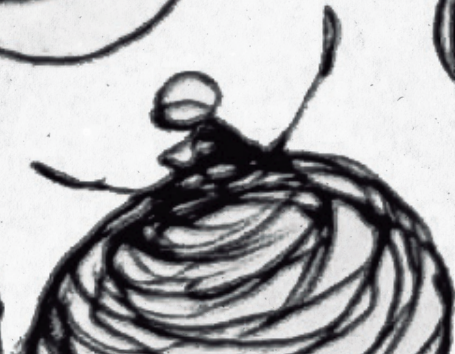
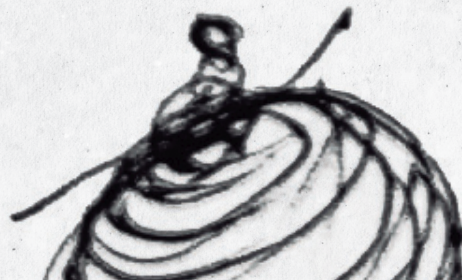
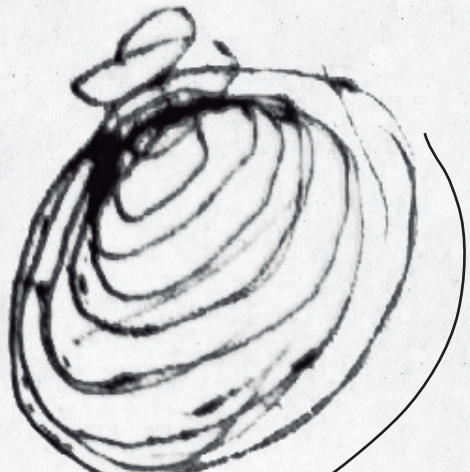


COMO ACESSAR COTIDIANOS INVENTADOS, IMANTADOS?

COMO TECER CAMADAS DO "POPULAR" NAS SALAS DE AULAS? A EXPOSIÇÃO-IMERSÃO A INTELIGÊNCIA DAS FLORES - A CASA PODERIA SER UMA SALA DE AULAS? O MERCADO SÃO JOSÉ PODERIA SER UMA SALA DE AULAS?

Meu agradecimento especial por ter tido a oportunidade de levantar questões cruciais que me acompanham, que mordem meus calcanhares.

Para responder é necessário pular, mergulhar e acreditar quando tudo te desacredita, que a educação menor é um projeto disruptivo, pois mesmo que eu responda, sim, é possível, não temos garantias, nem receitas, nem fórmulas. Mas, diria que para tal vivência, no lugar de uma metodologia da francesa Maria Antonieta, com cabeça e corpo separados pelo infortúnio da guilhotina, podemos, como a baiana Sara Jane, abrir as rodas e as rodinhas.



Projetos:

I COLÓQUIO PERCURSOS DE FORMAÇÃO DA ARTE/EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

O “I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea” foi um evento de extensão que propôs um aprofundamento em torno de temas, conceitos e concepções presentes na formação de professores e professoras de artes visuais trazendo vozes que ampliaram o debate dessa formação na contemporaneidade.

Os percursos de formação docente são perpassados por aspectos históricos/culturais, sócio/políticos e teóricos e biográficos que revelam entrelaçamentos entre passado, presente e projeções de futuro. Assim, esse evento pretendeu colocar estudantes de todos os cursos de Licenciatura em Artes Visuais da FAV, em contato com vozes que fazem parte da construção desse campo no Brasil.

Foram cinco professores/as convidados/as para o Colóquio: Prof^a. Lúcia Pimentel, prof^a. Rejane Coutinho, prof^a. Maria das Vitórias Amaral, prof. Afonso Medeiros e prof. Sidney Peterson, todos pertencentes ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte/Educação Borrando Fronteiras (GEPABOF). Este grupo, do qual sou integrante, mantém ativo diálogo com os seguin-

tes grupos de pesquisa: i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (Universidade do Porto - Portugal); Grupo de Investigación Educación y Cultura Audiovisual – ECAV (Universidad de Sevilla - España) e a Área Transdepartamental de Formación Docente (Universidad Nacional de las Artes - Argentina).

O GEPABOF tem realizado com estes parceiros eventos de pesquisa itinerantes, tais como: *Création et Créativité: :Entre formation et recherche*, em Paris, França - 2017, o I Congresso Internacional Diálogos entre Brasil e Portugal: O ensino artístico que temos e o que queremos em Porto-Portugal, em 2020, o Congresso Internacional intitulado “Territorios de la educación artística en diálogo”/ Congreso internacional Territorios de la Educación Artística en Diálogo - investigaciones, experiencias y desafíos (<https://www.congresoterritorios.una.edu.ar/>), realizado em 2022, na *Universidad Nacional de las Artes* em Buenos Aires-Argentina e o Encontro Internacional de Arte/Educação · Grupos de Pesquisa ENREDE, realizado de 02 a 06 de dezembro de 2023, no Instituto de Artes · UNESP · São Paulo/SP.

Coloco recortes dos vídeos, com datas e links de acesso, garanto que vale a pena acessar cada um destas aulas.

I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea



Aqui e ali | Anna Maria Maloino
13ª Documenta | 2012
Foto: Rejane Coutinho



EVENTO | Histórias para mapear o ensino artístico que temos e vislumbrar o que queremos



48



Compartilhar



FAV UFG

Inscriver-se

I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea



Guimarães - PPGACV | UFG

Afonso Medeiros



| Ana, Paulo e John: por uma filosofia descolonial da arte a



FAV UFG

1,29 mil inscritos

Inscriver-se



65

I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea



Leda - FAV | UFG



Lucia Pimentel - UFGM

EVENTO | Saber e ensinar: desafios da diversidade



FAV UFG

1,29 mil inscritos

Inscriver-se

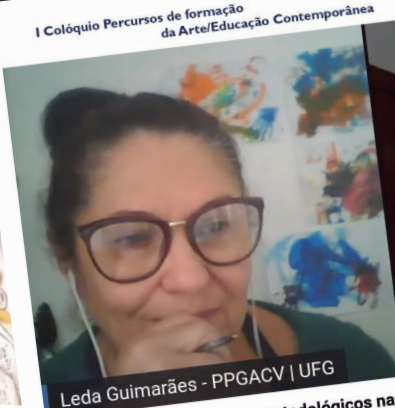


45



Compartilhar

I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea



Leda Guimarães - PPGACV | UFG



Sidney Peterson

EVENTO | Trânsitos teórico/metodológicos na/ com a formação de professoras/es de artes modernistas



FAV UFG

1,29 mil inscritos

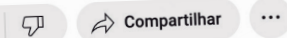
Inscriver-se

Compartilhar



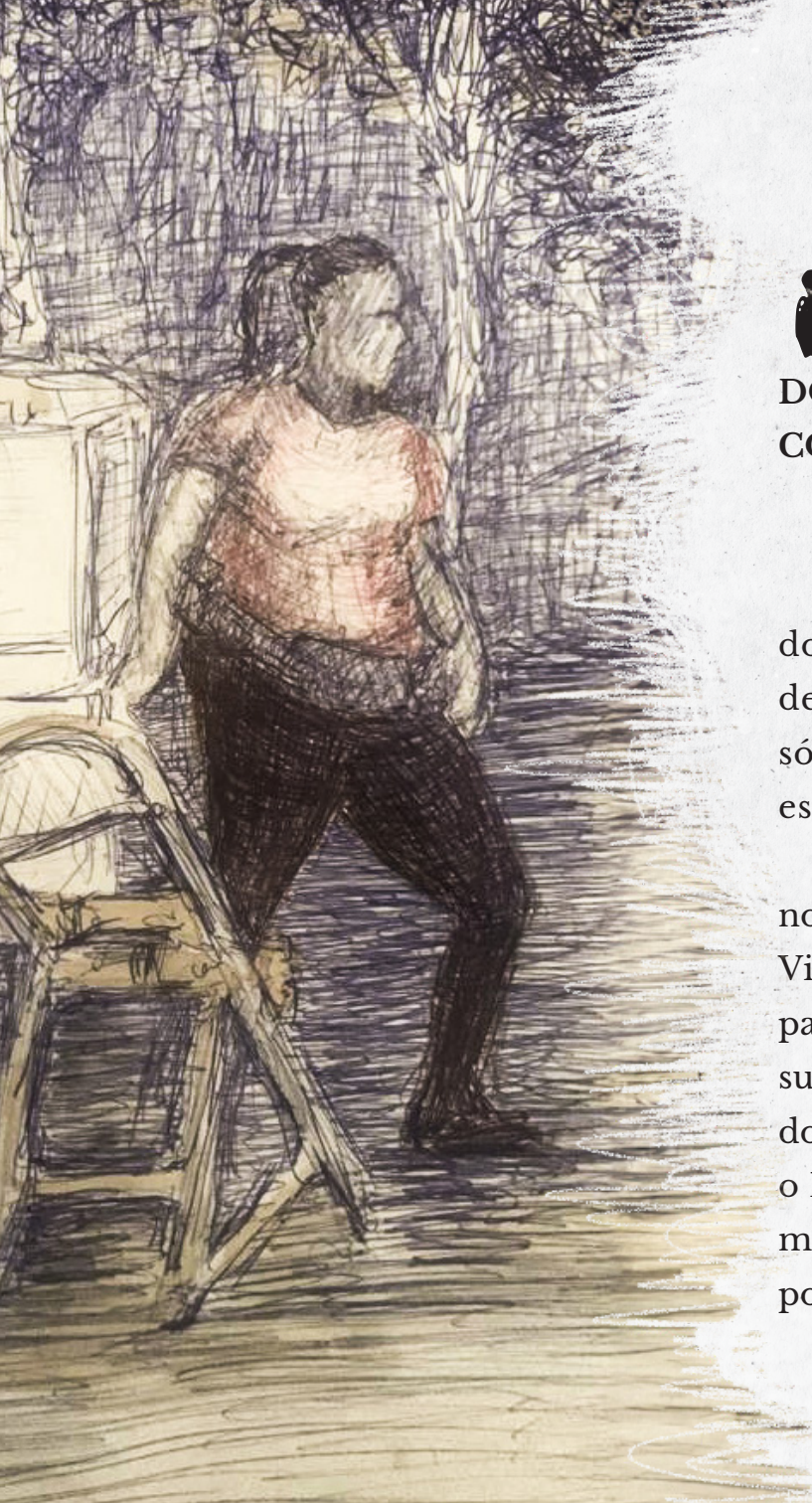


través da educação



Fiz questão de mencionar este projeto por ter acontecido no primeiro ano da pandemia, em 2020, ano em que estávamos tentando superar a solidão ativando as conexões já existentes em nossas articulações acadêmicas e afetivas, usando de forma mais intensiva as tecnologias em nosso cotidiano docente no momento privado das presencialidade físicas.

Propus o projeto do qual fizeram parte minhas colegas da Licenciatura em Artes Visuais na FAV, companheiras das mesmas angústias: as professoras **Valéria Fabiane, Lilian Ucker, Noeli Batista e Carla Abreu**. Acredito que este projeto também borra fronteiras entre ensino e extensão, pois, participaram das lives alunos da graduação e em especial, aqueles e aquelas dos cursos a distância. Mas, esse formato também possibilitou a expansão do público do projeto, divulgamos o evento nos grupos de whatsapp da Federação de Arte Educadores do Brasil e do Conselho Latinoamericano da Educação para a Arte-CLEA e tivemos a participação de professores e professoras destas associações.



Desejos investigativos!

DOCÊNCIA, ORIENTAÇÕES E CORRELAÇÕES
COM O CONSTRUIR-SE PESQUISADORA

A experiência da pós-graduação gera mais do que o produto da escrita, coloca em curso um devir que não se consegue perceber de imediato, só o tempo, esse senhor costureiro, pode operar essas percepções.

O doutoramento possibilitou a minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Logo que defendi a tese, já fiz a aplicação para o então programa de Mestrado em Cultura Visual. De certa forma, foi um movimento já esperado, uma vez que fiz parte da equipe que elaborou o PPG mesmo sem ainda ter concluído a tese. Éramos um grupo de docentes com um projeto. Grupo liderado pelos professores Raimundo Martins,

Irene Tourinho, os quais junto com professoras como Maria Elizia Borges, tinham noção do impacto que um programa de pós-graduação causaria na Faculdade de Artes Visuais como um todo.

Lembro bem de Maria Elizia estimulando a todos/as que só tinham o mestrado, a procurarem dar prosseguimento ao processo de formação continuada bem como a sua preocupação com a produção, estimulando a publicação e participação em eventos das associações de pesquisa da nossa área, em especial a Anpap e o Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA). Passei a fazer parte da Linha C que tinha o nome linha de pesquisa “Culturas da Imagem e Processos de Mediação”.

Docência na pós-graduação:

O QUE O TEMPO REVELA?

Na pós, temos a possibilidade de propor disciplinas de acordo com nossos interesses investigativos, e foi assim, que propus para o segundo semestre daquele ano a disciplina ABORDAGENS MULTICULTURAIS DO ENSINO DA ARTE. Era visivelmente um espaço para elaborar as questões discutidas no doutorado. A disciplina se repetiu no primeiro semestre de 2006 com pequena variação no título ABORDAGENS CULTURAIS SOBRE ARTE E EDUCAÇÃO. Também tivemos um aumento de carga horária que

passou de 45 para 60 horas. Já no segundo semestre fiquei encarregada de ministrar o SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E VISUALIDADES disciplina específica para trabalhar as questões de pesquisa em curso.

- GUIMARÃES, Leda. Variações em torno dos jogos estéticos, artísticos e pedagógicos no ensino “superior” de artes visuais. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**, Goiânia, v. 3, n. 1, jun./jul. 2005.

Em 2007, voltei a trabalhar com ABORDAGENS CULTURAIS SOBRE ARTE E EDUCAÇÃO. Esta disciplina contou com a participação de professores da *The Ohio State University*, por meio de um convênio firmado entre esta instituição e a UFG para a vinda de docentes e discentes ao Brasil. Esse convênio, começou a ser desenhado durante o período do meu doutorado sanduíche na *The Ohio State University*, uma das universidades dos Estados Unidos onde o debate da educação da cultura visual estava acontecendo com maior repercussão por meio da produção de professores como **Patrícia Sthur, Christine Balengee-Morris, Arthur Efland, dentre outros.**

Fui recebida pelo professor **Michael Parsons** e pela professora **Vesta Daniel** que certamente impactaram, ampliaram e aprofundaram minhas questões sobre educação multicultural, questões étnico-raciais e formas de trabalhar com a comunidade. Na cidade vizinha à Universidade de *Cincinnati*, estava a professora **Flávia Bastos**, brasileira, mas há muito tempo radicada

nos Estados Unidos. Com ela, também adentramos nas experiências em Arte-Educação Baseada na Comunidade que busca aproximar a arte do fazer humano, do cotidiano das pessoas, estranhando o familiar (Bastos, 2006).

Segundo a autora, a concepção tradicional que temos de arte nos cega para outras formas presentes nas vidas comuns, no dia a dia de cada pessoa, precisando de uma consciência capaz de quebrar algo feito tão automaticamente. Nas suas vindas à UFG, ela desenvolveu um exercício de mapeamento entre estudantes de bens e valores de cada um/uma. O resultado mostrou diferentes pontos e situações que justapostos formam a identidade daquelas comunidades.

Assim, em termos da UFG, começa a minha experiência internacional em pesquisa com o estabelecimento de convênio entre a UFG e a *The Ohio State University* e a *Cincinnati University-UC*, ambas dos Estados Unidos, resultando em visitas bilaterais entre as instituições e na realização do *Symposium Cultural Dialogues in Art Education* UFG - The OSU, em 2011, junto com os professores Dr. Michael Parsons, Dra. Vesta Daniel e Flávia Bastos da UC. A vinda desses professores/as e estudantes movimentou a Faculdade de Artes Visuais, tanto na graduação quanto na pós-graduação. O convênio durou dois anos e gerou bons frutos, talvez, Vesta tenha sido a primeira professora doutora negra a dar uma palestra na Faculdade de Artes Visuais, pelo menos, foi o que muitos estudantes me falaram com admiração.

Diálogos Culturais em Arte Educação UFG - The OSU



UFG · The OSU cultural dialogues
Brazil - United States



Federal University
of Goiás - 50 years
Department of Extension
and Culture



Universidade do
Estado de Ohio



Distance Education
College of Visual Arts



Department of
International
Affairs

Figura - Cartaz de divulgação do evento.
Arquivo Pessoal.

Em 2007, a direção do Departamento de arte educação da *The Ohio* me convidou para compor um pequeno grupo para ir a aquela universidade. Depois dessa visita, o então mestrando Alexandre José Guimarães fez um período de estudos na Universidade de *Cincinnati* com a professora Flávia Bastos, fato inédito, pois não havia, como ainda não há, fomentos para sanduíches para mestrados no exterior.

Posteriormente, em 2008, a disciplina **Abordagens Multiculturais do Ensino de Arte** foi redesenhada tendo como foco ampliar o interesse investigativo para os diversos gêneros populares. Em parceria com a professora Rosa Berardo, colega da pós-graduação que tinha uma intensa produção videográfica na área de cultura local, fizemos a proposta de uma disciplina chamada “Cultura Popular e Produção Audiovisual”.

Na ementa que desenhamos, além das questões anteriores, tínhamos agora um olhar sobre as questões de identidade e representação da alteridade através das tecnologias da imagem e as discussões sobre imagem, ideologia e persuasão nas narrativas documentais. No decorrer do semestre, foi proposto a realização de um trabalho de campo para que os/as estudantes vivenciassem uma prática de criação videográfica a partir da decisão de temas, elaboração de roteiro, produção e direção de documentários sobre “culturas populares”.

Essa experiência de produção, promoveu deslocamentos teóricos e operacionais para questões de visualidades populares como mote do tra-

balho docente investigativo. Um autor fundamental para este momento foi Néstor García Canclini, no livro *Culturas Híbridas* (2003). Já era uma conquista poder discutir com os estudantes (graduação e pós-graduação) tráfegos e trânsitos artísticos e pedagógicos procurando identificar situações de criação/circulação/consumo na perspectiva dos hibridismos culturais e da fusão de códigos estéticos. Quando em 2011, tivemos a primeira turma de doutorado do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, assumi o termo **Visualidades Populares** para uma disciplina que despertou o interesse de mestrandos(as) e doutorandos(as) de todas as linhas, não somente aqueles ligados(as) à linha de educação.

A ementa e objetivos foram reelaborados, mantendo elementos de conexão e continuidade com as disciplinas anteriores: discussão sobre construções históricas, epistemológicas para o estudo de manifestações de visualidades populares. Questões de hibridismo, identidade cultural e representação da alteridade através da arte e imagens. Arte, imagem e ideologia nas narrativas visuais. Nos objetivos encontramos um esforço de definição ou compreensão dessa nomenclatura dando ênfase a um discurso crítico em relação a imagens e à questão do “ver”:

Discutir visualidades populares **como espaço de interação social e de definição de subjetividades** em termos de poder, classe, gênero, sexo, etnia e outros aspectos subjacentes a diferentes construções conceituais. Investigar a construção de sentidos e subjetividades nas imagens que revelam desejos, discursos e práticas que formam o ver analisando criticamente descentramentos artísticos, estéticos e culturais (Plano de disciplina Visualidades Populares, 2011).

Acredito que o teor inquiridor que marca os estudos da cultura visual começava a ficar mais evidente com estudos de contextos, circuitos e trânsitos culturais; relações Local/global; raízes, mapeamento de rotas e trajetórias de imagens e práticas sociais e de contaminações/hibridismos de concepções e práticas culturais. Em foco estavam os aparatos, as instituições, os discursos, os corpos e as questões de representatividade dos diversos grupos.

A proposta dessa vez, era que cada estudante mapeasse um viés de “popular” no seu projeto de pesquisa. Construimos um *Blog* também chamado “Visualidades Populares” no qual as imagens de objetos, de fatos, memórias, acontecimentos eram postadas, comentadas e continuavam aquecendo e promovendo desdobramentos dos debates, como por exemplo: “*o artista usa a ironia p/falar sobre essa ideia romantizada acerca do indígena e que coloca os processos de globalização à parte da “pureza” do índio.*” (post de J.M).

Outra estudante ao visitar uma exposição de arte popular brasileira percebeu uma quantidade de trabalhos concentrada em determinadas regiões e lançou a seguinte dúvida para debate no blog: “*Será que isso ocorreu por causa da curadoria ou realmente os artistas são concentrados nessas regiões?*” (post de D.B)

Outra estudante, ao discutir o texto de Stuart Hall (2003) quis problematizar as conceituações de cultura popular com a seguinte reflexão: “*Não pude deixar de observar as estratégias publicitárias que se utilizam de datas específicas ou características populares de uma região para alcançar seus objetivos de marketing*” (post de I.D).

Os(as) estudantes traziam nas suas postagens outras percepções sobre definições ou arranjos naturalizados de arte e cultura popular, já dentro de uma perspectiva crítica da cultura visual:

A pesquisa em cultura visual estuda “visualidades” e artefatos visuais compreendidos através de situações e circunstância de constante conflito -pelo poder de ver, de ser visto, de controlar o que pode ser visto, e, de organizar campos de visualidades para diferentes tipos de recepção/interação (Tourinho e Martins, 2013, p. 64).

As discussões dessa turma eram intensas em sala de aula e prolongavam-se no *blog* criado para dar continuidade às questões que ficavam borbulhando na cabeça de quase todos/as. Questões que tinham a ver com as

diferentes formações dos componentes daquela pequena comunidade de pós-graduandos(as) de origem tão diversas: publicidade, *design* gráfico, história, dança, pedagogia e artes visuais.

As visualidades populares apareceram em projetos ligados à prática gastronômica e caderno de receitas culinárias, animações de filmes de terror, jogos de *cosplay*, quadrinhos *queer*, fotografia em acampamento do MST e outros temas que geravam angústias na tentativa de responder ao desafio de refletir sobre as possíveis contribuições ou diálogos que poderiam ser estabelecidos entre as discussões da disciplina e as diferentes pesquisas daquela turma. Ia ficando visível a dificuldade em definir um campo, um conceito, um sistema operativo prático e conceitual para “popular”. Cientes dessa dificuldade, outra se apresentava, considerar a contribuição de diversos campos disciplinares e a inter-relação de saberes e de formas culturais diversas.

Aos poucos, a disciplina ganhava “fama” ou começava a ter visibilidade. Em 2012, uma nova turma de Visualidades Populares foi ofertada. Para aquele ano, meu anseio era realizar um trabalho de campo como processo pedagógico de imersão conceitual. A proposta foi a de entrecruzar as leituras dos textos selecionados com um exercício de análise de catálogos ou livros sobre “arte e/ou cultura popular”. Essa análise/imersão aconteceu de forma processual, que ia se tornando mais complexa no decorrer daquele semestre.

Cada estudante escolheu um catálogo para realizar uma imersão que ia do confronto físico/corporal com o objeto, passando pela descrição dos

pormenores de edição, produção, financiamento, objetivos, edição de textos e imagens, relação forma e conteúdo, entre outros. Na medida em que os textos escolhidos para a disciplina iam acontecendo, as discussões iam sendo problematizadas a partir da leitura crítica que cada um/uma fazia do seu catálogo.

Déborah Borges (ex-doutoranda do PPG de História da UFG) cujo tema de investigação era a fotografia popular, escolheu como “objeto de imersão” o catálogo da exposição Fotopinturas – Coleção *Titus Riedl*, realizada em 2011, na Galeria Estação, em São Paulo, com o apoio do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro. Déborah relata como a imersão processual no catálogo escolhido acompanhada de sucessivas reflexões ia provocando novos olhares, como por exemplo, perceber o “[...] uso despreocupado de certos conceitos em textos presentes no catálogo e retirados de outras fontes, tais como “cultura popular”, “fotografia popular”, “fotografia vernacular” e que esses termos “carregam toda uma trajetória histórica e simbólica que não se deve ignorar”.

Já Denise Bogéa (ex-doutoranda do nosso PPGACV) trabalhou com o livro/catálogo “O Brasil na arte popular”. Ao visitar o acervo do Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro, Denise relacionou a coleção com seu próprio acervo pessoal, fez anotações, desenhos e fotografias e se preocupou em entender os “processos identitários cambiantes desses/as artistas populares” em condição institucionalizada.

Mateus Oliveira (então mestrando do PPGACV) ao analisar o livro *Tempos de Grossura* percebe Lina Bo Bardi como aquela que veio do *centro* e preferiu aderir à *periferia*, e que encontrou em terras brasileiras os seus, pessoas e movimentos sociais que queria garantir maior visibilidade para a cultura popular, e não somente isto, garantir que fosse vista como realmente é, sem romantizações.

A dupla Eduardo Ávila e Célia Gondo resolveram indagar sobre as possíveis conexões entre as duas culturas. Trabalharam com *Vida e Arte dos Japoneses no Brasil e Vestígios de Brasilidade*. Segundo eles, esses catálogos suscitaram reflexões sobre a produção artística dos imigrantes japoneses, assim como sobre os vários sentidos do conceito de *popular*, no contexto das visualidades brasileiras, a partir da década de 1980.

Os exemplos acima dialogam com tópicos da ementa, tais como a problematização do campo “visualidades populares” e a percepção dessas visualidades como portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas. Os recortes dos relatos apresentados revelam uma mudança entre o meu objetivo como professora, que até então procurou nortear as aprendizagens, para o que cada estudante trazia, e como cada um fazia e percebia seus próprios deslocamentos em relação aos seus interesses investigativos.

Este era um ganho pedagógico de fundamental importância pois se aliava na prática ao que na teoria clamamos por processos mais compartilhados de ensino/aprendizagem e investigação.

Em 2014, mais uma vez, o desenho da disciplina se faz em diálogo com a turma, com diversidade dos seus interesses. A ementa não apresenta ainda mudanças significativas, mas a turma em si, fez uma modificação da estrutura das leituras. Devido a premência da apresentação de trabalhos para o Seminário de Arte e Cultura Visual que seria realizado em junho daquele ano, a turma elegeu como primeiro eixo de leitura textos relativos à cultura visual e as discussões caminharam nesse sentido.

O eixo histórico onde mapeamos rastros da construção da ideia de popular e o eixo crítico no qual trabalhamos noções de mestiçagens (Gruzinski, 2001); culturas híbridas (Canclini, 2003), a negação do popular (Hall, 2003); as formas vivas da experiência estética (Shusterman, 1998) foi menos intenso do que nos anos anteriores.

Em contrapartida, o interesse da maioria da turma nas questões docentes promoveu um adensamento das conexões entre autores discutidos na cultura visual, como Hernández (2007), Aguirre (2011) e autores que trabalham com Interculturalidade dos diversos códigos, tais como Barbosa (2006) já mencionada anteriormente e Ivone Richter - com os fazeres especiais (2003), Flávia Bastos - com o perturbamento do familiar (2006) e Vesta Daniel (2006) com a noção de cruzadores de fronteiras.

A proposta acolhida pela turma de 2014 foi a construção de narrativas visuais que gerassem posteriormente textos reflexivos sobre o processo. Essas narrativas mais uma vez estariam conectadas com os interesses de

pesquisa ou algum outro fator de estranhamento surgido no decorrer das discussões na turma. O enfrentamento de imagens metafóricas foi uma característica dessa turma, assim como uma autonomia participativa no processo de elaboração de cada um no processo dos demais colegas.

Discussões sobre avessos de bordado relacionados a avessos pedagógicos, mantos de santos barrocos dialogando com mantos de santa na Andaluzia, o ato de puxar a corda do pião como deflagrador de ações poéticas, visibilidade de perfis nas redes sociais, memórias de pessoas que fizeram parte de uma comunidade de artesanato revivida na atualidade do *Facebook*, comunicação visual para não videntes, o corpo feminino por artistas feministas, o corpo que dança a partir das matrizes culturais, foram temas que geraram questionamentos de posições binárias em termos artísticos, estéticos e culturais.

No segundo semestre de 2015, os participantes desta disciplina escolheram como trabalho de campo realizar uma narrativa visual¹² a partir da imersão em um acervo da fotógrafa Rosary Esteves de imagens das “Cavalhadas”, tradicional evento das festas folclóricas no estado de Goiás, sendo a da cidade de Pirenópolis uma das mais conhecidas. O desafio foi lançado: indagar as fotografias da artista, ver além do visível posto, ir além da aparência objetiva, buscar outros sentidos que deslocassem a condição inicial do “registro fotográfico “da festa folclórica”. Entender as imagens como “discursos visuais” perscrutando:

¹² Disponível em:



“[...] fenômenos populares, amplamente compreendidos como culturais, deixando evidente sua preocupação com os públicos, as audiências e os consumidores, privilegiando relações entre imagens e as circunstâncias de sua produção e uso” (Tourinho e Martins, 2013 p. 67).

A produção de narrativas vinha ganhando força em nosso PPG. A prática da criação com imagens fixas ou em movimento, antes restrita à linha B de Poéticas, expandiu-se por todas as linhas, como exercício do pensamento visual. Trabalhar com imagens para construir ou desconstruir concepções teóricas, abarcar filões teóricos de diversos autores era um exercício que exigia outras táticas operacionais em busca de migrações de sentido. A experiência resultou no texto *Imágenes del folclore entrecruzadas por la cultura visual* (Guimarães, 2017) e vários mestrandos(as) e doutorandos também publicaram e encaminharam sua produção para publicação em capítulos de livros ou artigos em periódicos.

Entender as questões de Visualidades Populares como “ecossistema pedagógico/investigativo” tem sido um processo cheio de indagações, ensaios e problematizações sempre renovadas. Fui aprendendo que as questões ‘desalojadoras’ de concepções fixas de popular tem a ver com os desalojamentos docentes. Que professores e estudantes, cada um à sua maneira, passam por determinados enfrentamentos nas suas questões que implicam em enfrentamentos e deslocamentos de si mesmos enquanto investigadores (as).

Cada estudante traz interesses de pesquisa que expandem nossos olhares sobre visualidades populares, passando por investigações relacionadas a patrimônios culturais, a formas artesanais, a imagens de álbuns fotográficos, cadernos de receitas, apropriação imagéticas e novas tecnologias, dentre tantas outras possibilidades. Cada “temática” passava e continua passando por um processo de intenso questionamento para que seja desalojada de uma condição inicial de categoria fixa. Diferentes leituras, dinâmicas e exercícios visam ampliar a construção de diferentes olhares para o popular, geralmente enrijecido por concepções muito positivistas de “isto é”, “isto não é”. Buscamos compreender diferentes maneiras pelas quais vários campos culturais se inter-relacionam, se comunicam, e geram diferentes visualidades que são reapropriadas sob os mais diferentes interesses, ideologias, perspectivas.

As disciplinas em nosso PPGACV dividem-se em obrigatórias e eletivas. As obrigatórias são sempre duas, uma de metodologia e a outra que discute as questões da pesquisa em arte e cultura visual. As outras disciplinas são as eletivas geralmente propostas a partir das especificidades das linhas de pesquisa e também, das conexões com os interesses de pesquisa dos/as docentes do PPG, ou de docentes convidados/as. Foi assim com as disciplinas em torno das questões dos populares. Posso dizer que fui construindo meu “nicho” investigativo como bem aconselhou Maria Elízia.



Emergência de caminhos investigativos

Em 2016, outra virada acontece na docência na pós-graduação, que vai proporcionar um aprofundamento mais efetivo com a causa da pesquisa no campo das artes, em especial, das artes visuais. Dez anos após entrar no PPGAV, assumi pela primeira vez a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, o que implicava em trabalhar de forma coletiva, e de forma mais disciplinarizada, o que já trabalhava com orientandos e orientandas em seus respectivos processos investigativos. Aceitei o desafio, uma vez que essa preocupação com caminhos metodológicos é algo que também foi se construindo nesse “estar-se construindo” professora na pós-graduação, atentando para especificidades e potencialidades de investigações nas artes.

Os seguintes textos, na maioria escritos em parcerias com orientandos/as, demonstram as inquietações sobre esses processos:

- FERNANDES, W. ; GUIMARÃES, L. M. B. **Narrativas visuais como experiências estéticas.** In: 18. Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil: Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes., 2008, Crato. 18. Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil: Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes. Crato: URCA, 2008. v. 1. p. 1-15.
- GUIMARÃES, Leda. **Narrativas Visuais: ferramentas estéticas/investigativas na experiência docente.** Revista Educação & Linguagem • v. 13 • n. 22 • 32-53, jul.- dez. 2010
- GUIMARAES, L. M. B.; MATUTINO, A. L. **Parangolés, sujeitos e interações: fragmentos de uma pesquisa em movimento.** In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual., 2011, Goiânia. Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: UFG, 2011. p. 841-854.
- GUIMARÃES, Leda. **Ensino e Pesquisa em arte/educação: incertezas e descobertas de caminhos investigativos.** In: Rebouças, Moema Martins; Gonçalves, Maria Gorete Dadalto. (Org.). Educação em Arte na Contemporaneidade. 1 ed. Vitória: EDUFES, 2014, v.2, p.1-22.
- GUIMARÃES, L. M. B. **Teias Investigativas de uma comunidade transaprendente.** In: IV Colóquio Internacional Educação e Visualidades: Pedagogias em Trânsito, Colóquio Internacional Educação e Visualidades: Pedagogias em Trânsito. Santa Maria: UFSM, 2015. v. 1. p. 1-603.
- GUIMARÃES, Leda. **Aqui só se desenha quando tem evento? Pesquisas e Metodologias em Artes Visuais.** In: COSTA, Robson Xavier da; SILVA, Maria Betania e; CARVALHO, Lívia Marques. (Org.). Pesquisas e Metodologias em Artes Visuais. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2015, v. 1, p. 1-364.

Trabalhar com essa disciplina nas suas diferentes versões em 2016, 2017, 2018 e 2019, somado à oferta da disciplina **Seminário Avançado de Pesquisa em Arte e Cultura Visual** foi muito importante para que eu também fosse sistematizando meus próprios processos, não só de caminhos metodológicos, mas também nas maneiras de trabalhar os processos de orientação, considerando saberes anteriormente construídos de cada orientando/a que chegavam até mim para vivenciar uma relação provisória, mas baseada em um, digamos assim, contrato de confiança, especialmente diante da natureza “experimental” que vou estimulando mestrandos/as e doutorandos/as a construírem seus caminhos a partir de suas vísceras, daí a denominação de **processos aracnídeos**, surgem do caminhar, surgem da tecitura da teia, que nunca está pronta.

Desse conjunto nasce reflexões transformadas em novos textos sobre processos investigativos, os quais confesso, tive um prazer especial em produzi-los e vê-los compartilhados como capítulos de livros ou periódicos de instituições parceiras ampliando a noção de teia em permanente construção.

- GUIMARÃES, Leda. **Questões de pesquisa em ensino de artes e culturas visuais: um auditório para questões delicadas.** In: Ivete Souza da SILVA; Jefferson MENDES; Vinícius LUGE. (Org.). Políticas públicas e o ensino da arte: processos educativos em artes visuais, dança, música e teatro. 1 ed.Boa Vista: UFPR, 2018, v. 1, p. 209-232.
- GUIMARÃES, Leda. **Pesquisa e Educação: quando arte tensiona sentidos na construção de um campo.** In: ROCHA, Cleomar et al (Orgs). Anais do VII Simpósio Internacional de inovação em mídias interativas. HUB Eventos 2020. São Paulo: Media Lab / BR, PUC-SP, 2020.
- GUIMARÃES, Leda. **Escavar/coletar como processos investigativos em arte e cultura visual. 1.** In: org. Josélia Schwanka Salomé... [et.al.]. "Processos de Criação em Artes Visuais e Audiovisual: entre Poéticas e Arte/ Educação"/- Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2022. 201 p. – pp-
- GUIMARÃES, Leda. **Investigación y Arte y Educación: diálogos cruzados con las incertidumbres.** Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educación Crítica y S, v. 2, p. 36-44, 2022.
- GUIMARÃES, SOUSA, SILVA. **A DOCÊNCIA COMO BORDADO: ARTESANIAS NO PROCESSO FORMATIVO DE PESQUISADORAS** Anais do "XXXII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil & X Congresso Internacional de Arte/Educadores". São Luís, Maranhão, 2023.

Ainda dentro da reflexão sobre a docência na pós-graduação, três disciplinas chamaram a minha atenção pois oferecem alguns pontos para reflexão do caráter da experiência processual e coletiva. Em 2019, em conjunto com a profa. Débora Santos, professora da Universidade Estadual de Goiás-UEG, docente do PPG Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG), ofertamos a disciplina **Estudos Pós-Coloniais e Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Débora veio fazer um estágio de pós-doutoramento comigo no PPGACV, foi uma experiência inaugural, mas precedida de colaborações anteriores. Conheci Débora logo na minha chegada a FAV/UFG quando ela era professora substituta na Faculdades de Letras da UFG. Juntas realizamos o projeto “Olhares Transversais” que expandia em termos de tempo e espaço aulas de história da arte para além dos espaços e horários regulares. Débora esteve junto comigo no início da oferta das licenciaturas EAD e quando, em 2019, ela propôs essa disciplina como parte do seu pós-doutorado, mergulhamos juntas nas leituras decoloniais, em especial, em autores/as latino-americanos/as.

Em 2020, quando da paralisação das atividades acadêmicas devido à pandemia da COVID-19, a pós-graduação decidiu em reunião não interromper o semestre que ora iniciava, conclamando os professores/as com disciplinas previstas a trabalharem as mesmas no formato *on-line*.

Montamos então um plano comum, inter e transdisciplinar, onde cinco disciplinas seriam articuladas na sua oferta, e, manteriam uma sala no

moodle IPÊ da UFG, espaço em que seriam colocados os planos de aulas, textos e abertos fóruns para discussões e trocas de ideias. Os encontros síncronos via google meet, a cada semana, ficaria a cargo de um/a docente, mas com a participação de todos/as. Lembro que essa proposta teve efeitos controversos, por um lado, não nos sentimos sós, isolados, quando digo nós, refiro-me a docentes e discentes. Por outro lado, reunir cinco disciplinas pareceu uma loucura e bagunçou a ordem cartesiana dos nossos *modus operandis*.

A pandemia mostrou que é possível existir de outros modos, mas, nem precisa dizer que voltamos para nossas caixas depois que a ameaça do fim do mundo acabou, e voltamos para as nossas onipotências costumeiras.

Pesquisa e produção de conhecimento em Arte e Cultura Visual durante a pandemia

Acredito que nada pode ser escrito sem referência ao que vivemos na pandemia da COVID-19, entre os anos 2020 a 2022, misturando aspectos pessoais e profissionais, isolamento forçado, medos compartilhados, apreensões, eventos tempestivos que pareciam não oferecer indícios de quando e como tudo ia acabar. Docentes e discentes e grande parte do corpo técnico administrativo, fomos confinados/as a nossos espaços domésticos reconectados de outras formas via tecnologia.

Trabalhos *home office* e reuniões online passaram a ser o novo normal, restava decidir como seriam as aulas, e para isso, foi necessário que a universidade fizesse um autoexame para considerar a viabilidade da continuidade das aulas no formato a distância. A princípio, abracei essa possibilidade como uma solução, uma vez que já tínhamos a experiência da oferta dos cursos de Licenciatura a distância.

A pandemia revelou a face perversa das dificuldades do nosso corpo discente, das desigualdades socioeconômicas e claro, tecnológica que não permitiram simplesmente mudar o sistema de aulas presenciais para aulas *online*. A quantidade de estudantes sem equipamentos (computadores e/ou *tablets*) era enorme. Foi feita uma mobilização para doação de computadores para estudantes nessa situação. Mas o grande aparato disponível era mesmo o celular. Com isso, fomos nos dando conta da situação precária do uso dos celulares com poucos dados para acessar aulas, baixar conteúdos etc. A desigualdade de acesso à tecnologia foi uma grande sacudida na atenção a esse quesito não só nas universidades públicas brasileiras.

Isso no século XXI, um atraso que indicava um descompasso entre as realidades docentes e discentes, e na pouca atenção da instituição ao problema até o evento da pandemia de COVID-19.

Com a pandemia, a existência de um know how com a educação a distância foi de repente, não mais que de repente, reconhecido, não só pela Faculdade de Artes Visuais, mas como por outras instâncias da UFG. Eu e a

professora Lilian Ucker, diretamente envolvidas com a oferta na graduação a distância, fizemos orientações online, participamos de *lives*, demos apoio a muitos e muitas colegas no intuito de minorar a aflição para o exercício dessa nova existência docente. Fui chamada a fazer falas sobre o ensino a distância, a conversar com professores e professoras de outros cursos e até mesmo de outras instituições.

Enquanto as aulas na graduação estavam paradas, os programas de Pós-Graduação receberam sinal verde da Pró-Reitoria de Pós-Graduação para realizar essa oferta, mediante consulta das possibilidades de cada estudante. Fizemos um questionário e diante da concordância em não parar o semestre, montamos uma proposta de conjugar as disciplinas daquele primeiro semestre de 2020 em um único espaço, e trabalharmos de forma colaborativa os conteúdos.



Re: Como vejo minha pesquisa? Provocações iniciais

por **INDYANELLE MARÇAL GARCIA DI CALAÇA** - sexta, 31 jul 2020, 17:54

Boa tarde a todxs,

Em complemento a minha resposta anterior, **minha principal expectativa é conseguir sobreviver e defender essa tese.**

Depois, minha expectativa é que essa pesquisa contribua para reflexões acerca da indumentária indígena brasileira em uma perspectiva da Cultura Visual.

Minha esperança é que o trabalho possa agregar nestes dois campos que ainda são recentes e estão em construção.

Espero conseguir desenvolver metodologias criativas que possam me auxiliar na realização da pesquisa em meio a essa pandemia, de modo que seja uma demonstração para futuras pesquisas no campo.

Também gostaria que o desenvolvimento da pesquisa me trouxesse uma autorreflexão acerca das minhas próprias concepções, muitas vezes naturalizadas, sobre o tema.

Gostaria de transformar, mas antes de tudo, ser transformada!

Obrigada!

[Link direto](#) [Mostrar prin](#)

Coloquei um *print* da resposta da então doutoranda, Indyanelly Marçal, que diz que a sua principal expectativa era conseguir sobreviver e defender sua tese. Creio que sobreviver era a expectativa de todos nós e, havíamos perdido o doutorando Henrique Camargo e aquela perda repercutiu bastante na nossa comunidade. Naquele momento, sobreviver emocionalmente só seria possível numa construção coletiva. Eram cinco disciplinas, seis docentes. Montamos um rodízio de palestras e provocações transversais e no lugar de cinco avaliações, a proposta foi de que cada estudantes produzisse um único trabalho final partindo dessa vivência coletiva procurando fazer alinhavos entre as disciplinas e seu projeto de pesquisa. Estranho semestre aquele. Todos tinham dúvidas, professores/as e estudantes. Cada impasse pediu desenhos, flexibilizações ou adensamento de pontos da proposta. Escrever sobre esse tempo, também me faz pensar em como nós na universidade vivemos escassamente situações coletivas. Construimos nossas cidades, fortificadas por nossos supostos saberes, pouco afeitos a outros.

Além de estar com a disciplina de **Seminário Avançado** em parceria com a prof^a. Rosa Berardo neste semestre, eu estava também como coordenadora do PPGACV, tendo sido o primeiro biênio de 2018/2019 com a recondução justamente no início da pandemia.

Depois dessa experiência inaugural da oferta online e de forma colaborativa de disciplinas na pós-graduação, aproveitei a situação para propor a oferta da disciplina **Visualidades Populares** também nesse formato, mas

buscando diálogos e cruzamentos institucionais. Assim, surgiu a disciplina “**Imagens e Culturas Populares**” - turma aberta para discentes da Universidade Federal de Goiás e discentes de Pós-Graduação das Universidades Federal de Pernambuco e Federal da Paraíba, do PPG em Artes Visuais. Formamos um trio, eu da UFG, Rosana Gonçalves que estava como pós-doutoranda em nosso PPG e a professora Maria das Vitórias do Amaral, do PPG em Artes Visuais da UFPE.

Foi uma experiência de deslocalização uma vez que por meio da tecnologia (*google meet*) nos conectamos de diferentes lugares do Brasil com discentes também espalhados em diferentes lugares diferentes dos domicílios de seus PPGs. A Pandemia não permitia. Assim como já refleti quando discorri sobre a EAD páginas atrás, a universidade também se ressignifica. Lembram quando mencionei a marcha para o sul sudeste em busca de uma pós-graduação? Naquele caso, estávamos nos conectando, não só pelo uso da tecnologia, mas pela aproximação e convergência de estarmos sós, e ao mesmo tempo conectados, construindo ali redes de colaboração e reconhecimento de interesses de pesquisa em artes visuais.

Ainda na pandemia, e diante do êxito dos atravessamentos da disciplina anterior, a professora Rosana Gonçalves, que estava realizando seu estágio pós-doutoral em nosso programa, propôs a oferta da disciplina **Arte, Educação e Ecologias** com as questões do seu pós-doc. Não poderíamos esperar o fim da pandemia para termos uma turma presencial e,

mais uma vez, ofertamos a disciplina por meio de encontros síncronos no *google meet*, e utilizando o classroom como espaço de compartilhamento de textos e tarefas.

The image shows two promotional posters for a discipline. The left poster is green and white, with text describing the course. The right poster is white and blue, featuring logos, a central circular graphic, and photos of the lecturers.

A disciplina Arte, Educação e Ecologias propõe um percurso reflexivo e criativo sobre as relações das Artes e das Culturas Visuais e as Ecologias Humanas, Educação Ambiental, Meio Ambiente, Cultura, Interculturalidade, Espiritualidade, Decolonialidade e os Comuns (Commons). A disciplina propõe, ainda, algumas trilhas para sentipensar as existências, as resistências e processos de aprendizagens coletivas nas relações entre arte e ativismo a partir do trabalho de Pessoas, Pesquisadores, Docentes, Artistas e Arte/Educadores Ambientais convidados para participar nas aulas. O processo considera as poéticas circulares, promovendo a diversidade de ensinamentos e aprendizagens, sentidos, sabedorias, ancestralidades, temporalidades, tecnologias, dentre outras emergências contemporâneas no trato com a arte, educação e as ecologias com as questões ambientais e com a natureza. A oferta dessa disciplina é parte integrante do projeto de estágio pós-doutoral AnElos ENTRE A ECOFORMAÇÃO ARTÍSTICA E O MOVIMENTO ARTISTAS PELA NATUREZA - MAPN: O ARTIVISMO E A FORMAÇÃO HUMANA da Profa. Dra. Rosana Gonçalves da Silva.

Tópicos Especiais da Linha C - Disciplina remota - teórico/prática - 64 CH Semestre: 2º de 2022.

PPGACV FAV UFG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES E CULTURAS VISUAIS FACULDADE DE ARTES E CULTURAS VISUAIS UNIVERSIDADE FEDERAL DE GUARANES DO SUL

Chamada para pós-graduandas(os) de outros PPGs.

DISCIPLINA
Arte, Educação e Ecologias.
INÍCIO DAS AULAS: 11 DE AGOSTO DE 2022

DOCENTES

PROFA. DRA. ROSANA GONÇALVES

PROFA. DRA. LEDA GUIMARÃES

As inscrições poderão ser feitas nos dias 10 a 12/08/ 2022, via e-mail: arteculturavisual.fav@ufg.br

Figura - Divulgação da disciplina "Arte Educação e Ecologias". Arquivo Pessoal.

Rosana montou uma lista de convidados/as muito potente com educadoras, arte educadoras, artistas educadores atravessados pela noção de ativismo.

- Fala de abertura: Arte, Criatividade e Ecologias Humanas com a Profa. Dra. Vera Catalão.UnB
- Dia 11 de agosto, Tema: Arte e os Comuns (commons) com a Profa. Dra. Carmen Capra.
- Data 18 de agosto, Tema: Arte para a comunicação das ciências com a Profa. Dra. Larissa Maly.
- Dia 25 de agosto, Tema Arte Educação Ambiental com o Prof. Dr. Paulo Díaz.-USP
- Palestra: História, o que é AEA (pra mim) e exemplos/oficina Música como EcoArtivismo.
- Data 08/09/22. Tema Arte, EA e Movimentos Sociais/Arte de rua na pandemia com a Profa. Dra. Michèle Sato.(in memorian)
- Dia 15 de setembro/22. Tema Arte Educação Ambiental: contexto de investigação com a Profa. Dra. Rita Patta Rache.
- Tema Arte, decolonialidade e antirracismo com o Prof. M. Uila (Uilton Júnior).
- Dia 13 de outubro/22, Tema: Ativismo e Ecofascismo. Reflexões coletivas.
- Dia 20 de outubro/22. Tema: Arte, gênero, educação e ativismo curatorial com a Profa. Ma. Luciara Ribeiro.
- Dia 27 de outubro/22. Fala de encerramento.: Bené Fonteles - Tema: Arte e natureza: ressignificar para viver com o Artista Bené FontelesDia 17 de novembro/22.

Foram encontros profundos, quase sem hora para acabar, a reunião de 25 estudantes de diferentes programas de pós-graduação do Brasil, era algo inovador que enriquecia o contexto da aprendizagem, pois cada pessoa trazia para o nosso PPG, questões importantes do seu contexto de formação.

Dos laços formados entre as pessoas que participaram dessa proposta surgiu uma rede de apoio e compartilhamentos de cursos, *workshops*, palestras, apoio afetivo a situações problemáticas, etc. Também está em processo de editoração um volume com a produção docente e discente para a coleção *Desenredos* do nosso PPG.

Como herança da pandemia, abrimos a possibilidade de continuarmos ofertando disciplinas *online* ou híbridas, mesmo com a vigilância do sistema. Assim, em 2024 trabalhei junto com o professor Thiago Sant'Anna na oferta da disciplina **Pedagogias Culturais**, uma disciplina pensada para a Linha C que mais uma vez recebeu discentes de outras linhas, além de estudantes do mestrado Profissional em Artes do IFG, Profartes. A parceria foi um intercâmbio entre um historiador foucaultiano e uma arte educadora barbosiana que prima pela história, pela contextualização e pelo devires.

Confluência de espaços e tempos

No relato das disciplinas procurei mostrar as conexões entre formação, interesses investigativos meus e de orientandos, percepção e defesa das peculiaridades das investigações baseadas nos processos artísticos e nas imagens, nas articulações e construções de parcerias dentro e fora da instituição. Penso que estar em um programa de pós-graduação vai muito além da atuação docente, para aquelas pessoas com doutorado, em mais de um nível da carreira. Primeiro, vamos considerar que para atuar na pós-graduação é preciso que ela exista, o que nos leva a pensar que a criação de cursos em nossa área é recente (final da década 1970) e ainda muito mal distribuída entre as regiões do Brasil.

Fato este que provocou diversas migrações, geralmente deslocamentos para o eixo sul-sudeste, como foi o meu caso. A escassez de programas de pós-graduação em nossa área também fez com que muitos de nós, na ausência de PPGs em nossa área, atuassem em PPG de áreas afins e/ou de caráter interdisciplinar. No meu caso, penso no privilégio de estar em uma instituição na qual professores e professoras tiveram a visão da criação de um PPG para fomentar a pesquisa em nosso campo e atrair jovens pesquisadores de todas as partes do Brasil para o Centro-oeste brasileiro, num movimento, na minha perspectiva, contra colonial em relação a hegemonia do sul.

Lembro também da preocupação da minha orientadora Ana Mae Barbosa de que ao terminar o doutorado todos/todas nós pudéssemos ingressar em programas de pós-graduação visando a ampliação da formação de pesquisadores/as no campo da arte e da arte educação. Nesse olhar retrospectivo percebo essa força do acontecimento, de estar no momento certo e ingressar em um programa de pós-graduação que ajudei a pensar mesmo antes de ser doutora, e que, continuo ajudando a construir e, conseqüentemente, também me construindo como professora pesquisadora.

Estando/pertencendo a um PPG da área de arte, também proporciona diversas oportunidades na construção da pesquisadora, por exemplo, participar de bancas, conhecer outros pontos de vista, ampliar repertório teórico de forma constante não dando espaço para acomodações e é claro, os processos de orientação de mestrandos/as e doutorandos/as, os quais são, como chamei, processos aracnídeos no texto **“Teias Investigativas de uma comunidade transaprendente”** (Guimarães, 2015) ou como, na analogia que fiz no texto **“Questões de pesquisa em ensino de artes e culturas visuais: um auditório para questões delicadas”** (Guimarães, 2018) quando a partir de uma instalação de Guto Lacaz, faço alusão às condições de instabilidade e transitoriedade nessas relações.

Ainda consigo lembrar do frio na barriga da minha participação nas primeiras bancas, o medo de errar, de não ter “bagagem” suficiente para opinar e lembro que mais do que os/as pós-graduandos/as, eu anotava (e

continuo) anotando tudo o que as outras pessoas da banca diziam. Nas primeiras bancas acredito que a insegurança provocou arroubos de arrogância de me pronunciar em um tom mais imperativo, o que não é do meu feitio, mas também tenho consciência que fui lapidando esse tom em atuações mais cordatas, mesmo quando enfrentava trabalhos mais deficitários.

Também me descobri em atuações poéticas, pois ora, se eu enquanto orientadora instava orientandos/as a exercerem suas poéticas, por que nós, professores/as não podemos também atuar dessa maneira? Assim, de forma mais coerente com o que professamos sobre a natureza da pesquisa baseada nas artes, eu que ando às voltas com as questões do popular, tenho feito participações que usam de recursos poéticos artísticos para reflexões e sugestões sobre o trabalho de outras pessoas, me atendo ao reino das possibilidades, uma vez que a pesquisa em análise não foi por mim produzida, nem por mim orientada.

Na organização de comprovantes das participações em bancas, fico feliz de ver que, além das bancas internas ao nosso PPG, tenho sido chamada para bancas em PPGs de diversas instituições brasileiras, o que indica a minha localização em uma rede de pós-graduação sobre a qual me reporte inicialmente. Existência essa que tem efeito bumerangue por meio da participação de pesquisadores/as de outras instituições nas bancas de pessoas que tenho orientado.

Projetos de pesquisa e orientações

Antes do doutorado, já tinha dois projetos de pesquisa cadastrados em diálogo com as experiências da disciplina Arte e Cultura Popular na graduação. De 1999 a 2000, tive os projetos Natureza e Processos do artesanato em Goiânia e Catálogo do Artesanato em Goiás, que resultaram na elaboração do catálogo “Objetos Populares do Cerrado: cerâmica” de acordo com a pesquisa dos valores culturais, históricos e materiais encontrados na produção das paneleiras em Goiás. De 2000 a 2001, desenvolvi o projeto “Formas de produção artesanal em Goiânia - mixagens urbanas”, quando realizamos um mapeamento de transformações ocorridas no artesanato na cidade de Goiânia, verificando a influência da indústria cultural e do processo de urbanização nas principais feiras e em outros espaços de venda de artesanato, tais como lojas e associações de artesãos.

Em 2005, com a entrada na pós, foi necessário reorganizar e cadastrar novos projetos de pesquisa, agora, já contando com a participação de estudantes de pós-graduação. O projeto “**Implementação de educação à distância na Licenciatura de Artes Visuais da UFG**” foi desenhado antes mesmo dos cursos iniciarem, acompanhou a efervescência do lançamento dos programas do Governo Federal para a formação de professores e ampliação da formação em nível superior: Pró-Licenciatura e Universidade Aberta do Brasil.

A UFG participou do primeiro edital da UAB para a expansão do ensino superior público e gratuito pelo interior do estado de Goiás. A Faculdade de Artes Visuais, que já tinha o projeto de um curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Pró-licenciatura, aplicou também para a Universidade Aberta do Brasil visando expandir o raio de ação para interiorização da formação de professores de artes visuais no estado de Goiás. Assim, tivemos o curso instalado em 6 polos do pró-licenciatura (Goiânia, Cidade de Goiás, Catalão, Firminópolis, Jataí e Ceres, além dos 9 polos do projeto UAB (Aparecida de Goiânia, Cezarina, Alexânia, Formosa, Alto Paraíso, Goianésia, São Simão, Catalão e Uruana). Nesses locais foram implantados Polos de Apoio Presencial para Educação a Distância com o objetivo de oferecer condições para que essa formação acontecesse a contento, nos princípios de formação de qualidade e gratuidade da educação superior. Chegamos a ter 690 alunos nessa modalidade.

As experiências neste primeiro, mostraram a necessidade de pensar em algo de forma mais abrangente. E assim, em 2010, cadastrei o projeto **“Formação de professores em artes visuais - expandindo o conceito de rede de aprendizagem”**. Mesmo não tendo naquela época uma experiência de formação em EAD consolidada, o desafio a que nos propusemos foi o de levantar dados sobre o potencial pedagógico das tecnologias de informação e comunicação na formação de arte educadores, refletindo sobre os desafios dessa oferta. Queríamos examinar os desenhos curriculares dos cursos,

acompanhar e refletir sobre a formação dos diversos atores, os processos de gestão e a preocupação com a realidade dos polos. Muita coisa de uma só vez, e pouca gente para o engajamento com o tema ainda controverso, o da formação via EAD.

Outro projeto que nasceu em 2005 e durou até 2009 foi o **“Visualidades dos bairros de Goiânia: projeto de pesquisa, ensino e extensão”**, ligado ao trabalho com Estágio e Prática Pedagógica que buscava estimular o interesse investigativo na correlação ensino de arte, cultura visual e comunidades, fomentando a discussão sobre arte pública, popular, identidade e memória, patrimônio e acervo cultural, dentre outros conceitos através do mapeamento de visualidades e da história dos bairros da cidade de Goiânia. A partir do material levantado, intenta-se buscar parceria numa escola e em pessoas da comunidade para o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica em artes visuais no bairro pesquisado.

Reorganizei as experiências investigativas em torno das artesania e populares e cadastrei o projeto **“Ensino de Arte em Contexto de Comunidade”**, que visa fomentar o interesse investigativo na correlação ensino de arte, cultura e comunidades, de forma presencial e/ou virtual, desenvolvendo comunicações *on-line* através da criação de *website* e cursos *on-line* para os pró-

prios alunos da FAV, bem como para qualificação de professores de educação básica, agentes comunitários e comunidade em geral. De acordo com Daniel (2002) conjugar aprendizagem com contextos e processos comunitários é uma maneira de identificar o que sabemos, de onde vem o conhecimento e como este conhecimento é conectado com uma educação institucional bem sucedida. Ademais, viabiliza relacionamentos recíprocos entre instituições formais e espaços comunitários, os quais podem encorajar ativismos educacionais. Componentes específicos de uma pedagogia baseada em comunidade podem ser investigados como meio de conectar professores, membros da comunidade e estudantes através da prática educativa.



Exercícios aracnídeos:

(RE)ORIENTAÇÕES

Deu meia noite, a lua faz o claro
Eu assubo nos aros, vou brincar no vento leste
A aranha tece puxando o fio da teia
A ciência da abeia, da aranha e a minha
Muita gente desconhece
Muita gente desconhece, olará, viu?
Muita gente desconhece
Muita gente desconhece, olará, tá?
Muita gente desconhece...

JOÃO DO VALE

Na asa do vento

A experiência de orientação está presente na graduação, tanto no cotidiano da sala de aula como nos projetos de iniciação científica ou nos Trabalhos de Conclusão de Curso. No entanto, essa experiência se intensifica na relação tempo/espço com a atuação

em um Programa de Pós-Graduação. A premissa de receber orientandos e orientandas de mestrado e doutorado, transformou essa experiência em algo mais profundo e mais complexo, considerando o tempo maior da parceria com a qual ficamos enganchados/as. Uso de forma proposital este verbo transitivo, relativo a prender, dependurar num gancho.

Acredito que na relação entre quem orienta e quem é orientado/a, a percepção sobre o enganchamento poder assumir diversas facetas. Pode indicar aprisionamento, desconforto para ambas as partes o que, muitas vezes, leva a pedidos de troca de orientação por parte discente. Também acontece de docentes desistirem de seus/suas orientandos/as. Começo com essa perspectiva mais negativa do que positiva a fim de explicitar a minha compreensão da adequação desse verbo para a minha vivência ao longo desses anos.

Para escrever revisito os dados, nomes, temáticas, períodos, dificuldades e conquistas, contribuições para o campo, parcerias realizadas e, rumos e caminhos da vida pós defesa. Todos esses pontos e outros que porventura eu tenha esquecido de pontuar, configuram o tipo de enganchamento que considero como potência, construídos com base no estabelecimento de parcerias onde não cabem certezas e roteiros pré-estabelecidos. Mas é exatamente aí que entra a delicada arte da confiança.

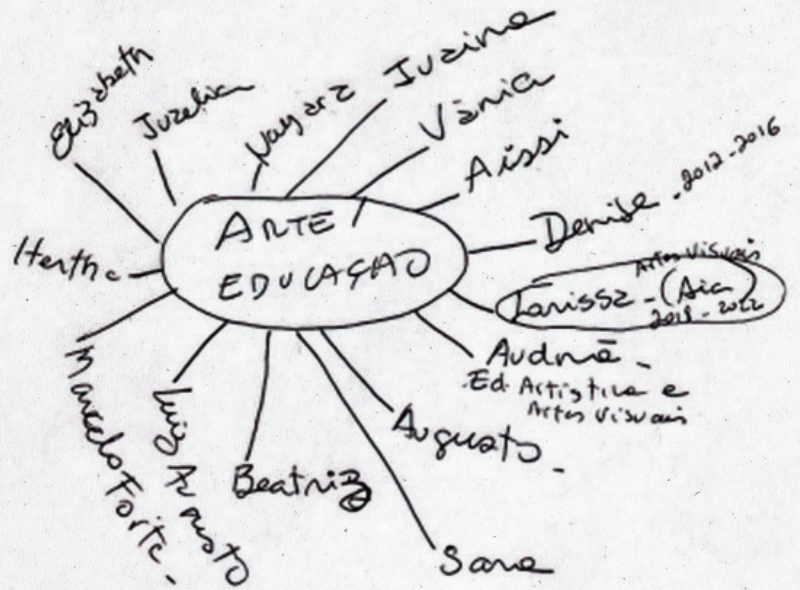
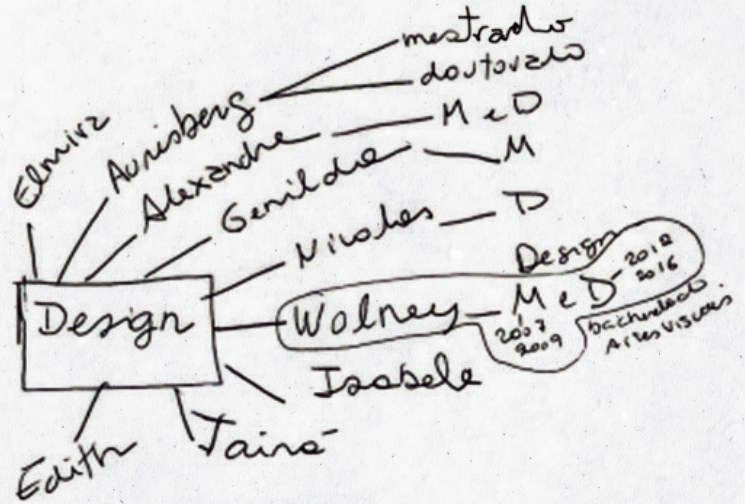
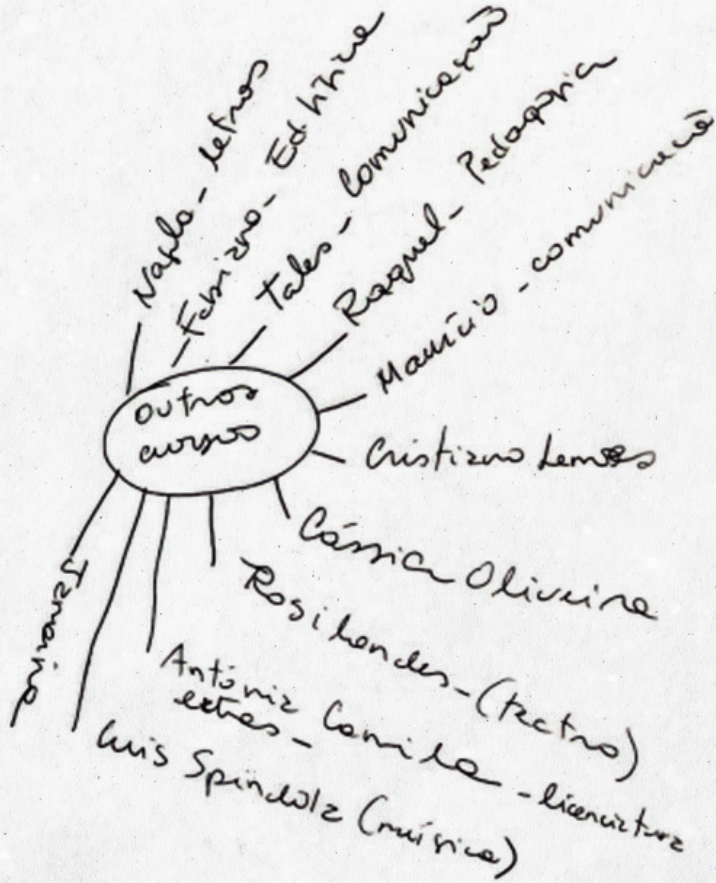
Esses **enganchamentos** me fizeram gostar de orientar e me fazem constantemente refazer rotas, caminhos e, especialmente, aguçaram meu olhar para as peculiaridades dos processos das diversas pesquisas por mim

orientadas e as que ainda estão em andamento. Primeiro, não dá para separar a pessoa dos seus desejos investigativos. Fui sendo provocada e produzi alguns textos sobre isso, com a expectativa de que as palavras escritas pudessem me dar pistas do que ia sendo feito e criar caminhos/raminhos para orientações futuras. Na escrita, fui tentando sistematizar princípios nos quais me oriento, mas que são difusos, não estão ditos, são uma espécie de intuição ou um bambolear.

O primeiro texto onde esse exercício é feito com mais clareza tem como título “Teias Investigativas de uma comunidade transaprendente” (Guimarães, 2015) termo que tomo de empréstimo da dissertação de outro Guimarães, Alexandre José, que na sua dissertação de mestrado de Escolas flutuantes, sujeitos transaprendentes (Guimarães, 2011) se refere aos processos vivenciados na tutoria dos nossos cursos EAD, como uma escola deslizante, não sólida. No meu texto, me refiro aos processos de orientação como aracnídeos, usando como analogia para os caminhos metodológicos de cada pesquisa que nasce dessa teia produzida no caminhar e que é feita do material orgânico de cada pesquisador/a. Orientar nesse sentido, é tentar visibilizar e atentar para a construção desse fio.

Rabiscando esquemas para o memorial, procurei agrupar as orientações concluídas e em andamento em alguns **esquemas aracnídeos**, e foram surgindo alguns arranjos, por tema, tempo, conexão com meus projetos de pesquisa, entre outros aspectos. Selecionei um dos arranjos que tenta responder qual a origem em termos de **formação inicial das pessoas que me procuram para orientar suas pesquisas?**

ARANHA 1 - Visão geral dos campos de formação de orientandos/as



que esses esquemas
aracnídeos me dizem?

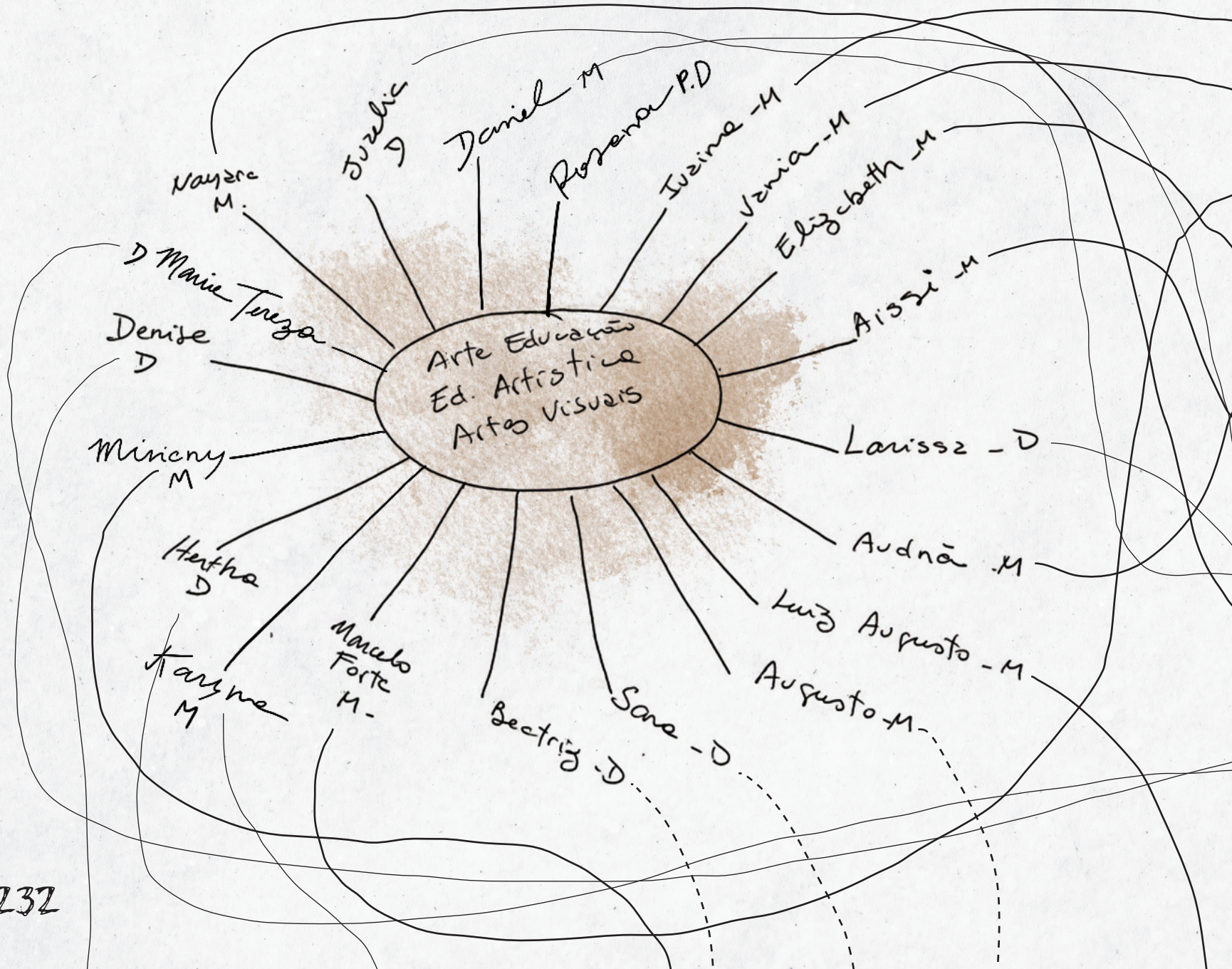
Na linha C do PPG em Arte e Cultura Visual, por vezes temos a impressão de que são poucas as pessoas que chegam com a formação inicial na Licenciatura em Artes Visuais. Apesar da perspectiva transdisciplinar do PPG, acredito que professores e professoras da linha Arte, Educação e Cultura Visual almejam a expansão da formação continuada de professores e professoras do campo do ensino de artes visuais. Os números me dão um certo alívio ao perceber que este é o maior grupo dos meus esquemas aracnídeos.

De 2005 para cá, foram onze orientações de mestrado concluídas e duas em andamento. Dessas, duas orientações foram realizadas no Mestrado Profissional do IFG-Profartes - programa que foi articulado por um ex-orientando, professor do IFG, que ainda durante seu processo de doutoramento, começou a vislumbrar a possibilidade do Instituto Federal de Goiás se integrar a essa rede nacional de oferta do mestrado profissional na área de arte. Importante citar a co-orientação da pesquisa de doutorado de Maria Tereza Gomes da Silva “Café Bordado: saberes tradicionais na busca por poéticas compartilhadas” tese desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais – FCS sob a orientação da professora Dra. Renata de Lima Silva. Maria Tereza com um grupo de bordadeiras do Cerrado buscando refletir sobre

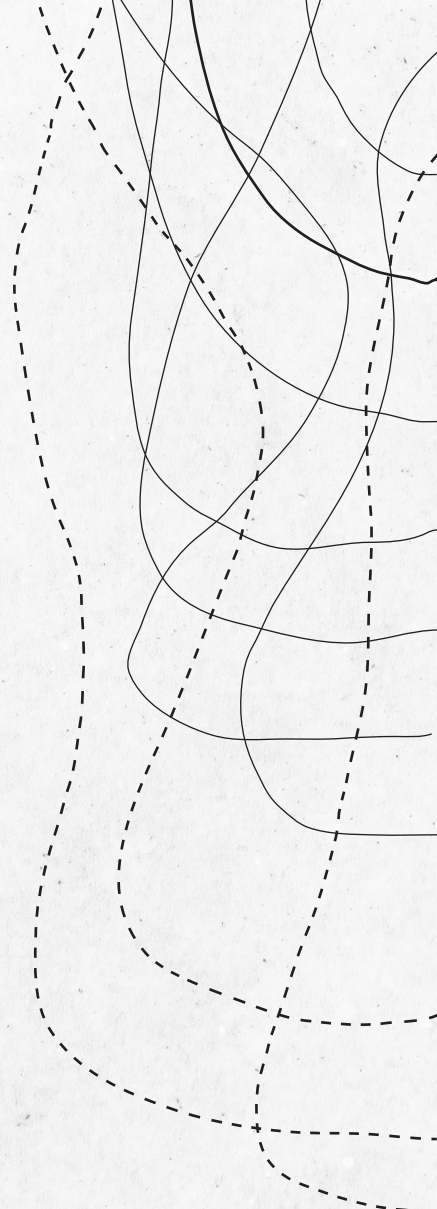
as diversas camadas que envolvem o apagamento histórico e sociocultural dos saberes tradicionais, e como eles se (re)configuram como atos de resistência epistemológica diante dos saberes eurocêntricos.

Foram quatro orientações de doutorado concluídas e quatro em andamento. Uma co-orientação de doutorado concluída e uma andamento. Ao todo, **vinte e tres orientações e uma co-orientação** nesse campo, com interesses investigativos variados, mas que dialogam não só com meus projetos de pesquisa, como também com as diversas ações que fui colocando ao longo desse texto: questões de estágio, da tecnologias na educação, questões étnico-raciais, questões em torno de visualidades populares e pesquisa em situação de comunidades artesãs, indígenas ou quilombolas, práticas dissidentes na escola, ensino de arte na educação do campo, etc. Também vem dessa área de formação uma das pesquisadoras que chega ao PPGACV para a realização do seu pós-doc, trabalhando com arte educação ambiental.

Identifiquei um primeiro grupo com formação no campo do Ensino de Artes Visuais/Educação Artística, um segundo grupo de pessoas que vêm do *Design*, majoritariamente, *Design* Gráfico ou Comunicação Visual e um terceiro grupo, no qual agrupei pessoas com formação em arte, mas de outras linguagens como teatro, dança e música e finalmente, um grupo menor, de pessoas com formação de diferentes áreas, tais como: Educação Física, Pedagogia, Letras, Jornalismo, Biblioteconomia e Arquitetura.



1. Ivaina de Fátima Oliveira - A (IN) VISIBILIDADE DA CULTURA NEGRA AFRICANA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS; 2008; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
2. Vânia Olária Pereira. Arte/Vida/Trabalho: Produção de Sentidos de Hip Hoppers da Vila Pedrosa - Goiânia; 2010; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
3. Marcelo Forte. Atravessando territórios: Fazendo-se docente-artista no processo de formação; 2013; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
4. Audnã Abreu Silva. Educação e Tecnologia: imagens eletrônicas na escola; 2014; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
5. Elizabete Figueiredo Palma. Formação docente, construção cultural, social e política na Licenciatura em Artes Visuais UAB/Unimontes; ; 2014; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
6. Aissi Kárita da Silva. Fazendo da Escola um Ninho: O Programa Ambiental de Oiticica como Apropriação do Espaço Escolar; 2015; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
7. Juzelia de Moraes Silveira. Ao sabor das narrativas - sujeitos, cotidiano e práticas de cozinha; 2015; Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual).
8. Nayara Joyse Silva Monteles. Estágio Supervisionado no curso de Artes Visuais-Modalidade a Distância/UFMA e as circunstâncias de conflito e confronto; 2016; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual).
9. Denise Bogéa. Libellus Maria do Pote - narrativas de pesquisa sobre mediação e visualidades populares; 2016; Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual).
10. Hertha Tatiely Silva -2018 a 2022 - Docência em artes visuais na educação do campo; Início: 2018; Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

- 
11. Larissa Isidoro Miziara. Arte/educação indígena e quilombola; Início: 2018; Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.
 12. Luís Augusto de Paula Lacerda Pacheco. Experiência Estética no Ensino Médio: a Performance, o Corpo e o Conhecimento Sensível. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) 2019.
 13. Daniel Ricardo Martins - ARTISTAS NEGROS/NEGRAS: POÉTICAS de RESISTÊNCIA NA ESCOLA – mestrado profartes IFG. 2023
 14. Miriany Maria Silva - TECENDO MEMÓRIAS, EDUCAÇÃO E CULTURA em Hidrolândia-Go – mestrado profartes IFG. 2023
 15. Karyna Barbosa Novais. EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS. Dissertação Mestrado. 2019.
 16. Maria Tereza Gomes da Silva. (co-orientação) CAFÉ BORDADO: SABERES TRADICIONAIS EM POÉTICAS COMPARTILHADAS. 2024.
 17. Rosana Gonçalves da Silva - Título do projeto- AnElos ENTRE a ECOFORMAÇÃO ARTÍSTICA E O MOVIMENTO ARTISTAS PELA NATUREZA MAPN: O ARTIVISMO E A FORMAÇÃO HUMANA. Estágio de Pós Doc.

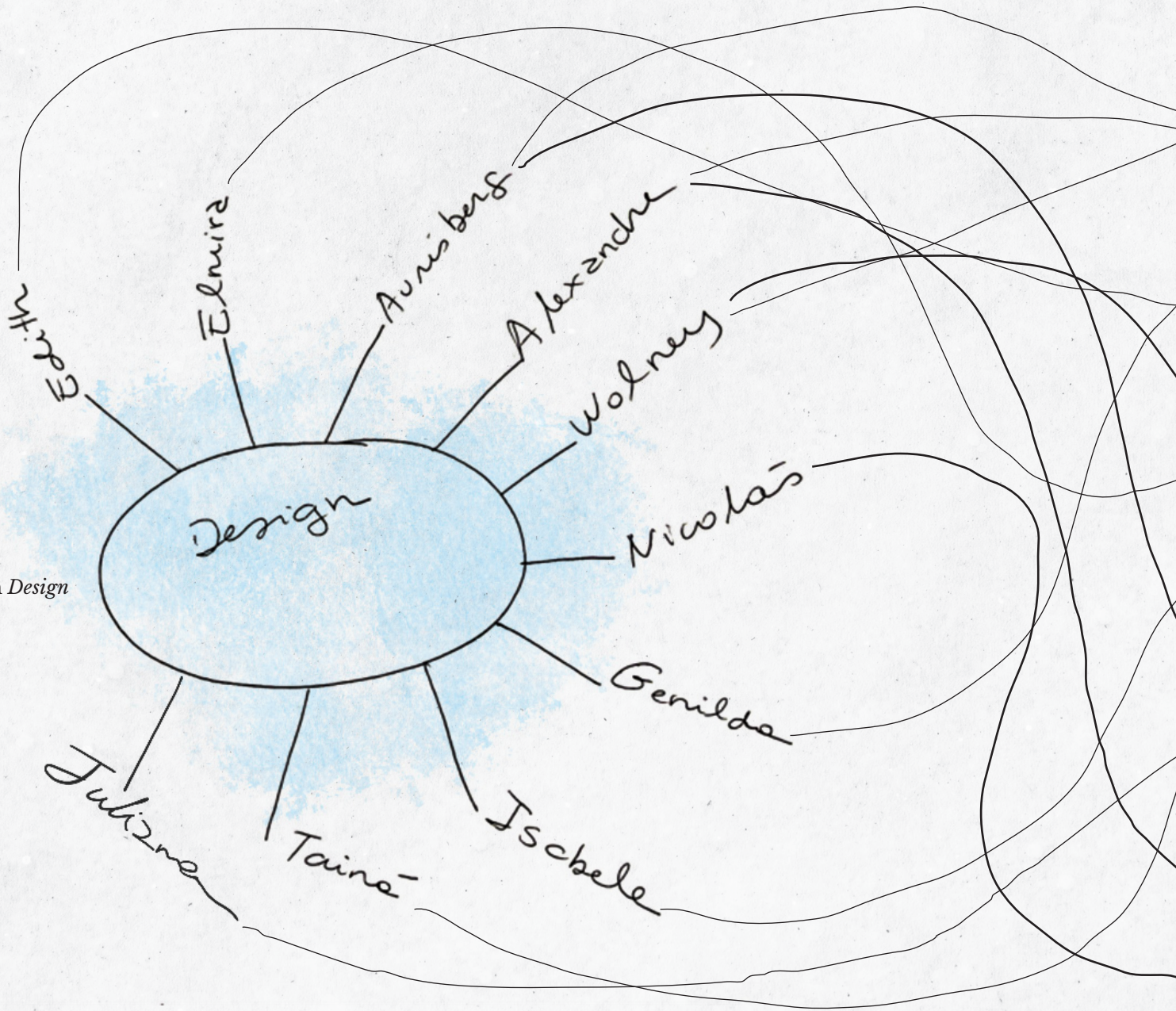
ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO

18. Beatriz de Jesus Sousa – (doutorado em andamento). Imagens, acervos visuais e ancestralidades: enlaces e contribuições para o ensino de artes visuais; Início: 2021;
19. Sara Vasconcelos Cruz (doutorado em andamento) “Artista/Professora/Pesquisadora/Youtuber: Possibilidades de atuação a/r/tográfica nas redes sociais”. 2022
20. Augusto César Moreira Santos – (Mestrado em andamento) - Pedagogia do Mata-douro - metodologias de ensinar e aprender poéticas de gravura.

No segundo esquema, agrupei as orientações de pessoas que têm a formação inicial no **Design** (na sua maioria **Design Gráfico**) e alguns em Comunicação Visual. Esse também é um grupo considerável e merece algumas reflexões. Foram oito orientações de mestrado, uma co-orientação concluídas e quatro orientações de doutorado concluídas. Ao todo são doze orientações de egressos e egressas tendo o Design como formação.

É curioso que, de todas essas pesquisas, apenas uma se debruçou sobre processos metodológicos da própria área, intercruzando com abordagem da arte e da cultura visual, como é o caso da tese de Nicolas Gualtieri. As demais tiveram outros interesses investigativos. Muitas também se conectam com questões dos populares, educação popular, educação e patrimônio cultural, e questões de ensino em contexto de comunidade (Wolney, Aurisberg, Genilda, Edith, Elmira, Isabele). Já o mestrado e o doutorado do *designer* Alexandre J. Guimarães tiveram a marca do interesse da formação, primeiro investigando questões da oferta do curso da Licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD e depois, já com um olhar para sua casa institucional, investigando traços e marcas da formação de professores de artes para a atuação no ensino técnico profissionalizante dos Institutos Federais. Nesse grupo Alexandre, Aurisberg e Wolney fizeram comigo o mestrado e o doutorado. Ao todo foram 13 orientações.

ARANHA 3 -
Formação em *Design*



1. Wolney Fernandes de Oliveira. Histórias com Dona Prizulina: da beira do fogão à cultura visual; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - 2009.
2. Aurisberg Leite Matutino. Caminhos para ver, se ver, ser visto: o grupo de teatro Venvê Parangolé. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). 2012
3. Alexandre José Guimarães. Escolas Flutuantes Sujeitos Transaprendentes. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. 2011.
4. Genilda da Silva Alexandria. Narrativas de patrimônio e percepções culturais sob a ótica da cultura visual. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) 2011
5. Edith Hedwig Lotufo. Uma experiência intercultural em torno do artesanato de Porto Nacional, Tocantins. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - 2015.
6. Elmira Vicente Inácio. Teias de reciprocidade entre educadores de artes de Goiânia e a comunidade de Ribeirão de Areia (MG). Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - 2016.
7. Isabele Maria Geraldo Barbosa. Dissertação mestrado - O ENSINO DO ARTESANATO COMO AGENTE REVELADOR DO CONTEXTO CULTURAL E A PRESENÇA DA ARTE COTIDIANA. 2024.
8. Tainá Guimarães Coelho. A EDUCAÇÃO PELO OFÍCIO: experiências das mulheres na Bauhaus; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). 2024.
9. Juliana Barbosa e Queiroz. Empoderadas: o jogo como ferramenta de pedagogias feministas e antirracistas. Mestrado. (co-orientação)
10. Wolney Fernandes de Oliveira. Saberes-fazer cartografados à partir da memória do meu avô. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual). 2016.
11. Aurisberg Leite Matutino. Mapas da violência juvenil. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual). 2018.
12. Alexandre José Guimarães. Aessos docentes dos professores de artes do IFG. (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. 2018.
13. Nicolás Andrés Gualtieri. Design gráfico, artes e cultura visual: experiências e entrecruzamentos metodológicos. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual). 2020.

Um pequeno grupo se formou em torno de pessoas que chegaram até o PPG em Arte e Cultura Visual, vindas de outras licenciaturas do nosso campo da arte: dança, música e teatro. Foram duas orientações de mestrado e uma de doutorado. Nas dissertações de mestrado, a de Janaína, está profundamente conectada à sua atuação como professora em uma escola pública da cidade de Goiânia, em um projeto de dança e a segunda dissertação, de Rosilandes Martins, é uma pesquisa ligada às visualidades populares, mas conectada com a atuação da autora como atriz. Já na pesquisa de doutorado, Luis Spíndola, também professor da rede pública de educação do estado de Goiás, se vale da sua atuação como professor de música para investigar o consumo de jovens com vídeos do *youtube*, costurando questões da educação da cultura visual e repertório da cultura juvenil no contexto escolar.

OUTROS
CURSOS/
ARTE/
LICENCIATURAS

Janaina P. Calixto
Dança - Ed. Física
Pesquisa - projeto dança
2020 a 2022

Luís Spíndola Júnior - 2019-2024
Grad. Educação Musical

ARANHA 4 -
Formação em outras
linguagens de arte

Rosilandes Martins -
- teatro

1. Rosilandes Candida Martins - teatro - Desfiando Terezas e Bordando Bicudas - a menina no quintal e as dobras do seu bernal; 2010; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) -
2. Luís Spíndola Júnior - graduado em Música 2020-2024. Vigiar, punir e escolher: nascimento da prisão estética escolar; Início: 2019; Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual)
3. Janaina Pimenta Calixto - Educação Física/Dança. Imagens e memórias arquivadas: Experiências de uma artista-docente no Projeto Orlandança?; Início: 2020; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual)

Por fim, o grupo de orientações de pessoas que vêm de outras formações, que em termos quantitativos, é significativo, e sinaliza mais fortemente, a natureza porosa do nosso programa. Ao longo desses anos, recebi pessoas vindas da Educação Física, Pedagogia, Letras, Arquitetura, Biblioteconomia, Jornalismo e Ciências Sociais. Foram sete orientações de mestrado concluídas, uma de doutorado concluída e uma em andamento.

Neste grupo, temos três pesquisas mais vinculadas ao amplo espectro das possibilidades temáticas em torno de visualidades populares urbanas tais como: Cristiano Lemes, com uma pesquisa sobre construções populares no traçado modernista da cidade de Goiânia, Maurício Kist, com as visualidades dos muros de Montevideu, Antonia Camila que também segue um percurso urbano ao investigar o grafite feito por coletivos de mulheres em quatro cidades brasileiras. Para esses/as pesquisadores/as, caminhar nas cidades foi o mote metodológico dos seus achados. Já a pesquisa de Cássia Oliveira, mergulha no contexto interiorano do sertão baiano e estabelece um diálogo ativo entre os saberes da comunidade com os saberes da única escola local.

De uma outra maneira, Fabiana Alzira também fala de cidade ao levantar a memória de pioneiros/as da ESEFFEGO, na jovem Goiânia assim como Najla, ao investigar as imagens de publicidade popular nos muros de Goiânia, costurando seu interesse dessas imagens com o ensino da língua inglesa.

ARANHA 5 - Outras formações - áreas diversas

OUTROS CURSOS -

2020-2022

Jenaina Pinheiro

Calixto -

Grad. Educação Física

Mestrado - Imagens e memórias

arquitectónicas - JAPES

orientante

Tales Gubeev

Graduação - Jornalismo

Mestrado - 2010 - 2012

Reflexões sobre cultura visual

+ insucesso sobre (homo)sexualidades

Maurício Fernando Schaefer

graduação - Comunicação Social

Mestrado - 2016 - 2018

Montevideo, que é isso en los nuevos?

Cristiano Lemes - 2015 - 2019

grad. arquitetura

Mestrado - Insurgências e ressurgências

do popular no tratado cruzeiro de Goiânia

Bruno Filipe - D

antropologia social

Carina Oliveira

Grad. em Antropologia

Raquel Mendes & Melo

Grad. em Antropologia

de 2006 a 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Mestrado em Antropologia

2006 - 2008

Fátima Algrina
Grad. Educação Física - Lic
Mestrado em Letras e Artes -
2007 - 2009
Grad. Educação Física - Lic
Mestrado em Letras e Artes -
2007 - 2009

Antonio Carlos Azev - 2017 - 2021
Mestrado - Letras e Artes -
2017 - 2021

Mayla Fouad Saabeh - 2006 - 2008
Grad. Pedagogia - Letras
Mestrado em Letras e Artes -
2006 - 2008

Prof. Inglês no Dep. de Antropologia de Letras
Mestrado em Letras e Artes -
2006 - 2008

- 
1. Tales Gubes Vaz - Jornalismo. Pedagogia Queer, cultura visual e discursos sobre (homo)sexualidades. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). 2012.
 2. Fabiana Alzira Ramos Nascimento. ESEFFEGO: imagens do pioneirismo da Educação Física em Goiânia. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). 2009.
 3. Raquel Mendes de Melo. A Espada era a Lei: Visualidades da Práxis Pedagógica; 2008; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. 2008.
 4. Najla Fouad Saghié. O ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA DA CULTURA VISUAL; 2008; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). 2008.
 5. Cristiano Lemes – graduado em Arquitetura -Insurgências e ressurgências do “popular” no traçado erudito da cidade planejada de Goiânia. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). 2019.
 6. Maurício Fernando Schneider Kist - Comunicação Social. Montevideo: qué es eso en los muros? Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. 2018.
 7. Cássia Oliveira - Biblioteconomia. Casa de Pedra: a construção de uma experiência docente da oralidade à visualidade. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. 2018.
 8. Antonia Camila Alves - graduada em Letras. Mediações urbanas em rotas autobiográficas: processos de Formação em Artes a partir dos graffiti do Selo Coletivo (CE) e das Minas de Minas Crew (MG). Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2021.
 9. Janaina Pimenta Calixto – Educação Física/Dança. Imagens e memórias arquivadas: Experiências de uma artista-docente no Projeto Orlandança?; Início: 2020; Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual)
 10. Bruno Karasiaki Filene. Terreiro e Visualidades: Autorepresentação e Cultura Visual Anticolonial – doutorado em andamento

Contabilizei trinta e seis orientações, sendo quatro ainda em processo. São muitas? Poucas? Não sei dizer, mas posso dizer que foram estas experiências, com as suas dificuldades, possibilidades, diálogos e diferentes caminhos que me construíram pesquisadora.

Quando penso em metodologias penso em questões práticas da vida e nas pessoas com as quais convivi, por exemplo, como lavar louça numa pia cheia? Eu por exemplo, aprendi em algum momento a separar todas as peças, empilho pratos maiores e menores, separo xícaras e talheres e copos, para então começar o processo de ensaboar, por ordem dos mais leves para os mais pesados em termos de sujeira. Quem me ensinou não lembro, mas lembro bem de uma tia, que depois de lavar e organizar a louça na pia, fervia uma chaleira de água e despejava sobre a louça no escorredor. Até hoje, eu e minhas irmãs temos esse mesmo hábito que garante um final esterilizador e desengordurante.

Minha tia Nívea, a costureira-engenheira, sempre mudava para reformular o interior das casas em que morou, mudando (literalmente) as paredes do lugar. Ela costumava comentar os planos com algumas pessoas (eu era uma delas) perguntando o que achava do seu projeto de mudança. Esse perguntar virou folclore e a gente ria bastante porque ela nunca seguia os palpites que recebia. Tempos depois eu compreendi que perguntar fazia parte do seu processo metodológico, ela perguntava, ouvia e internamente ela achava as soluções que estava buscando. Quem dera as situações de

ensino aprendizagem fossem mais contaminadas pelo fazer perguntas e pela atenção a como conduzimos pequenas ações cotidianas, como nelas imprimimos nossas marcas.

Exercícios de orientação são um dever. Alguns vínculos pré-existem antes da consolidação da relação, mas se refazem, se reconstroem. Outros nascem ali, alguns se prolongam, e são muito benfazejos, pois, geralmente, superam em muito a relação de orientação. Outros se mantêm, mas à distância, na oitiva, sabemos deles e delas por meio das redes sociais, ou, pelas suas produções acadêmicas, que por sua vez, passam a alimentar novas orientações. Esse vai e vêm é fascinante e faz com que cada um de nós, quem orienta e quem é orientado/a, precisemos redesenhar rotas, reinventar situações para novas relações.

Das orientações de doutorado em curso, Beatriz de Jesus Sousa e Bruno Filene estão de malas prontas para seus doutorados sanduíches. Beatriz foi aprovada na Chamada: Chamada Atlânticas N° 36/2023 - Doutorado Sanduíche no Exterior - SWE - CNPQ e ficará quatro meses em Cabo Verde no Projeto Neve Insular, em Cabo Verde, com supervisão da Profa. Dra. Rita Rainho, que faz parte do EnREDE, da qual também faço parte.

Outro orientando, Bruno Filene foi aprovado no Edital CAPES 06/2024 e segue para o México para ampliar suas investigações sobre “Terreiro e Visualidades - Autorepresentação, Cultura Visual e Alteridades no Ensino das

Artes” pesquisando as santerias daquele contexto no *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, no Taller Miradas Antropológicas*.

Me alegro com as ‘avuagens’ desse povo e também, me alegro ao mapear as filiações desses orientandos e orientandas ligados à educação básica ou superior, ou em contextos de educação não formal. Professores/as da Rede de Educação Básica: Ivaina - (SEDUC-Go), Vânia (SEDUC-Go), Audã (SEDUC-Go), Aissi (SEDUC-Go), Luís Augusto (SEDUC-Go), Daniel (SEDUC-Tocantins), Karyna (SEDUC-Uberlândia), Miriany (SEDUC-Go), Luiz (SEDUC-GO), Janaina (SEDUC-Go), Raquel (SEDUC-Go), e Rosana (SEB-GDF).

Que vieram ou ingressaram depois em instituições de ensino superior: Hertha (UFT), Elizabeth (Unimontes), Wolney (EMAC-UFG), Rosilandes (EMAC-UFG), Larissa/Aia (UFMT), Denise (IFMA), Genilda (PUC-Go), Nicolás (Design Gráfico - FAV-UFG), Cássia (FIC-UFG), Alexandre (IFG), Nayara (IFG), Marcelo (Universidade Estadual do Paraná), Aurisberg (SENAC-Go), Isabele (Curso de Design-SENAC-Go).

Outras pessoas atuam em contexto de educação não formal, como Antonia Camila, que até bem pouco tempo esteve à frente da importante Escola Porto Iracema, parte do complexo do Dragão do Mar em Fortaleza-Ceará. Numa inversão de papéis, convidei Camila para ser minha interlocutora/revisora/cuidadora/orientadora da escrita deste memorial.

Já fechando essas reflexões e arranjos aracnídeos, recebo de Lilian Ucker, coordenadora da Especialização, uma lista de estudantes e suas te-

máticas que ficarão sob a minha responsabilidade para orientação de suas monografias para conclusão do curso. Islene da Silva Rosa quer pesquisar sobre **Bordado à mão: metodologia e poética em Artes visuais na contemporaneidade** dialogando com o livro da artista/professora/bordadeira Maria do Carmo Guimarães Pereira. Helder Antônio dos Santos irá discorrer sobre a Arte da terra tendo o cerrado como lugar de encontro entre arte/ensino e o artesão/artista/professor. Jairo Ferreira Pinto Sobrinho também parte da sua experiência como artesão e irá trabalhar com a **Cultura e Educação Popular como ferramentas para uma educação inclusiva**. Nuala Leal de Sousa Martins quer desenvolver uma reflexão sobre a aprendizagem em **artes visuais em contextos de educação não formal considerando a influência da cultura popular**. Nuala é capoeirista e faz parte de uma roda de sambadeiras, movimento que segundo ela, está em expansão no Estado de Goiás. Noeci Carvalho Messias quer compreender as contribuições da **pesquisa baseada em artes em um processo criativo com a bandeira do Divino** na área da educação. Busca refletir e pesquisar sobre visualidades que estiveram presentes na sua existência.

Três estudantes (Etiéle Inês Conti, Miramar Santos da Silva e Pedro Gomes Filho) formaram um grupo para investigar a **importância dos trabalhos manuais/artesanais nas aulas de artes visuais**. Pretendem trazer para a pesquisa as especificidades de suas experiências com os saberes artesanais, tais como a confecção das bonecas Abayomi, técnicas de colagem e

confeção de mandalas. Roberta Mendes de Sá irá se debruçar sobre o artista Véio (Cícero Alves dos Santos), nascido em 1947, no município de Nossa Senhora da Glória (SE). Roberta quer analisar o processo de criação do artista Véio e sua relação com a natureza, e como as obras possuem relevância para o legado da cultura popular. O cearense Valdinei Bezerra, que vive em Brasília, pretende criar um **livro-objeto com xilogravuras** a partir das referências afetivas culturais de sua pequena cidade natal, as memórias da mãe bonequeira e outros elementos presentes na cultura local. Dois outros projetos aparentemente se diferenciam dos outros por não terem uma relação direta com arte e cultura popular. Ricardo Malveira irá construir uma cartografia de sua experiência como professor gay para contextualizar as diversas **formas de preconceito presente nas práticas de desenho**, aulas de artes visuais e os impactos destes na formação básica de crianças, LGBTQIA+. Já Tereza Cristina Cavalcanti de Albuquerque que é professora de Ensino de Arte no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas fará uma imersão nos anais do **CONFAEB** para analisar **experiências de práticas inovadoras de ensino de arte para os anos iniciais** em artigos acadêmicos como possibilidade para a reflexão sobre as práticas atuais e sua superação à luz da **Abordagem**

Triangular de Ensino de Arte sistematizada por Ana Mae Barbosa e seus colaboradores. Ou seja, tanto Ricardo, com as práticas de desenho, quanto Teresa com as experiências de ensino de arte nos anos iniciais embasadas na Abordagem Triangular, dialogam diretamente com as minhas experiências dedilhadas neste memorial. Outros esquemas aracnídeos serão rabis-cados a partir desses trabalhos!

Não consegui trazer para a escrita as orientações de **Trabalho de Conclusão de Curso** e as de **Projetos de Iniciação Científica**, que já formariam um memorial por inteiro, mas fica aqui meu apreço e consideração pelas aprendizagens que me proporcionaram. Pode ser que nomes e situações tenham me escapado, são alguns exemplos dessas pessoas que por mim passaram, com suas histórias, que me afetaram e que estão por aí, cada qual nas suas próprias aventuras de formar outras pessoas. Ou seja, sonho sonhado por Ana Mae em cujas finas tessituras fui enredada tempos atrás.

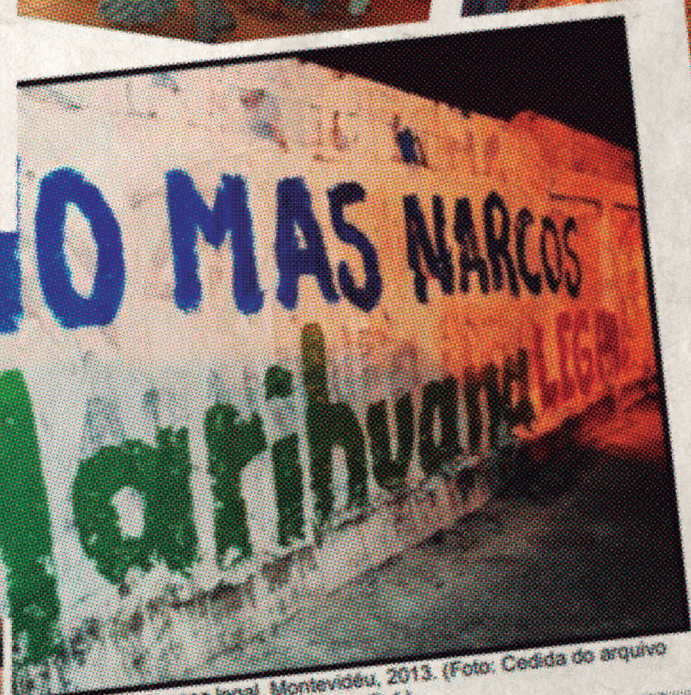
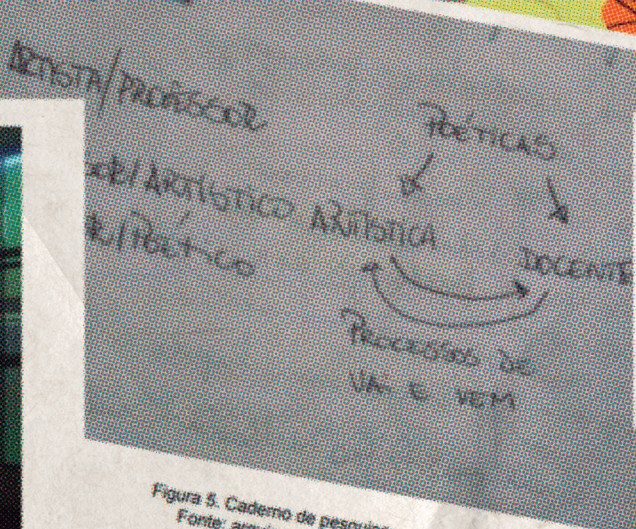


Figura - Ana Mae Barbosa e gerações de orientandos/as. Encontro Internacional de Arte/Educação: grupos de pesquisa enREDE no Instituto de Artes da UNESP entre os dias 2 e 6 de dezembro. Arquivo pessoal.



Figura - Fragmentos de teses e dissertações de orientandos e orientandas.

Figura 1 - Uma possibilidade de eixo poético. Fonte: Arquivos do autor.



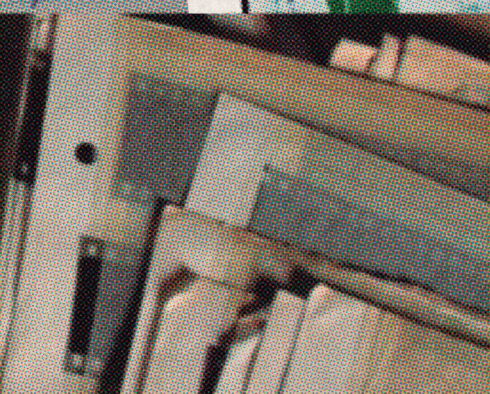
...mas narcos. Marihuana legal. Montevidéu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).



...reposita

...car nota de

...ntensa -> subit



...a de identificação e avaliação

...to de análise, incorporando elementos do

...do histórico de visualização das ações, recon

...lidade e sua forma de atuação e respeito das

...Compreendendo também que essas visualiza

...das tendem a ser instáveis, e que isso não os

...álculo e os conteúdos em todos esses níveis

...são produzidos.

A pergunta é: como construir esse processo

EN SI NO

ME TOE

LOC

AS

DE SIGN

Textos produzidos sobre processos investigativos

- Guimarães, Leda. **Ensino e Pesquisa em arte/educação: incertezas e descobertas de caminhos investigativos**. In: Rebouças, Moema Martins; Gonçalves, Maria Gorete Dadalto. (Org.). Educação em Arte na Contemporaneidade. 1 ed. Vitória: EDUFES, 2014, v.2, p.1-22.
- Guimarães, Leda. e Rebouças, Moema. **Interfaces da pesquisa na construção da identidade docente em artes visuais**. III Encontro Internacional sobre Educação Artística (EI_EA3). Cariri/Brasil-CE. URCA, 2014.<http://eiea.fba.up.pt/>.
- Guimarães, L. M. B. **Teias Investigativas de uma comunidades transaprendente**. In: IV Colóquio Internacional Educação e Visualidades: Pedagogias em Trânsito, Colóquio Internacional Educação e Visualidades: Pedagogias em Trânsito. Santa Maria: UFSM, 2015. v. 1. p. 1-603.
- Guimarães, Leda. **Aqui só se desenha quando tem evento? Pesquisas e Metodologias em Artes Visuais**. In: COSTA, Robson Xavier da; SILVA, Maria Betania e; CARVALHO, Lívia Marques. (Org.). Pesquisas e Metodologias em Artes Visuais. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2015, v. 1, p. 1-364.

- Guimarães, Leda. **Questões de pesquisa em ensino de artes e culturas visuais: um auditório para questões delicadas.** In: Ivete Souza da SILVA; Jefferson MENDES; Vinícius LUGE. (Org.). Políticas públicas e o ensino da arte: processos educativos em artes visuais, dança, música e teatro. 1 ed. Boa Vista: UFPR, 2018, v. 1, p. 209-232.
- Guimarães, Leda. **Pesquisa e Educação: quando arte tensiona sentidos na construção de um campo.** In: ROCHA, Cleomar et al (Orgs). Anais do VII Simpósio Internacional de inovação em mídias interativas. HUB Eventos 2020. São Paulo: Media Lab / BR, PUC-SP, 2020.
- Guimarães, Leda. **Escavar/coletar como processos de investigativos em arte e cultura visual.** 2022.
- Guimarães, Leda.. **Investigación y Arte y Educación: diálogos cruzados con las incertidumbres.** Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educación Crítica y S, v. 2, p. 36-44, 2022.

educação e patrimônio -
entido do que é patrimonial
(como medida)
e tecnologias < -
ma, saberes locais,
ridade.

dos insf. tradicionais
urbano - periférico
educação multicaul
noções de resis...
arte, educação
no sentido da...



Alinhavando pontas, pontos e fiapos soltos

Um memorial deveria reunir ensino, pesquisa e extensão numa trajetória, além da experiência de gestão. Nas minhas linhas escorridas, essas coisas vão se misturando, tendo como risco mais constante a questão do ensino. Docência que se entrelinha. O que foi aparecendo nos alinhavos, é uma vida de muito trabalho, sem tréguas. Não sei se minhas férias renderiam um memorial, pelo menos, não com essa multiplicidade de eventos, ações, pessoas, etc. Os fragmentos das

ações aqui rememoradas se superpõem, por vezes foi difícil manter espaços separados para que se encaixassem se não em um tempo linear, mas para oferecer uma leitura compreensível.

Ter assumido cargos de coordenação permitiu compreender instâncias da vida institucional às quais normalmente não temos acesso. A gestão proporciona uma convivência mais de perto com um importante segmento da vida universitária, a dos(as) técnicos(as) administrativos(as) da nossa unidade bem como aqueles e aquelas que atuam nas diversas pró-reitorias. Na Faculdade de Artes Visuais, fui coordenadora de curso numa época em que esse cargo, implicava na coordenação tanto do bacharelado quanto da Licenciatura em Artes Visuais, uma vez que não havia DAS (cargo com ação gratificada) para a licenciatura.

Voltei a coordenar a Licenciatura desta vez, já separada da coordenação do bacharelado. Não bastasse, coordenei a Licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD (experiência a qual já me referi) ficando quatro anos nessa função. É necessário dizer que essa coordenação reunia responsabilidades de coordenação financeira, administrativa e pedagógica. Não é à toa que quando deixei a coordenação, pude usufruir de maneira mais profunda o papel de ser professora formadora nesse curso, livre das responsabilidades da gestão.

Anos mais tarde, assumi a coordenação do Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual ficando quatro anos no cargo, de 2017 a 2020. Coordenar uma pós, também permite uma ampliação do olhar para além

¹³ Quero registrar o muito que aprendi com Alzira Martins, Arlete Castro e Juliana Beatriz.

da própria instituição de origem por meio da circulação nos trâmites da CAPES e do CNPQ. Trânsitos estes já existentes na condição de coordenadora do curso EAD. Mas, ao contrário das reuniões em Brasília com colegas que coordenavam outros cursos EAD, os quais eu não conhecia, nas reuniões da pós, a maioria era de pessoas que já conhecíamos de perto ou de longe, que estavam em nosso radar, era um re-encontro de pares uma vez que estávamos na mesma área de conhecimento Arte, a número 11 da CAPES.

A experiência com gestão vem desde a Universidade Federal do Piauí onde fui coordenadora de curso e chefe de departamento, cheguei na UFG com essa bagagem e consciência de que vida acadêmica incluía esses diferentes papéis para além da sala de aula. Fiquei pensando no tanto que aprendi, mas também, no tanto que trabalhei, e o trabalho é sempre em demasia. Ao contrário de outras experiências da caminhada acadêmica onde o coletivo se faz presente, gerir parece sempre uma tarefa solitária e árida, especialmente quando achamos que vamos conseguir resolver problemas muitas vezes estruturais e remover dificuldades que estão na base da herança positivista da vida acadêmica.

Tentei fraturar paredes (literalmente), usar o lugar de autoridade para autorizar desmantelos produtivos e revigorantes. Não sei se consegui, pelo menos carrego lampejos de momentos que foram significativos como alguns relatados neste memorial.

O Ensino de arte no Brasil tem sido atravessado pelas pedagogias culturais, pelo menos, desde a metade do século XX. **Do multiculturalismo ao decolonialismo**, quantas linhas já correram fazendo nascer escritas de nós mesmos/as. Escritas que têm impactado nossos processos de ensinar e aprender artes. Questões de representações identitárias, lugares de fala, espaços para a diversidade social, étnica, de gênero, LGBTQIA+, aliadas às transformações tecnológicas e da rede www têm propiciado outros desenhos. Enfrentamos os dilemas na busca de uma formação humanística, não tecnicista, mas conectada, uma formação para uma vida afetiva, ética e estética. O século XXI trouxe as pedagogias pós-críticas e a diversidade de caminhos para o ensino de artes. Loponte (2015) ressalta a “ausência de uma discussão teórica mais específica ou mais elaborada em torno das temáticas de gênero, sexualidade e feminismos, com algumas exceções” (p.156). Concorro com a autora e acredito que é necessário uma busca mais persistente por artigos, teses e dissertações sobre essas temáticas. Mais recentemente, temos o livro publicado por Ana Mae Barbosa e Vitória Amaral (2019) que traz à tona mulheres invisibilizadas na história da arte-educação.

Novos campos (às vezes, re-editados) conceituais e nomenclaturas surgem e nos desafiam: educação para a cultura visual, educação crítica de imagens, educação intercultural, e-arte- educação, educação e mediação cultural e tantas outras possibilidades para o exercício docente. Práticas comunitárias, coletivas, colaborativas entram em pauta. As pedagogias

culturais em especial, colocaram em cena relações entre ensino de arte e vida, se interessam pelo cotidiano, pela arte marginal, pelas culturas juvenis, pela arte das minorias ou culturas visuais do povo, pelas tecnologias, pelo meio ambiente, etc.

Movimentos associativos:

UMA FORMAÇÃO CONTINUADA

Fora da UFG, é importante ressaltar a experiência de gestão nas associações de classe, em especial, na Federal de Arte Educadores do Brasil - FAEB e na Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas-ANPAP. Na FAEB, fiz parte de várias diretorias começando em 2009-2010, depois fui vice-presidente na diretoria de 2011-2012 tendo meu amigo Arão Paranaquá como presidente.

Depois, assumi a diretoria de relações internacionais na 13a. diretoria da FAEB sob a presidência e vice-presidência das valorosas Ana Luiza Ruschel Nunes e Maria Helena Wagner Rossi, respectivamente. No evento de 2016 acontecido em Roraima, nossa chapa foi eleita para o biênio 2017/2018: presidente - Leda Maria de Barros Guimarães - Vice Presidente: Ana Paula Abrahamian de Souza – UFRPE/PE, Diretoria de Relações Institucionais: Verônica Devens Costa – SEME-PMV/ES, Diretoria de Articulação Política:

Fabiana Souto Lima Vidal – UFPE/PE, Diretoria Financeira: Luzirene do Rego Leite – SEEDF/DF, e na Diretoria de Relações Internacionais: Sidiney Peterson F. de Lima – IA-UNESP/SP.

Posso dizer que foi uma diretoria articulada a partir de laços de afeto anteriores, sempre nos circuitos da própria FAEB e também, nas experiências da oferta dos cursos a distância, como é o caso da participação de Verônica Devens, professora da rede de educação do Espírito Santo, que conheci por meio dos intercâmbios com a UFES, instituição parceira nas aventuras desta oferta. Nas diretorias seguintes fiz parte do conselho de representantes e depois do conselho fiscal, estando sempre por perto da Federação e suas lutas.

Já na Anpap fiz parte da diretoria do biênio 2019-2020 que tinha a seguinte composição: Presidente: Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues do PPGACV/FAV/UFG. Vice-Presidente: Cleomar de Sousa Rocha do PPGACV/FAV/UFG, 1ª Secretária: Vera Lúcia Didonet Thomaz e 2ª Secretária: Leda Maria de Barros Guimarães PPGACV/FAV/UFG, o professor Hermes Renato Hildebrand do PPGAV/IAR/UNICAMP como 1º Tesoureiro e a professora Lara Lima Satler da FIC/UFG como 2ª Tesoureira.

Nas diretorias seguintes (2021/2022 e 2023/2024) passei a integrar o Comitê de Educação em Artes Visuais da Anpap. No primeiro biênio, junto com as professoras Lucia Gouvêa Pimentel do PPGARTES/EBA/UFMG e Ana Luiza Ruschel Nunes. do PPGE/SECIHLA/UEPG e no segun-

do biênio, junto a professora Olga Maria Botelho Egas da FAGED/UFJF e Henrique Lima Assis. FE/UFJ.

No biênio 2013/2014, fui representante do Centro-Oeste junto com o professor da UnB Belidson Dias Bezerra Junior. No contexto internacional, como associada no InSEA - The International Society for Education Through Art (InSEA), fui representante dessa organização para a América Latina, quando procurei estabelecer pontes com outra associação pela qual tenho muito apreço, o Consejo Latinoamericano de Educación por el Arte, CLEA (www.redclea.org), entidade que reúne arte educadores de toda a América Latina, destaco aqui alguns nomes: Dora Águila Sepúlveda de Chile; Olga Lucía Olaya Parra de Colômbia; Ramón Cabrera Salort de Cuba, Roxana Villarino -IMEPA, Buenos Aires, Argentina; Ethel Batters-Foro Latinoamericano de Educación Musical. FLADEM Guatemala; Amanda Paccotti da Red Cossettini-Argentina; Patricia Raquimán da Corporación Cultural Educarte Chile; Miguel Zamorano da Sociedad Chilena de Educación por el Arte; Bernardo Bustamante. Consejero. Universidad Pedagógica Nacional. Universidad de Antioquia, Benjamín Sierra- Universidad Autónoma de Nuevo León, Monterrey; Patricia Ygarza. Consejera Titular TEIJ/Paraguai; Mario Méndez do México; Myriam Nemes de Montiel - Arte-educación Perú; Mario Mogrovejo da Escuela de Bellas Artes de Perú e Salomón Azar do Taller Barradas -Uruguai (in memorian). A participação brasileira é forte, começando com Ana Mae Barbosa, Lúcia

Pimentel, Rejane Coutinho, Sidney Peterson, Fábio Rodrigues, Juliano Casemiro, Vitória Amaral e eu, Leda Guimarães.

Outra forma de estar no coletivo é a nossa inserção em grupos de pesquisa, dentro ou fora das nossas casas docentes. A composição dos mesmos reflete como vamos caminhando e articulando relações que são ao mesmo tempo de interesses de pesquisa e de amizades acadêmicas. Atualmente, faço parte de tres grupos, o primeiro conectado ao nosso Programa de Arte e Cultura Visual e a linha C: Cultura Visual e Educação (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0575401859232014>) coordenado por Lilian Ucker Perotto do qual sou vice-coordenadora em mais uma parceria afetiva e de trabalho. Criado em 2002 já teve como título o nome “Culturas das Imagens e Processos de Mediação”.

Participam do grupo do grupo os professores/as demais nossa linha: Lilian Ucker Perotto; Carla Luzia de Abreu; Thiago Fernando Sant Anna e Silva e os professores Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri (FAV/UFG) Nayara Joyse Silva Monteles (IFG) que entram agora em 2024 no PPGACV bem como as docentes que já que se aposentaram ou encerraram a sua participação no PPG, tais como: Raimundo Martins da Silva Filho, Irene Maria Fernandez Silva Tourinho, Alice Fátima Martins, Glauco Batista Ferreira e o professor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro de Portugal que ficou conosco durante quatro anos como professor visitante. Professores de outras instituições: Aldo Victorio Filho/UERJ; Belidson Dias Bezerra Junior/UnB;

Erinaldo Alves do Nascimento/UFPB; Lilian do Amaral Nunes/pesquisadora independente; Luciana Borre Nunes/UFPE; Lutiere Dalla Valle /UFSM; Marilda Oliveira de Oliveira/UFSM; Susana Rangel Vieira da Cunha; Odailso Sinvaldo Berté/UFSM; Pablo Petit Passos Sérvio/UFMA e Lara Lima Satler/FIC/UFG. Esses três últimos são egressos/as do nosso PPG, hoje também docentes em instituições de ensino superior.


O Grupo reúne pesquisadores/as de diferentes universidades federais brasileiras tais como a Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Santa Maria-RS e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro. No Uruguai temos os colaboradores Fernando Miranda Somma e Gonzalo Vicci Gianotti professores da Universidad de la Republica Uruguay -UDELAR com os quais realizamos o Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual (SIPACV) em conjunto com Maestría en Arte y Cultura Visual (UDELAR, Uruguai). O grupo conta com a participação de mestrandos/as e doutorandos/as atuais e egressos.

As pesquisas discutem a imagem e artefatos visuais em processos pedagógicos e socioculturais articulados em contextos educacionais visando uma compreensão crítica sobre modos de perceber e produzir visualidades, particularmente em suas dimensões artística, estética, histórica, antropológica e tecnológica. Informações sobre pesquisas, produções e publicações do Grupo podem ser obtidas no site: www.culturavisual-e-educacao.net.

O segundo grupo do qual faço parte é o {in}comum-grupo de pesquisa em arte, educação, profissionalização e comunidades - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3666679614390350 foi criado pelo egresso Alexandre Guimarães por ocasião da abertura do Mestrado ligado a rede Profartes no Instituto Federal de Goiás. O grupo tem uma revista com o mesmo nome.

O terceiro grupo, é o GE-PABOF, ao que já me referi quando descrevi o projeto de extensão I Colóquio Percursos de formação da Arte/Educação Contemporânea.





A permanência é uma ilusão

Como não se anda em linha reta, uma nota que gostaria de deixar registrada é sobre a percepção das outras pessoas, as mais diferentes possíveis, a respeito do meu aperreio de produzir esse memorial. Estudantes me perguntaram se eu estava fazendo mestrado ou doutorado, eu respondia, que já havia feito os dois, familiares não entenderam a razão porque eu, a doutora da família, tinha que passar por esse transtorno se eu já era mais do que comprovadamente “merecedora” do título de titular.

Outras pessoas estranharam por que só agora na minha carreira eu iria me tornar titular, ora pois eu já não era professora concursada? Amigos/as demonstraram compreensão e

empatia e a título de incentivo proclamavam “vai ser fácil, com toda a sua experiência, já está tudo na cabeça era só transpor para o espaço branco do arquivo e *voilà!!!*”. No meio do processo, ter que explicar foi cansando a minha cabeça, mas o cansaço também abriu um espaço para a sabedoria de cada uma dessas indagações. Não dava nem para dizer: “vou conversar com minha/meu orientadora/or e depois respondo”, pois, triste ironia, em uma produção desta natureza, estamos sós, pois supostamente já sabemos como fazer uma vez percorridos todos os caminhos anteriores de formação. Ledo engano!

A vida não parou nem diminuiu o ritmo para que esta escrita fosse produzida. Tentei conseguir uma licença, um período sabático, coisa e tal. Mas, a instituição não reconhece essa necessidade como justificativa para uma licença, só existe a de capacitação, onde eu teria que estar inscrita em algum curso.

Assim, aulas na graduação, na especialização, na pós graduação em Arte e Cultura Visual, encontros de orientações, leitura de textos para as bancas, reuniões e demandas foram acontecendo. No começo, consegui “ir levando”, acreditando ingenuamente que sairia ilesa desse acúmulo de coisas. Mas já no final, a exaustão tomou conta da minha alma, chegando mesmo a pensar em desistir da escrita do memorial e dar logo início ao processo da aposentadoria.

Só encontrava ânimo para dar as aulas de desenho, algo que me salvou nesse esgotamento. Além claro, da terapia, da yoga e dos treinos de mus-

culação (a contragosto) e da interação com Manuela. Nisso, lembrei de um acontecido no final do doutorado, quando não conseguia finalizar a escrita da tese.

No processo da construção da investigação, naquele momento eu já havia feito a *gestalt* do que era a minha pesquisa, o que havia me proporcionado, etc. Mas não conseguia escrever. Foi quando um pensamentozinho começou a se insinuar que talvez fosse melhor desistir, não finalizar, melhor do que ficar me escondendo de Ana Mae. Não era assim um pensamento claro, decido. Aconteceu então uma conversa com meu pai que havia falecido um ano antes dessa situação, ele dizia claramente “- sua moleca, não lhe criei para desistir - na família você é que atravessa esses mundos, então tome tento!”. Não vou discutir o formato ou natureza da conversa, se foi sonho, ou outra forma de comunicação, o fato é que o puxão de orelha chegou e foi bem aproveitado. Convoquei uma trupe de pessoas próximas, e com intensas sessões de conversas, o terceiro capítulo e a conclusão foram gerados.

Essa escrita já se alonga, e não pode virar tomos de uma Barsa. Digo isso sem pretensão do intento basilar que dá origem a esse tipo de publicação, mas com zelo e cansaço, ao perceber que se narrar pode levar a exageros. Assim, tentarei ressaltar alguns pontos que emergiram durante a escrita, e que acredito que possam servir para tentar entender porque es-

tuou escrevendo esse memorial. Por que alguns relatos apareceram e outros não vieram à tona?

Uma percepção que emergiu da escrita é o quanto se trabalha. Eu me vejo nesse coletivo de professores e professoras operárias, dando mais do que podem, investindo tempo, emoção, energia vital que, muitas vezes, nos leva a adoecimentos. Essa percepção talvez explique o primeiro ímpeto da organização do memorial, o do relato linear, com tempos e espaços, e explica mesmo o excesso descritivo de muitas ações das quais trago fragmentos neste documento.

Disso, surge um segundo ponto que me atravessa, como dizem, para o bem e para o mal, que é ter a sala de aula como fonte de criação, **a aula como exercício vivo**. Faço planos, seleciono textos, crio roteiros, aprendi a planejar em conjunto com as turmas, às vezes funciona, outras não.

As diferentes maneiras de cada pessoa apreender me fascina e me intriga. Bem como cada turma parece ter um perfil a cada rodada. Quero investir em cada uma das especificidades. Tem aquele(a) que dorme um pedaço da aula, acorda e faz uma excelente pergunta. Tudo muda. Tem aqueles calados do fundo da parede, para os/as quais eu invento estratégias de rodopios da sala. Desenhamos com as cadeiras outros espaços. Dá trabalho, são movimentos que ocupam boa parte do horário limitado que temos das aulas. Ah *Kronos*! ainda bem que você existe para pôr freio às minhas loucuras! Tem aqueles/as muito falantes, que ocupam quase todo o espaço

das interlocuções, para estes e estas, é necessário desenhar alguns silêncios. Outro dia, escutei um relato de um estudante de especialização que é brincante de uma Folia de Reis. Ao entrar no grupo, perguntou ao mestre qual instrumento ele iria tocar, o mestre lhe deu um tipo de pequeno tambor do qual não saía som. Durante muito tempo ele participou das rodas, “tocando” aquele instrumento, até que um dia percebeu que o mestre queria que primeiro ele aprendesse a escutar.

Aprender a escutar, exercício complicado, mas necessário. Com a escuta, planos são permanentemente reconstruídos no decorrer das interações, o que consome uma energia imensa, seria muito mais fácil seguir o script. Mas não consigo. **Do exercício docente nasce o construir-se pesquisadora.** São os movimentos das experiências de sala de aula que primeiro me trouxeram as indagações investigativas resultando em projetos, textos, etc. Por essa razão, nas diversas partes deste memorial fui listando a produção de textos resultantes das diversas experiências. Brinco sempre dizendo que não sou pesquisadora “puro sangue”, aliás, esse negócio de pureza é bem complicado.

Outra percepção que vem à tona é uma incompetência que me assola, a de não saber fazer as coisas sozinha, é um não saber de outra ordem, **estar em coletividade é uma compulsão.** Assim, as aulas são atravessadas por outras vozes, outros corpos, outras histórias, a busca pelas parcerias, por entender-se em comunidade. O coletivo pede um radar atento para as

similaridades e ressonâncias ao nosso redor. Por exemplo, ao trabalhar o estágio a partir do contexto da cidade, eu e outros professores fomos nos reconhecendo, especialmente, mediante a apresentação de trabalhos em eventos da área, como a Anpap e o Confaeb. Foi assim que nos descobrimos, eu, Moema, Ronaldo, Sheila Campello, cada um, cada uma já estava praticando essas experiências de uma forma ou de outra. A EAD foi a liga que tivemos para nos bricolarmos e produzirmos coisas em comum.

Os populares ou visualidades populares, se constituem numa linha contínua, que ‘pesponta’ minha trajetória, nas ações docentes em diversas disciplinas, na pesquisa, nas orientações – e até mesmo na gestão, na extensão, entre outros. Daí ter chamado de ecossistema. Nos diversos esquemas que eu desenhei para essa escrita, existia um capítulo dedicado às questões dos populares, ou que nome poderia ter. Já me encaminhando para os “finalmentes”, e, depois de um mês com a escrita travada, voltei ao texto e percebi que não seria possível construir esse espaço separado. **Os populares diluíram-se nessa escrita de linhas escorridas.**

Encontro rastros dos populares desde o início da minha docência, em ações. Quando me tornei docente, em especial quando entrei na universidade, fui aos poucos percebendo que essa docência, não estava embasada só nos meus processos de aprendizagem formal, mas também, em todo o universo imagético, artístico, estético das contações de história, do fazer panelinha de barro na beira do rio, nas cantigas das lavadeiras, das procis-

sões da minha cidade, das experiências multissensoriais das feiras em seus espaços variados, das brincadeiras de roda e de adivinhação, dos ofícios, dos cantadores de repente...do aboio do vaqueiro, tanta coisa mais que eu poderia citar que carrego comigo.

Minha alma forjada no ethos sertanejo encontraria lugar nos vieses da academia?

Fui compreendendo também que essa pergunta não tinha resposta pronta, meu exercício docente que foi procurando pautar visualidades populares nas agendas curriculares e investigativas dos cursos de artes visuais, foi um exercício de desconstrução de fronteiras nessa área, mas também, foi se qualificando politicamente como resistência ao currículo instituído, às abordagens conceituais que ainda hoje embasam as hierarquias e fronteiras entre erudito popular, arte artesanato, comunidades acadêmicas e comunidades de saberes tradicionais.

Luís Rufino inicia a primeira parte do seu livro “Pedagogias das Encruzilhadas” afirmando que é “[...] chegado o momento de lançarmos em cruzo as sabedorias ancestrais que ao longo de séculos foram produzidas como descredibilidade, desvio e esquecimento” (2019, p. 9). Nesse processo de escrita, voltei muitas e muitas vezes aos relatos que faço sobre minhas origens, meus encantamentos, meus pensamentos “avoantes”, da menina crescida no interior, no sertão desse Brasil.

Com isso, pergunto-me se fiz o que Rufino propõe, se esse lançamento em cruzo esteve presente na minha caminhada. Rufino chama atenção para o fato que “[...] essas sabedorias de fresta, encarnadas e enunciadas pelos corpos transgressores e resilientes, sempre estiveram a favor daqueles que as souberam reivindicar” (2019, p. 9). Seria ousadia pensar que, mesmo sem ter a lucidez do autor, eu tenha por meio do percurso relatado neste memorial, reivindicado formas de existir e re-existir como docente nas frestas dos saberes populares?

Na introdução do texto, cito Silvio Gallo (2002) que fala de uma educação menor, na qual encontro abrigo nas suas três características: a de desterritorialização dos processos educativos, o exercício político e o valor coletivo. Penso que as diversas ações, práticas e situações, projetos alinhavados no meu percurso, buscaram, mesmo sem ter o princípio *deleuziano* como método, de forma meio *naif*, esse exercício de uma docência menor, dentro de sistemas de educação maior.

O popular é o meu cruzo, é a minha forma de atravessar e de provocar atravessamentos nas coisas, ações, pessoas, lugares, teorias, concepções, tudo o que perpassa a docência. A busca pelo popular sempre esteve presente nas salas de aula de qualquer assunto ou conteúdo. Esteve e continua no performar o espaço da aula. Esteve presente na pesquisa e na relação com a formação de pesquisadores e pesquisadoras que até aqui chegaram em busca de suas temáticas de TCC, mestrados e doutorados. Também es-

teve presente nos projetos de iniciação científica, em vários anos e em distintos formatos, bem como nos projetos de extensão.

A cultura visual do povo (Barbosa, 2018) também esteve presente na agenda pedagógica e metodológica do curso Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a Distância, na busca pela desterritorialização dos saberes centrados curriculares e na busca pela interação com outros saberes pautados em outras lógicas, outros sentidos e consensos em diferentes arranjos de aprendizagens e ensinagens. O projeto que implementamos caminhou nas brechas, nas frestas institucionais, provocando o surgimento de encruzilhadas nas quais outras potências educacionais surgiram, uma festa, uma educação chamada a distância que convocou presencialidades, corpos visíveis, brincantes.

O popular é meu rabisco, e quem sabe possa dizer que rabisco visualidades populares dentro e fora da academia.

Os populares são a minha energia das encruzilhadas, o que me permite andarilhar nos dois mundos da educação maior e da menor. A primeira com as fragilidades e inconstâncias da segunda. No entanto, a obra de Rufino sobre Pedagogia das Encruzilhadas me coloca em um momento de ruptura, para dizer - é preciso mais, vamos chamar Exú para essa festa da educação menor, tornando-a maior em sua potência, pois como afirma Rufino: “[...] a noção de povo de rua se desloca para protagonizar/credibilizar os deslocamentos/desestabilizações produzidos na emergência de

outros lugares de enunciação (p. 111). Com isso o autor propõe um rolê epistemológico, pois, “[...] ao problematizarmos a linguagem como campo de tensões e disputas acerca das produções dos regimes de verdade, outras histórias emergem como potências de decolonização (p. 111).

Por isso o rabisco, o risco arriscado, as rabiscagens em tudo, no desenho, nas orientações, nas performances docentes, na pesquisa. Rabiscos pedem sempre mais riscos, é hora de deixar que corram em outras paragens.

Buscando outras paragens, fiz uma viagem a Serra da Capivara, sul do Piauí, meu estado natal. Viagem programada em 2023, já com itens pagos e roteiros definidos, mas, quando chegou a hora de ir, eu me afligi, pois ainda estava com a escrita enganchada por incertezas sobre sua conclusão. Mas fui e voltei com algumas conexões que se fizeram presentes como estalos em meio a minha angústia.

A viagem à Serra da Capivara, em 2024, proporcionou um re-encontro com os rabiscos, especialmente os da tradição nordeste, que são a maioria, até então, visíveis nos boqueirões da serra, essa tradição se destaca por pequenas figuras humanas, mostrando cenas de caça, de rituais, de sexo, com muito movimento. **Me reconheci neles desde a primeira vez que os vi como mostra o desenho que abre este memorial (pág.6).** Pensei em como eu (meus e minhas ancestrais) já estávamos lá, rabiscando as pedras há pelo menos 15.000 anos. Me reconheço nessa tradição. O caderninho que fiz em 1986 como projeto de final de curso tem um quê de Pedra de Roseta,

mas também tem pistas dessa conexão (ainda não conhecia os desenhos da Serra da Capivara).

Se no início chamei essa escrita com desejos de rabiscar ensinagens, no final posso inverter para desejos de ensinar rabiscagens... “Rabiscagens” que são na mesma ordem das ensinagens, provisórias, precárias, esgarçáveis e mutantes, ensinagens e rabiscagens na ordem da educação menor, até então exercidas no ventre do sistema, mas que de agora em diante, pedem outras paragens.

Por fim, a escrita foi mostrando passagens, mudanças de ordem micro, macro que me levaram a pegar emprestado a frase que encerra a narração de um display no Museu da Natureza¹³, localizado nas proximidades do Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato. A afirmação no final da visita é categórica: -, “a permanência é uma ilusão”! Tudo na visita nos leva a compreender que tudo passa, tudo muda, o que se vê é parte de uma trajetória ínfima e que ainda está em movimento. É assim que me sinto no final da escrita. Eu quis ter um tempo estático e estável para essa escrita, mas isso não aconteceu. Eu quis um corpo forte para enfrentar o processo, também não consegui sem as intempéries, crises alérgicas, dores lombares, etc., eu quis memórias prontas para serem transpostas para os arquivos, mas estas assim não se apresentaram.

¹³ Museu que pertence à Fundação Museu do Homem Americano – Fundham, criada para garantir a preservação do patrimônio cultural e natural do Parque Nacional Serra da Capivara.



Bloco/novelo testemunho

Na viagem à Serra da Capivara, durante a visita aos boqueirões (grutas abertas em forma de uma boca escancarada) em cujas paredes estão os desenhos rupestres do meu interesse, a guia nos mostrou um bloco de argila no chão, similar a uma grande catatumba e nos disse que ali, a profa. Niede Guidon, responsável pelas escavações, havia deixado o bloco testemunho. De imediato esse termo me passou a ideia de que ali estavam os vestígios do processo metodológico das operações realizadas, quem sabe fragmentos de peças que não foram completamente retiradas. Perguntei à guia o que viria ser um bloco testemunho, acreditando que sua resposta confirmaria as ideias que pularam na minha cabeça.

Qual não foi minha surpresa ao saber que ali estava um pedaço do terreno intacto, não escavado, preservado não pelo passado, mas pela potência do futuro. Ou seja, o bloco estava preservado para futuras escavações. Aquilo mexeu comigo. O que poderia ser um bloco testemunho na minha escrita com o que eu não escavei para que tivesse potência para futuras escavações? Lembrei também que ao visitar as ruínas da cidade de Pompéia, nos informaram que grande parte da cidade soterrada pelo Vesúvio estava sendo preservada para futuras escavações. Esse ato de espera deposita uma fé, uma expectativa de que no futuro tecnologias mais avançadas e outros

paradigmas conceituais da própria ciência, possam trazer outras perspectivas sobre o fato.

Juntei uma coisa com a outra e decidi que isso é um ato de generosidade, um ato de amor para com as futuras gerações e uma compreensão da impermanência do que se sabe, de nossas lentes interpretativas.

Quis também ter um bloco testemunho na minha escrita, mas como seria? Tanta coisa poderia ter entrado nesse memorial, coisas que não se revelaram ou se esconderam por pirraça, preguiça ou por saberem pertencer a um bloco-testemunho. Mudei a forma de bloco para novelo e decidi que seria um desenho-escrita.

No meu novelo testemunho teria músicas também, como por exemplo, **A estrada e o violeiro** de Edu Lobo quando ele pergunta para ela: - “Minha estrada, meu caminho, me responda de repente, se eu aqui não vou sozinho, quem vai lá na minha frente?” Ao que ela responde - “tanta gente tão ligeira, que eu até perdi a conta, mas lhe afirmo violeiro, fora a dor que a dor não conta, Fora a morte quando encontra, vai na frente um povo inteiro”.

E vai mesmo, estou fechando um ciclo em uma universidade melhor do que a universidade que encontrei em 1997. Uma universidade multifacetada pela educação a distância, pela educação do campo, projetos de educação popular, com feiras de agricultura familiar, universidade menos pedra e cal, impactada pelas cotas, menos branca, mais feminista, mais negra, mais indígena, mais gay. Uma universidade mais potente. Como professo-

ra, posso dizer meninas e meninos (cis, trans e fluídos) têm vivenciado a Universidade de forma mais afirmativa não aceitando determinadas posturas misógenas que possam identificar nas falas de professores(as), e não se calam diante de qualquer forma de abuso que porventura venham a sofrer. A esperança é que essas atitudes sejam parte do “que temos” e que continuem a fazer parte do ensino artístico que queremos no agora, torcendo para essas posturas feministas, negras, críticas façam parte do processo de formação acadêmica dessas jovens, afetando conteúdo e metodologias a serem trabalhadas em um futuro enquanto docentes, artistas, pesquisadores nas mais diferentes possibilidades de articulação desses termos.

São essas pessoas que vão lá na minha frente, que habitam uma universidade ainda segmentada, mas quem sabe essa imagem de muitas estradas com alguns entroncamentos seja apenas a imagem possível para o tempo presente. No futuro, com outros escavadores/as e novas escavações, o que poderá vir a ser, não sabemos, ainda. Mas desejamos saber...

Referências

- ALTMAN, Max. 1751 – Com discurso de d’Alembert, é publicado o primeiro volume da Enciclopédia. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos, Fiocruz, jul. 2016. Disponível em: <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1751-com-discurso-de-dalembert-e-publicado-o-primeiro-volume-da-enciclopedia/>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- A NATUREZA feminina do cerrado. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QPv6eUmXaIU>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- ARAÚJO, Roberta M. Melo . O ensino da arte em uma escola de mulheres. In: Barbosa, Ana Mae. (Org.). **Ensino da Arte: História e Memória**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, v. 01, p. 49-73.
- ARTES visuais [...]. UFG, 27 mai. 2015. Disponível em: <https://ufg.br/n/81186-artes-visuais-ead-recebe-nota-maxima-em-avaliacao-do-mec>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- A Teoria da Barsa e o futuro da Educação. **Gazeta do povo**, Curitiba, 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/a-teoria-da-barsa-e-o-futuro-da-educacao/>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- AUGUSTO Boal. (Site). Disponível em: <http://augustoboal.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

- BARBOSA, Ana Mae (org). **Ensino da Arte: Memória e História**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **História da Arte-Educação**. A Experiência de Brasília. São Paulo: Max Limonad, 1986.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae. Notas sobre as histórias da democratização do ensino da Arte. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. , n. 1,p. 14-22, jan./abr. 2020. Disponível em: Notas sobre as histórias da democratização do ensino da Arte | Revista GEARTE (ufrgs.br). Acesso em: 13 jun. 2024.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação contemporânea. *In: Licenciatura em artes visuais: percurso 1* [Ebook] / organizadoras, Leda Maria de Barros Guimarães, e Lilian Ucker Perotto. – Dados eletrônicos. - Goiânia: Gráfica da UFG, 2018. Ebook - (Coleção Licenciatura em Artes Visuais).
- BARBOSA, A. M. e Amaral, V. (orgs.). (2019). **Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design e educação**. São Paulo, Cortez. (437 f).
- BASTOS, Flávia Maria Cunha. O perturbamento do familiar: uma proposta Teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. *In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo:Cortez. 2005.
- BIENAL Naifs do Brasil. São Paulo: SESC, 2006. Disponível em: https://issuu.com/sescsp/docs/bienal_naifs_do_brasil_2006_250?e=1483811/63895724. Acesso em: 18 ago. 2024.
- BOF, Alvana Maria; CASEIRO, Luiz Zalaf; MUNDIM, Fabiano Cavalcanti. Carência de professores na educação básica: risco de apagão? **Cadernos de Estu-**

dos e Pesquisas em Políticas Educacionais, v. 9, 2023. Disponível em: <https://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/5967>. Acesso em: 12 jul. 2024.

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.
- BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAGAS, Liliane Alves et al.. **PALCO VAZIO: INADEQUAÇÃO DOCENTE PARA O COMPONENTE CURRICULAR ARTE NA CENA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DA PARAÍBA**. In: Anais do XXXIII Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil – ConFAEB, XI Congresso Internacional de Arte-Educadores e IV Semana de Arte do Instituto Federal Fluminense. Anais...Campos dos Goytacazes(RJ) IFF - Instituto Federal Fluminense, 2024. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/confaeb2024/974463-PALCO-VAZIO--INADEQUACAO--DOCENTE-PARA-O-COMPONENTE-CURRICULAR-ARTE-NA-CENA-DA-REDE-PUBLICA-ESTADUAL-DA-PARAIBA>. Acesso em: 18/05/2025
- CHAUD, Eliane. **Sobre processos de costura e desenho**. Texto para o evento Saberes Sensíveis. Goiânia/Go. 2024 (não publicado).
- CHAUD, Eliane. **Poéticas compartilhadas: mulheres e afetos no bairro Itatiaia**. Goiânia: Ed. da autora, 2015. Disponível em: https://issuu.com/poeticascompartilhadas/docs/mulheres_e_afetos_do_bairro_itatiaia#google_vignette. Acesso em: 20 ago. 2024.

- CHAUD, Eliane. **Poéticas compartilhadas: jardim das artes** / Eliane Maria Chaud, Leda Maria de Barros Guimarães. Goiânia: Gráfica Art 3, 2019. Disponível em: https://issuu.com/poeticascompartilhadas/docs/poeticas_compartilhadas_issuu#google_vignette. Acesso em: 20 ago. 2024.
- CHAUD, Eliane M. **A poética e o cotidiano: a costura em Cruz das Almas- BA**. Tese. Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidade, Artes e Ciências, UFBA, Salvador, 2012. Link de acesso: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8613>.
- CHAUD, Eliane M. GUIMARÃES, Leda. POÉTICAS COMPARTILHADAS: SABERES, AFETOS E COMUNIDADE DE VIDA. **Anais do XXV Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [recurso eletrônico]; Compartilhamentos na arte: redes e conexões / Nara Cristina Santos; Ana Maria Albani de Carvalho; Paula Ramos; Andréia Machado Oliveira (Orgs.). Porto Alegre: ANPAP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- CORAZZA, Sandra. 2001. Na diversidade cultural, uma “docência artística”. **Pátio - Revista Pedagógica**, Porto Alegre, v. 17, p. 27-30, 2001.
- DANIEL, V. A. Components of the community act as sources of pedagogy, **Visu- alidades**, Goiânia, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17936>.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós: Belo Horizonte**, v. 2, n. 4, p. 204-219. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- EISNER, E. 2002. **The arts and the creation of mind**. New Haven: Yale University Press, 2002.

- ESPECIALIZAÇÃO em ensino de artes visuais [...]. (Site). **Publicação CIAR**. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/projetos/ensino-artes-visuais/index.html>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- ESTÁGIO 1 E 2 / Moema Martins Rebouças [et al.]. Vitória: UFES, Núcleo de Educação a Distância, 2011. Disponível em: https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/artes-visuais_estagio-1-e-2.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008.
- FERNANDES DE OLIVEIRA, Wolney. **Saberes-fazer cartografados a partir das memórias do meu avô**. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual), UFG, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/7a29c568-67f5-48a1-9c9a-e4d9a408dd9e>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- FORMAÇÃO de professores [...]. **Todos pela educação**, 11 out. 2023. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/formacao-de-professores-ead/>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- Frange, Lucimar Bello P. (Lucimar Bello Pereira). **Exposição/Imersão: a inteligência das flores : a casa** [recurso eletrônico] / Lucimar Bello, Vitória Amaral, Leda Guimarães. – Recife : Editora UFPE, 2015. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/226/253/747>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação & Realidade**. 27(2): jul/dez.2002. pp. 169-178. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- GUIMARÃES, Leda. Visualidades Populares: desenhos de uma agenda investigativa. *In*: Costa, Fábio José Rodrigues, Silva, Larissa Rachel Gomes (orgs). **A cons-**

trução e a poíesis do(a) pesquisador(a) em arte/educação. Curitiba: Editora CRV. 2024. pp.67-84.

- GUIMARÃES, L. M. B.; OLIVEIRA, R. A. Módulo 5, eixo 4 - Estágio Supervisionado I. In: UCKER, L. (Org.). **Ebook Licenciatura em Artes Visuais**. Goiânia: CIAR/UFG, 2019. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/5/001.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- GUIMARÃES, L. M. B.; OLIVEIRA, R. A. Módulo 6, eixo 4 - Estágio Supervisionado II. In: UCKER, L. (Org.). **Ebook Licenciatura em Artes Visuais**. Goiânia: CIAR/UFG, 2019. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/6/002.html>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- GUIMARÃES, L. Metáforas para o ensino de artes visuais na modalidade EAD. In: UCKER, L. (Org.). **Ebook Licenciatura em Artes Visuais**. Goiânia: CIAR/UFG, 2019. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/1/cp001.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- GUIMARÃES, Leda. Visualidades Populares: construindo ecossistemas pedagógicos/investigativos em torno de um tema. **Anais do 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”**. 15 a 19 de setembro de 2014 – Belo Horizonte - MG. pp. 2352-2367.
- GUIMARÃES, Leda. El abordaje triangular de Ana Mae Barbosa: maneras de habitar la educación artística y la formación docente en artes en Brasil. In: Gabriela Augustowsky ... [et al.] compilación de Gabriela Augustowsky ; Damián Del Valle. **Territorios de la educación artística en diálogo / 1ª ed.** – Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Universidad Nacional de las Artes, 2023. Libro digital, PDF. p.77-90.
- GUIMARÃES, Leda. Aqui só se desenha quando tem evento? Um mote para descaminhos pedagógicos, metodológicos e investigativos em artes visuais. In: **Pesquisas e metodologias em artes visuais** [recurso eletrônico] / organizadores

: Robson Xavier da Costa, Maria Betânia e Silva, Livia Marques Carvalho. – João Pessoa : UFPB ; [Recife] : Editora UFPE, 2015.

- GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. Entre a universidade e a diversidade: a linha vermelha do ensino da arte. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 16 maio 2024. <https://repositorio.usp.br/item/001464153>.
- GUIMARÃES, Leda e CHAUD, Eliane. **A Natureza Feminina do Cerrado**. Goiânia: Max Gráfica, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- JOLLES, André. **Formas simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez. 2004.
- LOPONTE, Luciana. Artes visuais, feminismos e educação no Brasil: a invisibilidade de um discurso. **Universitas humanística**, n° 79 enero-junio de 2015. Bogotá - Colombia, pp: 143-163.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, UFMG, 2002, p. 69-92.
- MULHER rendeira. Compositor (segundo ECAD): Alfredo Ricardo Nascimento (Zé do norte). 1922. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIm6R-lwbwac>. Acesso em: 18 ago. 2024.

- NA ASA do vento. Compositores: João do Vale e Luiz Vieira. 1956. <https://www.youtube.com/watch?v=ZkhgZ8MYRh8>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- NO DIA em que eu vim-me embora. Compositor: Caetano Veloso. Álbum Caetano Veloso, 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=embh2lkC-cr8>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- O PEDIDO. Compositor: Elomar Figueira Melo. Disco Das barrancas do rio gaivão. Vitória da Conquista, 1972. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/elomar/376578/>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- PAIVA, José de Carlos. A Educação Artística como espaço de experimentos significativos, como possibilidade de práticas de desobediência epistemológica. **29º Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil, 7º Congresso Internacional de Arte/Educadores “Nortes da Resistência: Lugares e contextos da Arte-educação no Brasil”**. Manaus / MA – Brasil 13 A 17 de novembro de 2019.
- REFAZENDA. Compositor e intérprete: Gilberto Gil. Álbum refazenda. Philips Records, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r0jE-bFQ49w>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial. *In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. Anais do 26º Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf*. Acesso em: 12 ago. 2024.
- ROSA CRUZ, Teresinha. Memórias e algumas luzes sobre a licenciatura em educação artística na universidade de Brasília. Brasília: UNB/IDA. Material publicado no site do Arteduca - arte, educação e tecnologias contemporâneas. 2009.

- ROSA, Maria de Fátima França. **Saberes, Imagens e Experiências Formadoras: A trajetória de uma professora-tutora no Curso de Licenciatura em Artes Visuais a Distância da FAV/UFG.** Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) Faculdade de Artes Visuais da UFG. Goiânia, 2023.
- ROSARY Esteves. (Site). Disponível em: <https://www.rosaryesteves.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogias das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SALORT, Ramon Cabrera. (2018). Abordaje triangular desde un episteme decolonial. **Cartema**, v. 7, n. 7 (2018), (pp. 24-32). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/237199>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- SANTOS, Lucivânia Pereira. **ReVIRANDO Espelhos e Construindo NarrATIVAS: Memórias, afetos e lutas de uma arte-educadora.** PIPAUS. Universidade Federal de São João del Rey. 2024. Dissertação (Mestrado em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade), 2024. São João Del Rey, 2024.
- SERTANEJA. Compositor: René Bittencourt. Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hm0AGCbu7H4>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- SOUSA, Giselle Alves Dias de. **Bordanças: Poéticas Investigativas na Docência em Artes Visuais.** Mestrado Profissional em Artes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás -Campus Aparecida de Goiânia/IFG. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes), Aparecida de Goiânia, 2024.
- TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da cultura visual. In: TOURINHO, Irene e MARTINS, Raimundo (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

- TOJO, Joselaine Mendes; AMARAL, Lilian (organizadoras). Campinas, 2017. p. 3148-3163. **Rede de Redes** [recurso eletrônico] – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil / - São Paulo, 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Resolução CEPEC/UFG N° 1699, de 22 de outubro de 2021**. Dispõe sobre a regulamentação das Atividades Curriculares de Extensão (ACEx) nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/Resolucao_CEPEC_2021_1699.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.
- VOLTEI Recife. Compositor: Luiz Bandeira. Recife, 1958. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wygVppBg0ls>. Acesso em: 21 ago. 2024.



Isso não é uma tese, não é uma dissertação, não é um cachimbo. É um Memorial, exercício de escrita para ser apresentado à Comissão Especial de Avaliação CEA, como parte das exigências para a promoção ao cargo de Professor Titular Livre do Magistério Superior da Universidade Federal de Goiás/UFG. Alinhavo aqui fragmentos de caminhadas entrecruzadas por meus passos com os das mais diferentes pessoas que fizeram as estradas existirem. Meu ponto de partida é o sertão piauiense, onde nasci, cresci e aprendi a desver visagens, rodopiar em rebuliços de feira e assuntar aboios no fim de tarde. Depois, são movimentos de formação, atuação, existência e resistência aqui, ali e acolá, que tem como fonte a arte e a cultura popular como mote propulsor para seguir rabiscando ensinagens ou ensinando rabiscagens, sempre correndo riscos.

SOBRE O E-BOOK

Tipografia:	Libre Baskerville, Sketchy
Publicação:	Cegraf UFG Câmpus Samambaia, Goiânia, Goiás. Brasil. CEP 74690-900 Fone: (62) 3521-1358 https://cegraf.ufg.br